**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES**

CÍNTIA LIESENBERG

**Sob o signo do tempo:
velhice e envelhecimento em perfis de idosos nas mídias**

**São Paulo
2019**

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES**

CÍNTIA LIESENBERG

Sob o signo do tempo:

velhice e envelhecimento em perfis de idosos nas mídias

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção de título de Doutora junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, sob a orientação da Profa. Dra. Mayra Rodrigues Gomes

São Paulo

2019

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
Dados inseridos pelo(a) autor(a)

Liesenber, Cintia

Sob o signo do tempo: velhice e envelhecimento em perfis de idosos nas mídias / Cintia Liesenber ; orientadora, Mayra Rodrigues Gomes. -- São Paulo, 2019.
295 p.: il.

Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação - Escola de Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo.

Bibliografia
Versão original

1. Velhice 2. Mídias 3. Ciências da Linguagem 4. Representações Sociais 5. Discurso I. Gomes, Mayra Rodrigues II. Título.

CDD 21.ed. - 302.2

Liesenber, Cíntia. **Sob o signo do tempo:** velhice e envelhecimento em perfis de idosos nas mídias orientadora, Mayra Rodrigues Gomes. -- São Paulo, 2019.
Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação - Escola de Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo. Bibliografia Versão original

Banca Examinadora

Docente/ Instituição

São Paulo, ____ de _____ de 2019.

Dedicatória

Para Baldur Liesenberg e Maria Thereza Menezes Liesenberg,
minhas diferentes faces de um viver longo.

Para Henrique e Gabriel, na potência de suas diferentes infâncias.

Para Adaury Amaral de Souza, companheiro de todas as horas.

Para Mayra Rodrigues Gomes

Agradecimentos

Aos professores dessa jornada, Profa. Dra. Mayra Rodrigues Gomes, minha orientadora, às Profas Dras. Rosana Lima Soares, Suely Itsuko Ciosak, Lislaine Aparecida Fracolli, Andrea Limberto e Anita Liberalesso Neri e ao Prof. Dr. Silvio Antonio Luiz Anaz pelo conhecimento compartilhado e reflexões que me provocaram e se misturam nessas páginas.

Às Profas. Mayra Rodrigues Gomes e Rosana Lima Soares, meus agradecimentos também pela dedicação ao MidiAto. Aos colegas e amigos desse grupo meu carinho especial, por me mostrarem a força de um trabalho coletivo, o empenho e o rigor nos estudos carregados sempre de muita alegria. É um apoio, uma força e uma honra poder participar dessa equipe que consegue conciliar labor e afeto de maneira tão ímpar.

Às Profas. Beltrina Côrte e Maria Cristina Palma Mungioli, meu carinho e gratidão pelas contribuições durante a banca de qualificação que me trouxeram novos horizontes, leituras e trajetos.

Aos professores da PUC-Campinas, que têm me apoiado ao longo desses anos, contribuído com meu crescimento e me auxiliado nos momentos em que só os amigos nos sustentam, minha gratidão.

Aos meus amigos e familiares, aos meus irmãos, que são o esteio, a força e trazem uma alegria de viver que só os poetas do cotidiano sabem traduzir.

Em especial, meu carinho a duas pequeninas grandes amigas, Mariana e Lara, cuja presença é raio de luz que clareia quaisquer dos momentos da vida.

*[...]levo comigo a experiência
adquirida e a força de meus desejos*

José Saramago.

Resumo

A pesquisa volta-se para representações e discursos sobre velhice e envelhecimento que circulam nas mídias atualmente. Apoia-se na relevância social da temática, que se coloca como questão pública fundamental de nossos tempos. A partir da exposição de um panorama que inscreve a velhice como objeto de saber em apropriação por diferentes campos e aponta para a multiplicidade de enfoques e formas de expressão da temática, busca compreender como tais representações e discursos se colocam como coordenadas de vida para os sujeitos. Para tanto, analisa publicações compartilhadas pela página do Portal do Envelhecimento, alocada na plataforma Facebook. Mais especificamente matérias jornalísticas do gênero perfil, oriundas de diversas fontes. O estudo tem aporte nas Ciências da Linguagem e em fundamentos de autores como Gilles Deleuze e Félix Guattari, como também Michel Foucault. Esses contribuem para pensar as palavras de ordem presentes nos discursos em torno da velhice e do envelhecimento em circulação nas mídias, tomando como pressuposto que tais palavras condicionam nossa apreensão de mundo. A metodologia é desenvolvida com base em princípios da Análise de Discurso de linha francesa, com autores como Michel Pêuchex, Eni Orlandi e Dominique Maingueneau. Nesse cenário, propõem-se parâmetros de análise que visam identificar as posições assumidas pelos sujeitos nesses discursos, a partir da sua apreensão por quatro eixos principais: velhices anônimas, figuras públicas, velhices lgbti e centenárias. Cada qual apresenta cenas próprias, contribuindo para a composição de um mapa diversificado. Como resultado final temos uma cobertura da temática sob forte influência do discurso do envelhecimento ativo. Ficam de fora, no entanto, velhices que não se enquadram nessa tomada. Nos deparamos então com um panorama que, se de um lado apresenta uma multiplicidade de novas formas de engajamento e experiências da velhice em nossos dias, repõe nas mídias a face da exclusão de uma categoria cuja realidade pede visibilidade para maior respeito, menos estigma, maior atenção e dignidade.

Palavras-chave

Velhice; mídias; ciências da linguagem, representações sociais, discursos

Abstract

This research deals with representation and discourses, which are being presented on media actually, about old age and ageing, and leans on the social relevance of the theme, which is placed as a fundamental public issue of the current times. Starting from an overview that considers the old age as an object of knowing in appropriation by different fields and points to the multitude of approaches and ways of expression of the theme, this work aims to understand how the mentioned representations and discourses are placed as life coordination for them. For this purpose, it analyses posts shared at the webpage Portal do Envelhecimento, hosted at Facebook, more particularly journalistic articles regarding to the profile genre, originated from various sources. This study is based on the Language Science and on authors as Gilles Deleuze and Félix Guattari, as well as on Michel Foucault. They contribute to think about the “words of order” for the discourses about the old age and the ageing, which are present in the media, assuming as a premise that such words can condition our apprehension about the world. The methodology is developed according to principles of Discourse Analysis in the French line of thought, with authors as Michel Pêuchex, Eni Orlandi e Dominique Maingueneau. In such backdrop, analysis parameters, which aims to identify the positions adopted in this discourse by the mentioned individuals, are proposed, from the apprehension through four priority axes: anonymous old age, public figures, LGBTI old age and centenary old age. Each one, presenting us specific scenes, contributes to compose a diversified map whose result shows us a thematic coverage under strong influence of the active ageing discourse. However, ageing that do not comply with these criteria are not considered. Then, we came across an overview that, if, on the one hand presents a multiplicity of new ways of engagement and ageing experiences in our days, on the other hand, presents on media the face of the exclusion of an age category whose reality asks for visibility in order to a greater respect, less stigma, greater attention and dignity.

Key words

Old age; media; language sciences, social representations, discourses

Sumário

Introdução.....	13
Parte A: Velhice, envelhecimento e fundamentos para a análise.....	20
Capítulo 1 – Problematizações acerca da velhice e do envelhecimento.....	21
1.1 Uma temática, diversas circunscrições.....	22
1.1.1 O recorte demográfico e a velhice em lei.....	28
1.1.2 O conceito de idoso e representações sociais da velhice.....	40
1.1.3 Outras abordagens na apreensão da velhice.....	45
<i>1.1.3.1 Da circunscrição pela medicina como objeto da ciência e seus desdobramentos.....</i>	<i>45</i>
<i>1.1.3.2 Minorias, aposentadoria e novos desdobramentos para o campo.....</i>	<i>53</i>
<i>1.1.3.4 Subdivisões em torno da velhice: as terceira e quarta idades.....</i>	<i>57</i>
<i>1.1.3.5 O envelhecimento pela psicanálise, o mercado e a velhice nas mídias...63</i>	
<i>1.1.3.6 No conjunto das circunscrições encontradas.....</i>	<i>71</i>
1.2 Entre Cronos, Aion e Kairós.....	76
Capítulo 2 – Fundamentos teóricos e metodológicos para análise do discurso sobre a velhice e o envelhecimento nas mídias.....	80
2.1 Fundamentos e autores em nosso horizonte.....	81
2.1.1 <i>As Ciências da Linguagem como território primeiro de ancoragem.....</i>	<i>81</i>
2.1.2 <i>Das palavras de ordem à subjetivação, um caminho com Deleuze, Guatarri e Foucault.....</i>	<i>85</i>
2.1.2.1 <i>Palavra de Ordem.....</i>	<i>87</i>
2.1.2.2 <i>Subjetivação e Agenciamento.....</i>	<i>92</i>
2.1.2.3 <i>Multiplicidade.....</i>	<i>100</i>
2.2 Um a mais a ressaltar – fundamentos metodológicos para recorte e análise do corpus.....	104
2.2.1 <i>Um pouco de história e desenvolvimento da AD.....</i>	<i>106</i>
2.2.2 <i>Discurso como acontecimento.....</i>	<i>111</i>
2.2.3 <i>Discurso, formação discursiva, interdiscurso e constituição do sujeito....</i>	<i>112</i>
2.2.4 <i>Elementos e configurações do discurso em prática.....</i>	<i>120</i>
2.2.4.1 <i>Enunciação.....</i>	<i>120</i>
2.2.4.2 <i>Ethos.....</i>	<i>122</i>
2.2.4.3 <i>Gêneros e tipologias, campo discursivo e hipergênero.....</i>	<i>125</i>

2.2.5 Apontamentos sobre a análise de discurso em um contexto de múltiplos formatos genéricos.....	131
--	-----

Parte B: A abordagem do objeto empírico.....133

Capítulo 3. A estruturação da metodologia, um mapeamento de ocorrências e a seleção do *corpus* e das variáveis para análise.....134

3.1. Procedimentos para o encontro com a velhice nas mídias..... 135

3.1.1 O processo de pesquisa e o cenário de convergência midiática..... 135

3.1.2 Facebook histórico e funcionamento.....137

3.1.3 Procedimentos metodológicos para apreensão do *corpus*, definição das variáveis e seguimento das análises.....141

3.2 Detalhamento dos procedimentos realizados.....142

3.2.1 Escolhas iniciais.....142

3.2.2 Clippagem e elaboração de um mapeamento de ocorrências.....144

3.2.3 Mapeamento de Ocorrências.....146

3.2.4 Breves considerações sobre os achados.....154

3.2.5 Recorte e apreensão do *corpus* de pesquisa.....159

3.2.5.1 A escolha pelas matérias do gênero perfil.....159

3.2.5.2 Definição das variáveis para análise.....161

3.2.5.3 Seleção das matérias e composição final.....163

Capítulo 4. A velhice em matérias de perfil - análises descritivas e interpretativa.....171

4.1 Idosos anônimos.....172

4.1.1 Perfis em série: Ações cotidianas como práticas para uma vida ativa.....173

4.1.2 Prestação de serviços ao longo da vida.....179

4.1.2.1 Atividade profissional continuada.....179

4.1.2.2 Projetos de ação solidária ligada à ocupação profissional.....182

4.1.2.3 Atividade voluntária não ligada à ocupação profissional.....187

4.1.3 Novos aprendizados e desenvolvimento ao longo da vida.....190

4.1.4 Velhices viajantes.....195

4.1.5 Finitude – decisões em torno da vida e da morte.....198

4.1.6 Trajetórias de vida.....199

4.2 Figuras públicas.....201

4.2.1 Obituários: trajetórias de vida e posicionamentos no mundo.....201

4.2.2 Aniversários – comemorações e imaginários.....207

4.1.3 Envelhecimento, novos projetos e posicionamentos.....212

4.1.4 <i>O momento de retirada como uma das faces da vida</i>	217
4.3 Para além do anonimato e da visibilidade pública: velhices LGBTI e centenárias	218
4.3.1 Velhices LGBTI	219
4.3.1.1 <i>Velhices ativistas</i>	219
4.3.1.2 <i>A velhice LGBTI em momentos cotidianos</i>	223
4.3.2 Velhices centenárias	228
4.3.2.1 <i>O segredo para a longevidade</i>	228
4.3.2.2 <i>Para além do segredo para a longevidade</i>	234
4.4 Velhice como <i>topos</i> genérico: recorrências e interpretações	241
4.4.1 <i>O envelhecimento ativo como dever-ser de uma nova velhice</i>	242
4.4.2 <i>Novas velhices em seu fazer cotidiano e presença na história</i>	247
4.4.3 <i>A temática LGBTI - reposição do estigma na velhice e visibilidade para as minorias</i>	252
4.4.4 <i>Velhices minoritárias e a potência do devir</i>	256
4.4.5 <i>Do segredo para uma vida longa à destituição de voz e outros posicionamentos das velhices centenárias</i>	258
4.4.6 <i>Para além de um lugar sem voz – presenças no mundo</i>	261
4.4.7 <i>Finitude, disposição sobre a própria vida e a lógica do cuidado</i>	264
 Considerações Finais	 272
 Referências	 282

Introdução

“O legado duradouro do século XX é a longevidade”

A frase abre a primeira seção de documento sobre o Envelhecimento Ativo, publicado pelo Centro Internacional de Longevidade Brasil, organização independente com atuação em vários países no mundo, que promove ações e políticas dirigidas à questão do envelhecimento populacional (ILC, 2015).

Tal afirmação, bem como a existência de um organismo dessas proporções, que atua com status consultivo junto à Organização das Nações Unidas, aponta para a relevância da temática em termos globais.

As questões em torno da velhice e do envelhecimento não são preocupação nova. Desde os antigos encontram-se discussões e diálogos sobre o tema. De um lado a velhice era apreendida como meta positiva, ponto ideal de existência, lugar da sabedoria e do desapego, mas de outro era vista também como um valor limitado, quando associada aos penares do declínio orgânico (FOUCAULT, 2010).

Atualmente, a velhice passa a ser entendida também como um momento de maior plenitude para o sujeito, situando-se como uma fase propícia para a retomada de projetos não realizados, de maior liberdade diante das coerções sociais e estabelecimento de relações mais profícuas (DEBERT, 2012; GOLDENBERG, 2015).

Em termos demográficos, a temática vem sendo vista como uma revolução, em função do aumento da expectativa de vida e crescimento vertiginoso da população idosa no mundo (ILC, 2015).

Estamos assim diante de um momento inédito em que a velhice passa a ser expressa e vivenciada de diversas maneiras, justapondo diferentes representações e formas de sua presença nos ambientes sociais e privados.

Diante desse cenário, o estudo busca analisar discursos e representações em circulação nas mídias em torno da temática da velhice e do envelhecimento, visando melhor compreensão desse objeto que se acentua como questão pública fundamental de nossos tempos.

Parte-se do princípio que as caracterizações dos velhos e da velhice aí expressas condicionam interpretações e entendimentos que se reproduzem em palavras de ordem e discursos disciplinares de nossos tempos.

Dessa forma procuramos, nas manifestações midiáticas, as conformações que a linguagem confere à temática, a partir da análise de matérias do gênero perfil, que nos permite um olhar mais próximo de nossos sujeitos.

Sustentamos como hipóteses que existe uma visão redutora na exposição da temática pelas mídias diante da complexidade da temática, bem como, que as coordenadas que se colocam para os sujeitos não se restringem apenas à população de pessoas mais velhas, mas também afetam outras gerações.

Apoiamo-nos ainda na ideia de que a temática permite a exposição e problematização de um apanhado maior de discursos que conformam valores e coordenadas de vida na contemporaneidade.

Assim posto, o tema passa a constituir-se como chave de leitura para compreensão dos direcionamentos discursivos que operam na atualidade, principalmente quando se observa vasta exposição dos discursos e representações sobre a velhice na esfera midiática. Isso, seja em matérias jornalísticas, produções televisivas e cinematográfica, bem como, em espaços específicos como redes sociais, blogs ou sítios da *web*.

A relevância da temática se dá, entre outros fatores, pela inversão na pirâmide etária da população, que envelhece a grandes saltos, principalmente nas últimas décadas (ILC, 2015).

Por outro lado, somam-se aos dados demográficos outras variáveis, como mudança de estilo de vida e auto-representação – que levam a novos referenciais de velhice (Neri, 2007, 2012).

Pessoalmente, a relação com a velhice sob um olhar da diversidade que ela carrega permeou minha trajetória de vida desde as lembranças mais remotas da infância: de avós independentes vivendo na cidade ou no campo até idade quase centenária, a avós que faleceram precocemente, levados pelo câncer. Do contato com uma avó apenas nos períodos de férias, à convivência com outra compartilhando a mesma casa.

Depois de adulta, a proximidade com tios e pais agora idosos, de onde destaca-se uma mãe, hoje com mais de 80 anos, totalmente independente, que dispõe de uma rede de relacionamentos na comunidade, cuidadora de outros.

Em outra extremidade, um pai que se tornou dependente aos 73 anos e, há sete, vive entre hospitais e casas de idosos, o que me inseriu também no universo desses residenciais.

Tal realidade chamou minha atenção para o tema para além do âmbito familiar e fez despertar meu interesse pelo envelhecimento e velhice como objeto de escuta, como fato de pesquisa.

Assim surgiu a motivação pelo doutorado: pela observação de um universo de manifestações variadas da velhice em âmbito social, como questão pública de monta que se entrecruza com minhas experiências de vida, com olhar direcionado pelos dos estudos de linguagem que me acompanham desde o mestrado.

Entrecortam o tema assuntos variados da experiência humana, questões de gênero e desigualdade social, curso de vida, formas de enfrentamento diante da morte, religiosidade, resiliência, saúde pessoal e saúde pública, políticas de Estado e governamentais como lei e prática, convivência intergeracional, mobilidade urbana, governo de si e do corpo, dimensões do cuidado, violência e maus tratos, abertura de mercados de consumo, entre tantos aspectos que regulam e constituem a vida em coletividade.

A esse contexto, soma-se a inscrição do estudo no âmbito das mídias, como *locus* de circulação, visibilidade e convergência discursiva cada vez mais complexo, emaranhado a outras práticas e domínios do social, e que contribui para exposição de uma multiplicidade de facetas com que se vivenciam as coisas do mundo contemporâneo.

É sobre essa realidade de uma velhice que se amplia e nos dá a ver coordenadas de vida pelos discursos e representações que se multiplicam em seu nome, com olhar para a forma como a temática circula pelas mídias, que esse trabalho se estrutura.

Buscamos então identificar e problematizar representações sociais da velhice e do envelhecimento e discursos a elas relacionados, visando aprofundamento dos estudos sobre o tema e a exposição de coordenadas de vida que aí se colocam.

Para tanto, no primeiro capítulo, trazemos um panorama das discussões e estudos em torno da velhice e do envelhecimento visando uma aproximação maior com a temática como também a construção social de nosso objeto.

Do que se levantou daí, ficaram evidentes diversas circunscrições que passam a operar quando nos aproximamos do espaço constituído em torno da velhice e do envelhecimento, o que nos permite afirmar que a velhice se constitui como um efeito de discurso e dos significantes que agem sobre ela, em uma determinada cultura (MUCIDA, 2012, p. 28).

Fechamos o capítulo de maneira a apresentar nossa visão sobre a velhice, sinteticamente colocada aqui: como campo do diverso, que precisa ser olhado com maior atenção diante das demandas do sujeito em sua trajetória de vida e cujas vulnerabilidades não sejam ignoradas, mas não restrita a elas. Uma velhice aberta às experiências e aos afetos.

No segundo capítulo, apresentamos o aparato teórico e metodológico para uma abordagem condizente com a amplitude do objeto em sua inscrição nas mídias.

Para tanto, ancoramo-nos inicialmente no terreno das Ciências da Linguagem, como espaço de conhecimento voltado para o entendimento daquilo que emerge do âmbito simbólico e que toma o homem como um ser social, sujeito não soberano, constituído pela linguagem.

Nesse universo, nosso enfoque mais específico é ancorado principalmente em conceitos trabalhados por Deleuze e Guattari (2011, 2012), complementados por Foucault (2010). Com esses autores buscamos a explanação de uma visada que toma a linguagem como um processo de transmissão de palavras de ordem que nos assujeitam a determinadas territorializações e assumem papel ordenador, disciplinar.

Esse processo, por outro lado, também apreende a possibilidade de ruptura com o estabelecido. Terreno dos acontecimentos e das experiências, como realidade sempre passível de novos agenciamentos, novas ordenações e subjetivações.

Tal abordagem torna-se relevante, quando tomamos por princípio que a abordagem dos discursos e representações da velhice e do envelhecimento que circulam pelas mídias, interferem em nossa apreensão e interpretação desses temas.

Assim, na tentativa de estruturação de uma metodologia para a conformação e análise do *corpus* a partir de tais fundamentos, recorreremos a princípios da Análise de

Discurso de linha francesa (AD) que, entendendo os discursos como eventos verbais no mundo (ORLANDI, 2013; MAINGUENEAU, 1989), correlacionam-se diretamente ao que temos aqui apresentado, ao considerar o terreno das Ciências da Linguagem.

No terceiro capítulo articulam-se considerações apontadas nos capítulos anteriores para a estruturação da metodologia específica do que resulta um processo de pesquisa segmentado em dois momentos principais: um, voltado para obtenção de uma visão geral do objeto e de indicativos para apreensão do *corpus*; e o outro, mais especificamente voltado para a aplicação da metodologia de análise.

Considerando o cenário de convergência midiática em que nos inserimos, optamos pela realização dessa pesquisa no ambiente digital da *world wide web*, mais especificamente a partir do Facebook.

Desse *locus* foram selecionadas quatro páginas específicas sobre a temática: Velhices, Portal do Envelhecimento, Geriatria e Gerontologia e ILC-Brasil.

Como resultado da pesquisa exploratória obtivemos, um vasto mapeamento de ocorrências que nos permitem maior segurança para o recorte final do *corpus*.

Entre os achados, optamos pela abordagem de materiais de cunho informativo, mais especificamente matérias jornalísticas do gênero perfil (FERRARI; SODRÉ, 1986).

Entre as páginas, foi selecionada a página do Portal do Envelhecimento, em função da diversidade das postagens compartilhadas e lastro institucional, entre outros aspectos.

No último capítulo aplicou-se a metodologia. Essa foi dividida em uma fase de análises descritivas e outra de análise interpretativa, com apoio em autores que contribuem para reflexão e problematização em torno de aspectos específicos evidenciados pelas análises anteriores.

Para sua aplicação as matérias de perfil foram agrupadas em torno de quatro recortes principais: velhices anônimas, velhices públicas, velhices LGBTI e velhices centenárias.

Como principal resultado das análises, em uma cena englobante, encontramos uma variedade de discursos e forma de se colocar dos sujeitos, indicativas da ocupação de novos papéis e representações sociais da velhice na contemporaneidade.

No entanto, com exceção de brechas de outras visadas, todas elas postam-se ocupando lugar como sujeitos do discurso do envelhecimento ativo, engajando-se em diversas tomadas em que o social se inscreve.

Isso seja em nome de uma velhice ativa que visa se distanciar de outra representação da velhice, associada ao declínio físico e cognitivo, mas também, independentemente dela, num outro posicionamento em que a velhice é tomada por sua face de curso da vida, e não como espelho e máscara da positividade.

As velhices dependentes, por sua vez, não nos são mostradas nessas matérias de perfil. Nem elas, nem as velhices da periferia, ou as velhices cuidadoras, a não ser em brechas pouco visíveis da enunciação.

Assim, o que se vê no conjunto de nossas matérias de perfil é a reposição da exclusão de uma velhice que poderia ser vista por outros ângulos, encampada por outros discursos na atenção a uma população que carece de cuidados intensos e investimentos de diversas ordens, tanto por parte dos indivíduos, como dos agentes públicos e de outras organizações da sociedade.

Nesse sentido, acreditamos que o estudo encontre seu intento de explicitar discursos e tomadas de posição que contribuam para um olhar mais amplo sobre essa etapa da vida tão múltipla quanto heterogênea, recoberta de mistérios, prazeres, mas também de dores. Muitas delas que poderiam ser evitadas se as representações em torno da velhice e das formas de lidar com ela fossem mais discutidas e socialmente trabalhadas.

Daí a importância da abordagem do tema pelas mídias, na busca pelas conformações que a linguagem dá aos conteúdos e discursos que nela circulam.

Parte A

**Velhice, envelhecimento e
fundamentos para a análise**

1

**Problematizações acerca da velhice e
do envelhecimento**

Este capítulo tem como objetivo a apresentação de linhas de abordagem e discussões acerca da velhice e do envelhecimento tecidas atualmente. Para tanto, busca trazer questões que se colocam em torno do objeto a fim de permitir um olhar panorâmico sobre ele.

Se nos adentramos nessa seara, porém, não é sem receio, uma vez que o tema é conflituoso e alvo de diferentes tomadas. Encontram-se estudos de áreas distintas do saber, como os trabalhos oriundos da medicina, biologia, psicologia e demografia, além de outros, dos campos da filosofia, antropologia e daquele que se funda em seu nome, o da gerontologia. Todos passíveis de distintas abordagens, que têm gerado fortes embates.

Não é nosso foco o aprofundamento nas disputas que se colocam, uma vez que essas são muito amplas e diversas, carregadas pelo rigor científico de seus campos. Importa, no entanto, nos situarmos nesse terreno. Encontrar um ponto de ancoragem no qual possamos nos posicionar e estabelecer um local de fala que sustente a tessitura das análises em torno da expressão da temática nas mídias.

Por outro lado, admitimos o fascínio e afecção que se dá e se amplia em nós diante do contato cada vez mais próximo com o objeto de estudo, pela visão de sua grandeza, heterogeneidade, complexidade e relevância social. Atributos com os quais não temos medo de errar e que, esperamos, tenhamos meios de demonstrar, em alguma medida, com base nos estudos e pesquisas que nos foram apresentados ou levantados. Uma ínfima parte, de um universo muito maior.

1.1 Uma temática: diversas circunscrições:

Se, como tratamos, múltiplos são os posicionamentos, enfoques, linhas de pensamento e discursos que conformam nossas formas de ver e lidar com a velhice e o envelhecimento em nossos dias, é importante mencionar que essa não é uma preocupação nova.

Desde os antigos encontram-se discussões e diálogos sobre o tema. Naquela época, a partir do que se conhece dos filósofos, a velhice é mesmo apreendida como meta positiva e ponto ideal de existência, uma velhice para a qual nos preparamos e que é tida, assim, como “a mais alta forma do cuidado de si, o momento de sua recompensa” (FOUCAULT, 2010, p. 98).

O indivíduo idoso é visto aí como aquele que adquiriu toda experiência possível e encontra-se soberano de si mesmo. É aquele que atingiu um nível em que se encontra

liberado de todos os apelos externos: desejos físicos, ambições políticas e assim pode satisfazer-se inteiramente consigo (FOUCAULT, 2010, p., 98).

A velhice é concebida, então, como um estado a que se deve tender, algo para o qual nos preparamos, alheia ao mundo externo e de gozo pleno de si (FOUCAULT, 2010, p. 100).

Por outro lado, de maneira paradoxal, afirma Foucault que a velhice na sociedade grega antiga também é vista como um valor limitado:

Velhice é sabedoria, mas também fraqueza. Velhice é experiência adquirida, mas também incapacidade de estar ativo na vida de todos os dias ou mesmo na vida política. Velhice é possibilidade de dar conselhos, mas também um estado de fraqueza no qual se depende dos outros: dão-se opiniões, mas são os jovens que defendem a cidade, defendendo por consequência, os idosos, trabalhando para lhes fornecer do que viver, etc. (FOUCAULT, 2010, p. 98)

Esse tom dubio é ilustrado na fala de Sêneca a Lucílio, que traz a velhice como um momento simultâneo de decadência, temeridade, mas também de júbilo:

Por toda parte, vejo sinais da minha velhice. Fui à minha casa de campo e me lamentei das despesas extraordinárias do edifício já em ruínas. O zelador disse-me que não era culpa de sua negligência, pois ele fez tudo o que era possível, mas a propriedade é velha. Esta vila foi construída por mim: qual será o meu futuro se tão podres estão as pedras do meu tempo? [...]

Devo isto à visita a minha vila: onde quer que eu fosse, parecia-me evidente a minha velhice. Abarquemos e amemos a velhice: é cheia de prazeres, se sabemos fazer uso dela. Agradabilíssimos são os frutos de final da estação; [...]

De cada prazer, o melhor é o fim. É doce a idade avançada, mas não ainda sob a decrepitude, e também eu penso que o período extremo da vida tem os seus prazeres, ou, ao menos, no lugar dos prazeres, não sentir mais necessidade deles. Como é doce ter cansado e abandonado os desejos. (SÊNECA, 2008, p. 20-21)

De qualquer modo, a velhice é posta naquela sociedade como um estado de completude e unidade de si. Estado a que se deve converter como finalidade principal da vida. Uma experiência prazerosa de domínio pessoal: “Alguém que conseguiu, finalmente ter acesso a si próprio é, para si um objeto de prazer. Não somente contenta-se com o que se é e aceita-se limitar-se a isso, como também ‘apraz-se’ consigo mesmo” (FOUCAULT, 2014, p. 83 -85)

Esse prazer, pleno, “é definido pelo fato de não ser provocado por nada que seja independente de nós e que, por conseguinte, escapa ao nosso poder; ele nasce de nós e

em nós mesmos [...] uma vez dado, nenhum acontecimento exterior pode atingi-lo” (FOUCAULT, 2014, p.85).

Tal olhar bastante específico sobre a velhice talvez seja difícil de apreender atualmente, por colocar como objetivo de vida o desprendimento das coisas todas do mundo. Mas, se falamos desde épocas remotas, é por notar que a tomada que se tem da velhice naquele período da humanidade já nos apresenta aspecto que se transmuta para os nossos dias. A saber: o fato de que a velhice se coloca como elemento condicionante de condutas para os idosos, mas, também, para os sujeitos de outras gerações, a partir do cuidado de si.

No fundo, é preciso que, a cada momento, mesmo sendo jovens, mesmo na idade adulta, mesmo se estivermos ainda em plena atividade, tenhamos para com tudo que fazemos e somos, a atitude, o comportamento, o desapego e a completude de alguém que já tivesse chegado à velhice [...] (FOUCAULT, 2010, p.100).

Por outro lado, no curso da história, observam-se mudanças nas imagens e na gestão do envelhecimento, o que faz com que a velhice em seus diferentes sentidos e formas de apreensão passe a ser vista como um elemento privilegiado de acesso às mudanças culturais nos modos de pensar e gerir a experiência cotidiana de uma determinada sociedade (DEBERT, 2012, p.13).

Nesse sentido, Philippe Airès nos lembra de textos da Idade Média que tratavam das “idades da vida”, entendidas como categorias específicas e de ordem científica. (AIRÈS, 2014, p.4). Observa-se, aí, um acento a aspectos de declínio físico e mental atrelados ao envelhecimento, em um trajeto de vida segmentado por etapas: infância, pueritia, adolescência, juventude, senectude, a velhice e a “senies” até a morte.

Do livro VI de “*Le Grand Propriétaire des toutes choses*”, Airès extrai trecho que as apresenta:

A primeira idade é a infância que planta os dentes, e essa idade começa quando a criança nasce e dura até os sete anos, e nessa idade aquilo que nasce é chamado de *enfant* (criança), que quer dizer não falante, pois nessa idade a pessoa não pode falar bem nem formar perfeitamente suas palavras, pois ainda não tem seus dentes bem ordenados nem firmes [...]. **Após a infância, vem a segunda idade... chama-se pueritia** e é assim chamada porque nessa idade a pessoa é ainda como a menina do olho, [...] e essa idade dura até os 14 anos. **Depois segue-se a terceira-idade, que é chamada de adolescência**, que termina [...] no vigésimo primeiro

ano, mas segundo Isidoro, dura até 28 anos... e pode estender-se até 30 ou 35 anos. Essa idade é chamada de adolescência, porque a pessoa é bastante grande para procriar [...]. Nessa idade os membros são moles e aptos a crescer e a receber força e vigor do calor natural. E por isso a pessoa cresce nessa idade toda a grandeza que lhe é devida pela natureza [...] **depois segue-se a juventude, que está no meio das idades**, embora a pessoa aí esteja na plenitude de suas forças, e essa idade dura até 45 anos [...] ou até 50 [...]. Essa idade é chamada de juventude devido à força que está na pessoa, para ajudar a si mesma e aos outros, disse Aristóteles. **Depois segue-se a senectude, [...]que está a meio caminho entre a juventude e a velhice**, e Isidoro chama de gravidade, porque a pessoa nessa idade é grave nos costumes e nas maneiras; e nessa idade a pessoa não é velha, mas passou a juventude [...]. **Após essa idade segue-se a velhice, que dura, segundo alguns, até 70 anos, e segundo outros, não tem fim até a morte.** A velhice, [...] é assim chamada porque as pessoas velhas já não têm os sentidos tão bons como já tiveram, e caducam em sua velhice... **A última parte da velhice é chamada *senies***, em latim, mas em francês não possui outro nome além de *vieillesse*... O velho está sempre tossindo, escarrando e sujando [...] até voltar a ser cinza da qual foi tirado (AIRÈS, 2014, p. 6-7) (grifo nosso).

O mesmo enfoque de um trajeto de vida marcado por um período de desenvolvimento, seguido de um outro de decadência é observado nas representações pictóricas dos chamados “Degraus das Idades”, encontradas entre o século XIV até o início do século XIX.

Tais gravuras retratavam pessoas sobre degraus que subiam à esquerda e desciam à direita e representavam as idades do nascimento até a morte, em um trajeto linear da vida, tanto do ponto de vista orgânico, como social.

Como menciona Airès:

A repetição dessas imagens, pregadas nas paredes do lado dos calendários, entre os objetos familiares, alimentava a ideia de uma vida dividida em etapas, correspondendo a modos de atividade, a tipos físicos, a funções e a modas no vestir. A periodização da vida tinha a mesma fixidez que o ciclo da natureza ou a organização da sociedade (AIRÈS, 2014, p. 10).

Especificamente na ilustração encontrada, abaixo reproduzida, uma segmentação do período da velhice se apresenta, ratificando uma imagem negativada do

vistas, bem como se amplia o número de pessoas longevas vivendo em diferentes condições, um novo olhar se acentua na revisão de estereótipos sobre o envelhecimento, ainda que aqueles continuem a se apresentar nas tramas de nosso cotidiano atual.

De uma representação associada à esfera dos problemas, decadência ou desafio para os indivíduos e para a sociedade (NERI, 2007; ILC, 2015), o envelhecimento populacional vem sendo apresentado também como uma revolução carregada de oportunidades de novas vivências no âmbito individual e, no coletivo, de revisão de políticas públicas em relação a dimensões como as da saúde, participação, aprendizado ao longo da vida e segurança, entre outros aspectos.

Essa é a tônica do Marco Legal Sobre o Envelhecimento Ativo da OMS-Organização das Nações Unidas (2002), e sua atualização, em relatório lançado pelo ILC –Centro Internacional de Longevidade - divulgado em julho de 2015³.

O documento defende uma abordagem do envelhecimento que o tome como um “processo de otimização de oportunidades para a saúde, a aprendizagem ao longo da vida, a participação e a segurança para melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas envelhecem” (ILC, 2015, p.42).

Justificativas para esse novo status da população idosa, como socialmente mais participativa, são apresentadas por diversos autores e pesquisas⁴. Neri (2007) nos lembra de alguns de seus argumentos:

- as mudanças no modo de viver a velhice provocadas pelas transformações sociais que permitem idosos mais saudáveis, mais produtivos do que os do passado ou do que os refletidos pelos estereótipos anteriores;
- a exposição nas mídias de novos referenciais ou representações que colocam em xeque a visão do idoso como sujeito em declínio;
- o sonho de envelhecer mantendo a juventude, apresentado como realidade possível no discurso de vários segmentos profissionais e institucionais;
- os discursos da mídia e publicidade que promovem uma série de recursos oferecidos para atingir tal objetivo, como um ideal;

³ Relatório: *Envelhecimento Ativo: um marco político em resposta à revolução da longevidade*. Atualização do Relatório: *Marco Político do Envelhecimento Ativo*, publicado em 2002 pela OMS – Organização Mundial da Saúde, 2002 e que no Brasil, teve como título *Envelhecimento Ativo: uma Política de Saúde*. A atualização de 2015, foi realizada pelo ILC-Brasil – Centro Internacional de Longevidade – Brasil; Organização que integra aliança global de outros ILC, situados em diversos países do mundo em diversos continentes.

⁴ Como se observa, entre outros, em artigos compilados nos livros: *Velhices: reflexões contemporâneas*. Publicado pelo SESC e PUC de São Paulo, em 2006 e como nos artigos que se desdobraram da pesquisa, *Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade*. Publicado pela Fundação Perseu Abramo e SESC em 2007, organizado por Anita Liberalesso Neri, além dos trabalhos compilados pelo IPEA (2004, 2016), entre outros.

- a constituição da velhice como novo segmento de mercado;
- além da apresentação de novos anseios por qualidade de vida, em razão do acesso crescente da população à informação.

Em síntese, em nossos dias, à ideia de um processo de perdas vê-se a adição ou substituição de outra visada que considera que “os estágios mais avançados da vida são momentos propícios para novas conquistas, guiadas pela busca do prazer e da satisfação pessoal” (DEBERT, 2010, p. 14).

A velhice é entendida, assim, como um momento de maior plenitude para o sujeito. No entanto, diferentemente da visão da antiguidade grega, essa não estaria restrita à contemplação, abdicação de desejos ou reclusão em si, mas, sim, passa a ser situada como uma fase de vida propícia para realização de “projetos abandonados em outras etapas e para estabelecimento de relações mais profícuas com o mundo dos mais jovens e dos mais velhos (DEBERT, 2010, p. 14).

Nesse universo, na busca por um ponto de ancoragem que contribua para nosso intento de aproximação com a temática, iniciamos nosso percurso pelos dados demográficos, uma vez que esses nos auxiliam a demonstrar a abrangência do objeto e a relevância social do tema atualmente, ao que se complementa e associa sua tomada em termos de lei.

1.1.1 O recorte demográfico e a velhice em lei

O enfoque de nosso objeto pelos dados demográficos considera o marco legal que, no país, estabelece e reconhece como idosas as pessoas com 60 anos ou mais. Tal abordagem, como já se pode notar, está diretamente relacionada às políticas e leis que envolvem a área. É o caso da Política Nacional do Idoso (Lei 8.842, de 4 de janeiro de 1994) e do Estatuto do Idoso (Lei 10.741, de 1º de outubro de 2003).

Para a Organização Mundial da Saúde (OMS), atrela-se ao critério etário a condição de desenvolvimento regional: em países em desenvolvimento são consideradas como idosos os habitantes com 60 anos ou mais. Para países desenvolvidos, no entanto, a marca é a de 65 anos ou mais. (CAMARANO & PASINATO, 2004; ILC, 2015)⁵.

⁵Segundo a Sociedade Italiana de Geriatria e Gerontologia, esse número sobre para 75 anos, conforme anunciado em dezembro de 2018. Disponível em <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2018/12/04/italia-muda-conceito-de-idoso-para-75-anos.ghtml>>.

Segundo dados disponibilizados pelo governo brasileiro⁶, de acordo com o Fundo de Populações das Nações Unidas, as pessoas acima dos 60 anos constituíam, em 2012, 11, 5% da população global, contabilizando 810 milhões de indivíduos. Em menos de uma década, isto é, até 2022, as projeções apontam para o alcance da marca de 1 bilhão de pessoas (SDH, 2012).

Em termos demográficos, 2050 é considerado um divisor de águas, pois prevê-se que seja o ano em que o número de pessoas com 60 anos ou mais ultrapasse o número de crianças abaixo dos 15 anos (SDH, 2012; ILC, 2015).

Além disso, nessa data, estima-se que o mundo chegue a 2 bilhões de pessoas acima dos 60 anos, o que significa cerca de 21 ou 22% da população mundial (SDH, 2012; ILC, 2015). Em 64 países a projeção aumenta para 30% da população⁷. Incluem-se aí países desenvolvidos, mas também outros: “a maior parte da América Latina e grandes partes da Ásia, inclusive a China” (ILC, 2015 p. 14).

Esse aumento da população idosa é visto por estudiosos do Centro Internacional para a Longevidade (ILC)⁸, como fator de uma representação mais equânime dos diferentes grupos etários, uma vez que, em 2060, “a proporção de pessoas acima dos 60 anos ainda vai ser menor do que a de pessoas abaixo dos 30 anos e do que as de 30 a 59 anos” (ILC, 2015, p.14)⁹.

Tal consideração, no entanto, não significa equidade simbólica ou expressa nas relações sociais efetivamente, mas sim, aponta para a necessidade de se entender esse cenário e as mudanças que rapidamente se apresentam e se colocam como desafio e oportunidade diante dessa reconfiguração.

⁶ *Dados sobre o envelhecimento no Brasil*. Secretaria de Direitos Humanos (2012). Documento disponível em <<http://www.sdh.gov.br/assuntos/pessoa-idosa/dados-estatistico2001adossobreoenvelhecimentonoBrasil.pdf>>. Último acesso em 04/11/2017.

⁷ Essa é a proporção de idosos atual do Japão, o único até o momento a alcançar essa marca (ILC, 2015 p. 14).

⁸ O ILC – Instituto Internacional para a Longevidade é uma organização voltada para os estudos e diretrizes acerca do envelhecimento e da longevidade, que congrega diversas unidades pelo globo, com forte atuação na articulação entre organizações públicas, estatais e sociedade civil. Como se auto apresenta, “é um *think-tank* independente sediado no Rio de Janeiro, fundado em 2012. Sua missão é **propor ideias e diretrizes para políticas públicas intersetoriais, voltadas ao envelhecimento populacional, fundamentadas por pesquisas e práticas internacionais, de modo a contribuir para o Envelhecimento Ativo**” (negrito da Instituição)

⁹ A título de complemento dos dados, vale mencionar que, para 2100 prevê-se uma população de 10,9 bilhões de habitantes na Terra, e que dos quais 50% estejam acima dos 60 anos (ILC, 2015, p.14).

Entre as sérias questões implicadas no tratamento da velhice e do envelhecimento que ratificam esse posicionamento encontra-se a atribuição de preconceitos e estereótipos às pessoas de mais idade¹⁰. Esses têm levado à discriminação e abusos imputados a essa parcela da população, o que se sobrepõe à ideia de uma convivência harmoniosa entre sujeitos de diferentes gerações.

Em uma sociedade que tem na juventude um valor a ser buscado e mantido, independentemente da faixa etária (DEBERT, 2012, p.21), a noção de que os idosos tenham se tornado um peso para a sociedade e concorrentes com segmentos mais jovens contribui como reforço aos preconceitos.

É o que temos visto recentemente em nosso país, onde a tendência de envelhecimento da população também se cristaliza.

Na afirmação trazida por Simões (2016), lê-se o sentido atribuído aos idosos como carga para as gerações mais novas:

[...] caberá às novas gerações, no médio prazo, como componentes da população em idade ativa, a responsabilidade por um bom desempenho da economia, mormente do ponto de vista da produção. Consequentemente, dependerá, também, das atuais gerações de jovens, no médio prazo, a garantia de uma vida digna às gerações de idosos. Ademais, é nesta fase que a sociedade deve se preparar, através de reformas institucionais na área da seguridade social, para conviver, no futuro próximo, com altas e sustentadas taxas de dependência de idosos (WONG; CARVALHO, 2006, p. 10).

No que tange ao crescimento dessa parcela populacional no Brasil, em 2011 as pessoas com 60 anos ou mais somavam 23,5 milhões de habitantes, mais que o dobro do registrado em 1991, quando nessa faixa etária se contabilizavam 10,7 milhões de pessoas. Ao mesmo tempo, o número de crianças de até quatro anos caiu de 16,3 milhões, em 2000, para 13,3 milhões, em 2011 (SIMÕES, 2016).

Além disso, acompanhando a transição demográfica que ocorreu de forma mais gradual em países de alta renda, “grupos populacionais mais velhos, e aqueles acima dos 80 em especial, estão crescendo proporcionalmente mais rápido do que qualquer outra faixa etária” (ILC, 2015, p.15).

No Brasil, segundo dados do IBGE, em 2016, a população de idosos com 80 anos ou mais contabilizava quase 3,5 milhões de pessoas (3.458.279). Nas projeções do mesmo

¹⁰ A questão dos estereótipos e preconceitos que afetam a população idosa tem sido abordada, sem exceção, por todos os autores que estudamos e que tratam do tema.

instituto, em 2060 o número de idosos nessa faixa etária pode ultrapassar 19 milhões de pessoas. Tal marca representa um crescimento superior a 27 vezes em relação a 1980, quando o país tinha pouco menos ¹¹de 700.000 pessoas nessa faixa etária (LISBOA, 2016).

Quanto aos centenários, embora seja ainda uma parcela pequena da população, espera-se que seu número também aumente: “de cerca de 300.000 em todo o mundo em 2011 para 3,2 milhões até 2050” (ILC, 2015, p.15).¹²

A exemplo do fenômeno mundial, as mudanças na pirâmide etária brasileira decorrem principalmente da rápida redução dos índices de mortalidade combinada à alta taxa de natalidade nas duas décadas após a Segunda Guerra Mundial (*baby boom*), como também, à redução dos índices de natalidade e fecundidade, incentivados no país por políticas de controle e planejamento familiar que se seguiram à época, bem como à redução dos índices de mortalidade infantil (ILC, 2015; SIMÕES, 2016).

Desses, entre outros fatores (como os avanços da medicina), acontece que, tanto a expectativa de vida quanto a expectativa de vida saudável aumentaram, ainda que esta última, de forma mais lenta (ILC, 2015, p.16). Isso amplia não apenas o contingente e proporção de pessoas vivendo sob a rubrica da velhice, como também, a heterogeneidade de sujeitos por ela abarcados e de relações com seu meio.

Tal cenário de alterações na redistribuição das proporções etárias, com aumento do número de pessoas longevas, mas em diferentes condições, torna relevante que se adote um novo olhar para a sociedade (SIMÕES, 2016; FALEIROS, 2016; GIACOMIN, 2016; CAMARANO & PASINATO, 2004, entre outros).

Os dados demográficos há tempos demonstram que tal realidade está posta e pede adequado tratamento diante das diferenças e desafios que se apresentam ao se considerar a população idosa, principalmente em uma sociedade desigual e com problemas estruturais que dificultam a implantação e ampliação de políticas já existentes¹³.

¹¹ Mais especificamente: 684.789 pessoas de um total de quase 120 milhões de indivíduos que compunham a população do país. (LISBOA, 2016).

¹² Sobre a população de centenários no Brasil, dados do IBGE publicados em 2016, apontam variações entre aumento e recuo dessa população. No entanto, seguindo as projeções para outras faixas, a tendência é que o número de pessoas também nessa faixa se amplie.

¹³ Para maior aprofundamento, ver FALEIROS (2016). O autor apresenta panorama histórico bastante abrangente quanto às políticas voltadas para o atendimento à população idosa no país, e, a despeito de seus avanços formais, trata também de sua baixa efetivação na prática.

Como afirmam Ana Amélia Camarano e Maria Tereza Pasinato (2004, p.3), nos encontramos diante de “uma população que envelhece rápida e diferenciadamente em um contexto de profundas transformações sociais e de ajuste fiscal”.

A afirmação de 2004, continua fortemente presente, uma vez que nos encontramos em um cenário em que o movimento de tais variáveis se mantém e se aprofunda na direção do envelhecimento, como também de desigualdades sociais.

Tais desigualdades se desdobram em diferentes condições de vida e qualidade de envelhecimento que afetam a população, o que pede políticas amplas. Como ratifica Karla Cristina Giacomini (2016, p. 595), a “população brasileira continuará envelhecendo de maneira irreversível e demandará a atuação responsável do Estado”, como também de outros atores sociais.

No entanto, apesar de o envelhecimento da população exigir um redimensionamento das políticas do país e mesmo sendo a população idosa grande usuária de serviços públicos, em diversas áreas, esse processo não tem sido considerado como elemento estruturante do planejamento (GIACOMINI, 2016, p. 595).

Não tem também recebido a devida atenção dos gestores públicos, apesar da existência de leis que contemplem de forma ampla essa população (SIMÕES, 2016; MAIO, 2016, ALCÂNTARA, 2017).

Como sintetiza Giacomini:

Conforme registrado no relatório de gestão de 2010-2012 do Conselho Nacional de Direitos dos Idosos (CNDI), observa-se um grande hiato entre a constatação histórica, demográfica e social do envelhecimento brasileiro e os seus reflexos em termos de organização do Estado para tratar dessa nova realidade: apesar de alertado nos últimos quarenta anos por organismos internacionais e nacionais sobre o acelerado e intenso processo de envelhecimento populacional em curso no país, o Estado brasileiro ainda se encontra em um processo incipiente e descoordenado de incorporação de suas responsabilidades na formulação de políticas voltadas para este público (GIACOMINI, 2016, p. 595).

Essa lacuna, assim, encontra-se mais na efetivação da legislação vigente do que em sua ausência (FALEIROS, 2016; GIACOMINI, 2016), ou seja, na falta de uma aplicação mais ordenada e integrada de esforços com esse fim.

Vale focar um pouco mais essa questão. No que tange ao desenvolvimento legal, Faleiros (2016, p. 541-543) nos lembra um percurso de aprimoramento de leis pela revisão e ampliação de visões sobre a temática ou de paradigmas que a sustentam.

É dessa forma que a abordagem das demandas do envelhecimento, no país, se dá a princípio por um recorte sustentado pelo paradigma filantrópico, passando por outro securitário, outro de seguridade social e, por fim, por aquele do envelhecimento ativo¹⁴:

- O tipo filantrópico de atenção a pessoas idosas “pautava-se pelo *compassionate ageism*, ou seja, pela caridade, com apoio religioso”, e era aplicado por meio de oferecimento de asilos para os pobres;
- O tipo securitário, advém da industrialização e de uma nova noção de cidadania que rompe com o viés filantrópico. Por ele se estrutura a política do seguro pré-pago, instituído como “forma de extrair a poupança para um fundo público ou privado que mantivesse a renda na velhice”, possibilitado pelo assalariamento e contribuição obrigatória;
- A seguridade social, por sua vez, “a partir de 1988, integra e articula a saúde (universal e não contributiva) com a previdência (contributiva) e a assistência social (inclusiva, para quem dela necessitar) ”;
- Por fim, o paradigma do envelhecimento ativo, “resultante de experiências participativas e da pressão de forças sociais”, propõe políticas orientadas para atividades físicas e qualidade de vida dos indivíduos. Ele se explicita no Estatuto do Idoso de 2003, mas, somente em 2013 se constitui um colegiado voltado para mapear e planejar as políticas públicas com esse fim, em âmbito nacional.¹⁵

Vale então ressaltar o que Giacomini traz a respeito da ambiguidade com que o Estado brasileiro trata a questão dos idosos, no hiato que produz entre a constituição da lei e a falta de sua adequada efetividade em práticas:

[...] o Estado formula e publica leis que asseguram direitos sociais aos idosos, especificando as condições necessárias para promover sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade [...]. De outro lado, promove um imaginário que aterroriza os idosos pois os coloca como responsáveis pelos desequilíbrios da Previdência, das políticas sociais e de saúde (Minayo, 2011). Além disso o próprio Estado é o grande violador de direitos sociais [...] uma forma de violência institucional: a violência contra a pessoa idosa [...] produzida pela ação ou falta de ação do próprio Estado (GIACOMINI, 2016, p. 595).

¹⁴ Exploraremos mais a noção de envelhecimento ativo no decorrer do capítulo.

¹⁵ Trata-se da Comissão Interministerial do Compromisso Nacional para o Envelhecimento ativo, criada por meio do Decreto nº 8.114, de 30 de setembro de 2013. (FALEIROS, 2016, p.543).

Esse tipo de violência institucional - que também se desdobra para o ambiente familiar e de outras organizações da sociedade - banaliza-se “em um país que se recusa a envelhecer e para o qual ser velho é ser decadente, doente, sem valor” (GIACOMIN, 2016, p. 595).

Dessa forma, embora existam leis que garantam direitos e assistência a essa população e, ainda que essas sejam aprimoradas ao longo dos anos, os idosos constituem segmento que ainda precisa ser notado na sua especificidade (GIACOMIN, 2016, p. 596), ou, podemos dizer, em suas especificidades.

Tal questão leva à necessidade de problematizar as representações sociais que circulam sobre os idosos, a exemplo das quais se apoia a atuação do poder público junto aos mesmos, bem como aquelas de outros elementos e sujeitos ao seu redor, uma vez que suas características parecem não ser consideradas ou pouco conhecidas.

A questão se agrava quando entendemos que essas representações são criadas a partir de nosso sistema particular de classificações ou dos grupos em que nos vemos situados, como um mecanismo que permite a apreensão do mundo a nossa volta, em categorias e imagens comuns (MOSCOVICI, 2011, p. 60). Constituem-se, portanto, na ordem de nosso imaginário, ainda que com efeitos palpáveis.

Nesse ato, nós implicamos o outro, confinando-o “a um conjunto de comportamentos e regras que estipulam o que é, ou não é, permitido em relação a todos os indivíduos pertencentes a essa classe [...]” como também estipulamos os hábitos dos sujeitos que aí devem ser postos (MOSCOVICI, 2011, p. 63).

Pelo exposto, entendemos a importância da reivindicação de Giacomini, ainda mais quando temos como exemplo as conclusões de pesquisa com membros do Ministério Público¹⁶ realizada por Iadya Gama Maio (2016).

O estudo conclui que “as representações sociais da velhice influenciam a eleição de prioridades no que diz respeito ao desenvolvimento de políticas públicas sociais, que, por sua vez, refletem diretamente na alocação de recursos orçamentários para a sua implementação” (MAIO, 2016, p. 10).

¹⁶¹⁶ Nessa pesquisa, além de dados de relatórios do Ministério Público, foram contatados Promotores de Justiça e Coordenadores de Centros de Apoio Operacional¹⁶ de vários Estados brasileiros e do Distrito Federal que atuam na área de direitos das pessoas idosas, entre outras áreas ligadas a direitos humanos, grupos minoritários e cidadania. (MAIO, 2016, p. 11)

Pautando-se por isso, a autora defende que devemos começar a discutir “sobre qual velhice queremos para todos nós, de modo a construirmos uma sociedade mais solidária e com políticas públicas que possam garantir a qualidade de vida de todos os seus cidadãos (velhos, jovens, etc.) (MAIO, 2016, p. 238).

Pela pesquisa, torna-se espantosa a constatação de que, mesmo entre servidores públicos cuja atuação está ligada à temática de proteção à pessoa idosa, essa tenha sido pouco relevante, ficando em último lugar nas prioridades da maior parte dos entrevistados.

[...] os três assuntos considerados de alta prioridade hoje são, para a maioria dos Ministérios Públicos, 1) improbidade administrativa; 2) infância e juventude; e 3) educação. Os assuntos que tem média prioridade são: 1) saúde; 2) meio ambiente; e 3) consumidor. Nos três últimos lugares (baixa prioridade) ficam: 1) habitação; 2) pessoa com deficiência e 3) pessoa idosa (MAIO, 2016, p. 157).

Como uma outra conclusão importante que tange ao universo das representações sociais de outros grupos implicados pela velhice, Maio destaca que para os membros do Ministério Público, quem deve cuidar dos idosos é a família.

Desconsideram-se aí as transformações no seio doméstico das últimas décadas (MAIO, 2016, p. 157), bem como retorna a compreensão da velhice e do envelhecimento como aspectos relativos ao âmbito privado, na contramão de uma necessidade de sua abordagem, cada vez mais, como questão de ordem também pública.

Assim a imputação do cuidado dos idosos é reforçada como concernente a essa esfera privada. Uma questão cultural que passa a ser reproduzida nas normas jurídicas e sociais, “cabendo ao Estado atuar de forma *supletiva, subsidiária ou concorrente*, ou seja, na ausência dessa família” (MAIO, 2016, p. 11) (grifo da autora).

No entanto, como salienta Maio, para o poder público, o idoso que está sendo cuidado pela família é invisível. Entende-se que, se ele já está sendo atendido pela família, os cuidados do Estado são dispensáveis, (MAIO, 2016, p.157), o que repõem a ausência de atenção às características específicas da população de idosos e se estende aos grupos a ela vinculados, como também, implica mais uma vez a responsabilização privada de questões que deveriam atendidas como públicas.

Nesse cenário, “o que se vê são as famílias, quase nenhum apoio da comunidade e do Estado, dando conta desse cuidado no espaço privado do domicílio, e a literatura tem

mostrado que elas dão conta de apenas 50% das necessidades de seus idosos” (WATANABE, 2016).

Por outro lado, embora a legislação atual esteja assentada sobre o paradigma do envelhecimento ativo, que preconiza a participação dos idosos na sociedade, a educação continuada e o fortalecimento de vínculos sociais, tal política, na prática, ainda está mais voltada para o atendimento asilar, de abrigo em Instituições de Longa Permanência (ILPIs), direcionado à população mais pauperizada, como se preconizava nos moldes de uma política de cunho assistencial e filantrópico.

Faltam ações e investimentos que possibilitem maior apoio para que os idosos continuem a residir em seus lares, com amparo e aparelhamento de instituições que contribuam para tal.

É o que também demonstra o estudo de Maio (2016), quando constata que pouco se investe em cuidados de longa duração intermediários¹⁷ que poderiam contribuir para melhor atendimento de idosos em estado de dependência, sem a necessidade de afastamento do seu ambiente familiar e social.

A afirmação de uma de suas entrevistadas resume o que abordamos, ao tratar da priorização em lei e em ato, de uma política que se volta mais para a fiscalização de Instituições de Longa Permanência (ILPIs) do que para equipar a sociedade de serviços de atendimento aos idosos. Uma visada que suprime a noção de um cuidado mais compartilhado entre família e Estado, com acento à desobrigação desse último.

Para essa entrevistada, existe uma

ideia dicotômica de que o idoso ou está acolhido institucionalmente ou está integralmente sob os cuidados da família. Ademais, os cuidados intermediários de longa duração não parecem ser realidade muito viva no cenário nacional [...] **acredito que a ideia preconcebida e historicamente absorvida de que a responsabilidade primária pela pessoa idosa é da família talvez afaste a interpretação de que o Estado é também responsável pela pessoa idosa, ainda que essa precise de outro suporte que não seja o acolhimento institucional [...]** (MAIO, 2016, p. 172) (grifos da autora).

¹⁷ “Conforme o Decreto 1.948/96 (BRASIL, 1996), que regulamentou a PNI, como política preferencial, tanto assistencial como de saúde, elegeu-se a possibilidade de se manter o idoso em seu ambiente familiar por meio das *modalidades de cuidados de longa duração intermediários*, que visam à promoção e à integração da pessoa idosa na família e na comunidade em que se encontra inserida” (MAIO, 2017, p.65) (grifo da autora). “São modalidades de cuidados de longa duração intermediários: o centro de convivência, o centro de cuidados diurno ou centro-dia, a casa-lar, a oficina abrigada de trabalho, a teleassistência, o sistema de cuidados pagos pelo governo, o hospital-dia ou leitos de cuidados prolongados destinados a idosos, o centro de cuidados noturnos, entre outros” (id.)

Sendo o “acolhimento institucional” uma expressão que é entendida como oferecimento de atendimento asilar ou em Instituições de Longa Permanência.

Por outro lado, à responsabilização das famílias no amparo a seus idosos, ou sua segregação institucional, soma-se outra forma de responsabilização, aquela imputada aos próprios indivíduos no que tange ao cuidado de si.

Sobre esses recai a obrigação de uma vigilância constante sobre o corpo e necessidade de apagamento das marcas do envelhecimento. Para além da aparência física, os sujeitos “são também responsabilizados pela sua própria saúde, através da ideia de doenças autoinflingidas, resultado de abusos corporais, como a bebida, o fumo, a falta de exercícios” (DEBERT, 2012, p. 21).

Dessa forma, ainda que as condutas particulares tenham resultados no curso de vida dos indivíduos, como nos lembra Giacomini (2016), transportar o foco para a responsabilização particularizada restringe o tratamento da questão em esfera mais ampla.

Essa tomada se associa ao que Debert chama de processos de reprivatização¹⁸ da velhice, que a transformam numa responsabilidade individualizada, como se pudesse então ser suprimida “do nosso leque de preocupações sociais” (DEBERT, 2012, p. 14).

Pelo exposto, seja na responsabilização dos sujeitos, no trato consigo e seu corpo, seja na responsabilização da família, como agente prioritário de cuidado, pode-se dizer que a temática deixa de ser tratada em sua forma sistêmica e estrutural, necessária para que as demandas advindas de novas configurações no interior do campo possam ser melhor atendidas. Mais, isenta o Estado de seu papel, aquele mesmo que, por lei, solidariamente, lhe é atribuído.

A tal responsabilização do cuidado atribuída à família ou ao próprio idoso, soma-se outra questão cultural relativa ao gênero: ela repõe a sobrecarga de trabalho sobre a mulher, vista ainda como ente prioritário no cuidado doméstico. Essa situação compõe quadro mais amplo de acentuação de desigualdades no período da velhice, como outras

¹⁸ Sobre a utilização do termo “reprivatização” utilizado pela autora, salienta-se um percurso de tomada da velhice como questão, que parte de seu entendimento como aspecto restrito à esfera doméstica, privada, para um movimento de expansão, principalmente em virtude de aspectos demográficos, quando passa a ser entendida como categoria social e questão pública, de gestão estatal e outras organizações sociais. Daí a ideia de reprivatização atrelada à noção de responsabilização individual imputada por discursos de promoção de uma sociedade individualista e pautada no consumo - que imputam ao indivíduo o cuidado de si, ao que uma ampla gama de produtos e serviços passam a ser ofertados a seu dispor (Debert, 2012).

questões de gênero, desigualdades econômicas, étnicas ou culturais (ILC, 2015; MAIO, 2016).

Tais aspectos remetem novamente a uma realidade ainda muito distante daquilo que se prega em lei, uma vez que essa postula que o idoso não deve sofrer discriminação de qualquer natureza.

A lei também assegura formalmente a esse segmento populacional, “todos os direitos da cidadania, garantindo sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade, bem-estar e o direito à vida”, sendo que “as diferenças econômicas, sociais, regionais [...] do Brasil deverão ser observadas pelos poderes públicos e pela sociedade em geral, na aplicação desta lei (POLÍTICA NACIONAL DO IDOSO, 1994).

Isso com o intuito de “assegurar os direitos sociais do idoso, criando condições para promover sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade” (POLÍTICA NACIONAL DO IDOSO, 1994).

Pelo exposto, diante das leis existentes e da falta de sua materialização efetiva, observa-se a desconsideração de uma perspectiva mais realista e solidária (GIACOMIN, 2016, p. 596) no atendimento a essa população.

Para tanto, os autores ressaltam a necessidade de maior visibilidade da questão diante de agentes públicos responsáveis pela aplicação, fiscalização ou com poder de indução de políticas públicas voltadas para os idosos, para que essas se tornem mais efetivas diante daquilo que formalmente contemplam (GIACOMIN, 2016; FALEIROS, 2016, MAIO, 2016).

Mais ainda, pode-se afirmar a necessidade de se problematizar a qualidade dessa visibilidade reivindicada, no sentido de colocar em discussão não apenas sua ampliação diante desses atores, mas também de se questionar aquilo que se promove sob a rubrica da velhice e população idosa, e outros grupos aí envolvidos.

A necessidade se ratifica quando se observa que, nos últimos anos tem se acentuado no Brasil uma nova sensibilidade social e visibilidade crescente do tema, (NERI, 2007; DEBERT, 2012), a exemplo do que já ocorre com maior incidência em países tidos como desenvolvidos (ILC, 2015).

Assim, mesmo que as organizações de pesquisa – e a mídia – (SIMÕES, 2016) tenham já apresentado dados que demonstrem claramente que a questão do

envelhecimento populacional é aspecto que se configura e se intensifica no país, por tudo o que foi exposto, pode-se afirmar que ainda falta interesse político e social relativo às questões do envelhecimento.

Nossos dias trazem novas condições para o sujeito que envelhece, que resultam em um novo patamar da velhice: mais ativa, mais participativa, que clama por novos espaços, posição e voz na sociedade. Essa nova configuração distancia-se de uma modelo tradicional da velhice como período de fragilidade e dependência, e precisa ser pensada também de forma mais abrangente.

Como afirma Debert,

A tendência contemporânea é rever os estereótipos associados ao envelhecimento. A ideia de um processo de perdas tem sido substituída pela consideração de que os estágios mais avançados da vida são momentos propícios para novas conquistas guiadas pela busca do prazer e da satisfação pessoal (DEBERT, 2012, p. 14).

No entanto, mesmo a imagem tradicional, anterior pede novos olhares, uma vez que

“A nova imagem do idoso não oferece instrumentos capazes de enfrentar a decadência de habilidades cognitivas e controles físicos e emocionais que são fundamentais, na nossa sociedade, para que um indivíduo seja reconhecido como um ser autônomo, capaz de um exercício pleno dos direitos de cidadania” (DEBERT, 2012, p. 15).

Ou ainda, como apresenta o relatório do ILC (2015, p.39):

Algumas perdas funcionais relacionadas à idade são inevitáveis. Além disso, várias doenças crônicas se tornam mais comuns. Algumas pessoas perdem mobilidade e dependem mais dos outros, precisamente no momento em que as redes de família e amigos se tornam mais limitadas [...] Em uma sociedade que se preocupa em “fazer”, os idosos são seres humanos dedicados a “ser”. Eles nos chamam a reconhecer e a promover a expressão de sua identidade, sua individualidade e, acima de tudo, seus direitos humanos inalienáveis.

Para Polivka e Longino Jr. (2004), a condição de fragilidade não necessariamente precisa ser sinônima à reclusão, privação de liberdade e participação, quando se disponibilizam à população políticas adequadas que as contemplem.

Dessa forma, é importante evidenciar que a velhice é, sim, uma etapa de novas vulnerabilidades, mesmo entre idosos ativos. Por outro lado, o idoso que demanda cuidados mais regulares em sua vida diária, que se encontra em situação de maiores

fragilidades existe, cresce em número, mas, no entanto, também, é visto de forma preconcebida e redutora.

Para Silvana Tótora, em nossa sociedade, o envelhecimento ainda é visto como doença e esta é entendida como um mal. Assim, o “corpo, suscetível às doenças, transforma-se em um fardo difícil de carregar”. (TÓTORA, 2015, p. 23 -24)

Como a autora questiona e argumenta, dessa forma nos afastamos do movimento da vida, uma vez que estar em sintonia com ela pede “acatar o movimento que se recria perecendo” (TÓTORA, 2015, p. 24). “A saúde não implica eliminar a doença, tampouco a vida se opõe à morte” (id.).

A morte se dá no corpo do vivente a todo instante; e a experiência da morte é a experiência de produzir devires e com isso novas intensidades [...] Querer uma vida sem doença, dor e morte é o mesmo que dizer não à própria vida. Duas consequências advém dessa postura: um profundo ressentimento em relação à vida; e a condenação dos viventes a carregarem uma culpa pelos malefícios vividos. Abrir-se à vida é dispor-se a enfrentar todas as adversidades [...] (TÓTORA, 2015, p. 24).

O exposto pede um outro olhar e novas visibilidades que valorizem o sujeito presente, a vida que existe ali, como também suas relações sociais e afetivas. É nisso que nos atemos e em que acreditamos.

O que se reivindica então é uma tomada menos preconceituosa diante da condição humana do envelhecimento, nas suas diversas formas de expressão. Um olhar sobre os mais velhos e sobre o processo de envelhecimento por uma abordagem que valide a vida, a experiência e as demandas dos sujeitos de maneira a permitir uma atenção mais singular.

É assim que, para a efetivação de uma visada mais interessada, mais atenta, menos fragmentada e menos pulverizada, as ações decorrentes desse novo posicionamento passam por repensar o próprio conceito de idoso, ou sua problematização, considerando-o como construto e termo que circunscreve a velhice em lei.

1.1.2 O conceito de idoso e representações sociais da velhice

A velhice, como questão pública, implica a delimitação do segmento social que abarca, como alvo das políticas de Estado. Disso decorre a produção de uma nova categoria cultural e de cidadãos: aquela dos idosos.

Tal agrupamento constitui-se “como um conjunto autônomo e coerente que impõe outro recorte à geografia social, autorizando a colocação em prática de modos específicos de gestão” (DEBERT, 2012, p. 14) (FALEIROS, 2016, p.541).

Falar em categoria, no entanto, implica uma redução ao se solicitarem critérios comuns para sua delimitação e para a apreensão dos indivíduos independentemente de suas singularidades.

Dos critérios utilizados para a determinação do conjunto populacional, circunscrito pelo conceito de idoso, o mais comum é o critério etário (CAMARANO & PASINATO, 2004; ILC, 2015).¹⁹

Tal classificação, no entanto, “não suscita somente referências a um conjunto de pessoas com muita idade” como o termo pressupõe, mas também “a pessoas com determinadas características sociais e biológicas” (CAMARANO & PASINATO, 2004, p. 4).

Para Camarano e Pasinato (2004), a definição de ‘muita’ carrega uma carga valorativa que depende das características do ambiente em que esses indivíduos estão situados, o que implica um caráter coletivo à definição. Essa “não diz respeito a um indivíduo isolado, mas à sociedade como um todo” (CAMARANO & PASINATO, 2004, p. 05).

O limite etário se estabelece, dessa maneira, atrelado a uma coletividade e à ideia de declínio orgânico – das capacidades físicas e mentais – e também situa os indivíduos em um determinado momento da vida coletiva (CAMARANO & PASINATO, 2004, p. 4).

Nesse contexto, Camarano e Pasinato (2004, p. 4-5) entendem que o conceito de idoso apresentaria certas implicações:

- um efeito homogeneizador entre grupos diversos;
- a dissociação entre características biológicas e sociais, como se as primeiras existissem independentemente das segundas e;

¹⁹ Como expusemos anteriormente a legislação brasileira considera como idosas pessoas acima de 60 anos. A Organização Mundial de Saúde também pauta-se pelo critério etário, toma essa mesma idade para uma pessoa ser considerada idosa em caso de residentes em países em desenvolvimento e, a de 65 anos para moradores em países desenvolvidos (CAMARANO & PASINATO, 2004; ILC, 2015).

- a finalidade social, ou seja, o uso instrumental do conceito, com objetivos de estimar demandas por serviços públicos e, também, “como uma maneira de distinguir a situação dos indivíduos no mercado de trabalho, na família e/ou em outras esferas da vida social”(CAMARANO & PASINATO, 2004, p. 05).

Dessas pontuações, vemos reforçado o efeito homogeneizador da classificação e o poder prescritivo contido nessa definição. Como afirmam as autoras:

A sociedade cria expectativas em relação aos papéis sociais daqueles com o status de idoso e exerce diversas formas de coerção para que esses papéis se cumpram, independentemente de características particulares dos indivíduos [Laslett (1996, p. 24)]²⁰, (CAMARANO & PASINATO, 2004, p. 06).

Dessa forma, pelo âmbito legal, a circunscrição de grupos populacionais se faz relevante, uma vez que essa permite identificar beneficiários para focalizar recursos e conceder direitos, como também facilita a sua verificação (CAMARANO & PASINATO, 2004, p. 06).

No entanto, por outro lado, as classificações podem simplificar a heterogeneidade dos segmentos e, por isso, estão sujeitas a incluir indivíduos que não necessitem de tais políticas ou a excluir os que delas necessitem (CAMARANO & PASINATO, 2004, p. 06).

De maneira mais aprofundada, o que se coloca em tal questão também é o controle transferido ao Estado, a partir dessa circunscrição e de seu papel de prescrever e aplicar políticas, como gestor do bem-estar, segurança e vida da coletividade e, assim, dos sujeitos. O que implica a constituição de relações de poder a partir das segmentações que se estabelecem e das coordenadas que apresentam, como normativas de conduta.

Diante da necessidade de delimitação de espaços de atuação e de grupos populacionais, Camarano e Pasinato (2004) sugerem o aprimoramento dos critérios e seus conteúdos com esse fim.

Nesse sentido, pode-se observar um desdobramento de recortes no campo, a exemplo da lei federal nº. 13.466, sancionada em julho de 2017, que estratifica e coloca em primeiro nível de prioridade o atendimento às pessoas com 80 anos ou mais.

²⁰ LASLETT, Peter. **What is old age?** Variation over time and between cultures. International studies in demography: health and mortality among the elderly, issues for assessment. New York: Oxford University Press, 1996.

Isso ilustra a afirmação de Debert (2012), quando menciona que estamos assistindo a novas segmentações entre a idade madura e a velhice, a exemplo do que se passou com a infância e a juventude.

É importante considerar também que a compreensão dos tratamentos associados a essas circunscrições passa por questões de natureza simbólica, isto é, pela análise dos sentidos e pesos valorativos que se atrelam à velhice e ao envelhecimento em nossos dias.

Dessa forma, aos dados que implicam a definição de idoso, novamente soma-se a relevância de se pensar nas representações sociais atribuídas às pessoas de mais idade.

Como afirma Maio, importa “compreender como as representações sociais da velhice funcionam e como influenciam nosso modo de vivenciar a norma”, uma vez que essas podem estar relacionadas com a maneira como a velhice é entendida e, com seu destaque (ou falta de), como tema a ser atendido (ou não) pela gestão pública (MAIO, 2016, p. 206) (parêntesis nossos).

Podemos apreender a relevância dessas representações em escala ainda mais ampla, quando as entendemos como elementos mediadores simbólicos que contribuem para a constituição do vínculo social. Nesse sentido, “elas simbolizam identidades que conferem uma configuração determinada a esses vínculos sociais em instauração” (RICOEUR, 2006, p.149).

Isto posto, observa-se a necessidade de problematização da temática quando se constata a prevalência de representações maniqueístas que oscilam entre a apresentação do velho como frágil, dependente e decadente, de um lado e, de outro, aquela que atrela à velhice e à noção de idoso um ideal de ação e de uma imagem jovializada, que deve ser buscada e mantida a qualquer preço.

Frente a essas abordagens, o que se vê não é apenas a reivindicação de novas representações diante de um novo idoso, mas também, a necessidade de se analisar como essas representações tem se tornado (ou não) visíveis, de forma a promover o debate em torno daquilo que essas mobilizam em todos nós como sujeitos individuais e coletivos.

Como afirma Debert, entre os conflitos éticos envolvidos em uma nova tomada do envelhecimento encontra-se um paradoxo: simultaneamente à constituição do idoso como um ator político e do envelhecimento em um novo mercado de consumo, nos deparamos com faces obscurecidas dessa etapa da vida uma vez que “A visibilidade

alcançada pela velhice é, antes, um compromisso com um tipo determinado de envelhecimento positivo” (DEBERT, 2012, p.23).

Nesses termos, tratar a velhice de uma perspectiva que procure compreender o emprego que uma coletividade humana faz da sua própria vida constitui-se como meio privilegiado de acesso às “mudanças culturais nas formas de pensar e de gerir a experiência cotidiana, o tempo e o espaço, as idades e os gêneros, o trabalho e o lazer, analisando, de uma óptica específica, como uma sociedade projeta sua própria reprodução” (DEBERT, 2012, p. 13).

Isto porque, como elemento cultural e simbólico que se materializa nas tramas do cotidiano, as representações tecidas em torno dos idosos, como qualquer representação social, se constituem por um conteúdo que difere de uma esfera social para outra e se tornam significantes na medida da expressão e cristalização desses conteúdos e suas variações, influenciando os sujeitos nas suas diversas fases de vida (MOSCOVICI, 2011).

Dessa forma, tais representações se entrecortam na constituição de imagens de nosso objeto e nas relações e hierarquizações que essas implicam, repondo mecanismos de controle, formas de resistência ou, também, permitindo rupturas e transformação no seio de uma determinada coletividade.

Nesse sentido, atrelam-se ao universo das representações sociais, relações de poder, entendidas também como relações de força “produzidas, móveis, mutáveis”, [...] aumentando ou diminuindo a potência de agir” (TÓTORA, 2015, p. 37).

Por esse olhar, temos evidenciados aspectos centrais que se buscam nesse trabalho: a procura daquilo que a velhice nos dá a ver a respeito de nossa própria sociedade, com suas configurações, valores e normativas a partir dos discursos que se tecem sobre ela e suas representações.

Coordenadas que se postam como desdobramento das palavras de ordem que o tema faz circular, que se observarão, aqui, a partir de sua exposição midiática.

Além disso, quando consideramos a importância de conhecimento das representações sociais em torno dos idosos, o que os estudos levantados nos apontam também é que, como entes sociais, importa ainda observar como outros sujeitos ou grupos de sujeitos a eles implicados são apresentados ou se configuram.

Como mencionamos, aparecem associadas às representações sociais dos idosos, também a de outros agentes: a família, o poder público, cuidadores, profissionais de saúde, entre outros. Tratar da velhice dessa forma, implica então pensá-la como fato amplo, complexo heterogêneo e político, como espaço de disputas de poder e atribuição de hierarquizações e imposição de mecanismos de sujeição, como lugar sempre em relação.

É o que podemos ver em outras possibilidades de abarcá-la como objeto de campo, nos estudos que se desenvolvem em seu nome, para além de sua tomada como categoria demográfica ou fato de lei.

1.1.3 Outras abordagens na apreensão da velhice:

1.1.3.1 Da circunscrição pela medicina como objeto da ciência e seus desdobramentos para outros campos

Na tentativa de apreensão da velhice e do envelhecimento, vários campos de saber são implicados ou se implicam, imputando coordenadas para sua compreensão e modos de existência para os sujeitos.

Como afirma Debert, “a transformação do envelhecimento em objeto de saber científico põe em jogo múltiplas dimensões” e disciplinas que as abarcam. Cada uma delas, à sua maneira, contribui para definir a velhice como uma categoria autônoma, “com propriedades específicas, dadas naturalmente pelo avanço da idade, que exigem tratamentos especializados” (DEBERT, 2012, p. 32)²¹.

Tal realidade configura circunscrições que se efetuam em diretivas, sob distintos enfoques, reivindicando, para o espaço que abarcam, o status do verdadeiro sobre a velhice, o envelhecimento e seus sujeitos, o que faz desse *locus* um terreno de conflito, como também, de cooperação entre saberes.

É assim que se constituem diversas disciplinas que buscam impingir uma visão particular na organização do conhecimento sobre o tema (IACUB, 2001. p. 439).

Mas as disciplinas só se legitimam e se estabelecem quando satisfazem condições específicas, condizentes aos discursos dominantes de sua época, como nos lembra Foucault (2000). Assim, “cada discurso disciplinar é manejado ao redor de conceitos

²¹ Tal afirmação, refere-se à constituição do campo da gerontologia e é tomada pela autora de: LENOIR, R. “Object sociologique et problème social”. In: CAMPAGNE, P. *et alii* (orgs.) *Iniciation à la Pratique Sociologique*. Paris, Donod.

dominantes que nominam por sua vez os temas dominantes” (IACUB, 2001, p. 440, tradução nossa).

Isso é o que vemos acontecer no processo de construção das disciplinas e nos estudos sobre a velhice como especialidade científica, comumente atravessados por discursos da ordem do determinismo biológico, como diretiva da qual partem os conhecimentos mais sistematizados sobre a temática.

Na metáfora apresentada por Debert²², a constituição das disciplinas nos coloca diante de um percurso evolutivo “à maneira de camadas geológicas” (DEBERT, 2012, p. 31). Sob essa lógica, a tomada hegemônica que se impõem aos estudos sobre o envelhecimento está presente no seu percurso histórico, quando a base da conformação disciplinar desse vasto objeto se dá a partir de discursos pertencentes ao campo médico.

Entre os séculos XVII e XIX, Daniel Groisman relata que o corpo era compreendido como um organismo constituído por uma quantidade limitada de vitalidade que, em um processo gradativo, declinava com o passar dos anos. O adoecimento era visto como um fato inevitável da velhice, uma vez que “o indivíduo velho seria incapaz de sustentar o equilíbrio vital entre o corpo e o ambiente” (GROISMAN, 2002, p.69).

Ao longo do século XIX, essa visão da velhice passa a ser modificada, a partir do acompanhamento de idosos na França, reunidos em grandes asilos, de onde se destacam os trabalhos de Jean Marie Charcot, em Salpêtrière, maior asilo da Europa na época. A instituição “abrigava oito mil doentes, dos quais dois ou três mil eram pessoas de idade [...] tornou-se, portanto, fácil coligir dados clínicos a eles referentes” (BEAUVOIR, 1976, p.24).

A partir de tais pesquisas, propõem-se uma nova maneira de entender e tratar os pacientes idosos. A velhice passa a ser caracterizada não mais “como o resultado do avanço dos anos ou da diminuição da energia, mas de acordo com suas condições fisiológicas e anatômicas singulares” (GROISMAN, 2002, p.69).

Para Stephen Katz (1996, p.10), nessa época, o corpo envelhecido e a população idosa começam a ser a fonte primária para o desenvolvimento de um conhecimento sobre a velhice, “rompendo com um modelo secular, que via a doença como produto da relação do indivíduo com forças divinas ou cósmicas” (GIUSTI, 2014, p. 175).

²² Argumento extraído de LENOIR, R. Object sociologique et problème social. In: CHAMPAGNE, P. et alii (orgs.) *Iniciation à la Pratique Sociologique*. Paris: Dunod, 1989.

Pelo exercício da anatomia patológica, os médicos passam a buscar os sinais da doença em sua superfície, o que permite a ascensão de um discurso da senescência que distingue o corpo envelhecido do corpo jovem. (GROISMAN, 2002, p.69).

Ou seja, entre o século XIX e início do século XX, a tomada disciplinar do corpo como um sistema coerente de significados molda aquilo que se apresenta como aspecto diferencial para a representação de um sujeito da velhice (KATZ, 1996, p.26).

Constitui-se assim a identificação da velhice pela distinção científica entre essa e outras etapas da vida, isto é, surge a velhice circunscrita pelo saber médico (SILVA, 2008).

Dessa forma, a medicina se coloca como área legitimada para abordagem do envelhecimento, ao construir um objeto de saber sobre o qual passa a deter o poder de leitura e intervenção. Na constituição do objeto, (e pelo saber especializado na leitura do corpo como signo), o posicionamento de destaque no campo que demarca.

Para Silva, disso decorrem a “importância e a pregnância em termos de imaginário cultural da metáfora médica sobre a velhice, cuja principal consequência foi produzir a identificação entre velhice e doença”. Além disso, o olhar médico passa a “exercer forte influência social, definindo não somente o envelhecimento físico como também as representações sobre a maneira de envelhecer” (SILVA, 2008).²³

No contexto de um discurso marcado pelo determinismo biológico, o zoólogo Elie Metchikoff se notabiliza por pesquisas sobre imunidade em seres humanos e propõe, em 1903, a utilização do termo Gerontologia, (do grego *geron* = velho e *logia* = estudo) para designar o campo científico dos estudos sobre o envelhecimento humano, fortemente circunscrito pelo saber dominante da época. (NERI, 2014; GROISMAN, 2002; SILVA, 2008)

Tomando a velhice como “uma doença infecciosa que se manifesta por degeneração” (NERI, 2014, p. 190), a gerontologia se inicia assim limitada a uma visão do estudo do potencial prolongamento da vida, por meio de intervenções médicas, ainda

²³ A partir de LASLETT, Peter. **A fresh map of life: the emergence of the third age**. Cambridge: Harvard University Press. 1999.

que não fosse voltada o para o processo de envelhecimento (GROISMAN, 2002, p.74) (BEAUVOIR, 1976, p. 26)²⁴.

Em 1909, surge a Geriatria, (do grego *geron* = velho e *iatria* = tratamento clínico), termo introduzido, pelo médico vienese Ignatz Leo Nascher, visando a circunscrição de uma nova especialidade médica, sob o mesmo enfoque que atribui à velhice o caráter de doença progressiva.

O nome é utilizado como título de um artigo (*Geriatrics*), de 1909, em que Nascher defende a ideia de que a senilidade é um período distinto da vida, e, como a infância, deveria ser vista como especialidade ou ramo da medicina, a exemplo do que seu amigo, e também médico, Abraham Jacobi, defendeu e havia trabalhado em termos da pediatria (NERI, 2014; GROISMAN, 2002)²⁵.

Ou seja, esse é um momento em que se produz um corte transversal na medicina, pelo qual a patologia passará a ser pensada a partir da noção de idade (IACUB, 2001, 440). Tal abordagem relaciona-se ao pensamento moderno, que apresenta posições e papéis adequados para a realização de determinadas atividades ou funções, atrelados às “idades do homem”. Esse enfoque, pouco comum na época, além dos tratamentos pouco usuais utilizados por Nascher, faz com que seu lugar na medicina seja colocado em cheque (GROISMAN, 2002; IACUB, 2001; ACHENBAUM, 1995).

Apesar do risco de descrédito, ficam as bases de suas proposições, o que se observa quando Stanley Hall, em discordância à “ideologia da velhice como doença, propõe a existência de variações individuais independentes das diferenças etárias” e postula, entre outros aspectos, que “na velhice ocorre um aumento da variabilidade interindividual”, o que configura uma nova visada para os estudos sobre o envelhecimento (NERI, 2014, p.191).

²⁴ Beauvoir, comentando sobre o desenvolvimento da gerontologia até a década de 1960, afirma que esse ocorreu em “três planos: o biológico, o psicológico e o social”. Em todos estes três campos, a autora afirma que a gerontologia “se mantém fiel a um mesmo ponto de vista positivista: não se trata de explicar por que motivo se produzem os fenômenos, mas sim, de descrever suas manifestações, de maneira sintética e com a maior exatidão possível” (BEAUVOIR, 1976, p. 27).

²⁵ Sobre a instituição da geriatria como especialidade médica, Beauvoir (1976, p.25) conta que, em visita a um asilo em companhia de um grupo de estudantes, Nascher ouviu uma velha queixar-se ao professor de diversos distúrbios. Esse lhe explicou que sua doença era a idade avançada. ‘O que é que se pode fazer’ – quis saber Nascher – ‘Nada’. “Tão impressionado ficou com esta resposta que se consagrou ao estudo de senescência. Voltando a Viena, visitou uma casa de velhos; impressionou-se com sua longevidade e com seu excelente estado da saúde. – ‘É porque tratamos os pacientes idosos como os pediatras tratam as crianças’, explicaram-lhe os colegas. Aquilo levou-o a criar um ramo especial da medicina a que deu o nome de *geriatria*.”

Em um artigo intitulado "Senescencia"²⁶, Hall, em 1922, trata da velhice como um fenômeno multideterminado e, assim, adota uma abordagem mais ampla do que até então se fazia. Essa tomada inclui outras áreas do saber como a história, a antropologia ou psicologia (IACUB, 2001, p.440).

Ao longo do século XX, diversos outros fatores vão se somar como contribuições para a constituição de um olhar mais atento para a velhice como objeto de saber: desde mudanças demográficas envolvendo essa população, movimentos de grupos minoritários que começam a fazer pressões por maior participação e visibilidade social, novas condições econômicas provocadas pela industrialização e a propagação de uma ideia de bem-estar social que inclui, entre outros pontos, o benefício da aposentadoria.

É então, com a intensificação e difusão desses aspectos, que a constituição de estudos científicos mais consistentes em torno do envelhecimento ganha também maior visibilidade, a partir da segunda metade do século XX, no contexto pós-guerras.

Para Carmem Lucía Curcio Borrero, isso ocorre em meio ao estrutural funcionalismo, sob o enfoque das ciências sociais que supõem que os elementos de uma determinada estrutura social são interdependentes, o que faz com que a variação em algum deles tenha repercussão nos demais (BORRERO, 2010, p. 153).

No entendimento da sociedade como sendo um organismo biológico, em que suas partes precisam trabalhar de maneira integrada para que essa funcione de forma equilibrada, as mudanças na estrutura da idade passam a ser vistas como influenciadores de outras alterações (BORRERO, 2010, p. 153).

Sob essa ótica, para Borrero, as teorias do envelhecimento surgem para responder às implicações sociais, de saúde e econômicas relativas às mudanças demográficas, apresentadas como questões a serem enfrentadas de maneira pragmática, por meio de métodos de medição e desenvolvimento de trabalhos de cunho intervencionista, em detrimento de reflexões teóricas sobre o campo e sobre suas próprias suposições (BORRERO, 2010, p. 153).

Nessa seara, salienta a autora, os marcos de referência se estruturam a partir da biologia e da psicologia, mesmo diante da intersecção com outros campos. Os estudos desenvolvem-se a partir de problemas ligados ao envelhecimento: a geriatria, centrada na

²⁶ No título original: "Senescense, the last half of life" (NERI, 2014, p.191).

velhice como enfermidade ou sobre um modelo patológico e a gerontologia, focada em temas como “a pobreza, o abandono familiar e a exclusão social” (BORRERO, 2010, p. 153)

Por essa tomada, prevalecem ainda como modelos de velhice aqueles sinônimos de perda, declínio, deterioração e dependência, isto é, modelos que reúnem um conjunto de “situações problemáticas que exigem uma solução pronta e efetiva” (BORRERO, 2010, p. 154, tradução nossa).

Ou seja, ganha visibilidade e existência social ou pública, uma categoria de sujeitos vistos como decadentes e como problema público, para os quais se justifica um modelo de estudo e ação intervencionista, e que, entre outros aspectos, embasa uma “biomedicalização do envelhecimento” e abordagem do sujeito envelhecido a partir de um viés assistencial e excludente, por sua constituição histórica, em um terreno associado à inatividade, perda e deterioração (BORRERO, 2010, p. 154).

Neri, no entanto, lembra que é justamente entre as décadas de 1950 e 1960 que surgem “as teorias de curso de vida e estratificação etária, em Sociologia, que defendiam que as trajetórias evolutivas são socialmente construídas, e não determinadas biológica e psicologicamente” (NERI, 2014, p.192).

Segundo a autora, essas visadas, posteriormente, vão impulsionar outras mais amplas que defendem a possibilidade de desenvolvimento ao longo da vida e maior participação social dos idosos, a exemplo da teoria de Erik Erikson, que defende essa abordagem (NERI, 2014, p. 192).

O avanço no número de publicações e estudos sobre a velhice aumenta nesse período e em décadas posteriores, com ampliação de enfoques voltados para a socialização e maior compreensão das possibilidades de desenvolvimento para adultos de meia idade e idosos (NERI, 2014, p.192).

Assim, nos anos 1980, novas áreas de interesse são abertas, “geradas pelas necessidades sociais associadas ao envelhecimento populacional e à longevidade”.

As temáticas vão desde os “estudos para retardar e reverter as decorrências do envelhecimento patológico”, ao apoio de familiares que cuidam de idosos dependentes, às necessidades de formação de recursos humanos e de oferta de “oportunidades educacionais e ocupacionais para pessoas de na meia-idade” (NERI, 2014, p.193).

Nos anos 1990, a visão que busca positivar o envelhecimento começa a desenvolver-se com a defesa do paradigma *life span* a partir dos trabalhos do psicólogo alemão Paul Baltes e seus contemporâneos.

Defende-se por esse paradigma que “a trajetória das influências que afetam o desenvolvimento e o envelhecimento relacionam-se com as trajetórias de alocação de recursos nos diferentes momentos na vida” (NERI, 2014, p. 263), da infância à velhice.

O envelhecimento nessa abordagem é entendido como uma experiência heterogênea, “que pode ocorrer de modo diferente para indivíduos e coortes²⁷”, dependendo “da influência de circunstâncias histórico-culturais, de fatores intelectuais e de personalidade e da incidência de patologias”. Dessa forma, Baltes afirma a existência de “diferentes padrões de envelhecimento, raramente observáveis em estado puro” (NERI, 2014, p.265).

O pesquisador defende ainda que os ganhos e as perdas evolutivas são regidos pelos mecanismos de seleção, otimização e compensação (NERI, 2014, p 263). Por essa teoria, “os ganhos e as perdas evolutivas são resultantes da interação entre os recursos da pessoa com os recursos do ambiente, em um regime de interdependência” (NERI, 2006, p 21).

Nessa lógica, destaca-se a noção ou modelo de modelo de desenvolvimento bem-sucedido. Esse é elaborado por Baltes em parceria com sua esposa, Margret Baltes, e conhecido como modelo de otimização seletiva com compensação (NERI, 2006), apresentado como tão mais eficaz quanto mais se observarem e se aplicarem tais mecanismos ao longo do curso de vida dos sujeitos.

Esse posicionamento é defendido por meio de estudos sistemáticos, por vezes longitudinais, situados no espaço do discurso científico e na busca por demonstração objetiva da veracidade das proposições defendidas.

Dessa forma, a teoria do envelhecimento bem-sucedido, segundo Borrero, configura uma visão positiva, ativa e socialmente mais valorizada da velhice e do envelhecimento. Daí desenvolve-se também a noção de envelhecimento ativo – entendido

²⁷ Segundo Neri (2014, p.118): “As coortes eram unidades táticas da infantaria romana, grupos de soldados que se movimentavam juntos em direção a um objetivo. Na pesquisa psicológica e sociológica, o termo é utilizado metaforicamente para designar um conjunto de indivíduos cujas trajetórias de vida são baseadas numa agenda comum de experiências socioculturais, pelo fato de terem nascido num mesmo período histórico”.

como “o processo de otimização das oportunidades de saúde, participação e segurança, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas ficam mais velhas” (WHO, 2005)²⁸.

No entanto, esse modelo do desenvolvimento bem-sucedido (e também do desenvolvimento ativo) tem gerado críticas, por ser associado a uma abordagem da velhice sobre o enfoque biomédico, produto da investigação epidemiológica positivista, ainda que essa (a velhice) tenha passado a ser apreendida como um processo de construção social implicado em um dado contexto cultural, político e econômico (BORRERO, 2010, p.154).

Para Neri, por outro lado, o modelo levou ao fortalecimento da noção clássica, que depois se mostrou de novo fantasiosa, de que os investimentos científicos e tecnológicos garantiriam uma velhice sem perdas (NERI, 2006, p.18).

Esses posicionamentos, entre outros aspectos, levam a visadas mais críticas em relação aos estudos do envelhecimento, sob um olhar das relações de poder que são travadas nesse cenário.

Sob diversificados pontos de vista, se assentam argumentos como: a sujeição dos corpos pelos ideais de beleza; os preconceitos que ainda se reproduzem em larga escala contra os idosos; o apagamento do sujeito envelhecido diante de discursos dominantes de nossa época, entre os quais, discursos em nome da juventude, da rapidez, da agilidade e da novidade, entre outros aspectos.

Dessa forma, tais elementos formariam um conjunto que se estabelece em detrimento do humano que reside em nossas relações cotidianas, deixando de lado muitas das necessidades que um novo olhar para a velhice exige.

Por outro lado, mas também, sob um olhar mais crítico em torno das representações e forma de tratamento da velhice e outros grupos, afirma-se um posicionamento politicamente mais engajado, ao que se observa a constituição da velhice como minoria.

²⁸ World Health Organization Envelhecimento ativo: uma política de saúde / World Health Organization; tradução Suzana Gontijo. – Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005. 60p.: il. Título original inglês: Active ageing: a policy framework. WHO/NMH/NPH/02.8 ISBN.

1.1.3.2 Minorias, aposentadoria e novos desdobramentos para o campo

Ainda no decorrer do século XX, de forma paralela ao que se relatou e compondo um cenário social ainda mais amplo, salienta-se o contexto marcado por movimentos de empoderamento dos grupos tidos como minorias sociais, que passam a se fortalecer. Esses grupos defendem e reivindicam novo posicionamento social e novas imagens sobre si (IACUB, 2001, p.441).

Como afirma Neri, entre as influências para os estudos da área encontram-se “movimentos sociais americanos, envolvidos com a defesa dos direitos das minorias, entre eles as mulheres e os idosos” (NERI, 2006, p.18).

Tais movimentos contribuem para a ocorrência de estudos sistemáticos voltados para a “identificação dos elementos responsáveis pela satisfação na meia-idade feminina em face das perdas do envelhecimento, e, também, para à investigação dos elementos associados a uma velhice saudável e ativa em homens e mulheres” (id.).

Nesse contexto, um discurso que deixa de falar exclusivamente do ponto de vista médico passa a ser enaltecido (IACUB, 2001, p.441) e novas profissões são valorizadas, sob a tônica de maior satisfação pessoal e de possibilidade de uma experiência saudável e ativa na velhice (NERI, 2006, p.18), a exemplo da sociologia, da psicologia, demografia, antropologia e serviço social, entre outros domínios.

As economias em expansão levam ainda à instituição da aposentadoria, dentro da lógica de um estado de providência ou de uma política de bem-estar social (IACUB, 2001).

Em tal cenário, soma-se a ascensão de uma ideia de cidadania que, por um viés liberal (DAGNINO, 1994, p. 107), passa a ser defendida como aspecto inerente à participação social e ativa dos sujeitos que devem ter assegurados direitos nos âmbitos civil, político e social. (MARSHAL, 1967).

Esse último, abrangendo desde o direito a um mínimo de bem-estar econômico, assistência médica, garantia de renda mínima, até a segurança ao direito de participar da herança social, de acordo com os padrões prevalecentes na sociedade. (MARSHALL, 1967, p. 62-64).

Observa-se um movimento multifatoriado que – sob ângulos e vieses distintos – contribui para a disseminação do benefício da aposentadoria, de forma paulatina, até que

essa se torne institucionalizada e oferecida como benefício que abrange diversas camadas da população²⁹.

Sem entrar nos embates que o tema hoje suscita em termos de sua viabilidade e manutenção, o fato é que a instituição da aposentadoria, ainda que ocorrência relativamente recente, passa a figurar como um marco de transição entre a vida adulta e a velhice inicial (NERI, 2014; MUCIDA, 2012).

Essa etapa é muitas vezes almejada, mas, como qualquer outro evento de transição no curso de vida, a aposentadoria implica em mudança de papéis, de *status* e em revisão pessoal (NERI, 2014).

Para alguns autores (KATZ, 1996; SILVA, 2008) a aposentadoria torna-se fundamental para a construção da velhice como categoria social, somada à circunscrição de campo pelo saber médico. Essa contribui para a conformação da velhice como segmento que necessita de amparo do Estado e que se torna destinatário de políticas públicas protetivas, mas também, passa a ser um segmento detentor de direitos específicos.

Assim, resultante do processo de industrialização, “a criação de pensões foi uma resposta às modificações e aos problemas surgidos ao longo dos séculos XIX e XX” (SILVA, 2008).

Inicialmente, visava-se atender a demanda de camadas operárias que envelheciam e já não ofereciam o mesmo vigor para a produtividade, ou que decaíam em termos de produtividade. Posteriormente, o benefício amplia-se para outros segmentos da população, incluindo classes de poder aquisitivo mais alto e interesses mais difusos, como a classe média por exemplo (SILVA, 2008).

Em termos materiais e simbólicos, por um lado, a aposentadoria se insere como um aspecto relevante quanto à seguridade social para pessoas idosas, seja do ponto de

²⁹ No seu percurso histórico, o benefício da aposentadoria foi proposto inicialmente pelo chanceler alemão Otto von Bismarck, em 1884, como um seguro social para os idosos e para os inválidos, que foi aprovado pelo parlamento alemão em 1889. A ideia é seguida pela Áustria e Hungria e, a partir de 1920 torna-se uma realidade disseminada para outros países da Europa (NERI, 2014, p. 23). No Brasil, a história da aposentadoria se desenvolve a partir de categorias. Em 1888, é regulado o direito à aposentadoria dos empregados dos Correios, em 1923, é criada uma “Caixa de Aposentadoria e Pensões” para empregados das empresas ferroviárias, e, em 1933, é criado o Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Marítimos, os dois últimos, considerados pontos de partida para a Previdência Social (NERI, 2014, p. 23-24). Até hoje a diferença entre categorias condiciona o oferecimento do benefício no país, repondo desigualdades econômicas e sociais também nesse âmbito.

vista de fornecimento de uma renda vitalícia, como de uma maior liberdade e independência.

Por outro lado, tal benefício pode reforçar um valor simbólico negativado e o acento da velhice como um momento de reclusão e confinamento familiar ou institucionalizado, em uma sociedade que toma o trabalho remunerado ou a continuidade na vida profissional tradicional com um valor e sinônimo de participação social.

Nesse sentido, sua relevância para a afirmação de uma determinada abordagem da velhice relacionada a um momento de inatividade é ressaltada por Luna Rodrigues Freitas Silva (2008). Não apenas destinada àqueles que contribuíram por longos anos em uma jornada laboral, mas também, como política voltada aos incapazes de trabalhar e garantir seu próprio sustento, a aposentadoria repõe a ideia da velhice dos trabalhadores associada à invalidez e à incapacidade de produzir.

Em um enfoque de crítica ao capitalismo, a aposentadoria é tomada por Silva (2008), como estratégia que visa “assegurar aos patrões a manutenção da disciplina e da rentabilidade do trabalho”.

Para Ângela Mucida, a aposentadoria seria, ainda, e sob outro enfoque, um momento de ruptura com determinados laços sociais que pode ter importantes efeitos sobre alguns sujeitos:

“Alguns a tomam como o *fim da vida ativa*, e tais significantes têm, por vezes, efeitos devastadores sobre o sujeito, pois o trabalho constitui uma fonte importante de laços sociais diversos, bem como de criação e de sublimação[...] Por conseguinte [...] não podemos esquecer que *aposentado* é um significante com ressonâncias sempre negativas, associando-se ao que não serve mais, passou do tempo e, inclusive, à morte do desejo” (MUCIDA, 2012, p. 34) (grifos da autora).

Ainda por uma tomada de aspectos negativos relacionados à aposentadoria, a autora afirma que essa pode significar, então, perda de prestígio e poder. Falando do ponto de vista da psicanálise e na defesa de uma clínica para o sujeito que envelhece, a autora afirma que, desse ponto de vista, a aposentadoria pode ocasionar “uma ferida narcísica grave e um desinvestimento em si mesmo, precipitando a formação de sintomas” de ordem somática (MUCIDA, 2012, p. 36-37) ao que se deve dedicar atenção, uma vez que “todo sintoma atualiza a verdade do sujeito (id.).

Para Mucida, a aposentadoria ainda se apresenta como processo discriminatório que pode levar à segregação, entendida como “uma via de tratar o insuportável”, buscando a exclusão daquilo que se coloca como diferente de um modelo hegemônico padrão

(MUCIDA, 2012, p. 85), isto é, de um modelo que atribui aspectos identitários dos sujeitos à sua capacidade e posição no trabalho formalizado e de viés produtivista (SILVA, 2008).

Ressalta-se daí então que, sustentados socialmente pela atuação laboral, parando de trabalhar, os sujeitos perdem identidade. Para além da crítica a uma visão do trabalho como face reprodutora de um modo de produção específico, a questão torna-se tão mais profunda para os sujeitos quanto maior for sua identificação com a atividade exercida, caso não consigam canalizá-la de outra forma na aposentadoria.

Considerando o exposto, podemos complementar com Eliana Novaes Procópio de Araújo, quando afirma que a aposentadoria expõe uma ambivalência, pois se é uma conquista por meio do trabalho, também é marginalizada, quando apresentada como um período de decadência e ainda como um peso para os mais jovens, que são colocados no papel de quem deve sustentá-la (ARAÚJO, 2018).

Por essa ótica, a aposentadoria passa a ser vista como um período de inatividade profissional e de exclusão do mundo dito produtivo, “ao invés de ser o auge do bem-estar psicossocial” (ARAÚJO, 2018).

Esse aspecto se acentua com as constantes discussões acerca da oneração do sistema previdenciário. Ainda que seja necessária a revisão desse sistema, como vários especialistas apontam, (SIMÕES, 2016; NERI, 2014; CAMARANO & PASINATO, 2004, entre outros).

Pela forma como o tema tem sido exposto, os idosos passam a encarnar a figura do mal que assombra o déficit dos cofres públicos, como se o aumento da população que envelhece fosse a principal ou única variável relacionada à questão.

Na visão de Neri, a aposentadoria pode ainda contribuir para reforçar estereótipos compassivos, ao se apresentar como demanda protecionista, focalizada no amparo a uma população idosa à qual se atrelam os sentidos de dependência, incapacidade e ausência de poder político (NERI, 2014, p. 29).

Por outro lado, mais recentemente, tal benefício, tem sido atrelado, de forma oposta, como elemento que tem contribuído para um lugar de maior poder dos idosos na sociedade e em círculos parentais, como fonte de renda significativa no sustento das famílias. (MAIO, 2016; CAMARANO & PASINATO, 2004)

Em um cenário marcado por períodos cíclicos de crise econômica, um número crescente de filhos adultos tem se tornado dependente de recursos de seus pais idosos, o que tem feito com que as transferências de apoio intergeracionais, no Brasil, estejam assumindo cada vez mais um caráter bidirecional.

Aos rendimentos da aposentadoria ou pensão, soma-se a posse de casa própria, o que mantém o idoso, mesmo que em uma situação de dependência, em uma condição de poder no seio da família (CAMARANO e PASINATO, 2004, p. 10).

Nesse contexto, além de importante benefício para a conquista de condições materiais mais dignas na velhice, a instituição da aposentadoria permite a constituição de um novo contingente de pessoas.

Essas passam a se posicionar como sujeitos de direito “cujo reconhecimento lhe(s) permite reivindicar benefícios em nome de uma categoria”, isto é, configura-se sua inscrição como ente coletivo, detentor de um espaço social e cujas demandas tornam-se também relativas à esfera pública (SILVA, 2008). E, mais, a partir de então, forma-se um agrupamento de pessoas que passa a dispor de maior tempo livre.

A esse cenário associa-se o surgimento de um espaço diferencial no contexto do envelhecimento: a categoria da ‘terceira idade’ (IACUB, 2001, p. 441; Silva, 2008).

1.1.3.4 Subdivisões em torno da velhice: as terceira e quarta idades

A fala de Neri ilustra bem os desdobramentos dessa segmentação no terreno da velhice e do envelhecimento.

Mais do que uma renomeação, o surgimento da ‘terceira idade’ é apresentado como uma grande transformação na representação dos idosos, em virtude de uma modificação da sensibilidade investida sobre a velhice, o que acabou gerando profunda inversão dos valores a ela atribuídos (Silva, 2008).

A fala de Neri ilustra bem as implicações dessa segmentação, quando identifica que

A emergência de um novo grupo etário é comumente acompanhada de uma ideologia, dá origem a necessidades e oportunidades sociais inéditas, condiciona o aparecimento de novas políticas e práticas sociais e abre espaço para a criação de novas instituições e organizações sociais (NERI, 2001, p. 20).

Para além da referência a uma idade cronológica, essa expressão passa a ser uma forma de tratamento das pessoas de mais idade que carrega uma conotação mais positivada do período da velhice (DEBERT, 2012, p. 138), uma vez que essa ‘nova’ velhice passa a significar, também, “o momento de lazer, propício à realização pessoal que ficou incompleta na juventude, à criação de novos hábitos, *hobbies* e habilidades e ao cultivo de laços afetivos e amorosos alternativos à família” (SILVA, 2008).

Tal circunscrição pauta-se também pelos discursos da teoria de Atividade.³⁰ Esta abre um novo registro de saúde que, segundo Iacub, independentemente da profundidade de seus enunciados, “conformará uma nova identidade do velho, que desestabilizará representações do mesmo associado ao marco familiar e em uma atitude de retração social, promovendo outra de reintegração e uma noção de “envelhecimento positivo”. (IACUB, 2001, p.442)

Nesse registro, proliferam-se as ofertas de múltiplos profissionais e serviços.

Para que houvesse consonância entre as demandas crescentes e as ofertas dos serviços especializados, requisitou-se o conhecimento de especialistas de ciências humanas que pudessem identificar e descrever com mais precisão as condições de vida e os desejos desses sujeitos. As necessidades psicológicas e culturais passaram a ganhar destaque, estimulando o surgimento das universidades e dos espaços de convivência específicos para a terceira idade. Tais especialistas contribuíram para a consolidação de um estilo de vida específico, baseado em um repertório de condutas e em uma linguagem inéditos que influíram na formação da nova identidade etária (SILVA, 2008, p. 163).

Essa realidade contribuirá mais uma vez, para a afirmação da velhice como grupo social minoritário que reivindica com mais intensidade um novo lugar na sociedade,

³⁰ A teoria da atividade encontra-se entre as grandes teorias sociológicas do século XX que influenciaram o campo dos estudos e práticas em torno do envelhecimento. Segundo DOLL et al. (2007), essa abordagem situa-se em uma perspectiva *life span*, isto é, de desenvolvimento ao longo da vida e em uma noção de envelhecimento bem-sucedido como resultado da manutenção, pelo maior tempo possível, das atividades iniciadas na meia-idade pelos sujeitos e de que estas, quando necessário, seriam substituídas por outras atividades compensatórias. Destaca-se aí também a importância da imagem social da velhice na sociedade e a ideia de satisfação na idade madura e velhice condicionada ao manter-se socialmente ativo. A teoria é desenvolvida em contraponto à teoria do desengajamento, que preconiza que, na velhice, haveria um movimento natural de afastamento pelos sujeitos das atividades sociais, entendido também, de maneira funcionalista, como um aspecto importante para o equilíbrio social, na abertura de espaços para sujeitos mais jovens. Apesar dos direcionamentos opostos, ambas as teorias são baseadas no estudo “A Kansas City Study of Adult Life”, desenvolvido pela Universidade de Chicago, que acompanhou 279 pessoas entre 50-90 anos, no período entre 1955 e 1962 (DOLL et al., 2007), e, em que pesem críticas diversas a ambas, coordenadas em torno delas repercutem ainda em nossos dias em estudos, políticas e práticas voltadas aos idosos e também a outras parcelas da população.

menos estereotipado e no registro dos discursos dos direitos humanos, ao que se associa o conceito de *empowerment* (IACUB, 2001, p.442).

O termo é traduzido como empoderamento e sua inscrição baseia-se na defesa de “uma força alternativa que enfrente os mitos de dependência das pessoas velhas”. (IACUB, 2001. p. 442, tradução nossa).

À conformação da velhice como ‘terceira idade’ atrela-se assim à noção de um novo sujeito, socialmente ativo e engajado, que poderia usufruir do tempo livre, conquistado pelo trabalho de toda uma vida.

Para além de um viés político, esse sujeito é aquele que se encontraria em uma fase de maior liberdade das demandas do mundo, propícia à reinvenção e retomada de si e de projetos não realizados até então (GOLDENBERG, 2015, p. 26).

No entanto, inscritos no passado de cada um, tais projetos retornariam muitas vezes como palavras de ordem, e exigências a serem realizadas nesse novo momento de vida.

Por outro lado, vemos reforçados discursos que buscam validar a noção de que a velhice é bela ou de uma “bela velhice”, nas palavras de Mirian Goldenberg (2015). Para a autora, a esse enfoque associa-se a ideia da existência de sujeitos que passam a agir não mais por dever, mas em relação àquilo que se oferece como possibilidade, isto é, agentes que detém o poder de escolha sobre o próprio envelhecimento, livres das convenções ou deveres de ordem externa a si (GOLDENBERG, 2015, p. 18).

Por essa visada, quando se chega na velhice, o trabalho, o estudo, as atividades cotidianas, as amizades, o cuidado dos outros não seriam mais obrigações a serem cumpridas. Seriam escolhas livres, em um tempo não mais regido por imposições sociais ou familiares (GOLDENBERG, 2015, p. 18).

Como se acessível a todos, a bela velhice seria então, na visão da autora,

[...] o resultado natural de um ‘belo projeto de vida’, que pode ser construído desde muito cedo, ou mesmo tardiamente, por cada um de nós. A beleza da velhice está, exatamente na sua singularidade, nas pequenas e grandes escolhas que cada indivíduo faz ao buscar concretizar o seu projeto de vida” (GOLDENBERG, 2015, p. 18).

Por outro lado, e no registro do discurso biomédico e da psicologia, reforçam-se estudos que diferenciam, no contexto do envelhecimento, o período da ‘terceira idade’ de outro, posterior, bastante distinto. De uma velhice atuante e inovadora, com participação

social ativa, característica da ‘terceira idade’, adiciona-se agora a noção de uma ‘quarta idade’, cuja imagem e representação passa a associar-se mais à visada anterior, tradicional da velhice, por um viés organicista e declinante.

A ‘quarta idade’ seria descrita como um momento de perda, dependência e declínio progressivo e irrecuperável, assombrada pelo aumento das evidências científicas e discursos em torno de doenças de declínio cognitivo e mental.

Baltes e Smith (2002) apresentam estudos que inauguram a marcação diferencial entre esses momentos: o primeiro, configurado como um período de grande aumento na longevidade e na qualidade do envelhecimento humano, especialmente na velhice inicial, aquela da ‘terceira idade’ ou fase do ‘idoso-jovem’³¹, como também nomeiam.

O segundo, o da ‘quarta idade’, apresentada também como a dos ‘velhos-velhos’ ou da ‘velhice avançada’ indicaria uma época para os indivíduos em que as perspectivas de sobrevivência residiriam no acento de uma vida de perdas evolutivas.

Assim, os autores defendem que é preciso reconhecer as duas faces do envelhecimento humano: a do ganho, mas também a das perdas.

Baltes e Smith justificam dessa forma a distinção entre ‘terceira e quarta idades’, referenciadas em mudanças evolutivas que não estão associadas necessariamente à idade cronológica, mas como “expressões fenotípicas do envelhecimento”, o que quer dizer que estão sujeitas a uma dinâmica de evolução e variação (BALTES & SMITH, 2002).

O ponto que marcaria a transição da ‘terceira’ para a ‘quarta idade’ é assim também variável. Define-se segundo parâmetros demográficos em uma visada e segundo critérios individuais, em outra.

Nos países desenvolvidos, no primeiro caso, o ponto chega a 85 anos. Pela tomada dos critérios individuais, que visa “estimar a máxima duração da vida de um indivíduo, e não a média da população”, há uma variação muito grande do ponto de transição para a ‘quarta idade’, (que pode ser, por exemplo 60 para alguns e 90 para outros, conforme os autores) uma vez que a máxima duração da vida de um indivíduo pode chegar até cerca de 120 anos. Baltes e Smith (2002), lembram também que em países em desenvolvimento os índices são mais precoces.

Com base em estudo desenvolvido na cidade de Berlim, Baltes (1997) menciona achados que demonstram a intensificação do declínio em estágios de velhice avançada.

³¹ Tal caracterização, segundo os autores é decorrente de uma “poderosa coalizão” formada pela ciência gerontológica, por políticas sociais e pelos avanços culturais, médicos e econômicos, o que afirmam tomando por base países desenvolvidos (BALTES & SMITH, 2002).

Entre os ‘velhos-velhos’, se apresentariam riscos muito mais altos de doenças disfuncionais do que entre os idosos jovens. Entre essas, as doenças de ordem mental são mencionadas com ênfase, como problema extremamente relevante.

No estudo, a doença de Alzheimer é apresentada como a condição que os idosos mais temiam, uma vez que sua manifestação está geralmente associada à perda da dignidade humana e declínio progressivo³² (BALTES, 1997, p. 377).

Chama a atenção a intensidade da progressão da doença, à medida do avanço da idade, no universo pesquisado: entre os participantes com 70 anos, apenas 2-3% eram portadores de Alzheimer, índice que se amplia para 10- 15% na faixa daqueles entre 80- a 90 anos, atingindo cerca de 50% para a faixa daqueles com 90 anos (BALTES, 1997, p. 377).

Pelo exposto, de forma ampla, pode-se dizer que, em um cenário tão múltiplo apresentado em nosso contexto atual, em que novas imagens da velhice tornam-se ativas na revisão dos estereótipos pelos quais o envelhecimento é tratado, desestabilizando imagens culturais tradicionais” (DEBERT, 2012, p. 65), soma-se ainda esse patamar difuso da quarta-idade.

Nele, a velhice passaria a adquirir toda uma carga, sob o signo do declínio, da fragilidade, dependência e indignidade, reforçando estereótipos e um discurso de distanciamento cada vez maior dessa velhice tardia, para a qual caminhamos todos nós, sem preparo, nem amparo efetivo, uma vez que somos trabalhados para não envelhecer jamais. Afinal, “velhos são os outros”.

Nesse cenário, complexificam-se as questões em torno dos aspectos identitários relativos a idades avançadas e a uma tentativa de diferenciação em relação a tomadas da velhice relacionadas a doenças e ao declínio físico e cognitivo.

É o que demonstra o levantamento nacional “Idosos do Brasil”, realizado em 2006,³³ visando investigar o imaginário social do país acerca da velhice.

Na pesquisa, a sensação da velhice passa a ser partilhada de forma gradual:

[...]sentem-se idosos apenas um terço dos que estão entre 60 e 64 anos (31%); pouco mais da metade dos que estão entre 70 e 74 anos (53%); e cerca de sete em cada 10 idosos que estão com 80 anos ou mais (71%).

³² No Brasil, a Associação Brasileira de Alzheimer tem trabalhado a temática, no apoio a familiares e portadores da doença, por meio de diversas ações e reuniões mensais <http://www.abraz.org.br/>

³³ NERY, A. L. (org.) *Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo/ SESC, 2007.

Mesmo neste segmento dos mais velhos, ainda 28% afirmaram que não se sentem idosos” (BONKANY & VENTURI, 2007, p.26).

Como conclui Neri, na velhice “não nos reconhecemos velhos e, à medida que envelhecemos, tendemos a fixar em idades cada vez mais avançadas aquela que marca a entrada na última fase do ciclo vital (NERI, 2007b, p. 34) ”³⁴.

No entanto, ainda que a percepção da chegada da velhice mostre-se associada a aspectos negativos, nessa pesquisa (BONKANY & VENTURI, 2007, p.26), a maioria da população idosa respondeu que se sente bem em relação à idade que têm: 69% dos idosos entrevistados³⁵ estão satisfeitos ou felizes, com disposição para seus afazeres e ânimo e vontade de viver.

Por outro lado, as marcações em torno do tempo da velhice ampliam-se também para uma linha inferior de idade. Se a velhice em lei se inicia aos 60 anos em nosso país, observam-se várias iniciativas cujos discursos associam como integrantes dessa faixa etária pessoas acima de 50 anos, ou os 50+.

Em relação à segmentação do mercado, por exemplo, essa é linha de corte para classificar o consumidor como idoso (CASTRO, 2017, p. 45).

Assim, pode-se dizer que, simbolicamente, o tempo da velhice está cada vez mais ampliado, em uma sociedade feita para jovens. Ou, paradoxalmente, o tempo da velhice alarga-se e reduz-se ao mesmo tempo.

Sob a tônica de um discurso da juventude o período da velhice amplia-se quando, socialmente, passam a ser consideradas velhas pessoas com 50 anos ou mais e, reduz-se, quando, sob o discurso da ‘terceira idade’ e sob novas representações, a velhice se institui como um tempo que está cada vez mais distante de ser alcançado pelos sujeitos, independentemente da idade.

“Como um porvir tão longínquo, que nos afigura irreal” (BEAUVOIR, 1976, p.9). Podemos dizer também que esse distanciamento simbólico em relação à velhice se acentua por um olhar que a identifica como fase do declínio e perdas, atrelada agora ao lugar apresentado pelo discurso de uma ‘quarta-idade’, diante de um grupo de

³⁴ Pelo levantamento, 52% das mulheres e 55% dos homens idosos disseram não se sentir velhos. Entre jovens de 16 a 24 anos, a média para a idade que marca o início da velhice foi em torno dos 66 anos; entre adultos de 25 a 59 anos, foi de quase 69 anos e, entre idosos de 60 anos ou mais, a média tomada como idade em que se chega a velhice foi de cerca de 70 anos. (Neri, 2007 b, p.34).

³⁵ A pesquisa teve como objetivo central, “investigar o imaginário social brasileiro sobre a velhice, com vistas a subsidiar o debate em torno das políticas públicas (ou sua ausência) para os idosos” Foram entrevistadas pessoas acima de 15 anos. A amostra foi probabilística, composta de 3.744 entrevistas estratificadas em dois subuniversos: 2.136 indivíduos com 60 anos ou mais e 1.608 indivíduos da população jovem e adulta (16 a 59 anos). Foram realizadas em 204 municípios pequenos, médios e grandes nas cinco macrorregiões do país, como alguns dos aspectos metodológicos que a envolveram e demonstram a grandeza e representatividade do estudo.

características bastante distintas, que se configura com a insurgência entre a maturidade e essa velhice tardia, ou seja, o grupo dos idosos ativos da “terceira idade”.

1.1.3.5 O envelhecimento pela psicanálise, o mercado e a velhice nas mídias

Do que se colocou até aqui, soma-se ainda um outro olhar sobre o envelhecimento e a velhice: aquele conferido pela psicanálise, apoiado na lógica da existência de um sujeito do inconsciente.

Sob essa tomada, Mucida defende a noção de que o sujeito não envelhece, uma vez que, ao se tratar da realidade psíquica, não existe diferença entre um fato passado e um atual. O que se torna relevante aí “é a forma como o sujeito se coloca frente à falta do Outro³⁶ e sua relação com o desejo” (MUCIDA, 2012, p. 18).

Sob esse enfoque, o sujeito não envelhece e desconhece o tempo. O intemporal do inconsciente é a realidade em que se inscreve o humano e é a base para se pensar a velhice como um momento que “importa ao sujeito a criação de novas formas de atualizar seu passado, enlaçando-o ao futuro.

Ou seja, nessa perspectiva, a velhice demanda um novo entrelaçamento do tempo, em que ao tempo atual se faz permitido atualizar o tempo passado, com outras perspectivas para o desejo. (MUCIDA, 2012, p. 18).

Observa-se assim a necessidade de reorganização interna do sujeito, não por meio de um “projeto de vida” imperativo, como apresenta Goldenberg (2015), em uma tomada da velhice por um viés tido como positivo. Mas, na amplitude das transformações que a vida lhe implica, ao longo da experiência humana, que é única para cada um que a vivencia.

Cada um envelhece apenas de seu próprio modo, e não existe uma velhice natural, mesmo que exista um corpo que envelhece e uma pessoa que se torna mais idosa. Esse ‘destino pessoal’ traçado na velhice é

³⁶ O Outro, na teoria psicanalítica é um conceito bastante complexo, desenvolvido por Lacan. De maneira bastante reduzida ou sintética, pode-se entendê-lo com um lugar de demanda para o sujeito, como o “locus do simbólico, e, portanto, como o locus dos significantes, inclusive dos significantes recalçados que retornam ou não para o sujeito”. (LE MOS, 2011) Ou seja, O lugar do Outro, lugar do simbólico, é entendido na lógica lacaniana como um locus que oferece significantes aos quais se submete o sujeito para sua inscrição no mundo. No entanto, o seu ser “não pode ser totalmente coberto pelo sentido dado pelo Outro: há sempre uma perda” (BRAUER & BRUDER, 2007, p. 515), de onde instaura-se o desejo na ânsia por supri-la. O objeto a aparece então como aquilo que singulariza o sujeito, pois conota a especificidade de seu desejo (ibid, p. 519) na busca pelo tamponamento dessa falta primordial, que, no entanto, por princípio nunca se supre.

completamente singular, e cada um inscreverá determinada forma de gozar que lhe é própria. (MUCIDA, 2012, p. 40).

Nesse processo, como defende Mucida, a partir da psicanálise, a velhice, em sua complexidade, torna-se uma realidade difícil de se encarar. Ela nos faz deparar com o real da finitude e o real da castração, ou, a reatualização da castração diante daquilo que não se pode mais recuperar, pela realidade dos limites que passam a se apresentar de maneira efetiva, e não mais como elemento futuro.

Lembramos aqui da afirmação contundente de Beauvoir, que associa a velhice a um momento revelador de um vazio existencial, marcado por um sentido deslocado da vida, em resposta a exigências de uma estrutura social indigna. Nas palavras da autora:

A tragédia da velhice representa a condenação radical de um sistema de vida mutilador: um sistema que não oferece à imensa maioria de seus componentes o menor incentivo para viverem. O trabalho e o cansaço mascaram esta ausência, mas ela se revela no momento da aposentadoria. É muito mais grave que o tédio. Ao se tornar velho, o trabalhador já não encontra lugar na Terra porque, na realidade, nunca lhe foi concedido lugar algum: êle, simplesmente não havia tempo de o perceber [...] Em nenhum outro aspecto se manifesta de maneira tão aberta a indecência da cultura que herdamos” (BEAUVOIR, 1976, p. 311).

A dificuldade do contato com a velhice aparece também, para Mucida, quando essa se apresenta como um outro de nós, aquela em que não nos reconhecemos, mas que nos habita, ao que se aproxima, como afirma ela, à noção freudiana de Unheimlich – estranho familiar - um duplo da imagem do sujeito, um estranho “que tece uma determinada cadeia com a fantasia” passando de, “*um estádio em que o duplo tinha um aspecto mais amistoso*” mas que transforma-se em horror, após o recalque. Negação em que o velho passa a ser sempre o Outro, “no qual não nos reconhecemos” (MUCIDA, 2012, p.16) (grifo da autora).

Esse estranho, associa-se “ao desamparo, à repetição, aos futuros não cumpridos, à queda da onipotência do pensamento, à angústia ([...] quando a falta falta), ao assustador e à morte. Tudo isso não é estranho à velhice”.

Mais ainda,

Falar da velhice incomoda porque expõe o limite ao qual *todos* nós somos submetidos. Falar da velhice desacomoda, exigindo certa acomodação dos traços e dos restos advindos pelas perdas, pelas mudanças da imagem e na relação com o Outro. A velhice exige novas transcrições e traduções. Ela desacomoda muitos ‘restos’ deixados em qualquer canto à espera de um *tratamento possível*; desacomoda a procrastinação, desacomoda os futuros não cumpridos – mas que gostaríamos de realizar - , desacomoda a ideia de imutabilidade ou de permanência, desacomoda os ideais e as certezas nas quais todo sujeito busca se alojar. A velhice desacomoda,

incomoda, principalmente nesse mundo permeado pela máscara do novo (MUCIDA, 2012, p.16) (grifo da autora).

Sob esse olhar de uma velhice que incomoda, num mundo permeado pela máscara do novo, somam-se, segundo Mucida, (2012, p. 80), o discurso da ciência e o discurso capitalista ou do mercado.

Nessa abordagem, lugar de destaque é atribuído ao “mais-de-gozar”³⁷, expressão lacaniana, relacionada à busca incessante da satisfação de nossos desejos ou efeito de satisfação. Esse efeito advém dos objetos, oferecidos no mundo atual, em grande parte, na profusão do mercado que agora encontrou o segmento ou categoria dos idosos:

“a velhice, apesar de postar-se como aquilo que faz furo à cultura do novo, escancarando a castração sob diferentes maneiras, tornou-se também um novo mercado: *seja sempre jovem, menopausa sem medo, a melhor idade com juventude*. O mercado e a ciência ocupam-se da velhice da mesma forma como se ocupam de tudo aquilo que expõe o real, tentando escamotear os furos no encontro prometido do sujeito com o objeto de seu desejo” (MUCIDA, 2012, p.78) (grifos da autora).

Nesse nicho que se expande, a “ideia de uma ciência que possa responder ao real, calcando-o, persiste sob diferentes ilusões e promessas” (MUCIDA, 2012, p.79).

Encontramo-nos, pois, diante do domínio das exigências desenfreadas, no qual se inscreve a nova ordem social, comandada pela oferta de objetos destinados a atender imaginariamente a toda espécie de desejos dos sujeitos. “O paradoxo é que, articulados numa produção em série, esses objetos são produzidos como se oferecidos especialmente para cada sujeito em particular: [...]” (MUCIDA, 2012, p.79).

É assim que, na contemporaneidade, esse objeto de desejo, “esse objeto da pulsão, inalcançável, transveste-se de diferentes objetos que, mascarando a inexistência de um objeto adequado ao desejo, vendem a ilusão de que o objeto do desejo existe sob a forma dos objetos produzidos pelo mercado” (MUCIDA, 2012, p. 74).

Por outro lado, na lógica mercantilista atual, os objetos, mais do que seu valor de uso, adquirem valor de troca, ou seja, o valor de uso é convertido no valor de troca, na busca incessante ao atendimento do imperativo do mais-de-gozar.

³⁷ O conceito “mais-de-gozar” é cunhado por Lacan, em analogia à teoria marxista da “mais valia”: “na produção há uma parte que sempre excede e é extraída das mãos de quem a produz, o trabalhador”. A esse escapa sempre um excedente produzido por seu trabalho, o que implica a alienação em relação à produção. Assim também no “mais-de-gozar” (ou objeto a) “persiste também uma alienação do sujeito à forma de gozo. Situando-se na dimensão da perda [...] o mais-de-gozar impõe sempre uma tentativa de recuperação” (MUCIDA, 2012, p.73), cujo desfecho é novamente o retorno à dimensão do desejo, ou seja, à falta.

Tal lógica, inscrita nos domínios do desejo, situa-se, por isso, em uma dimensão em que o processo de significação falha, “o mercado faz da metonímia do desejo uma metonímia de ‘novas formas’ de gozar”: um objeto, depois mais um novo e, assim, sucessivamente, objeto após outro, configura-se um caminho sem desfecho, sem ponto de basta que o permita aplacar.

Dessa maneira, a união entre mercado capitalista e ciência faz casamento singular na validação do novo como imperativo, desde ao que tange os objetos produzidos pelo mercado, quando à “imagem e decapitação da história”, na produção de uma obsolescência constante. (MUCIDA, 2012, p. 81).

Em um tempo marcado pela obsolescência planejada, os períodos em que o novo se torna velho encontram-se cada vez mais diminuídos. Disso decorre que

“[...] envelhecer torna-se também obsoleto. Se, para algumas culturas, e em outras formas de organização social, o suposto saber da experiência era um traço identificatório para o idoso, demarcando certo lugar social, hoje o suposto saber encontra-se fora dele; nas faces diversas e irreconhecíveis do Outro, que dita as regras de *envelhecer bem* ou, de modo geral, de não envelhecer” (MUCIDA, 2012, p. 81).

Dessa realidade, formam-se novos nichos de mercado, de onde se observa o aumento do interesse pela velhice e da oferta de meios na tentativa de detê-la. “São inúmeros os objetos de mais-de-gozar fabricados pela Ciência (latusas)³⁸ em direção a esse novo mercado, e eles refletem, na maioria das vezes, um querer calar tudo aquilo que fala ou expõe limites ao gozo” (MUCIDA, 2012, p. 81-82).

Diante disso, defende a autora, “só resta ao idoso uma aposta naquilo que jamais se globaliza, aquilo que o constitui como sujeito, buscando fazer novas reinscrições a partir do particular que o anima”. De onde o destaque ao sujeito, em detrimento do universal (MUCIDA, 2012, p. 83).

Por outro lado, nesse novo mercado, a diversidade dos sujeitos que envelhecem e as necessidades que apresentam são elementos que pedem maior atenção – não como estratégias de atendimento à demanda por mascaramento da velhice, mas, ao contrário, no levantamento de necessidades que, com a idade e o envelhecimento vão se colocando

³⁸ Denominação de Lacan para os objetos criados pela ciência e propostos aos sujeitos falantes como algo precioso e desprovido de qualquer verdade como causa, mas singularizados segundo o desejo e o mais-gozar de cada um, como explica em artigo, a psicanalista Maria de Lourdes Melo Baeta (2007). Isto é, objetos criados pela ciência, na sua racionalidade generalizante, mas que se oferecem como elementos singularizáveis, passíveis de apreensão e materialização no atendimento específico às demandas imaginárias de cada sujeito. Inscritas como elemento da aletosfera, ou seja, a atmosfera que respiramos, qua qual se dão essas fabricações da ciência, as latusas indicam ainda, que tais objetos “não estão fora do seu tempo; eles se situam em função do discurso dominante. (MUCIDA, 2012) (em nota de rodapé, p. 74).

aos idosos e seus cuidadores, no auxílio à condução de seu dia a dia e na oferta de produtos e serviços que os contemplem em suas subjetividades, de forma ampla e de acordo com as novas realidades que passam a vivenciar.

No entanto, apesar desse ponto, o que se sobressai em termos de abordagem em relação ao mercado são estudos e aspectos de denúncia em relação ao que se apresenta em cruzamento com o discurso dominante de valorização do novo e da juventude, como temos destacado.

Como aponta Debert:

No contexto em que o envelhecimento se transforma em um novo mercado de consumo, não há lugar para a velhice, que tende a ser vista como consequência do descuido pessoal, da falta de envolvimento em atividades motivadoras, da adoção de formas de consumo e estilos de vida inadequados. O corpo que não responde às demandas da vontade individual é antes percebido como fruto de transgressões e por isso não merece piedade (DEBERT, 2012, p. 227).

Ou ainda, como complementa:

Ao louvar as pessoas saudáveis e bem-sucedidas que aderiram aos estilos de vida e à parafernália de técnicas de manutenção corporal veiculadas pela mídia, assistimos à emergência de novos estereótipos. Os problemas ligados à velhice passam ser tratados como um problema de quem não é ativo e não está envolvido em programas de rejuvenescimento e, por isso, se atinge a velhice no isolamento, é culpa exclusivamente dele [aquele que não se cuidou conforme os imperativos desses discursos]” (DEBERT, 2012, p. 229).

Se existe um reconhecimento da “pluralidade de experiências de envelhecimento” isso “não implica supor que a dependência não é a condição natural dos que ficam velhos e nem propor que não há limites ao investimento cultural e tecnológico nos processos biológicos” e muito menos que “as novas imagens do envelhecimento são modelo representativo da velhice no Brasil” (DEBERT, 2012, p. 228 -229).

Esses aspectos, no entanto, parecem ser desprezados pelo discurso mercadológico, que se volta para a promoção ostensiva de produtos e serviços focados nos discursos de prevenção e ocultamento da velhice.

Dessa forma, “quando todos são instados a querer ser e parecer jovens, o envelhecimento se torna um problema e seus sinais passam a ser encarados como inconvenientes”, é o que afirma Gisela Granjeiro da Silva Castro (2017), em artigo que trata sobre o “idadismo”, expressão traduzida do inglês *ageism* e que se refere ao preconceito em relação aos idosos ou pessoas mais velhas.

Para a autora, como para vários outros autores abordados nesse trabalho, por essa concepção supervalorizada da juventude, “o envelhecimento passa a ser visto como algo contra o qual se torna imperioso lutar (CASTRO, 2017, p. 46).

Para Debert (2012, p.66) se “a emergência de etapas intermediárias entre a vida adulta e a velhice” corresponde a um “lado gratificante do curso de vida pós-moderno, que não apenas permite, mas também encoraja a variedade e a diferença”, isso não significa que essas mudanças sejam “acompanhadas de uma atitude mais tolerante em relação às idades”, uma vez que

A característica marcante desse processo é a valorização da juventude, que é associada a valores e a estilos de vida e não propriamente a um grupo etário específico. A promessa da eterna juventude é um mecanismo fundamental de constituição de mercados de consumo” (DEBERT, 2012, p. 66).

Sob a égide do cuidado de si, o atendimento à chamada do mercado pelos sujeitos pode ainda tornar-se sinônimo de ação digna e virtuosa, e seu contraponto, algo a se condenar. “Especialmente no que diz respeito à aparência, e mais diretamente em relação às mulheres, não combater os efeitos do tempo e ‘deixar-se envelhecer’ se confunde com lassidão moral” e, dessa forma, os apelos a determinados produtos e serviços destinados ao ‘cuidado com o corpo’ ou cunhados pela rubrica ‘anti-envelhecimento’ ratificam uma visão de que, “apesar de frequentemente serem bem-intencionados, os esforços para manter o envelhecimento ‘bem-sucedido’ podem se transformar em insensatez e tirania” (CASTRO, 2017, p. 46).

Nesse cenário, a denúncia de Castro em relação à existência de um preconceito atribuído à idade é importante, pois aponta para várias conformações que esse pode adquirir, seja por uma visão tradicional do idoso, que dificulta o reconhecimento e legitimação de novas imagens e representações das pessoas mais velhas, seja na sua apresentação dessas novas imagens como imperativo a ser seguido pelos demais.

Por outro lado, na afirmação de novas representações para essa categoria ampla e diversa da população, vemos o desdobramento do preconceito para os idosos mais dependentes e vulneráveis, quando suprimidos por uma visão restrita de envelhecimento ativo, que se impõe como palavra de ordem.

No que tange ao terreno das imagens promovidas pelo mercado e o envelhecimento, Castro também afirma a riqueza do potencial de estudos nas áreas da comunicação e do consumo. Para ela,

As múltiplas inter-relações entre comunicação e consumo que caracterizam a experiência contemporânea constituem um instigante e vigoroso campo de estudos. Nesta prevalência das dinâmicas do consumo na esfera social, tem-se o esfumaçamento dos limites que tradicionalmente separavam e, simultaneamente, caracterizavam as etapas da vida e fixavam padrões identitários e de comportamento que seriam apropriados para cada etapa (CASTRO, 2017, p. 46).

Como lembra a autora, convivemos atualmente com uma variada gama de imagens de pessoas e modelos etários: “Ao lado do vovô austero, de cabelos brancos, temos o motoqueiro tatuado que já é avô e vira pai novamente” (CASTRO, 2017, p. 46).

É desse ponto de vista que a autora associa um determinado padrão de imagens supervalorizadas da velhice relacionadas a uma tomada pelo envelhecimento ativo, como aspecto encampado na promoção de formas de consumo dessa categoria vista como nicho de mercado:

Mais recentemente, o interesse no potencial de consumo do público mais velho enseja certa profusão na mídia de imagens positivas da velhice. [...] Em geral essas imagens apresentam indivíduos de meia idade em excelente forma física, aparentando desfrutar de um estado perpétuo de puro deleite. Nesse tipo de estratégia criativa das narrativas do consumo, são frequentes as alusões às gratificações e prazeres da socialização, o que não raro inclui os relacionamentos amorosos entre pessoas maduras (CASTRO, 2017, p. 46).

Essa gama de novas imagens, lugares e papéis ocupados pelos sujeitos estão relacionados à dinâmica de produção simbólica humana, de refazimento constante de seu meio e modos de vida. (CASTRO, 2017, p.46).

Dessa forma, colocam-se em disputa tanto estereótipos e padrões dominantes, como novos modelos em ascensão, que brigam por visibilidade e legitimação.

Beltrina Côrte, Mayra Rodrigues Gomes e Elisabeth Frohlich Mercadante (2006), elaboram artigo pautado por diversos estudos da área, - incluindo pesquisa própria que analisou narrativas jornalísticas e publicitárias. Nesse trabalho, observam que circulam contemporaneamente nas mídias representações mais amplas dos idosos, principalmente no terreno da publicidade.

A exposição de novas visões e lugares ocupados por pessoas mais velhas nas mídias também é destacada por Debert (2012), a partir de pesquisas do campo jornalístico, baseadas em levantamento de matérias em jornais e revistas; além de anúncios publicitários, novelas e reportagens de televisão.

Os estudos trazidos pela autora tratam de uma gama de discursos amplamente divulgados, no registro de um quadro mais “gratificante da velhice”, no sentido de

produção de novas imagens do envelhecimento, corroborando os achados do artigo mencionado.

Ela constata também a criação e ocupação de espaços que permitem novas experiências de envelhecimento em convívio coletivo entre pessoas de mais idade. Para ela, entre outros aspectos, os resultados encontrados exigem que o envelhecimento seja concebido como uma experiência heterogênea que pede o remapeamento do curso de vida que acompanha as transformações no país.

Por outro lado, afirma, “o tema da velhice saudável parece ter uma estrutura narrativa própria que organiza seu tratamento” tanto em revistas voltadas para o público feminino, como também, de forma mais ampla, na divulgação da ciência para os leigos (DEBERT, 2012, p. 221).

Ratifica essa abordagem, a recorrência à inserção de “box” nas matérias, “enumerando medidas concretas para a manutenção da boa forma, tais como cuidados alimentares e exercícios físicos” (DEBERT, 2012, p.221- 222).

De forma geral, o que as autoras nos trazem, em nosso entender, é que aliada à promoção de novas representações e imagens sobre a velhice e o envelhecimento, alguns discursos que têm se tornado hegemônicos retornam.

Nesse sentido, a maior diversidade de imagens de idosos em propagandas em relação ao espaço do jornalismo remete, entre outros aspectos, à relevância crescente que esses sujeitos compõem como mercado de consumo.

É o que se observa também em alguns discursos atrelados à qualidade de vida, que ratificam diversos outros discursos maiores, como o discurso disciplinar e da vigilância sobre as condutas do sujeito em torno do cuidado de si como um dever e prevenção, contra uma velhice que aparece entendida como controlável.

Nesse plano, Debert chama atenção para o campo de estudos do envelhecimento, especificamente falando sobre a gerontologia, e no modo em que essa “ganha publicidade e se transforma não apenas em um tema legítimo de pesquisa e de ação, mas também constitui a prevenção da velhice numa necessidade humana fundamental (DEBERT, 2012, p.225).

Sobre isso, Groisman afirma que tal tomada redireciona os estudos da área para além do binômio saúde-doença.

Com o discurso da ‘prevenção’, todos os sujeitos são passíveis de intervenção, independentemente de seu estado de saúde ou de sua inserção na ‘normalidade’. Pela urgência da prevenção, não importa

também quando começa a velhice, pois a prevenção deve começar muito antes. (GROISMAN, 2002, p.77).

Inscribe-se assim uma luta pelo envelhecimento bem-sucedido, no delineamento de um ambicioso projeto, “que é disciplinar a vida humana em toda a sua extensão” (GROISMAN, 2002, p.77).

1.1.3.6 No conjunto das circunscrições encontradas

Pelo exposto, pode-se dizer que, na tentativa de construção de um cenário para sua maior compreensão, ficam evidentes as diversas circunscrições que passam a operar quando nos aproximamos do espaço constituído em torno da velhice e do envelhecimento.

Quadrículos que se cruzam e se mesclam em um quadriculado maior do social, dispondo coordenadas para as condutas dos sujeitos, operando como palavras de ordem e dispositivos disciplinares na extensão de toda e cada vida.

Nesses termos, no percurso que encontramos em relação às maneiras como a velhice e o envelhecimento passam a ser apreendidos, diversos sentidos e significados a eles atrelados tornam-se visíveis e em grande profusão.

Podemos falar então em apreensões da velhice por diversos campos constituídos por

“forças dinâmicas – situadas fora dos grupos de idosos [...] – que dispõem de aparatos extremamente eficazes na divulgação de imagens, estilos de vida e formas de consumo que impregnam a reflexão de cada idoso sobre o que é a velhice e a sua experiência pessoal” (DEBERT, 2012, p. 249).

Nos discursos que se proferem, nos discursos encontrados aqui, pela fala de autores que estudam o campo, acoplam-se ao termo velhice várias circunscrições, apontando para as especializações ou espaços de disputas que o território apresenta, ou seja, segmentando as territorializações no cenário maior de sua existência. Tais circunscrições, como a citação da autora chama a atenção, implicam assim diversas imagens e representações atreladas e assumidas pelos próprios sujeitos.

É então que, mapeando o trabalho realizado, nos deparamos com inúmeras velhices, em segmentações que se sobrepõem e se entrecruzam:

A velhice cronológica: a velhice pensada do ponto de vista dos anos acumulados, ou dos anos que passam, a partir de um limite etário considerado padrão para determinada sociedade.

A velhice demográfica: que aponta para a crescente relevância social do segmento em termos de alargamento de amplitude, mas também contribui para a construção de uma visada da velhice como problema, quando a relaciona a questões de seguridade e ocupação de serviços de saúde, por exemplo.

A velhice legal: aquela que, a partir de determinados critérios, mais comumente o etário, é determinada por lei e passa a ser considerada como categoria para o desenvolvimento e implantação de políticas públicas voltadas para o campo, que vem sendo, aí também segmentado, diante de discursos que o conformam. Isso, seja do ponto de vista de uma visão de envelhecimento como declínio, envelhecimento ativo ou diferenciações entre uma terceira ou quarta idades.

A velhice de direitos: com a instituição da velhice como objeto de lei, essa passa a ser circunscrita como um conjunto de pessoas destinatárias de políticas públicas, inicialmente como população vulnerável, que necessita do amparo Estatal, como categoria detentora de direitos e priorização em relação a outras camadas da população.

A velhice como declínio orgânico e como patologia: aspecto que perpassa o olhar sobre a velhice desde a antiguidade, mas que, no seio dos discursos da idade moderna constitui a velhice como etapa diferencial da vida, e como campo, sob o viés cientificista do saber médico.

A velhice como problema: aquela que, da forma como se apresenta, seja do ponto de vista da formalização jurídica dos direitos, da dimensão demográfica, ou sob o discurso médico ou outro recorte qualquer, é sempre apresentada como um problema que exige solução.

A velhice como objeto de intervenção: circunscrita como etapa diferencial, que confere determinadas características aos sujeitos por ela abarcados, a velhice passa a ser tomada como objeto de intervenção de um saber especializado, detentor do conhecimento sobre ela e sobre o que deve, então, ser a conduta dos sujeitos para enfrentá-la. Opera-se aí também um desdobramento constante entre saberes que passam a abarcá-la.

A velhice assujeitada pelo biopoder (biologizada e medicalizada): quando, apreendida por um viés predominantemente orgânico, constitui-se como objeto de intervenção biomédica constante e sem medidas, na tentativa de contenção do envelhecimento ou prolongamento da vida. Tanto no que tange a disciplinarização individual, como as regulações institucionais e de Estado.

A velhice ativa e bem-sucedida: a velhice associada a uma boa qualidade de vida, a sujeitos ativos e socialmente participativos, o que resulta, segundo Baltes, de um

processo de seleção e otimização de oportunidades e compensação de perdas, à medida que as pessoas envelhecem.

A bela velhice: desdobramento a partir da noção de velhice ativa e bem-sucedida, a velhice seria um momento de desfrute e reconstrução pessoal, com a retomada de interesses deixados ao longo da vida ou identificação de novos interesses, que seriam efetivados como escolhas de sujeitos livres de obrigações sociais.

A velhice como minoria: entendida por um viés político, em um contexto de empoderamento, em que os idosos passam a se fortalecer como grupo atuante na defesa e reivindicação de direitos e de determinadas imagens sobre si.

As velhices da terceira e quarta-idades: resultantes das conquistas pela longevidade e lutas sociais, a primeira seria então marcada, entre outros aspectos, como um momento de desenvolvimento contínuo e participação social – inscrita no registro do envelhecimento ativo e bem-sucedido, propiciada também pelo benefício da aposentadoria, e, a segunda, como uma ruptura abrupta nesse processo, seguida por declínio e perdas constantes e irreversíveis

A velhice como lugar do outro ou como o estranho que nos habita: a velhice como lugar com o qual não nos identificamos e, assim, simbolicamente distante de nós, mesmo quando já velhos.

A velhice mascarada: obliterada pelas técnicas de contenção dos corpos ou encarnada em representações de uma velhice de negação e de ação constante para apagamento de suas marcas; uma velhice de reforço da juventude como valor, como possibilidade eterna para os sujeitos.

A velhice como efeito do desleixo de si ou lassidão moral: quando apresentada por uma tomada moralizante, como se, destituída de um processo e percurso vital, a condição de envelhecimento se situasse de forma individualizada para sujeitos que, descuidando de si, fossem responsáveis pelo envelhecimento, pelas marcas do envelhecimento no corpo e suas vulnerabilidades.

A velhice do desejo: expressão do sujeito do inconsciente que não envelhece, a velhice da psicanálise, quando abordada do ponto de vista de um presente que ressignifica o passado, mas um passado que também comanda o presente, e precisa ser simbolizado para que possa ser trabalhado.

A velhice como nicho de mercado: circunscrita como segmento mercadológico. Nessa visada, a velhice se estende: de um lado, apresentada como se iniciada em torno dos 50 anos, por outro lado, na produção de imagens de uma velhice jovializada, é jogada

num mais sempre à frente, para aqueles que estiverem dispostos e aptos a atender aos apelos da oferta de bens e serviços destinados a esse fim. Apesar do olhar crítico a essa tomada, associada ao desenvolvimento tecnológico e apagamento de marcas da velhice. Por outro lado, para além das críticas ao modelo capitalista, esse é um espaço importante para que especificidades sejam observadas no que tange ao oferecimento de melhores condições e dignidade aos idosos, diante de sua multiplicidade.

Nesse vasto universo, é assim que chamam nossa atenção também outras expressões com que se qualificam o envelhecimento e as categorizações que o recortam³⁹: envelhecimento primário ou normal (senescência)⁴⁰; envelhecimento secundário ou patológico (senilidade)⁴¹; envelhecimento terciário ou terminal⁴² e ainda nesse conjunto aquelas do envelhecimento bem-sucedido e envelhecimento ativo⁴³, já abordados.

³⁹ Ver NERI, Anita Liberalesso. **Palavras-chave em gerontologia**. Campinas: Alínea, 2014.

⁴⁰ Envelhecimento primário ou normal (senescência) – É apresentado como aquele que atinge todos os seres humanos pós-reprodutivos, por força de mecanismos genéticos típicos da espécie. É progressivo, ou seja, afeta gradual e acumulativamente o organismo. Sua característica distintiva é a perda de velocidade, que pode ser bem observada na mobilidade e na cognição. A força dos membros inferiores declina, assim como o equilíbrio estático e dinâmico. Ocorrem perdas em funções cognitivas básicas, como, por exemplo, em memória episódica e de procedimentos, na inibição de informações irrelevantes, na atenção seletiva e dividida, em imagens mentais, em fluência verbal, no raciocínio e na solução de problemas. Seu resultado é a diminuição na capacidade de adaptação. Comporta gradações porque está sujeito à influência concorrente de muitos fatores. Entre eles, podem ser citados: dieta; exercício; estilo de vida; exposição a eventos estressantes; educação e traços de personalidade que se relacionam com a saúde; exercício de papéis e posição social. Cabelos brancos, rugas, flacidez muscular e déficits sensoriais são indicadores do processo de envelhecimento normal. Outras alterações afetam as capacidades funcionais energéticas (metabolismo, circulação e respiração) e biomecânicas (diminuição de força, mobilidade e resistência). Ocorre diminuição da resistência ao frio e ao calor e da capacidade de adaptação a mudanças de temperatura. Também é reduzida a tolerância ao estresse físico e psicológico. As perdas psicomotoras são intimamente relacionadas com a aprendizagem, a memória e a inteligência, motivo pelo qual exercem um papel /capital na adaptação psicossocial das pessoas. As perdas em instrumentalidade podem afetar a autoestima e o senso de controle, com reflexos sobre a motivação e o funcionamento psicossocial (NERI, 2014, p. 136).

⁴¹ Envelhecimento secundário ou patológico (senilidade) – Relativo às mudanças causadas por doenças ocasionadas pelo envelhecimento, que não se confundem com as transformações normais do processo.

⁴² Envelhecimento terciário ou terminal – Relacionado a perdas físicas e cognitivas irreversíveis, em período de tempo relativamente curto levando à morte, mais provável na velhice avançada (NERI, 2010, p. 137).

⁴³ A definição de Envelhecimento bem-sucedido já tratada nesse trabalho: foi cunhada por Baltes e Baltes, para quem o envelhecimento é dividido em 2 modelos: o biomédico e o psicológico. O primeiro “privilegia a boa saúde, a longevidade, a alta expectativa de vida, a independência, a atividade e a participação social e, de certa forma, estigmatiza as pessoas que não apresentam esse padrão”. O segundo, “ênfatiza os recursos psicológicos e sociais que podem colaborar para enfraquecer o impacto dos riscos da natureza biológica, socioeconômica, cultural e biológica sobre o envelhecimento e contribuir para o bem-estar subjetivo” dos sujeitos (NERI, 2014, p. 138). Já o Envelhecimento ativo: é definido como “o processo de otimização de oportunidades para a saúde, a aprendizagem ao longo da vida, a participação e a segurança para melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas envelhecem” (ILC, 2015, P. 42). Ainda que pela definição seja apresentado em termos de processo e de otimização de oportunidades

Ora, o que nos mostra toda essa gama de circunscrições e achados em torno desse significante nomeado por velhice?

Pode-se dizer que, em um sobrepor entre fatos de natureza histórica que modificam, alteram ou repõem os significados, vemos aí um terreno em movimento, um terreno em mutação constante, alvo de diferentes tomadas e de campos de saber que se erigem em seu nome e disputam ou entrecruzam-se em disposições do verdadeiro sobre ele e sobre a conduta dos sujeitos nele implicados.

Dessa forma, como afirma Mucida, a velhice se constitui como um efeito de discurso e dos significantes que agem sobre ela, em uma determinada cultura (MUCIDA, 2012, p. 28), ao se considerar que o tratamento pelo simbólico aciona toda uma trama de sentidos, o manto do imaginário de uma época que a recobre com suas visadas.

Um espaço que se distende cada vez mais e para o qual as terminologias que nele circulam são índices de que ele não está mais circunscrito apenas pela idade avançada, atrelada ao declínio e condições físicas precárias.

Entre a velhice e a finitude há uma vida inteira que existe, insiste, resiste, age. Há uma linha temporal a ser explorada e uma multiplicidade imensa de formas e experiências que podem abarcá-la, ainda que, muitas vezes, essas nomeações impliquem a referência a uma visão conservadora do termo.

Assim, entendemos o processo de envelhecimento, de um lado vivenciado como uma condição coletiva, mas também, como experiência única para cada sujeito que a vivencia, a partir dos discursos aos quais responde e incidem sobre ela.

Nesse registro, “não é possível passar pela vida desconhecendo o real das perdas que a velhice acarreta – incluindo a relação do sujeito com o imaginário -, o trabalho de luto e a exigência de tratamento desse real pelo simbólico (MUCIDA, 2012, p. 31).

Ou seja, não se pode abstrair completamente das incidências da idade os significantes que circulam em torno dela, e seus efeitos sobre o sujeito, ainda que cada um só responda aos mesmos de maneira particular (MUCIDA, 2012, p. 39).

Assim, podemos retornar à afirmação de Beauvoir, citada por Mucida: “a velhice é um destino singular” (id.). Uma realidade inscrita na natureza dos corpos e entes, mas

– a própria expressão pode remeter a outro lugar – na referência do inativo, de um lado, com reforço a uma visada dominante de declínio na velhice por um lado e, por outro, a exemplo do que Neri menciona sobre o envelhecimento bem-sucedido, pode levar à estigmatização aqueles que não se adequem a tal visada, reforçando preconceitos e estereótipos em torno da velhice.

também um produto cultural e efeito do jogo que cada sujeito constrói para si enredado pelas tramas do desejo.

1.2 Entre Cronos, Aion e Kairós

Diante de um desejo que é atemporal, no sentido de sua inscrição na dinâmica do inconsciente, “a velhice implica um saber vestir esse desejo” (MUCIDA, 2012, p. 31).

Nessa direção, como afirma Mucida, importa destacar “as incidências e os efeitos do real do tempo cronológico e sua relação com o que não envelhece, o atemporal do sujeito do inconsciente” (MUCIDA, 2012, p. 39).

Nesses termos, para a autora:

A velhice pode acoplar tanto o necessário quanto o contingente; pode ser o momento no qual o sujeito cria algo de inusitado a partir de sua determinação significante. Há um real que se escreve no tempo, mas que pode escrever, de outra forma, o tempo. Há, pois, um encontro com a atemporalidade do inconsciente, que “*quase*” não deixa espaço à velhice ou que tenta desconhecê-la, mas há algo do temporal e inevitável (MUCIDA, 2012, p. 39).

Nessa tomada, lê-se por um lado a face mais visível, material, e tida como referência à apreensão do tempo, do passar dos anos com o tempo, linear, cronológico, e comumente tomada ao se falar da velhice e, de onde a terminologia “idoso” faz seu porto. Por outro lado, vemos incidir sobre essa dimensão temporal algo mais, que não se apreende da mesma forma.

Com apoio nos estoicos, Gilles Deleuze (2009, 2015) defende a apreensão do tempo “de duas maneiras complementares, exclusivas uma da outra: inteiro como presente vivo nos corpos que agem e padecem, mas inteiro também como instância infinitamente divisível em passado-futuro, nos efeitos incorporais que resultam dos corpos, de suas ações e de suas paixões” (DELEUZE, 2015, p. 06).

Se a primeira abordagem se refere àquela cronológica, do presente vivo, devorador de um passado e de um futuro ressignificados e apreendidos constantemente pelo momento do agora, a segunda trata de uma outra ordem. Falamos de Aion, ilimitado, constituído não mais de “presentes vivos, mas infinitivos”, como “devir que se divide ao infinito em passado e futuro, sempre se esquivando do presente. (DELEUZE, 2015, p. 05;06).

Dessa forma, para o autor, “só o presente existe no tempo e reúne, absorve o passado e o futuro, mas só o passado e o futuro insistem no tempo e dividem ao infinito

cada presente. Não três dimensões sucessivas, mas duas leituras simultâneas do tempo” (DELEUZE, 2015, p. 06).

Como complementa, “dois tempos, dos quais um não se compõe senão de presentes encaixados e o outro não faz mais do que se decompor em passado e futuro alongados” (DELEUZE, 2009, p. 65),

Ao presente inapreensível como tal, que se subdivide ao infinito entre o que se foi e o que vai ser a partir de então, “fugindo sempre nos dois sentidos ao mesmo tempo”, o autor associa a noção de acontecimento, como instância de um devir-ilimitado: “nunca alguém morre, mas sempre acaba de morrer ou vai morrer, no presente vazio de Aion, eternidade” (DELEUZE, 2009, p. 66).

“O devir-ilimitado torna-se o próprio acontecimento, ideal, incorporeal, com todas as reviravoltas que lhe são próprias, do futuro e do passado, o mais e o menos, o muito e o pouco, o demasiado e o insuficiente *ainda*, o já e o *não*: pois o acontecimento, infinitamente divisível, é *sempre os dois ao mesmo tempo*, eternamente o que acaba de se passar e o que vai se passar, mas nunca o que se passa ” (DELEUZE, 2015, p. 09).

Como pano de fundo lê-se a noção da vida como uma sucessão de mortes e renascimentos, e da possibilidade da experiência de muitas vidas em uma só.

Uma vida não sobrevém nem sucede, mas acontece em um tempo que não se reduz ao presente dos corpos ‘atual’, *cronos*, mas atravessa o corpo a todo instante. Trata-se de um devir, um tempo não medido, um agora infinito, um ‘instante’ que excede a todas suas manifestações presentes, um passado próximo, já aí, [ao mesmo tempo que cada vez mais distante], e um futuro iminente, ainda não, [ao mesmo tempo que cada vez mais próximo] que insistem no tempo e dividem cada presente ao infinito. Uma vida constitui-se como acontecimento (TÓTORA, 2017, p. 25-26)⁴⁴.

Viver a vida, ou viver o acontecimento, seria então o mesmo que “lançar-se ao infinito dos possíveis que se abrem, rompendo as cadeias de uma dada identidade, hábito ou subjetividade” (TÓTORA, 2017, p.27). Envelhecer, como processo de vida, seria, assim, uma experiência aberta ao acontecimento (id).

Por outro lado, ao olhar binário de Deleuze soma-se ainda outra dimensão do tempo como elemento de territorialização: um tempo da presença, no sentido heideggeriano, isto é, de uma experiência de ser, pelo estar aí presente. Um tempo da construção do sentido nessa experiência, tempo de Kairós.

⁴⁴ Texto entre chaves, nosso.

Como nos traz Mauro Maldonato, “falar da *temporalidade* não é aludir à experiência do tempo ou à consciência do tempo, tampouco um abstrato acontecer ou vir a ser. É, antes, aludir a uma temporalização da presença como tal” (MALDONATO, 2014, p. 131).

Para Martin Heidegger, só nos realizamos na presença, isto é, quando assumimos e conquistamos o ofício de ser, quer num encontro, quer num desencontro, com tudo que somos e não somos, que temos e não temos. “É esta pre-sença que joga originariamente nosso ser no mundo [...] Ser no mundo é uma estrutura de realização” (HEIDEGGER, 1988, p.20).

Com base nesse argumento, Maldonato afirma uma existência de sentido, marcada por outra forma de temporalização, em contraponto a uma existência subjugada ao tempo linear e voraz de Cronos:

A existência falha é uma existência dominada pelo tempo cronológico, pelo calendário, pelo tempo exterior. Somente quando a existência torna-se presença, ou seja, quando toma o caminho do próprio projeto de mundo, é que ela se torna temporalização. É a partir desse evento que o tempo se torna *kairós*, evento de sentido, enxerto do sentido no *phatos*, da história vivida” (MALDONATO, 2014, p. 131).

É nessa instância que podemos ainda pensar o envelhecimento: não apenas na dureza do tempo cronológico devorador, no tempo que se inscreve na dimensão dos corpos, vistos como espaços de biopoder que devem ser normalizados, gerenciados, regidos, resguardados dos efeitos da passagem do tempo na materialidade da carne.

Mas sim, pensar essa fase da vida como tempo de experiência e construção de sentido: sentido para os que envelhecem (todos nós...), sentidos para os que já se encontram na velhice, sentido para aqueles que convivem com esses.

Em nosso entendimento, só assim a velhice e o envelhecimento podem ser apreendidos de uma forma simbolicamente mais rica, de uma forma em que as singularidades possam ser expressas e consideradas, ainda que inscrita em um universo e uma realidade que se faz em Cronos, que se mede em sua lógica. Uma realidade que só se transforma efetivamente em Aion, no momento de ruptura entre um antes e um depois, inatingíveis, mas que encontra sentido em Kairós, por nossa presença efetiva como entes situados no mundo.

Uma velhice que, marcada materialmente por Cronos, subverte em Aion e ganha sentido por entes que vivenciam sua presença no tempo como experiência e simbolização. Vivenciar da intensidade dos períodos daquilo que se pode desfrutar, cujas horas muitas vezes parecem colocar-se em suspensão, como se, nem antes nem depois, vivêssemos toda uma vida, na eternidade de um momento⁴⁵.

É esse o ponto de vista em que nos inserimos, com que buscamos olhar para o envelhecimento: uma apreensão desse processo e do sujeito envelhecido ou das pessoas de “mais idade” que se situe para além do foco no declínio físico do corpo e mente e no gerenciamento da inscrição cronológica do tempo na carne, mas que não o ignora. Uma abordagem que permita a apreensão do sentido da vida que brota no percurso dessa experiência para cada sujeito ou grupo de sujeitos nela implicados.

Vemos assim inscrita a coabitação das dimensões do tempo aqui abordadas como movimentos que se mesclam na constituição de nossas vidas, entrelaçados na trama de nossa condição de seres encarnados no mundo. Sujeitos diferenciados pela ordem simbólica e pelo universo de sentidos que ela instaura, mas também, distintos pelas formas com que lidamos com as contingências que a vida nos impõe e pelas escolhas que efetuamos na construção de nosso caminho.

Uma velhice aberta às experiências de todos e de cada um, que precisa ser olhada com maior atenção diante das demandas do sujeito em sua trajetória de vida. Uma velhice cujas vulnerabilidades não sejam ignoradas, mas não restrita a elas. Uma velhice marcada pelos acontecimentos de todo um percurso, mas ela mesma inscrita em seus acontecimentos, aberta às experiências e aos afetos, sob o signo do tempo, na amplitude entre Cronos, Aion e Kairós.

⁴⁵ Mosaicos do cotidiano: 1. lembro-me aqui, de um instante em uma das casas de repouso, com cujos idosos convivi, e de uma senhora, portadora da doença de Alzheimer, em estágio avançado, que já quase não fazia vínculos externos. Quando na sala, junto com outros, passava o dia tentando tirar a própria calça, olhando para o infinito, barrado pelas paredes da sala e cuidadoras tentando demovê-la do ato de despir-se. Em uma ocasião, ao me despedir das pessoas na sala, me despedi também dela, ela segurou a minha mão, olhou profundamente nos meus olhos e me disse algo, que agora não me lembro mais. Mas lembro que seu olhar, como o das górgonas sem máscara, me petrificou. Resvalar em Aion e assento em Kairós, um instante como um acontecimento, que teve a duração de quase uma eternidade. Nunca mais olhei para ela do mesmo modo e, até hoje, aquele instante ressoa, no olhar que me leu desnuda, como se um instante de infinito. Mesclar de Aion e Kairós, por tudo que aquele gesto até hoje me faz pensar e do novo olhar sobre esses velhos ou pessoas que, parecendo estar alheias a seu entorno, podem, de alguma forma, não estar.

2

**Fundamentos teóricos e
metodológicos para análise do discurso
sobre a velhice e o envelhecimento nas
mídias**

Este capítulo tem como objetivo a apresentação de fundamentos teóricos e metodológicos para a análise do discurso sobre a velhice e o envelhecimento nas mídias. Aborda inicialmente nossa inscrição no terreno das Ciências da Linguagem e o entendimento da Comunicação nesse espaço, passando para o enfoque que nos norteia, a partir de Deleuze e Guattari (2011a; 2011b; 2012) e Foucault (2010), entre outros autores que os complementam.

Desse trajeto, seguimos com a apresentação de elementos que orientam e sustentam a estruturação da metodologia de trabalho, a ser aplicada e detalhada em sua forma operacional, no capítulo subsequente. Esta, além dos fundamentos anteriores, baseia-se em princípios da Análise de Discurso de linha francesa, com apoio em autores como Pêcheux (1997), Orlandi (2013), Foucault (2000; 1995) e Maingueneau (1989; 2000; 2010; 2015), entre outros.

2.1 Fundamentos e autores em nosso horizonte

2.1.1 As Ciências da Linguagem como território primeiro de ancoragem

Para o estudo que aqui pretendemos, situamos o trabalho no terreno das Ciências da Linguagem, como espaço de conhecimento que abarca aquilo que emerge do âmbito simbólico e que toma o homem como ser social, sujeito não soberano, constituído pela linguagem.

Tal âmbito instaura-se a partir de um corte e um processo inicial de distinção e posição de elementos, em termos de operações que “constituem uma ordem que isola, diferencia, organiza o campo do vivido” (GOMES, 2008, p.33) e estabelece assim um sistema que estrutura e permite acesso ao mundo pelos sujeitos, da mesma forma que os instituem.

Kristeva, (1994, p.15) nos lembra que essa concepção de linguagem, - como sistema que constitui o sujeito falante- ao tornar-se objeto de um conhecimento específico, apresenta-se como via de acesso às leis do seu próprio funcionamento, mas também de tudo que advém da ordem do social.

Chave do homem e de sua história, os estudos de linguagem apresentam-se assim como campo de conhecimento sobre si, como também, de conhecimento sobre as

produções humanas, que passam a ser entendidas agora como “*práticas discursivas* ou *práticas significantes*” (SOARES, 2009, p. 109, grifos da autora).

É com Ferdinand de Saussure que se inicia a organização desse espaço como um campo científico definido, ao tomar a língua como objeto de análise a partir do estabelecimento dos fatores de transformação das línguas na dependência de uma racionalidade interna, o que permite o desenvolvimento das Ciências da Linguagem (FREITAS, 1992, p.29).

Para Saussure (1970, p.130), o pensamento humano seria uma massa amorfa e indistinta, como “uma nebulosa onde nada está necessariamente delimitado” se não fosse o recurso dos signos.

A instauração de nossa aptidão para a linguagem, se daria, então, a partir de um corte fundante nesse universo ilimitado. Corte simbólico que marca a passagem de um período em que nada tinha sentido, para outro em que tudo significa, com a constituição simultânea e solidária das categorias do significante e do significado. (LÉVI-STRAUSS (1974, p. 32-33).

Mas, como afirma Lévi-Strauss, “O Universo significou muito antes de que se começasse a saber o que ele significava”: o conhecimento desse universo, seus sentidos e significações, ou ainda, “o processo intelectual que permite identificar, uns por relação com os outros, certos aspectos do significante e certos aspectos do significado” só se fez muito lentamente. (LÉVI-STRAUSS, 1974, p. 33).

Disso implica à linguagem um processo relacional, que lhe é constituinte, num jogo entre sujeitos que são também aí instituídos. Como afirma Benveniste, “a linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como *sujeito*, remetendo a ele mesmo como *eu* no seu discurso. Por isso, *eu* propõe outra pessoa, aquela que, sendo embora exterior a ‘mim’, torna-se o meu eco – ao qual digo *tu* e que me diz *tu*” (BENVENISTE, 1988, p. 286, grifos do autor).

De maneira constitutiva, tais termos só se concebem em relação de complementaridade um ao outro, segundo uma oposição interior/exterior, como também em uma relação de reversibilidade (BENVENISTE, 1988, p. 286).

Daí que a consciência de si mesmo só se torna possível “se experimentada por contraste. Como afirma o autor, “É numa realidade dialética que englobe os dois termos

(eu e tu) e os define pela relação mútua que se descobre o fundamento linguístico da subjetividade” (BENVENISTE, 1988, p. 286).

Pelo exposto, podemos entender a linguagem como “único modo de ser do pensamento, a sua realidade e sua realização” (KRISTEVA, 1994, p.19-20).

Embora efetuando-se como capacidade adquirida como corte, na imediatez de um instante que altera radicalmente a natureza na qual intervém, a constituição da linguagem como um processo relacional torna possível o entendimento da apreensão humana do mundo apenas como um processo paulatino de construção de sentidos.

Vista dessa forma, torna-se possível também compreender a constituição do sujeito pela linguagem, na medida em que este se forma na relação de um com outros. Como conclui Benveniste (1988, p.286): “A consciência de si mesmo só é possível se experimentada por contraste”.

Por outro lado, destaca-se daí que, imersos em uma vastidão significativa, só conseguimos atribuir significado e sentido às coisas que se apresentam a nós à medida que, pela linguagem, recortamos, estabelecemos limites e fazemos assim surgir um dado a ver. Isso implica à linguagem uma “lógica da escolha”, diante da qual, para dar a ver, impõem-se que algo se exclua (GOMES, 2000, p. 83).

Daí decorre, também, que nossas certezas todas possam ser indagadas. Uma vez que resultam de um recorte, podemos questioná-las enquanto produto de uma circunscrição e não outra.

As coisas mesmas do mundo e suas relações assim se estabelecem a partir de um universo maior, de onde algo sempre sobra, passível de ser apreendido, de estabelecer outras ordenações, outras construções à medida que a palavra, a linguagem, vai se colocando em movimento como prática social.

Ora, se a manifestação da linguagem se efetua por um processo de interação entre sujeitos, como função extensiva à língua e ao discurso entendido como linguagem colocada em ação (BENVENISTE, 1988, p. 284), ela se constitui como o próprio elemento da comunicação e que a condiciona (KRISTEVA, 1994, p.19-20).

Para que a comunicação seja assegurada, torna-se preciso que a palavra esteja habilitada pela linguagem, da qual é apenas atualização. (BENVENISTE, 1988, p. 285)

Nesses termos a linguagem adquire o estatuto de prática cotidiana, que se manifesta e se conhece no seu exercício, como instituição “que preenche cada segundo de nossa vida, incluindo o tempo dos nossos sonhos, elocução ou escrita”. (KRISTEVA, 1994, p. 319). Uma instância da natureza do humano, relativa à sua constituição como tal (BENVENISTE, 1988, p. 184).

A Comunicação, então, é entendida como elemento intrínseco a esse processo: como afirma Kristeva “quem diz linguagem diz *demarcação, significação e comunicação*”, do que decorre que “todas as práticas humanas são tipos de linguagem, visto que têm a função *de demarcar, de significar, de comunicar*” (KRISTEVA, 1994, p.17, grifos da autora).

Para além das concepções instrumentais centradas no esquema básico emissor-mensagem-receptor (FREITAS, 1992, p.12), temos aí um terreno para se pensar a Comunicação como campo de interação entre sujeitos. Esses deixam de ser vistos como entes soberanos. Passam a ser vistos como seres sociais que habitam a ordem simbólica, são constituídos pela linguagem e pelos discursos que a materializam.

Nesse sentido, considerando o cenário fortemente marcado pela comunicação midiaticizada, concordamos com Rosana Soares quando defende que “As ciências da linguagem constituem-se, assim, como um lugar privilegiado no qual gostaríamos de pensar a comunicação, já que possibilitam modos de conceber e de interrogar as redes midiáticas na sua especificidade de relações simbólicas (SOARES, 2009, p. 109, grifos da autora).

Ao entendermos essas relações simbólicas como elemento fundante de toda e qualquer sociedade e elaboração humana, instituintes dos processos de apreensão e compreensão do mundo, temos aí um terreno vasto e rico para estudos e problematizações em torno dos sentidos, representações e discursos colocados em circulação nas mídias em torno de nosso objeto, bem como das certezas que o recortam.

Ainda mais ao se considerar que esse processo nunca se apresenta em completude, uma vez que de nossa apreensão de mundo, mediada pela linguagem, sempre sobra um resto passível de reinscrição. Resto que se apresenta para nós nos vestígios de outras possíveis tomadas ou como face inapreensível e, assim, não abordada, como nos lembra Gomes (2000). Aspecto fundamental para as escolhas metodológicas que se apresentarão em tópico específico, que finaliza esse capítulo.

Antes disso, porém, é preciso que nos situemos melhor diante de outros fundamentos teóricos que nos sustentam, quando nos preocupamos com o poder conformador dos discursos, em termos de coordenadas de vida que se colocam para os sujeitos e como mecanismo que permite nossa inscrição no mundo.

2.1.2 Das palavras de ordem à subjetivação, um caminho com Deleuze, Guattari e Foucault

A partir de um preâmbulo por autores que conferem um caráter relacional à linguagem e refutam seu caráter instrumental, uma vez que instituinte da comunicação, de nossas práticas sociais e do humano que nos caracteriza, passamos à Deleuze e Guattari.

Em oposição à ideia da linguagem como um sistema fechado a uma operação binária, oriundo do pensamento de Saussure na relação entre significante e significado, esses autores defendem a noção de um modelo para pensar a linguagem, a partir de Louis Hjelmslev, em termos do que o autor apresenta quanto à solidariedade e dependência entre conteúdo e expressão, como elementos da função simbólica (HJEMSLEV, 1975).

Nesse registro, para Deleuze e Guattari (2011b), conteúdo e expressão mesclam-se na constituição de regimes diversos em torno da significância⁴⁶, de onde alguns aspectos se fazem evidenciar.

⁴⁶ Os autores discorrem sobre quatro “Regimes de Signo” (2011b, p.63 a 75): **Regime pré-significante**: considerado primitivo, “muito mais próxima das codificações ‘naturais’ que operam sem signos e em que não se encontra “nenhuma eliminação das formas de conteúdo pela abstração de um significado”. Regime plurívoco, de uma enunciação coletiva de prevalência de substâncias de expressão múltiplas (2011b, p.96). Relaciona-se ao espaço dos ritos, das experiências de contato mais direto, onde as representações se postam mais figurativas, uma vez que ainda não inscrito em uma lógica do regime significante como tal. Lugar de uma “plurivocidade das formas de expressão, que conjuram qualquer tomada de poder pelo significante, e que conservam formas expressivas próprias ao próprio conteúdo: assim, formas de corporeidade, de gestualidade, de ritmo, de dança, de rito coexistem no heterogêneo em a forma vocal. Várias formas e várias substâncias de expressão se entrecortam e se alternam. É uma semiótica segmentar, mas plurilinear, multidimensional, que combate antecipadamente qualquer circularidade significante”. **Regime significante**: “possui uma fórmula geral simples: o signo remete ao signo, e remete tão somente ao signo indefinidamente”. “Quando supomos que o conjunto da denotação (aqui, o conjunto da designação e da significação) já faz parte da conotação, encontramos plenamente nesse regime significante”. Regime em que se instauram a construções de campo, as ordenações e mundo, que tendem à cristalização e ao enraizamento. **Regime contra-significante**: regime de signos puramente abstratos, ao que os autores remetem aos signos matemáticos, ou em movimento constante contra a territorialização, como os povos nômades regidos por “um princípio de organização para a marcha e a migração”. Opera em termos de sua inscrição como “linha de abolição” em relação à visadas dominantes, que as atravessa ou destrói, a menos que as “conquiste e que se integre” a elas “formando uma semiótica mista”. **Regime pós-significante**: regime “que se opõe à significância com novos caracteres, e que se define por um procedimento original, de ‘subjetivação’, ou seja, que se situa em uma esfera que rompe com um lugar

Como pontos cruciais para os autores, a linguagem é vista em termos de apresentação de palavras de ordem que se colocam nesses planos de conteúdo e de expressão; a subjetividade é tida em termos de subjetivação ou sujeição em atenção ou não ao caráter disciplinar dessas palavras de ordem e o “todo” é visto como sempre faltante, expresso pela formulação $n-1$, marcando o caráter de incompletude que lhe é constitutivo e, ao mesmo tempo, a potência do múltiplo, da diferença e diversidade (DELEUZE E GUATTARI, 2011a., 2011b).

A linguagem é então entendida como intervenção da expressão nos corpos⁴⁷, da expressão na matéria, no sentido de que os atributos incorpóreos “são o expresso dos enunciados, mas são atribuídos aos corpos”, ou seja, é na expressão do atributo não-corpóreo, simultaneamente atribuído ao corpo, que “não representamos, não referimos, *intervimos* de algum modo, e isto é um ato de linguagem” (DELEUZE e GUATTARI, 2011b, p. 29).

À face expressa da linguagem caberia a conformação dos conteúdos, uma vez as expressões ou os expressos inserem-se e intervêm nos conteúdos como antecipação, destaque, reunião, recorte, ou outro aspecto que os configura de algum modo.

Expressão e conteúdo apresentam-se aí como componentes distintos entre si, mas, ao mesmo tempo, situados num quadro de pressuposição recíproca “em que a independência das duas linhas é distributiva, e faz com que um segmento de uma reveze sem cessar, com um segmento da outra, que se insinue ou se introduza na outra” (DELEUZE e GUATTARI, 2011b, p. 29), por meio das palavras de ordem proferidas ou de seu calar.

Tais aspectos nos lembram Michel Foucault quando relaciona as práticas discursivas a modificações nos domínios por elas relacionados. Para esse autor (que dialoga em muitos momentos com o que nos apresentam Deleuze e Guattari, no desenvolvimento de sua obra), “por mais que se esforçassem em instaurar relações específicas que só podem ser analisadas em seu próprio nível, essas relações não exercem

localizado e aponta para a ruptura, de forma absoluta ou no lançar-se para outros espaços, rumo ao Cosmo ou novos agenciamentos e estratificações. (Regime sobre o qual nos deteremos mais atentamente no curso de nossa explanação no corpo do trabalho).

⁴⁷ É importante lembrar que os autores utilizam a palavra corpo em sentido mais geral, como corpos morais e almas entre outros, apontando que “devemos, entretanto, distinguir as ações e as paixões que afetam esses corpos, e os atos, que são apenas seus atributos não corpóreos, ou que são o expresso de um enunciado. (DELEUZE e GUATTARI, 2011 p. 19)

seus efeitos apenas no discurso; inscrevem-se também nos elementos por elas articulados uns com os outros” (FOUCAULT, 1995, p. 83).

Ele exemplifica tal proposição abordando o campo hospitalar, que não permaneceu imutável, transformando-se. Pelo discurso clínico, tal campo “foi relacionado ao laboratório; sua ordenação, o *status* que é atribuído ao médico, a função de sua observação, o nível de análise que aí se pode efetuar viram-se necessariamente modificados” (FOUCAULT, 1995, p.83).

Por outro lado, se podemos considerar com Machado (2009) que a filosofia de Deleuze é uma filosofia da diferença, tal característica vem em auxílio para pensar nosso objeto e sua análise sob a luz de uma teoria que permita não tomar a velhice como uma fase homogênea e que determina as mesmas implicações a todos aqueles situados sob a inscrição de tal significante, mas, sim, uma teoria que possibilite abordar as diversas formas e maneiras de se experienciar esse período de vida.

Dessa forma, para o estudo que buscamos em torno dos discursos da velhice e do envelhecimento, defende-se a adequação da abordagem desses autores, uma vez que, em torno do tema se apresenta um espaço amplo e em constante mutação, que implica vasta gama de disputas entre áreas e representações.

Pelo que foi apresentado, importa então abordar um pouco mais sobre a noção de palavra de ordem, pela relevância que adquire na obra de Deleuze e Guattari, como expressão que se inscreve no domínio dos corpos e afeta a materialidade do mundo, como também se situa aqui em termos de aspecto a ser observado nos discursos proferidos em nome da velhice, objeto de estudo desse trabalho.

2.1.2.1 Palavra de Ordem

Para Deleuze e Guattari, (2011b, p. 12; 27), a palavra de ordem é a unidade elementar da linguagem - o enunciado. Uma função coextensiva à linguagem que, com os agenciamentos coletivos ou regimes de signos, efetua sua condição e permite sua existência para além da virtualidade.

Eles tomam a linguagem pelo estatuto do discurso indireto, em que as palavras de ordem operam em sua consolidação. “Se a linguagem parece sempre supor a linguagem, se não se pode fixar um ponto de partida não-linguístico, é porque a linguagem não é estabelecida entre algo visto (ou sentido) e algo dito, mas vai sempre de um dizer a um dizer” (DELEUZE e GUATTARI, 2011b, p. 13).

Nesse terreno, os autores chamam de palavra de ordem

[...]a relação de qualquer palavra ou de qualquer enunciado com pressupostos implícitos, ou seja, com atos de fala que se realizam no enunciado e que podem se realizar apenas nele. As palavras de ordem não remetem, então, somente aos comandos, mas a todos os atos que estão ligados aos enunciados por uma ‘obrigação social’. Não existe enunciado que não apresente esse vínculo direta ou indiretamente” (DELEUZE e GUATTARI, 2011b, p. 17)

Os autores enfatizam que tal relação entre palavra/ enunciado e pressupostos implícitos é uma relação de redundância, ou reincidência, utilizando o termo adotado por Gomes (2003), em artigo que relaciona a palavra de ordem na acepção de Deleuze e Guattari aos dispositivos disciplinares de Foucault⁴⁸.

Tal aspecto é extremamente relevante para esse trabalho, pois tange à construção de coordenadas de vida que direcionam as ações humanas, sendo as mídias (nosso aparato no estudo dos discursos sobre a velhice) elemento de destaque na exposição de tais direcionamentos, “pelo fato de nos dizerem o que é ‘necessário’ pensar, remeter, esperar, etc.” (DELEUZE e GUATTARI, 2011b, p. 17)⁴⁹.

Nesse processo, a informação é considerada como condição para a transmissão das palavras de ordem, ainda que essas lhe sejam precedentes. Ou seja, a informação é um vetor para essas palavras, cujo papel disciplinar é reforçado na redundância em que se apresentam, nas informações que as carregam.

O ruído, por sua vez, é tomado como oposição às palavras de ordem assim difundidas: “não há como opor o ruído à informação, mas, antes, opor todas as indisciplinas que trabalham a linguagem, à palavra de ordem como disciplina ou ‘gramaticalidade’” (DELEUZE e GUATTARI, 2011b, p. 17).

O exposto remete a Foucault que, entre outros aspectos, afirma que “a disciplina é um mecanismo de controle da produção do discurso. Ela lhe fixa os limites pelo jogo de uma identidade que tem a forma de uma reatualização permanente das regras” (FOUCAULT, 2000, p.36).

⁴⁸ A autora faz tal aproximação, mas lembra as distinções entre ambas as expressões ou noções, uma vez que a palavra de ordem “é dada como co-extensiva à linguagem” e os dispositivos disciplinares são dados “na dimensão de um discurso específico” (GOMES, 2003, p.92).

⁴⁹ Os autores se referem aqui mais especificamente aos jornais e notícias, no entanto, o que falam sobre esses podem ser transportado para as mídias, de forma mais ampla no que diz respeito às palavras de ordem que colocam em circulação e redundância, na formação de um dado a ver.

Na relação entre palavra de ordem e dispositivo disciplinar vemos reforçado o caráter de construto da realidade em que nos situamos, como aspectos tramados pela ordem simbólica.

Disso implica-se diretamente a noção de palavra de ordem, em sua dimensão disciplinar, pois, é nas circunscrições de campo que instaura, na definição e ordenação numa abordagem específica que essa constrói a realidade, orientando nossas formas de sua apreensão e modos de ser nela.

Como aspecto característico do conceito de palavra de ordem nessa inscrição disciplinar, poderíamos dizer que a própria linguagem é dimensionante, quando nos traz regras, que internalizadas constroem nossa apreensão do mundo. Funcionam assim como coordenadas na construção de um mapa, as quais, “embora sejam significantes, antecedem qualquer significação” (GOMES, 2003, p. 92).

Nesse terreno, têm entrada os dispositivos disciplinares na perspectiva de Foucault, na medida que

funcionam como significações dadas a partir de uma organização discursiva de base, da qual derivam, à qual sustentam e na qual se sustentam. Tais dispositivos (a família, a escola, o quartel, a penitenciária) aparecem, então, como uma progressão nessa propriedade da língua, funcionando para o preenchimento do quadriculado dado, compondo o mapa (GOMES, 2003, p. 93).

Dessa forma, estando a ‘palavra de ordem’ “atrelada a uma relação de poder, à realização como obrigação social, cessa toda disjunção entre ela e a noção de ‘dispositivos disciplinares’. Uma palavra recorta e opera sob o signo das disciplinas” (GOMES, 2003, p. 94).

Como um outro aspecto de associação entre tais noções, a autora menciona a educação, uma vez que seus ‘processos se resumem ao procedimento de ensinar a ver e comportar-se no mundo’ (GOMES, 2003, p. 94), o que remete diretamente à implicação dos sujeitos e a mecanismos de sujeição e assujeitamento ou de subjetivação, o que voltará a ser abordado na sequência da explanação que se tece sobre as palavras de ordem.

Ainda no terreno da palavra de ordem como dispositivo disciplinar, vale reforçar o que nos lembram Deleuze e Guattari sobre a instantaneidade que efetuam tais palavras de ordem como intervenção na materialidade da vida ou dos corpos.

Tais palavras - como agenciamentos de enunciação ou o ilocutório - “designam essa relação instantânea dos enunciados com as transformações incorpóreas ou atributos não-corpóreos que eles expressam” (DELEUZE e GUATTARI, 2011b, p. 20).

Eles afirmam ser este o caráter que faz reconhecer a transformação incorpórea: sua imediatividade, a simultaneidade entre o enunciado que a exprime e o efeito que ela produz, “eis por que as palavras de ordem são estritamente datadas, hora, minuto e segundo, e valem tão longas datas” (DELEUZE e GUATTARI, 2011b, p. 20).

Se a transformação se opera ou se refere aos corpos, Deleuze e Guattari (2011b, p. 22) nos lembram que “ela mesma é incorpórea, interior à enunciação”, de onde salientam que há variáveis de expressão ou de enunciação que “*colocam a língua em relação com o fora, mas precisamente porque elas são inerentes à língua*”. A pragmática destaca tais variáveis, recorrendo a elas em conjunto com as circunstâncias externas, evitando assim que se fechem sobre si.

Os autores concluem o pensamento sobre a palavra de ordem, ratificando que é ela justamente “a variável que faz da palavra como tal uma enunciação. A instantaneidade da palavra de ordem, sua imediatividade, lhe confere uma potência de variação em relação aos corpos aos quais se atribui a transformação” (DELEUZE e GUATTARI, 2011b, p. 22;23)

Mais ainda, defendem que

[...] as expressões ou os expressos vão se inserir nos conteúdos, intervir nos conteúdos, não para representá-los, mas para antecipá-los, retrocedê-los, retardá-los ou precipitá-los, destacá-los, ou reuni-los, recortá-los de um outro modo. A cadeia das transformações instantâneas vai se inserir o tempo todo na trama das modificações contínuas (DELEUZE e GUATTARI, 2011b, 29)

Os autores nos lembram ainda que a inscrição, ela mesma, de uma palavra de ordem refere-se a relações de poder, justamente no sentido de que sua expressão implica diretamente uma nova configuração dos corpos a ela vinculados ou por ela transformados ou criados.

Como afirmam,

Um tipo de enunciado só pode ser avaliado em função de suas implicações pragmáticas, isto é, de sua relação com pressupostos implícitos, com atos imanentes ou transformações incorpóreas que ele exprime, e que vão introduzir novos recortes entre os corpos (DELEUZE e GUATTARI, 2011b, p. 24)

O que expõem remete a exemplo por eles utilizado, diretamente relacionado ao objeto de nosso estudo, quando comentam que os corpos físicos “têm uma idade, uma maturação, um envelhecimento; mas a maioridade, a aposentadoria, determinada categoria de idade, são transformações incorpóreas que se atribuem imediatamente aos corpos, nessa ou naquela sociedade” (DELEUZE e GUATTARI, 2011b, p. 20).

Os autores nos lembram aí do caráter de construto dessas categorias em que nos situamos e que muitas vezes tomamos como formatos naturalizados de existência no mundo.

O exposto remete diretamente ao conceito de imaginário, quando compreendido como o corpo de sentidos ou significados que recobrem os espaços constituídos no processo de ordem simbólica (GOMES, 2008).

Como define Gomes:

“Entendemos por imaginário, o produto, ou efeito, de sentido como realidade a ser vivida, do conjunto das circunscrições de campo operadas pelo significante, os lugares instituídos pela ordem simbólica, que não podemos isolar do conjunto de significados a elas amarrados, a imagens mentais” (GOMES, 2008, p. 46).

Tais imagens, carregadas de sentidos, compõem as “plataformas em que fincamos o nosso pé e nos constituímos, estas que são um efeito de conjunto e constituem uma ordem imaginária” (GOMES, 2008, p. 46).

Com base em Lacan⁵⁰, a autora complementa com a afirmação de que, então,

“Não há Simbólico que não arraste ou gere, Imaginário, afinal a construção da realidade, do sentido do mundo é seu campo. Da mesma forma, considera-se que não exista Imaginário, como sentido agregado, que não suponha, não necessite do quê afinal? Do estatuto Imaginário da própria ordem simbólica (GOMES, 2008, p. 40).

Nesses termos, voltando às características da palavra de ordem, temos outra questão fundamental: o esquecimento de nossa imersão nesse universo de comando da existência humana, como seres inscritos em uma ordem simbólica. É justamente por se ignorar o papel de tal ordem que essa encontra sua efetividade e poder (GOMES, 2008, p. 55).

Daí o valor da ilusão referencial na ratificação das palavras de ordem expressas em um discurso. Nesses termos, a utilização de dados de pesquisas, tabelas e fotografias,

⁵⁰ LACAN, Jacques. **O seminário, livro 22**: R.S.I. Paris, 1974-1975

entre outros elementos, opera como recurso de remetência a um real, reforçando o efeito de apagamento da ordem simbólica (GOMES, 2000, p.30) e da mediação humana na apreensão das coisas do mundo,

Isso porque, tal estratégia constitui-se em efeito de real, ao apresentar a ideia um real como sendo apreensível e descritível diretamente.

Do exposto, podemos reunir os principais aspectos que caracterizam as palavras de ordem. A saber: ⁵¹

- uma instantaneidade na emissão, percepção e transmissão dessas palavras;
- uma capacidade ideal ou fantasmática na apreensão das transformações incorpóreas;
- uma aptidão para apreender a linguagem sob a forma de um imenso discurso indireto e
- reforçando aspecto que queríamos salientar: “uma grande variabilidade, e uma potência de esquecimento que faz com que nos sintamos inocentes diante das palavras de ordem que seguimos, e depois abandonamos, para acolher outras em seu lugar” (DELEUZE e GUATTARI, 2011b, p. 25).

É nesse momento de acolhimento ou abandono de determinadas palavras de ordem e da inscrição da palavra de ordem e da linguagem no patamar do discurso indireto que podemos abordar a questão da subjetivação ou do assujeitamento e sua relação com a noção de agenciamento.

2.1.2.2 Subjetivação e Agenciamento

Voltamos preliminarmente à tomada de Foucault (1995), quando afirma que o sujeito se apresenta como sujeito do enunciado à medida que um indivíduo ascende a posições discursivas nele apresentadas, o que abre por meio da função enunciativa “um conjunto de posições subjetivas possíveis”, como casas vazias, passíveis de serem ocupadas por quaisquer indivíduos que ali vierem a se inscrever (FOUCAULT, 1995, p. 122).

Tal olhar nos permite pensar, entre outros aspectos, na elaboração de um percurso de análise voltada à identificação e estudo dos lugares discursivos colocados em

⁵¹ Visando reforçar o caráter de esquecimento, alteramos a ordem de apresentação das características elencadas pelos autores, que terminam o percurso reforçando a apreensão da linguagem pelo discurso indireto.

circulação nas mídias a partir de discursos evocados pelo tema da velhice, em busca daqueles em prevalência e de coordenadas de vida para os sujeitos que ali viessem a se erigir. A visada se amplia, ainda sob o olhar de Deleuze e Guattari.

Tais autores nos permitem pensar a apresentação do sujeito em termos não apenas dos pontos de fixação ou adesão a discursos ou lugares de engate dos indivíduos, (ainda que estes continuem a nos interessar), mas em uma dinâmica maior de subjetivação, justamente nos pontos de salto para além de lugares ou pontos de territorialização dominantes que culminam, porém, em um movimento de novas ancoragens e territorializações⁵².

Deleuze e Guattari (2011, p.18) nos lembram ainda que nem a significância existe “independentemente das significações dominantes, nem a subjetivação independentemente de uma ordem estabelecida de sujeição. Ambas dependem da natureza e da transmissão das palavras de ordem de um campo social dado”.

Dessa forma, tomam o regime de subjetivação, dentre os regimes semióticos com os quais trabalham⁵³, como aquele que se estabelece em uma série linear, como processo que, a partir de um determinado ponto, chegará ao esgotamento “que marcará a partida de um novo processo” (DELEUZE e GUATTARI, 2011, p.75), ou seja, um regime que se faz na existência então de um ponto de subjetivação que dá a partida da linha, um sujeito de enunciação que deriva de tal ponto de subjetivação e um sujeito de enunciado em uma relação determinável com o primeiro sujeito (DELEUZE e GUATTARI, 2011, p. 86).

Se a linha passional do regime pós-significante encontra sua origem no ponto de subjetivação, como mencionam os autores, “este pode ser qualquer um. Basta que a partir desse ponto se possam encontrar os traços característicos da semiótica subjetiva” (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 87), isto é, apresentarem-se traços como pontos de partida de uma desterritorialização que põe em fuga todo o resto (ibid, p. 88), mas que depois volta a se ancorar em outro território, como condição de sanidade ou mesmo existência, ainda que, como nos lembram os autores “vários pontos coexistem para um

⁵²Consideram ainda aqui, a ruptura total como outro possível que, no entanto, seria a perda do sujeito para um mundo de abstração demencial ou suicida (DELEUZE e GUATTARI, 2012, p.27).

⁵³ Os autores discorrem sobre quatro “Regimes de Signo” (2011b, p.63 a 75): Regime pré-significante; Regime signifiante; Regime contra-signifiante e Regime pós-signifiante. Apresentados em nota de rodapé, no início desse tópico.

determinado indivíduo ou grupo, sempre engajados em vários processos lineares distintos, nem sempre compatíveis” (DELEUZE e GUATTARI, 2011, p.88).

Nesse momento, abordam o caráter relevante de tal processo, a exemplo do que mencionou Gomes (2003) em relação à palavra de ordem como dispositivo disciplinar, e sua inscrição no universo educacional, implicando o sujeito, novamente, como derivada de uma realidade dominante:

As diversas formas de educação ou de “normalização” impostas a um indivíduo consistem em fazê-lo mudar de ponto de subjetivação, sempre mais alto, sempre mais nobre, sempre mais conforme um suposto ideal. Depois do ponto de subjetivação deriva o sujeito de enunciação, em função de uma realidade mental determinada por esse ponto. E do sujeito de enunciação deriva, por sua vez, um sujeito do enunciado, isto é, um sujeito preso nos enunciados conforme a uma realidade dominante (sendo a realidade mental de agora há pouco apenas uma parte desta realidade, mesmo quando parece a ela se opor” (DELEUZE e GUATTARI, 2011, p.88)

A subjetivação é tida, assim, ao lado do organismo e da significância, como um dos três grandes estratos em que nos situamos e que nos moldam

Você será organizado, você será um organismo, articulará seu corpo, senão você será um depravado. Você será significante e significado, intérprete e interpretado – senão será desviante. Você será sujeito e, como tal, fixado, sujeito de enunciação rebatido sobre um significado – senão você será apenas um vagabundo (DELEUZE e GUATTARI, 2012, p. 25).

Como ponto importante, os autores destacam aí o rebatimento do sujeito de enunciação sobre o sujeito de enunciado “*podendo este fornecer novamente, por sua vez, um sujeito de enunciação para um outro processo*. O sujeito do enunciado deveio o “respondente” do sujeito de enunciação [...] em uma relação biunívoca” (DELEUZE e GUATTARI, 2011, p.88;89) que é igualmente a “da realidade mental sobre a realidade dominante” (id.).

No entanto, os movimentos de ruptura com tal realidade pedem cautela, para não sucumbirmos em derrocada por um outro lado

O pior não é permanecer estratificado – organizado, significado, sujeitado – mas precipitar os estratos numa queda suicida ou demente, que os faz recair sobre nós, mais pesados do que nunca. Eis então o que seria necessário fazer: instalar-se sobre um estrato, experimentar as oportunidades que ele nos oferece, buscar aí um lugar favorável, eventuais movimentos de desterritorialização, linhas de fuga possíveis, vivenciá-las, assegurar aqui e ali as conjunções de fluxos, experimentar segmento por segmento dos contínuos e intensidades, ter sempre um pedaço de uma nova terra (DELEUZE e GUATTARI, 2012, p.27)

Tal abordagem pode ser complementada mais uma vez com Foucault, em termos que expandem a visada anterior, sobre o sujeito do enunciado da forma como propõe o mesmo autor, ou seja, de apresentação de um sujeito em assunção a “uma posição que pode ser ocupada, sob certas condições por indivíduos indiferentes” (FOUCAULT, 1995, p.133), mais: a uma posição “que pode e deve ocupar todo o indivíduo para ser seu sujeito”, abrindo por meio da função enunciativa “um conjunto de posições subjetivas possíveis” (FOUCAULT, 1995, p. 122).

Para além dessa colocação em relação aos processos de inscrição dos sujeitos, observa-se o desenvolvimento do olhar sobre o tema pelo autor. Como comenta Deleuze, – ao afirmar que, ao final de “*A vontade de saber*” (1988), Foucault chega a um importante impasse quanto às determinações pelos eixos do saber e do poder diante das quais só haveria saída por um novo eixo. Não como “um eixo que anula os outros, mas um eixo que já atuava ao mesmo tempo que os outros”. Eixo que, no entanto, solicita um devido distanciamento para que se torne visível ao sujeito, (DELEUZE, 2013, p. 103), levando à possibilidade do conhecimento de si.

Recorrendo a Sêneca, Foucault nos fala de um movimento de afastamento do mundo por um esforço em que se coloque em um patamar de altitude tão elevado que permita ao sujeito visualizar a dimensão em que se insere e, assim, se posicionar sobre ela:

[...] que se possa ver a partir desse ponto, e abaixo de si o mundo em sua ordem geral, o pequeno lugar que se ocupa nele, o pouco tempo que nele se vai ficar [...] Visão do alto de si sobre si que engloba o mundo de que se faz parte e que assegura assim a liberdade do sujeito nesse próprio mundo (FOUCAULT, 2010, p. 253).

Dessa forma, o que nos traz Foucault se relaciona ao terceiro eixo que nos apresenta Deleuze. Esse implica uma ‘constituição de si’ que deriva “do código moral como regra de saber”, mas que adquire independência. Como uma dobra das relações do lado de fora, que formariam um forro, deixando “surgir uma relação consigo” e constituindo “um lado de dentro que se escava e desenvolve segundo uma dimensão própria” (DELEUZE, 2013, p. 107).

Como se pode complementar com a fala do autor:

[...] Eis o que fizeram os gregos [...] Longe de ignorarem a interioridade, a individualidade, a subjetividade, eles inventaram o sujeito, mas como uma derivada, como o produto de uma ‘subjetivação’. Descobriram a

‘existência estética’, isto é, o forro, a relação consigo, a regra facultativa do homem livre (DELEUZE, 2013, p. 108).

Sob tal visada, Tótora (2015, p.26) afirma que ao escapar das formas de sujeição ou resistência no interior de uma relação de poder, a subjetivação faz-se em uma relação de força consigo. É pela maneira de dobrar a força sobre si que diferentes modos de existência ou de subjetivação se estabelecem.

O que é preciso se colocar, então, é que a subjetivação, a relação consigo, não deixa de se fazer, mas se metamorfoseando, mudando de modo [...] Recuperada pelas relações de poder, pelas relações de saber, a relação consigo não pára de renascer, em outros lugares em outras formas (DELEUZE, 2013, p. 111).

Após tais pontuações, podemos retomar a Deleuze e Guattari que afirmam que a subjetivação se dá em um regime de signos ou forma de expressão que remete a um agenciamento. (DELEUZE e GUATTARI, 2011, p.90).

Esse (o agenciamento) é entendido pelos autores, entre outros aspectos, como um “crescimento das dimensões numa multiplicidade que muda necessariamente de natureza à medida que ela aumenta suas conexões” (DELEUZE e GUATTARI, 2011, p. 24).

A partir dessa expansão a transformação ocorre uma vez que, “a subjetivação leva o desejo a um tal ponto de excesso e de escoamento que ele deve ou se abolir em um buraco negro ou mudar de plano” (DELEUZE e GUATTARI, 2011, p.94), o que implica sua territorialização, ou melhor, sua reterritorialização como condição mesma de existência.

Estas territorializações ou reterritorializações se fazem nos estratos, por meio de agenciamentos que enredam os sujeitos e constituem o processo mesmo de subjetivação, na amplitude de suas dimensões e formas de experiência e de expressões.

Sobre os estratos, pode-se dizer com os autores que esses se efetivam como um primeiro plano de nossa apreensão ou de nossa conformação no mundo, sobre o qual vão incidir os recortes de nossas territorializações. Os estratos são, assim, “fenômenos de espessamento no Corpo da terra, ao mesmo tempo moleculares e molares: acumulações, coagulações, sedimentações, dobramentos. São Cintas, Pinças ou Articulações” (DELEUZE, GUATTARI, 2012, p. 230).

Para melhor entendimento daquilo que abrangem, é importante mencionar que, em tais estratos, formas e substâncias, códigos e meios que aí já se põem e os compõem “não são realmente distintos. São componentes abstratos de qualquer articulação”

(DELEUZE, GUATTARI, 2012, p. 230), sendo sua unidade de composição concernente a traços formais comuns a suas formas ou códigos e aos elementos materiais comuns a suas substâncias ou meios.

Os autores argumentam ainda sobre sua grande mobilidade e papel de base na apreensão das coisas do mundo.

Um estrato é sempre capaz de servir de *substrato* a outro, ou de percutir um outro, independentemente de uma ordem evolutiva. Sobretudo, entre dois estratos ou duas divisões de estratos produzem-se fenômenos de *interestratos*: transcodificações e passagens de meio, misturas. Os ritmos remetem a esses movimentos interestráticos, que são, igualmente, atos de estratificação. A estratificação é como a criação do mundo a partir do caos, uma criação contínua, renovada, e os estratos constituem o Juízo de Deus” (DELEUZE, GUATTARI, 2012, p. 230).

Assim, “[...]fora dos estratos ou sem os estratos, já não temos formas nem substâncias, nem organização nem desenvolvimento, nem conteúdo nem expressão. Estamos desarticulados, já nem parece que os ritmos nos sustentam”. Dessa composição questionam: - “Como a matéria não formada, a vida anorgânica, o devir não humano poderiam ser algo além de um puro e simples caos? (DELEUZE, GUATTARI, 2012, p.231)

Aqui nos lembram a “massa amorfa” de Saussure (1970, p.30), e a condição do pensamento humano ao recurso dos signos. A afirmação dos autores também reforça assim o posicionamento de sua obra terreno das Ciências da Linguagem.

Retornando a Deleuze e Guattari, pode-se entender o alerta dos autores relacionado ao nosso fazer como humanos, corporeamente conformados sob visadas de sentidos em que nos vemos inscritos, ao afirmarem que:

Ao mesmo tempo, todos os empreendimentos de desestratificação (por exemplo, extravasar o organismo, lançar-se num devir) devem primeiro observar regras concretas de uma prudência extrema: qualquer desestratificação demasiado brutal corre o risco de ser suicida, ou cancerosa, isto é, ora se abre para o caos, o vazio e a destruição, ora torna a fechar sobre nós os estratos, que se endurecem ainda mais e perdem até seus graus de diversidade, de diferenciação e de mobilidade (DELEUZE, GUATTARI, 2012, p.232).

Observa-se aí, mais uma vez a advertência quanto aos danos que uma ruptura abrupta pode causar. Machado (2009, p. 217-221) afirma que Deleuze é um filósofo que enalteceu a prudência.

Mais do que isso, ele nos lembra que além do “perigo de desmoronamento, de demolição ou de uma evasão que não dá certo”, quando se toma a questão do devir, da desterritorialização ou da linha de fuga e, pode-se dizer também, da desestratificação,

Machado reitera que o que se faz importante é saber como esses aspectos podem ser vividos de forma a serem aproveitados em sua potência de vida, na tentativa de libertar a vida daquilo que a aprisiona e de torná-la mais rica ou, pode-se dizer ainda, diante das inúmeras possibilidades que nos apresenta.

Por outro lado, sobre uma tipologia ou recorte dos estratos, Deleuze e Guattari (2012, p. 231) mencionam três grandes estratos tradicionais: físico-químico, orgânico, antropomórfico (ou ‘aloplástico’), mas também apresentam outros três relacionados a nós, ou seja, “aqueles que nos amarram mais diretamente: o corpo, a significação e a subjetivação” (DELEUZE e GUATTARI, 2012, p. 25), na medida em que neles nos fazemos e sobre eles nos territorializamos.

Importa então nos determos aos agenciamentos como conexões concernentes aos estratos. Se por um lado nos situam neles em uma tomada territorial, impedem também que nos precipitemos em linhas de fuga sem volta.

Deleuze e Guattari (2012, p. 232) tomam todo agenciamento como territorial. Defendem assim que a “primeira regra concreta dos agenciamentos é descobrir a territorialidade que envolvem, pois sempre há alguma [...]”.

Sendo assim, o agenciamento relaciona-se diretamente à noção de território que, como apresentam, “é feito de fragmentos decodificados de todo tipo, extraídos dos meios, mas que adquirem a partir desse momento um valor de ‘propriedade’ ” (DELEUZE e GUATTARI, 2012, p. 232).

Por outro lado, reforçam que “se o agenciamento não se reduz aos estratos, é porque nele a expressão torna-se um *sistema semiótico*, um regime de signos, e o conteúdo, um *sistema pragmático*, ações e paixões”. (DELEUZE e GUATTARI, 2012, p. 233)

Dessa forma, de “cada agenciamento é preciso encontrar o conteúdo e a expressão, avaliar sua distinção real, sua pressuposição recíproca, suas inserções fragmento por fragmento” (2012, p.232)

Eis, portanto, a primeira divisão de todo agenciamento: por um lado, agenciamento maquínico, por outro, e ao mesmo tempo, agenciamento de enunciação. Em cada caso é preciso encontrar um e outro: o que se faz e o que se diz? E entre ambos, entre o conteúdo e a expressão, se estabelece uma nova relação que ainda não aparecia nos estratos: os enunciados ou as expressões exprimem transformações *incorporais* que

‘se atribuem’ como tais (propriedades) aos corpos ou aos conteúdos” (DELEUZE, GUATTARI, 2012, p. 233).

Ao tratar do agenciamento em seu movimento de articulação e conexão das coisas do mundo, podemos ainda falar com os autores de sua apresentação como agenciamento coletivo de enunciação, pelo qual palavras de ordem se apresentam ao indivíduo aí interpelado, gerando o assujeitamento ou o engate em um processo de subjetivação, como condição para a existência mesma do sujeito como tal.

Os autores conferem destaque ao agenciamento coletivo, de onde ressaltam alguns dos aspectos aqui já abordados de sua teoria, o que fazemos agora sob a insígnia de tal noção.

Dessa forma, o agenciamento coletivo consiste nos atos imanentes à linguagem - que estão em redundância com os enunciados e que criam palavras de ordem - e se definem “pelo conjunto das *transformações incorpóreas* em curso em uma sociedade dada, e que *se atribuem* aos corpos dessa sociedade” (DELEUZE e GUATTARI, 2011b, p. 19).

Daí ressaltam que é tal noção – a de agenciamento coletivo de enunciação – “que devém a mais importante, já que deve dar conta do caráter social” (DELEUZE e GUATTARI, 2011b, p. 19).

Ainda sobre o agenciamento coletivo, lembram os autores que esse concerne ao uso das constantes da língua (fonológicas, semânticas, sintáticas) que coexistem em seus enunciados, em função das variáveis que são interiores à própria enunciação, ou seja, as transformações incorpóreas operadas pelas palavras de ordem em sua expressão. (DELEUZE E GUATTARI, 2011, p. 27)

Nas palavras dos autores:

“Se então o agenciamento coletivo e, em todos os casos, coextensivo à língua considerada, e à própria linguagem, é porque exprime o conjunto das transformações incorpóreas que efetuam a condição da linguagem, e que utilizam os elementos da língua. A função-linguagem [...] é o processo de subjetivação e o movimento de significância que remetem aos regimes de signos ou agenciamentos coletivos. A função-linguagem é transmissão de palavras de ordem, e as palavras de ordem remetem aos agenciamentos, como estes remetem às transformações incorpóreas que constituem as variáveis da função (DELEUZE e GUATTARI, 2011b, p. 27).

E assim, defendem que não há “significância independente das significações dominantes, nem subjetivação independente de uma ordem estabelecida de sujeição”,

uma vez que ambas “dependem da natureza e da transmissão das palavras de ordem em um campo social dado” (DELEUZE e GUATTARI, 2011b, p. 18).

Os autores mencionam ainda o “valor exemplar do discurso indireto, *e sobretudo do discurso indireto ‘livre’*” e, aí, afirmam a existência de “um agenciamento coletivo que irá determinar como sua consequência os processos relativos de subjetivação, as atribuições de individualidade e suas distribuições moventes no discurso” (DELEUZE e GUATTARI, 2011b, 18).

E mais. “Não é a distinção dos sujeitos que explica o discurso indireto; é o agenciamento, tal como surge livremente nesses discursos, que explica todas as vozes presentes em uma voz” (DELEUZE e GUATTARI, 2011b, 18-19).

São esses agenciamentos que nos territorializam, que nos situam em terra e pelos quais nos fazemos como seres agentes de acordo com as coordenadas em que nos formamos, em que somos formatados e assim também formatam a apreensão do mundo ao nosso redor. Coordenadas que, em um mar de possibilidades diante do universo que nos rodeia, se estabelecem a partir desse processo de articulação que vincula elementos e nos inscreve em um domínio determinado.

Mas se há agenciamento e territorialização, há também linhas de fuga que nos levam a outras visadas, outras terras, outras territorializações, com o que podemos abordar o que nos dizem Deleuze e Guattari sobre a multiplicidade.

2.1.2.3 *Multiplicidade*

Se a subjetivação, como mencionamos, se faz nessas amarrações em que nos formamos, mas também, se ela se mostra diante de linhas de fuga para outras territorializações – tal processo só ocorre pela existência de uma dimensão em multiplicidade, ou seja, um universo de diversidade, muitas vezes ainda não apreendida, mas sempre presente, que se posta como condição de existência, ou mesmo, como a realidade em que nos situamos.

Vivemos diante da potência do múltiplo. De tomadas virtualmente situadas, mas em possibilidade de apreensão e de conversão em relação a tudo o que nos cerca. O que não é pouca coisa, diante das certezas em que nos assentamos e sobre as quais nos aterramos, pois passíveis sempre de tornarem-se outras.

Pelo exposto, se o processo de subjetivação se faz diante de circunscrições, de determinações, como também, das rupturas em relação a tais coordenadas, tais saltos se configuram e se tornam realizáveis apenas diante desse um universo de multiplicidades passíveis de reinscrição.

A subjetivação se dá então frente a diversas potenciais tomadas de um campo específico em articulação com outros, em um universo de limites e fronteiras cambiantes, pelo dinamismo das intersecções, segmentaridades e saltos em direção a novos recortes.

Dessa maneira, o múltiplo é tomado não como adjetivo. Ele é substantivado como condição mesma da amplitude de um processo que só existe como tal na possibilidade das inúmeras apreensões de uma unidade.

Tal unidade, no entanto, é entendida como sempre faltante, apreendida como realidade constituída pela ausência de algo que lhes escapa, de algo que não se pode apreender, mas também, de algo para onde se pode lançar para novamente se reencontrar no estabelecimento de novas coordenadas que se dobram na circunscrição de novos espaços diante da vaga do “não-simbolizado”, utilizando-se termos empregados por Gomes (2000, p. 84).

É pela existência do múltiplo dessa forma implicado que se pode ampliar o olhar sobre nosso objeto de pesquisa, uma vez que sempre aberto a uma esfera de outras possíveis e suas intersecções com outros campos, espaços, territórios, virtualidades em vias potenciais de realização.

A retomada que Deleuze (2006) faz de Lévi-Strauss sobre a questão permite complementar essa abordagem do múltiplo, em uma visada a partir da noção de estrutura. Essa é tida como um espaço em que tudo coexiste virtualmente, como um *locus* de “repertório ideal”, em que, no entanto, sua apreensão se permite apenas diante de combinações parciais e escolhas inconscientes.

É daí que Deleuze afirma que para se identificar a estrutura de um domínio, é necessário “determinar toda uma virtualidade de coexistência que preexiste aos seres, aos objetos e às obras desse domínio. Toda estrutura é uma multiplicidade de coexistência virtual” (DELEUZE, 2006, p. 231).

De onde o questionamento e sua resolução:

O que é que coexiste na estrutura? Todos os elementos, as relações e valores de relações, todas as singularidades próprias ao domínio

considerado. Semelhante coexistência não implica confusão alguma, nenhuma indeterminação: são relações e elementos diferenciais que coexistem num todo perfeita e completamente determinado. Acontece que esse todo não se atualiza como tal. O que se atualiza, aqui e agora, são tais relações, tais valores de relações, tal repartição de singularidades; outras atualizam-se alhures ou em outros momentos” (DELEUZE, 2006, p. 231).

Tal raciocínio nos faz entender ainda melhor a afirmação de Lévi-Strauss (1974), sobre o fato de o surgimento da linguagem ter acontecido de uma vez, sem que os significados, no entanto, passassem todos a ser compreendidos no mesmo momento, uma vez que inscritos em uma ordem que os permite acesso apenas como recorte.

Significados em suspensão em um universo de possibilidades virtualmente presentes, que são apreendidos somente diante de atualizações feitas no estabelecimento de traços de diferenciação e posição em relação a outros também possíveis, dependendo das coordenadas e relações que os estabeleçam.

Voltando ao objeto de estudo, pode-se mais uma vez pensar com Gomes tanto em termos do tema da velhice, como também, mais propriamente em sua abordagem pelas mídias em que nos vemos imersos na leitura de nosso cotidiano, ao se considerar tais apreensões do mundo como fragmentos.

Diz a autora:

O fragmento que se mostra tão bem na diagramação dos jornais e nas próprias notícias, muitas vezes mais para notas, aponta para a inteireza que lhe falta, remete sempre a um outro lugar.

Por inferência a esse outro lugar nos enviam não só as notícias abandonadas mas a suposição daquelas que jamais foram abordadas. Temos aí uma reserva donde sempre pode algo ser recuperado, algo disponível como notícia (Gomes, 2000, p. 83)

Tal visada remete à necessidade de um olhar mais atento para as abordagens e discursos em torno do objeto da tese em questão, pela relevância social crescente na contemporaneidade, como também, pelas implicações dessas abordagens em sua inscrição na materialidade da vida dos sujeitos, o que se pode dar em termos de abordagens redutoras ou mais ampliadas do mundo em que nos vemos inscritos.

Complementando a questão, retoma-se Deleuze em dupla com Guattari, quando atribuem à dimensão do múltiplo, a noção de rizoma, como unidade sempre faltante:

É preciso fazer o múltiplo, não acrescentando sempre uma dimensão superior, mas, ao contrário, da maneira simples, com força de sobriedade, no nível das dimensões de que se dispõe, sempre $n-1$ (é somente assim que o uno faz parte do múltiplo,

estando sempre subtraído dele). Subtrair o único da multiplicidade a ser constituída; escrever a $n-1$. Um tal sistema poderia ser chamado de rizoma (DELEUZE e GUATTARI, 2011a, p. 21).

Ao abordar as características aproximativas do rizoma, os autores nos trazem mais aspectos concernentes a sua tomada em relação à multiplicidade, ao abordarem os princípios de conexão e heterogeneidade que o concernem: “qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo” (DELEUZE e GUATTARI, 2011a, p. 21).

Num rizoma, afirmam, “cadeias semióticas de toda natureza são aí conectadas a modos de codificação muito diversos, cadeias biológicas, políticas, econômicas, etc., colocando em jogo não somente regimes de signos diferentes, mas também estatutos de coisas” (DELEUZE e GUATTARI, 2011a, p. 22).

Ao se considerar tais aspectos, implica-se uma análise da linguagem que se efetue em um descentramento sobre outras dimensões e outros registros. Uma análise que permita compreender, no plano de expressão “[...] a conexão de uma língua com os conteúdos semânticos e pragmáticos de enunciados, com agenciamentos coletivos de enunciação, com toda uma micropolítica do campo social” (DELEUZE e GUATTARI, 2011a, p. 23).

Dessa forma, reitera-se a solicitação de uma metodologia que conecte “cadeias semióticas, organizações de poder, ocorrências que remetem às artes, às ciências, às lutas sociais” (DELEUZE e GUATTARI, 2011a, p. 23) e, assim também, implique os “agenciamentos maquínicos”, ou seja, a inscrição na dimensão dos corpos, daquilo que se expressa em discursos.

Dito isto, vale salientar mais especificamente que o olhar de Deleuze para a filosofia e para o mundo (e o dele com Guattari) torna-se relevante para esse estudo, por permitir pensar de maneira ampla os discursos em circulação em torno da velhice ou das velhices que se multiplicam em forma e expressão em nossos dias e no terreno das mídias. Seu pensamento é aberto às multiplicidades, à heterogeneidade e às intersecções entre diferentes campos e experiências que os discursos e práticas humanas nos apresentam.

Mas também, o pensamento dos autores se faz relevante para nosso estudo em termos ainda das palavras de ordem que tais discursos nos colocam, recortando, formatando, direcionando nosso olhar para um determinado universo.

Essas palavras condicionam e restringem tal multiplicidade e nossas formas de existência às falas que, de maneira repetida nos discursos que circulam, definem nossos modos de ser e estar em sociedade e de apreender o mundo que nos rodeia. Em cada um dos domínios em que nos vemos situados ou pelos quais somos capturados ou nos quais estamos engatados operam palavras de ordem condicionando o olhar que assumimos como sujeitos.

A partir do exposto, passamos a uma melhor especificação da metodologia a ser aplicada na conformação e análise do corpus de pesquisa, com a abordagem dos princípios utilizados que se fazem necessários evocar, a fim de melhor fundamentação do caminho escolhido para tal.

2.2 Um a mais a ressaltar – fundamentos metodológicos para recorte e análise do *corpus*

Até o momento, nesta fundamentação, nos detivemos ao posicionamento que inscreve nossa abordagem e análise do objeto de pesquisa em um espaço teórico sob o domínio das Ciências da Linguagem. Nesse universo, nosso enfoque mais específico é ancorado principalmente em conceitos trabalhados por Deleuze e Guattari, como também Foucault.

Com esses autores buscamos a explanação de uma visada que toma a linguagem como um processo de transmissão de palavras de ordem que nos assujeitam a determinadas territorializações e assumem papel ordenador, disciplinar.

Um processo que, por outro lado, também apreende a possibilidade de ruptura com o estabelecido. Terreno dos acontecimentos e das experiências, como realidade sempre passível de novos agenciamentos, novas ordenações e subjetivações.

O exposto nos auxilia a pensar em nosso objeto em circulação nas mídias, partindo do princípio que as descrições e caracterizações da velhice e do envelhecimento que circulam nesse terreno implicam nosso entendimento sobre os mesmos. Assim, procuramos nas manifestações midiáticas a conformação que a linguagem dá aos temas.

Nosso olhar para a apreensão e análise do *corpus* de pesquisa pauta-se ainda pela complexidade que a temática da velhice e do envelhecimento abarca, e pelas múltiplas visadas que a entrecortam, como coordenadas para a vida humana em suas diversas faces.

Diante dessa tomada, interessa-nos aqui a identificação e problematização de discursos e representações que o tema da velhice coloca em exposição e relação nas mídias, seja apresentando regras para nossa fixação no mundo em parâmetros estandardizados, seja transpondo territórios em busca de novas ancoragens à frente do já posto e sua implicação para os sujeitos inseridos nesse cenário.

É assim que recorremos então a princípios da Análise de Discurso de linha francesa (AD) que, além de nos permitirem pensar os discursos como eventos verbais no mundo (ORLANDI, 2013; MAINGUENEAU, 1989), correlacionam-se diretamente ao que temos aqui apresentado, ao considerar o terreno das Ciências da Linguagem como fundamento em que o pensamento de Deleuze/ Guatarri e Foucault se ancora como norte.

Essa relação observa-se em diferentes esferas, como na busca pela atribuição de sentidos à experiência humana pelo modo como operam os discursos e, assim, a linguagem, como também, pelo descentramento da noção de sujeito, entendido como ente que se constitui nos discursos de seu tempo e lugar.

Destaca-se ainda a própria noção de constituição da realidade e assim também do sujeito, por uma construção imaginária do mundo. Pois, a realidade só nos é acessível quando mediada pela linguagem, isto é, pelos recortes simbólicos que permitem a nomeação e a atribuição de significados e sentidos às coisas do mundo.

Essa condição imaginária de acesso ao mundo, já foi abordada nessa tese em termos das Ciências da Linguagem e da eficácia das palavras de ordem. Do ponto de vista da Análise de Discurso, é o que constitui a própria noção de ideologia como instituição naturalizada pelo apagamento de sua condição de construto (ORLANDI, 2015, p. 46).

Daí o entendimento, pela Análise do Discurso, de um terreno que se constitui com base no esquecimento de nossa imersão nessa rede imaginária que acionamos no momento da enunciação e, também, no esquecimento de nossa constituição pelos discursos que nos antecedem.

Nosso dizer, é sempre um dizer de uma instância do já dito, que nos precede e do qual nossa fala é apenas atualização, de modo que, ao falar, acionamos o falado e as memórias em torno do dizer. (PÊCHEUX, 1997; ORLANDI, 2013).

Consiste aí a eficácia da ordem simbólica, como já mencionamos anteriormente: situar-se justamente à medida de tais esquecimentos, com apagamento de nossa realidade inscrita como construto, a partir dos discursos em que nos engajamos como nossos, mas que, anteriores a nós, vêm sempre de outro lugar.

Pelo exposto podemos inferir a pertinência dessa linha de análise à proposta deste estudo, ao que nos detemos a seguir, com a abordagem de conceitos-chave, a fim de delinear melhor um percurso rumo aos procedimentos operacionais a serem aplicados na constituição e análise do corpus.

Salienta-se que, diante da gama de conceitos e noções que atualmente se inserem no terreno da Análise de Discurso, trataremos apenas daquelas que se destacam para nós, em função dos objetivos que nos orientam e daquilo que buscaremos aplicar.

2.2.1 Um pouco de história e desenvolvimento da AD

O estudo da língua funcionando para a produção de sentidos e que permite uma análise específica que implica o domínio do texto em seu processo maior de enunciação encontra-se, “de forma não sistemática em diferentes épocas e segundo diferentes perspectivas” Orlandi (2013).

Temos aí “um espaço de pesquisa fervilhante”, que apresenta uma multiplicidade de enfoques e diferentes formas de aplicação (MAINGUENEAU, 2015, p.15).

Em relação às teorias do discurso e do texto Fiorin (2013, p.45) distingue “aquelas que pretendem investigar a organização interna do discurso, sua estruturação linguística, e aquelas que têm por finalidade estudar a historicidade do texto.

É o que também aborda Maingueneau (1989, p.11), ao mencionar estudos que tratam a língua como uma rede de propriedades formais, que opõem um núcleo considerado rígido a uma “periferia” de contornos instáveis e em contato com as disciplinas vizinhas, como a sociologia, a psicologia, a história e a filosofia, entre outras.

Os estudos relacionados a esta “periferia”, por sua vez, se referem à linguagem “à medida que esta faz sentido para sujeitos inscritos em estratégias de interlocução, em posições sociais ou em conjunturas históricas” (MAINGUENEAU, 1989, p 11-12).

Assim, entende-se o discurso como prática social que confere sentidos à experiência humana à medida que esse se coloca em circulação. Dessa forma, a AD defende uma análise que se inscreva na “dualidade radical da linguagem, a um só tempo, integralmente formal e integralmente atravessada pelos embates subjetivos e sociais” (MAINGUENEAU, 1989, p.11-12).

Dessa forma, a Análise de Discurso define-se inicialmente

como o estudo linguístico das condições de produção de um enunciado, não se limita a um estudo puramente linguístico, isto é, a analisar só a parte gramatical da língua, a palavra, a frase. Ela leva em conta outros aspectos externos a língua, mas que fazem parte essencial de uma abordagem discursiva: além do contexto imediato da situação de comunicação, compreendem os elementos históricos, sociais, culturais, ideológicos, que cercam a produção de um discurso e nele se refletem. Considera-se o espaço que esse discurso ocupa em relação a outros discursos produzidos e que circulam na comunidade (BRANDÃO, 2013, p.20-21).

Tal concepção emerge na França, a partir da década de 1960, tendo os estudos de Michel Pêcheux como marco, a partir da tomada dos discursos como seu objeto próprio (ORLANDI, 2013, p. 17-18).

Como afirma Maingueneau, nessa época,

um novo campo de pesquisa se desenvolveu com o nome de ‘análise de discurso’ ou, mais recentemente, de ‘estudos de discurso’⁵⁴ [...] Trata-se antes de um empreendimento fundamentalmente transdisciplinar, para alguns, pós-disciplinar, que, atravessando o conjunto das ciências humanas e sociais e das humanidades, vai contra a tendência da divisão do saber em domínios cada vez mais especializados (MAINGUENEAU, 2015, p. 9).

Tal terreno situa-se, inicialmente, no entrecruzamento de três domínios que marcavam o cenário intelectual da época: o da linguística estrutural, o marxismo - em seu enfoque particular de Louis Althusser -, como também o da Psicanálise, pelo olhar de Jaques Lacan (ORLANDI, 2013; MAINGUENEU, 2015, p.18).

No campo da Linguística, essa linha afirma a “não-transparência” da linguagem; ou seja, que não se pode atribuir uma relação direta, unívoca, entre linguagem e as coisas do mundo. Do Marxismo, pressupõe a existência de “um real da história de tal forma que o homem faz história, mas essa também não lhe é transparente” (ORLANDI, 2015, p. 19).

Assim, “conjugando a língua com a história na produção de sentidos, esses estudos do discurso trabalham o que vai se chamar a forma material [...] que é a forma encarnada na história para produzir sentidos” (ORLANDI, 2013, p. 19).

⁵⁴ O autor trata da diferença entre as expressões “estudos do discurso” e “análise de discurso”. O primeiro utilizado para designar “o conjunto das pesquisas vinculadas às problemáticas do discurso”, e a segunda utilizada em um sentido mais restrito: conferindo atenção especial aos fatos de língua, com interesse específico em “relacionar a estruturação dos textos aos lugares sociais que os tornam possíveis e que eles tornam possíveis” (MAINGUENEAU, 2015, p. 45; 47).

Helena Nagamine Brandão nos lembra do agitado cenário político-social da década de 1960 (a exemplo do movimento estudantil de 1968, na França)⁵⁵ e de sua influência para a análise de discurso, que procurou entender esse momento debruçando-se e analisando “discursos políticos, de composição bem marcada: discurso de direita *versus* discurso de esquerda” (BRANDÃO, 2013, p. 20).

Salienta-se ainda a contribuição da Psicanálise, que permite a implicação da noção de sujeito, como ente que se constitui na relação com o simbólico, na história, tomando o discurso como acontecimento. (ORLANDI, 2013, p. 19).

Se Pêcheux é autor mencionado como aquele que demarca um novo campo de estudo em torno do discurso, deve-se destacar também a contribuição do pensamento de Michel Foucault (1995) para esse o domínio.

Entre as obras do autor, evidencia-se na análise de discurso o lançamento do livro *A arqueologia do saber*, de 1969. Nele, Foucault trata da ordem da organização social pautada nos discursos de sua época. Esses são entendidos, cada qual, como “um conjunto de enunciados que se apoia em um mesmo sistema de formação”, constituídos “de um número limitado de enunciados para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência” (FOUCAULT, 1995, p. 124, 135). Apresenta-nos assim a noção de uma formação discursiva.

Os discursos são assim constituídos, na medida que são regidos por regras que permitem ou condicionam sua insurgência em um momento e local determinados, bem como, permitem a apreensão do sujeito como posição assumida nos enunciados⁵⁶ que tomam como seus.

Tais aspectos relativos a um sistema de formação que condiciona a emergência de um discurso e dos sujeitos a ele atrelados vão se somar ao pensamento de Pêcheux, como também, passam a ser retrabalhados diante do avanço dos estudos e tomadas da análise de discurso (BRANDÃO, 2013).

⁵⁵ A autora lembra ainda do conturbado período no Brasil, a partir da instauração do regime militar, em 1964, o que contribuiu para a mesma visada em relação à aplicação dessa metodologia de análise voltada para o campo político.

⁵⁶ Destaca-se daí que, para Foucault, os enunciados em sua materialidade, não são apenas linguísticos, mas quaisquer materialidades cujos discursos possibilitem apreender em sua historicidade. Assim, o autor concebe o enunciado como “uma função que se apoia em um conjunto de signos” e que para se realizar requer um referencial, um sujeito, um campo associado e uma materialidade (FOUCAULT, 1995, p. 133).

Nos deparamos assim com um campo de conhecimento em constante transformação na tentativa de entendimento dos processos discursivos:

[...] a Análise do discurso ⁶⁹ centrava-se no confronto das formações discursivas, posteriormente, ao longo da década de 1970, focaliza-se a importância do interdiscurso e, na década de 1980, a atenção da Análise do discurso se volta para a centralidade do acontecimento (SARGENTINI, 2014, p.164).

Como afirma Sírío Possenti, “a análise do discurso se move [...] Não só os *corpora* se multiplicam. Diversas tendências cresceram, e todas, de alguma forma, se alteraram, mais ou menos.

Em face a esse campo que se amplia e complexifica, não é nosso objetivo tecer maior aprofundamento nas questões e debates em torno da construção epistemológica que envolve a AD e seus embates.

Esses não são poucos diante de visadas que advogam seguimento mais fiel a um ou outro autor que contribui com a constituição desse espaço ou diante dos questionamentos em relação a outros aspectos⁵⁷.

Interessa-nos, sim, daquilo que seus pensadores ou comentadores nos colocam como princípios e possibilidades de abordagem, extrair um pensamento coerente, na estruturação de uma metodologia de análise adequada aos nossos objetivos, como já o fizemos na pesquisa de mestrado, acerca de discursos jornalísticos sobre o chamado *terceiro-setor* (LIESENBERG, 2004).

Ou seja, para nosso trabalho atual, interessa extrair daí fundamentos para desenvolver um percurso de análise que nos permita uma melhor compreensão dos discursos e representações em torno da velhice e do envelhecimento que circulam nas mídias em nossos dias.

⁵⁷ Sobre a abrangência desses estudos e tais embates, a título ilustrativo podemos citar Maingueneau (2010; 2015) na crítica a uma linha que assenta sobre a ideia de uma análise crítica do discurso, ao defender que toda análise do discurso seria por fundamento já crítica. Piovezani e Sargentini (2011), por sua vez, referem-se a um silenciamento de autores de conceitos fundantes no desenvolvimento da AD, principalmente no bojo dos estudos franceses. Fiorin (2011, p. 46), por sua vez, apresenta sua crítica como um incômodo, que seria gerado pela observação de pesquisadores que tomam a teoria com que trabalham como “a verdade”, e, não como modelos parciais do conhecimento da realidade, a serem escolhidos em função daquilo que se pretende responder em uma pesquisa. Desses poucos exemplos, já se pode notar o campo polêmico em que se insere a área, isso, sem entrar em seu aprofundamento, muito menos, nos embates que surgem relativos à apreensão dos próprios conceitos e formulações operacionais na aplicação das metodologias que se propõe.

Nessa visada, como elemento “consensual” às tomadas da análise do discurso francesa que nos orientam, pode-se afirmar o entendimento dos discursos como prática cotidiana inscrita na materialidade do mundo.

Os discursos moldam nossas formas de apreender a realidade, por conferirem sentidos àquilo que colocam em circulação ao serem enunciados. Como prática social, os discursos se efetuam assim, como um processo de interação entre sujeitos, que os constitui e é por eles constituído.

Isso nos permite ainda entender os discursos como práticas disciplinares que nos colocam palavras de ordem nas quais nos engatamos e nos fazemos como entes encarnados, socialmente constituídos e também de onde encontramos espaço para expressão de nossas singularidades, à medida que assumimos um e não outro discurso, uma e não outra palavra em seu lugar, como já abordamos aqui, anteriormente.

Tal argumentação põe em linha, mais uma vez, princípios que sustentam a escolha de um caminho da análise ligado à AD e à fundamentação que nos sustenta, como também, reforça nossa inscrição a partir dos campos de base em que nos situamos, ou seja, o campo da Comunicação vista pelas Ciências da Linguagem.

Lembramos que a comunicação é entendida aqui como um processo característico e constitutivo do ser humano, que se efetiva pelas linguagens e que se entende como um pressuposto para a convivência em sociedade (FÍGARO, 2011, p. 10).

Assim, em sua dinâmica, a comunicação relaciona-se a várias outras áreas. Para seu estudo, como afirma Maria Aparecida Baccega (2011, p.119) “trabalhamos a partir de uma convergência de saberes”.

Nesse terreno, torna-se “fundamental saber que os discursos são construídos, que a história é construída, a história do passado, a história do presente” (BACCCEGA, 2011, p.124), para que possamos questionar as evidências que nos apresentam cotidianamente os produtos midiáticos.

Isto posto, pode-se considerar o objeto de análise como sendo atravessado por dois espaços: “o da manipulação de significações estabilizadas, normatizadas por uma higiene pedagógica do pensamento, e o de transformações do sentido [...], tomados no relançar indefinido das interpretações” (PÊCHEUX, 2015, p. 51).

Assim, toda descrição coloca-se “intrinsecamente exposta ao equívoco da língua: todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro” (PÊCHEUX, 2015, p. 53). Todo enunciado, menciona o autor, pode ser visto como uma série de pontos de deriva possíveis, “oferecendo lugar à interpretação” (id.)

Dessa compreensão e aporte, justifica-se então um posicionamento de análise ancorado na tensão entre a descrição e a interpretação, no entrecruzamento da apreensão do discurso como estrutura e como acontecimento, como se coloca pela AD (PÊCHEUX, p. 18).

2.2.2. Discurso como acontecimento

Se tratamos com Deleuze e Guattari do acontecimento posto como um corte entre momentos, que ressignifica tanto o futuro como o passado a partir do instante de sua inscrição, para Pêcheux (2015), o acontecimento se dá “no ponto de encontro com uma atualidade e uma memória” (PÊCHEUX, 2016, p. 16). Considera-se aí a composição de sentidos que se atrelam a um fato, moldando-o discursivamente e configurando o acontecimento como evento no mundo.

Assim concebido, o acontecimento é um campo aberto a múltiplas interpretações, uma vez que é atravessado por discursos que o compõem. Discursos que podem remeter sempre a outros lugares, dependendo de sua abordagem e inscrição.

É o que Pêcheux exemplifica a partir do enunciado “On a gagné” – “Ganhamos” - quando das eleições, em 10 de maio de 1981, que elegeram o presidente francês, François Mitterand.

Utilizado aí, no contexto do campo político, tal enunciado, na argumentação de Pêcheux, remeteria a outras formações: o campo esportivo e a associação da política ao campo do entretenimento e espetáculo, que se acentuam pela intensa reverberação no espaço midiático.

Essa tomada abre espaço para pensarmos no discurso em sua relação constitutiva com outros discursos e sua composição, na construção de sentidos, em um regime entre discursos entrelaçados, com regras próprias de formação.

Tratam-se aí de conceitos basilares para a AD, a saber: interdiscurso e formação discursiva. Esses nos remetem também à noção de sujeito como sujeito do discurso, como abordaremos a seguir.

2.2.3 Discurso, formação discursiva, interdiscurso e constituição do sujeito

Se, para Benveniste (1988, p. 284), o discurso é entendido como linguagem posta em ação, pode-se recorrer inicialmente, como Orlandi, à etimologia da palavra discurso. Essa “tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por” e, assim, de palavra em movimento, prática de linguagem. (ORLANDI, 2013, p.15)

Como evento verbal no mundo, o discurso pode ser entendido então como a “mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social”. Parte do trabalho simbólico e base da produção da existência humana. Assim concebido, o discurso “torna possível tanto a permanência e a continuidade, quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive” (ORLANDI, 2013, p.15).

O que se afirma aí, é que o funcionamento da linguagem põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história. Nos encontramos imersos em um complexo processo de constituição de sujeitos e produção de sentidos, cujos efeitos são múltiplos e variados. Daí que o discurso passa a ser compreendido também como “efeito de sentido entre locutores” (ORLANDI, 2013, p. 21)⁵⁸.

No entanto, para que tais sentidos possam ser erigidos, ou, para compreensão desses sentidos, torna-se relevante situá-los em contexto, ou seja, em relação às regularidades e descontinuidades em posição com outros discursos e regras que permitem sua insurgência e realização.

⁵⁸ Cabe destacar aqui, que tal problematização, como também a utilização da expressão “locutor” inserem-se a partir de questionamento do processo de comunicação, visto do ponto de vista do modelo clássico, já problematizado que se constitui de forma elementar, no emissor, receptor, código, referente e mensagem. Pelo modelo um emissor transmite uma mensagem (informação) a um receptor, por meio de um determinado código e relativa a algum elemento da realidade (o referente). Como afirma Orlandi, “Para a Análise de Discurso, não se trata apenas de transmissão de informação, nem há essa linearidade na disposição dos elementos da comunicação”, mas sim, entende-se que “no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos” (ORLANDI, 2015, p 21).

Nesses termos, podemos tomar os discursos, como Foucault, “por um número limitado de enunciados ou conjunto de signos enquanto enunciados⁵⁹, para os quais podemos definir uma série de condições ou modalidades particulares de existência”, ao que o autor condiciona a possibilidade de insurgência dos discursos atrelada a um mesmo sistema de formação, como já abordamos (FOUCAULT, 1995, p. 124 e 135).

Daí advém a expressão formação discursiva, concebida pelo autor como a lei que rege tal série, ou como o princípio de dispersão e repartição dos enunciados que a constituem.

Sob outros termos, podemos entender uma formação discursiva como os aspectos implicados e articulados que se apresentam como “um mesmo sistema de formação” para os enunciados (FOUCAULT, 1995, p. 135) e assim para os discursos, isto é, como o conjunto de regras que se configuram nas possibilidades de insurgência, materialização e na realização destes enunciados.

Pelo exposto, encontramos-nos na impossibilidade de dissociação entre os enunciados e a formação discursiva em que esses se engendram: ela “é para os enunciados não uma condição de possibilidade, mas uma lei de coexistência” (FOUCAULT, 1995, p. 135).

No seio da análise de discurso a formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada - determina o que pode e deve ser dito” (ORLANDI, 2013, p. 43).

Para a autora, tal noção, ainda que polêmica, é fundamental para a análise de discurso, “pois permite compreender o processo de produção dos sentidos, a sua relação com a ideologia e também dá ao analista a possibilidade de estabelecer regularidades no funcionamento do discurso” (ORLANDI, 2013, p. 43).

O “discurso se constitui em seus sentidos porque aquilo que o sujeito diz se inscreve em uma formação discursiva e não outra”, disso decorre que “é pela formação

⁵⁹ O enunciado é tido para o autor como “uma função que se apoia em conjuntos de signos [...] e que requer, para se realizar, um referencial [...], um sujeito [...] um campo associado [...]; uma materialidade[...]” (FOUCAULT, 1995, p. 133).

discursiva que podemos compreender, no funcionamento discursivo, os diferentes sentidos (ORLANDI, 2013, p. 43-44).

Assim, “as palavras não têm um sentido nelas mesmas, elas derivam seus sentidos das formações discursivas em que se inscrevem” (ORLANDI, 2013, p. 42), ou seja, seus sentidos “dependem de relações constituídas nas/pelas formações discursivas”.

É importante salientar, ainda, que tais formações estão ao mesmo tempo implicadas em uma relação interdiscursiva, ou seja, constituídas no entrelaçar entre discursos.

As palavras falam com outras palavras. Toda palavra é sempre parte de um discurso. E todo discurso se delineia na relação com outros: dizeres presentes e dizeres que se alojam na memória.

As formações discursivas podem ser vistas como regionalizações do interdiscurso, configurações específicas dos discursos em suas relações. O interdiscurso disponibiliza dizeres, determinando, pelo já-dito, aquilo que constitui uma formação discursiva em relação a outra. Dizer que a palavra significa em relação a outras é afirmar essa articulação de formações discursivas dominadas pelo interdiscurso em sua objetividade material contraditória (ORLANDI, 2013, p. 43-44).

Como corrobora Pêcheux,

Nessa perspectiva, o interdiscurso, longe de ser efeito integrador da discursividade, torna-se desde então seu princípio de funcionamento: é *porque*, os elementos da sequência textual, funcionando em uma formação discursiva dada, podem ser importados (meta-forizados) de uma sequência pertencente a *uma outra* formação discursiva que as referências discursivas podem se construir e se deslocar historicamente (PÊCHEUX, 2012, p. 158, grifos do autor).

Pelo exposto, valida-se o argumento de que é preciso pensar as formações discursivas como heterogêneas, “constituídas pela contradição”, com fronteiras fluidas, “configurando-se e reconfigurando-se continuamente em suas relações” (ORLANDI, 1999, p. 43-44).

Isso porque, tais formações implicam a existência de um exterior que irrompe em seu interior de maneira constitutiva, como também, a interação com outras formações congêneres, num jogo entre discursos que se postam “ora em relação de conflito, ora de aliança”, o que permite entender a linguagem “como uma arena de lutas” (BRANDÃO, 2013, p. 22).

Nesse terreno, voltamos a Deleuze e Guatarri, quando afirmam que “Se a linguagem parece sempre supor a linguagem, se não se pode fixar um ponto de partida não linguístico, é porque a linguagem não é estabelecida entre algo visto (ou sentido) e

algo dito, mas vai sempre de um dizer a um dizer” (DELEUZE e GUATTARI, 2011b, p13).

Assim, os autores conferem relevância maior ao discurso indireto, como elemento constitutivo de todo discurso. Segundo eles:

A ‘primeira’ linguagem, ou, antes, a primeira determinação que preenche a linguagem, não é o tropo ou a metáfora, é o discurso indireto [...] Metáforas e metonímias são apenas efeitos que só pertencem à linguagem quando já supõem o discurso indireto. Existem muitas paixões em uma paixão, e todos os tipos de voz em uma voz, todo um rumor, glossolalia: isto porque todo discurso é indireto, e a translação própria à linguagem é o discurso indireto” (DELEUZE e GUATTARI, 2011b, p13-14).

Tal condição impede de se falar de contornos distintivos nítidos entre os discursos. (DELEUZE e GUATTARI, 2011b, p18), o que se relaciona diretamente à noção de interdiscursividade constitutiva de todo discurso. Ou seja, um discurso, como tal, nunca está só, é sempre atravessado e atravessa outros discursos que o compõem e pelos quais também é composto, em seus processos de insurgência, ratificação e legitimidade.

Defende-se assim na análise de discurso, o primado do interdiscurso sobre o discurso, uma vez que esse só se realiza em articulação a outros discursos, não em justaposição, mas de forma constitutiva.

Nas palavras de Orlandi observamos essa relevância conferida ao interdiscurso no seio da AD. Para ela, o interdiscurso “é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra (ORLANDI, 2013, p. 30).

Além disso, como lembra Orlandi, o modo como o sujeito significa também é afetado por esses dizeres disponibilizados pelo interdiscurso.

Jean-Jacques Courtine (2009), reforça a argumentação e nos remete novamente à importância de problematizar as palavras de ordem em que nos assentamos, quando afirma que é a partir do interdiscurso que as modalidades do assujeitamento poderão ser analisadas.

Nesse aspecto, o autor menciona a constituição de uma dimensão intradiscursiva pela ação dos sujeitos no processo do seu dizer:

[...] o interdiscurso é o lugar no qual se constituem, para um sujeito falante, produzindo uma sequência discursiva dominada por uma FD determinada, os objetos de que esse sujeito enunciator se apropria para deles fazer objetos de seu discurso, assim como as articulações entre esses objetos, pelos quais o sujeito enunciator vai dar uma coerência à sua declaração, no que chamaremos, depois de Pêcheux (1975), o *intradiscurso* da sequência discursiva que ele enuncia (COURTINE, 2009, p. 74).

Ele reforça também a insurgência de um sujeito que se constitui na linguagem, como sujeito do discurso, ao que lembramos a relevância dos estudos de Foucault para essa linha de análise, tanto na referência de Courtine às Formações Discursivas, quanto a essa tomada do sujeito de que trata.

Como já abordamos, ao falar dos processos de assujeitamento e subjetivação ao longo do trabalho, Foucault (1995) propõe a apreensão de um sujeito em assunção pelo discurso como uma posição a ser ocupada pelos indivíduos, que ao assumi-la constituem-se como sujeitos.

Dessa apreensão do sujeito, como sujeito do enunciado, Courtine afirma que é

[...] na relação entre o interdiscurso de uma FD e o intradiscurso de uma sequência discursiva produzida por um sujeito enunciator a partir de um lugar inscrito em uma relação de lugares no interior dessa FD que se deve situar os processos pelos quais o sujeito falante é interpelado-assujeitado como sujeito de seu discurso (COURTINE, 2009, p. 74).

O sujeito que está em questão, nos diz Courtine, “não é o sujeito gramatical, tampouco o sujeito da enunciação [...] Entre as funções que vem caracterizá-lo destacaremos aquela de *posição de sujeito*” (COURTINE, 2009, p.86).

Como retoma de Foucault, “Se o sujeito do enunciado não pode ser concebido como idêntico ao autor da formulação é porque o sujeito do enunciado ‘é uma função vazia’”.

Essa função vazia que a *Arqueologia* descreve indiferente aos sujeitos enunciatadores que vêm preenchê-la, é o lugar do sujeito universal próprio a uma determinada FD, a instância de onde se pode enunciar ‘todos sabem ou veem que’ para todo o sujeito enunciator vindo situar-se num lugar determinado, inscrito nessa FD, por ocasião de uma formulação. Assim, é o ponto onde se ancora a estabilidade referencial dos elementos de um saber. Esse lugar, então só é vazio na aparência: ele é preenchido de fato pelo sujeito do saber próprio a uma FD e existe na identificação pela qual os sujeitos enunciatadores vêm encontrar nela os elementos de

saber (enunciados) pré-construídos de que eles se apropriam como objetos de seu discurso, assim como as articulações entre esses elementos de saber que asseguram uma coerência intradiscursiva a suas declarações (COURTINE, 2009, p. 88).

O autor complementa sua afirmação, ratificando a ideia de posição de sujeito e colocando em questão o processo de identificação dos sujeitos, para ele, negligenciado por Foucault naquele momento. Como afirma:

Concebemos, portanto, uma posição de sujeito com uma relação determinada que se estabelece em uma formulação entre um sujeito enunciator e o sujeito do saber de uma dada FD. Essa relação é uma relação de identificação cujas modalidades varia, produzindo diferentes efeitos-sujeito no discurso [...] O antissubjetivismo de Foucault o leva aqui, concebendo uma posição de sujeito como simples interpermutabilidade dos locutores, a negligenciar os processos de identificação pelos quais um sujeito falante é constituído em sujeito ideológico de seu discurso (COURTINE, 2009, p. 88).

Aí lembramos de Gomes (2008, p. 64) quando defende que, ao nos formarmos em uma estratificação, o fazemos na amarração de um ponto em que encontramos ressonância, “em que nos amarramos numa narrativa de mundo como se fosse nossa, a ponto de esquecê-la enquanto narrativa”. Como afirma, “Neste ponto assumimos um papel, um lugar, uma identidade social que se produz com a condição desse ver-se-lá, condição que é referida pelo termo identificação” (id.).

Tal exposição permite ratificar a importância para a análise de se identificar os lugares de assunção dos sujeitos, como posições que ocupam de forma intercambiável, como também permite pensar naquilo que essas posições colocam para nós, quando a elas nos engatamos. Como Orlandi exemplifica:

Quando falo a partir da posição de “mãe”, por exemplo, o que digo deriva seu sentido, rem relação à formação discursiva em que estou inscrevendo minhas palavras, de modo equivalente a outras falas que também o fazem dessa mesma posição. Quando, ao abrir a porta pra um filho altas horas da madrugada, a mãe fala ‘Isso são horas’? ela está, na posição-mãe, falando como as mães falam. Exatamente. Podemos até dizer que não é a mãe falando, é sua posição. Ela aí está sendo dita. E isso significa. Isso lhe dá identidade. Identidade relativa a outras: por exemplo na posição de professora, de atriz etc. (ORLANDI, 2013, p. 49).

Nesses termos, vemos aí vinculada a noção de representações sociais como aspecto constitutivo dessas posições discursivas, quando as entendemos, como “representações de alguma coisa ou de alguém”, constituídas por um conteúdo específico que “difere de uma esfera ou sociedade para outra”, e que se tornam significantes na

medida em que revelam o nascimento de determinado conteúdo e suas variações (MOSCOVICI, 2011, p. 106).

Assim, compreendemos que tais representações carregam em si as características e sentidos relacionados aos lugares discursivos nos quais os indivíduos vêm se inscrever.

Nesse sentido, considerando uma tomada consensual dessas características, como modelo padrão, ao qual se atrelam imagens e conceitos, uma série de expectativas e valores se formam. Daí derivam regras, como também, se erigem hierarquias que estabelecem condutas e direcionam a vida dos sujeitos em sociedade, como defende Moscovici (2011).

Instituídas historicamente, as representações - de nossos corpos, de nossas relações sociais, do mundo e tudo o mais que nos cerca - influenciam nossas vidas desde à infância até a maturidade e, assim também, implicam a “forma como uma sociedade é concebida e experimentada simultaneamente por diferentes grupos e gerações” (MOSCOVICI, 2011, p. 108).

Ao afirmar uma teoria das representações sociais apoiada no pressuposto de que não há representação social sem linguagem, da mesma forma que, não há sociedade que se instaure sem as representações sociais que as sustentem, Moscovici reforça o caráter de partilha inerente ao fenômeno das representações, o que afirma também em outros momentos, e o que implica “uma linguagem comum, valores comuns e memórias comuns” (MOSCOVICI, 2011, p. 105).

Para o autor “É isto que distingue o social do individual, o cultural do físico e o histórico do estático. Ao dizer que as representações são sociais nós estamos dizendo principalmente que elas são simbólicas e possuem tanto elementos perceptivos quanto os assim chamados cognitivos” (MOSCOVICI, 2011, p. 105), que permitem um processo de ancoragem, tornando aquilo que nos é estranho, familiar e apresentando-nos coordenadas para ação no mundo.

Daí que Moscovici confere à comunicação, à linguagem, ou seja, “ao aspecto discursivo do conhecimento elaborado em comum” o estatuto de uma referência essencial em sua teoria das representações (MOSCOVICI, 2011, p. 220).

Para ele,

Representar significa, a uma vez a ao mesmo tempo, trazer presentes as coisas ausentes e apresentar coisas de tal modo que satisfaçam as

condições de uma coerência argumentativa, de uma racionalidade e da integridade normativa do grupo. É, portanto, muito importante que isso se dê de forma comunicativa e difusiva, pois não há outros meios, com exceção dos discursos e dos sentidos que ele contém, pelos quais as pessoas e os grupos sejam capazes de se orientar e se adaptar a tais coisas. Consequentemente, o *status* dos fenômenos da representação social é o de um *status* simbólico: estabelecendo um vínculo, construindo uma imagem, evocando, dizendo e fazendo com que se fale, compartilhando um significado através de algumas proposições transmissíveis e, no melhor dos casos, sintetizando em um clichê que se torna um emblema. No seu limite, é o caso de fenômenos que afetam todas aquelas relações simbólicas que uma sociedade cria e mantém e que se relacionam com tudo o que produz efeitos em matérias de economia ou poder (MOSCOVICI, 2011, p. 216).

Trata-se aí, de se pensar em “todas as interações que, das profundezas às alturas, das matérias brutas até às efemeridades das estruturas sociais, são transmitidas através do filtro das linguagens, imagens e lógicas naturais (GRIZE, 1993; VIGNAUX, 1991)”, no intuito da “constituição de mentalidades ou crenças que influenciam os comportamentos” (MOSCOVICI, 2011, p. 217).

Pelo exposto, pode-se pensar na relevância do estudo dos discursos como elementos colocados em circulação por essas representações, ao mesmo tempo que são delas constitutivos.

Ao se tratar de tema tão nodal como o envelhecimento e a velhice, é importante lembrar que de suas representações dependem investimentos, olhares e a possibilidade de ruptura com lugares comuns restritivos, diante da diversidade, das novas condições e, também, das vulnerabilidades relativas aos sujeitos, em uma sociedade que envelhece de maneira exponencial.

Como enfatiza Moscovici,

[...]nossas representações, nossas crenças, nossos preconceitos são sustentados por uma representação social específica. Isso se dá através do estabelecimento de relações internas ao discurso, consequentemente relações linguísticas, mas agindo necessariamente através do jogo de referências entre, por um lado aquelas que estão orientadas por um nova leitura semântica das coisas [...] e, por outro lado, através da escolha feita a cada vez de uma origem particular dada a essas rotas de se dizer e de se significar (MOSCOVICI, 2011, p. 228).

A isso o autor associa os processos de tematização que “objetivam, em todo o discurso, a estabilização dos sentidos na forma de relações características do tema (adjetivos), induzindo imagens de situações ou maneiras de ser das coisas e do mundo”, como também nossa ancoragem cognitiva e cultural (MOSCOVICI, 2011, p.228).

Dessa forma, se falamos das representações sociais que conformam os lugares discursivos nos quais os sujeitos se inscrevem, importa pensar ainda nos discursos do ponto de vista dos processos enunciativos que permitem suas possibilidades de insurgência.

Assim, passamos à abordagem do conceito de enunciação e da validação dos discursos que essa implica na constituição de um *ethos* discursivo, como também, na remetência a tipologias e ao entendimento dos gêneros discursivos como aspectos que condicionam as relações e os sentidos em circulação pelos quais nos assentamos no mundo.

2.2.4 Elementos e configurações do discurso em prática

2.2.4.1 Enunciação

Após Benveniste, define-se classicamente a enunciação como a colocação em funcionamento da língua por um ato individual de utilização, opondo-se ao enunciado, entendido como uma sequência verbal (MAINGUENEAU, 2000, p. 52; 2001, p. 21).

Como afirma Oswal Ducrot (1987, p.89), “é preciso distinguir o enunciado, que é o objeto produzido pelo locutor tendo escolhido empregar uma frase, e a enunciação, entendida como a ação que consiste em produzir um enunciado, isto é, dar a uma frase uma enunciação concreta”.

No entanto, quando se pensa na enunciação em termos de análise de discurso deve-se compreender que o sujeito só se inscreve aí como parte de um processo em que a interação é preponderante.

Ducrot e Todorov afirmam que, na linguística - e podemos dizer também na análise do discurso - deve-se tomar esse termo de um modo específico. No entender dos autores a enunciação deve ser apreendida contemplando-se aquilo que, em uma situação de discurso determinada, confere sentido aos elementos pertencentes ao código da língua, ou seja, a “*marca do processo de enunciação no enunciado*” (DUCROT; TODOROV, 2001, p. 289 grifo dos autores).

Dessa forma, importa apreender tal situação discursiva, como

o conjunto das circunstâncias no meio das quais se desenrola um ato de enunciação (seja ele escrito ou oral). É preciso entender com isso ao mesmo tempo o ambiente físico e social em que este ato se dá, a imagem que dele têm os interlocutores, a identidade desses, a ideia que cada um faz do outro (inclusive a representação que cada um possui daquilo que o outro pensar sobre ele), os acontecimentos que precederam o ato de enunciação (especialmente as relações que tiveram antes os interlocutores, e principalmente as trocas de palavras em que se insere a enunciação em questão (DUCROT; TODOROV, 2001, p. 297).

Nessa situação, como já tratamos, destaca-se que se concebe uma certa posição daquele que enuncia, como também se atribui uma posição ao seu interlocutor, a partir dos lugares que esses ocupam no discurso (MAINGUENEAU, 1989, p. 29 –30, ORLANDI, p. 49).

Nesse espectro, relativo ao espaço dos interlocutores que se apresentam no discurso, há de se considerar também que, se a enunciação submete o enunciador a suas regras, igualmente os legitima (MAINGUENEAU, 1989, p.30; 33).

Por outro lado, ao se conceber a enunciação como um fato, um acontecimento único, definido no tempo e no espaço” (MAINGUENEAU, 1989, p. 53-54), podem se destacar ainda mais alguns argumentos abordados por Ducrot e Todorov relativos ao fenômeno: a exemplo da “questão da verdade subordinada à da referência”.

Eles afirmam que tal relação “é inconcebível fora da enunciação: em si mesmo, o enunciado não é verdadeiro nem falso, torna-se verdadeiro ou falso unicamente no decorrer de uma situação particular” (DUCROT; TODOROV, 2001, p. 290).

Disso se atribui um valor específico à questão referencial. Essa apresenta-se como aspecto inerente ao processo de enunciação que contribui para a instauração de um efeito de verdade a ser pensado quando da apreensão e análise do de um *corpus* de pesquisa, e novamente remete à legitimação.

Por outro lado, os autores reforçam também que “A enunciação está sempre presente, de um modo ou de outro, no interior do enunciado; as *diferentes formas dessa presença*, bem como os graus de sua intensidade, permitem fundar uma *tipologia dos discursos*” (DUCROT; TODOROV, 2001, p. 291), como também a constituição de gêneros discursivos, ao que retornaremos após a abordagem da questão do *ethos* discursivo.

Pelo exposto, pode-se depreender a relevância no processo enunciativo a partir das condições de produção que o condicionam. Como afirma Orlandi, as condições de produção de um enunciado “compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação”, a que se implica ainda um lugar privilegiado à memória constitutiva dos enunciados mobilizados no processo de enunciação (ORLANDI, 2013, p. 30), como instância interdiscursiva que afeta todo o dizer.

Dessa forma, sobre as condições de produção, Orlandi complementa que, em sentido estrito, podemos considerá-las em termos do contexto imediato relativo às circunstâncias de enunciação. Por outro lado, em sentido amplo, “as condições de produção incluem o contexto sócio-histórico, ideológico” (ORLANDI, 2013, p. 31).

Esse contexto ampliado “é o que traz para a organização dos efeitos de sentidos elementos que derivam da forma de nossa sociedade, com suas Instituições”, no modo como essas organizam o poder “distribuindo posições de mando e obediência” (ORLANDI, 2013, p. 31), como também as possibilidades de inserção dos sujeitos nessas hierarquias, e ainda aquilo que lhes é autorizado ou não dizer.

Considerando que toda enunciação é assumida assim por um sujeito, podemos abordar a noção de *ethos*, retomado da retórica, mas reformulado em termos da relevância na construção de sentidos conferidos aos discursos, nos domínios da AD.

2.2.4.2 *Ethos*

A noção de *ethos* vem da retórica antiga, que nomeava *ethé* as propriedades que os oradores revelavam implicitamente ao seu modo de dizer (MAINGUENEAU, 1989, P. 45).

É o que vemos com Aristóteles, quando associamos a noção de *ethos* ao caráter conferido ao locutor ou orador, apresentado na sua maneira de se expressar. O caráter é considerado aí um elemento de persuasão, aliado à disposição do ouvinte e também ao discurso “pelo que esse demonstra ou parece demonstrar” (ARISTÓTELES, 2015, p.96).

O filósofo defende que:

Persuade-se pelo caráter quando o discurso é proferido de tal maneira que deixa a impressão de o orador ser digno de fé [...]. É, porém, necessário que esta confiança seja resultado do discurso e não de uma opinião prévia sobre o caráter do orador; pois não se deve considerar sem importância para a persuasão a probidade do que fala, como aliás alguns autores desta

arte propõem, mas quase se poderia dizer que o caráter é o principal meio de persuasão (ARISTÓTELES, 2015, p. 96).

Na análise do discurso, a noção de *ethos* passa a ser empregada como elemento “coextensivo a toda enunciação, no sentido de que o destinatário é necessariamente levado a construir uma representação do locutor, que este último tenta controlar, mais ou menos conscientemente e de maneira bastante variável, segundo os gêneros de discurso”. (MAINGUENEAU, 2010, p. 79).

Ou seja, a todo discurso atrela-se a uma certa representação do enunciador que se responsabiliza por ele. Sua fala participa de um comportamento ao qual é atribuído um caráter que engloba um conjunto de traços psicológicos e uma corporalidade relacionada ao “conjunto de traços físicos e indumentários” inseparáveis, atrelados a construções estereotípicas reconhecidas pela comunidade em que se produz a enunciação. (MAINGUENEAU, 1989, p. 60).

Deve-se aí, no entanto, reforçar que, diferentemente da visada retórica, na análise do discurso considera-se que tais efeitos de sentido se apresentam, não em função daquilo que o enunciador pretende produzir sobre o seu auditório. Eles se impõem àquele que, no interior de uma formação discursiva, “ocupa um lugar de enunciação, fazendo parte integrante da formação discursiva, ao mesmo título que as outras dimensões da discursividade. O *que* é dito e o *tom* com que é dito são igualmente inseparáveis” (MAINGUENEAU, 1989, p. 45-46, grifos do autor).

Por outro lado, a noção distingue-se também de uma oposição entre oral e escrito. O *tom* mencionado por Maingueneau, relaciona-se diretamente “a um *caráter* e uma *corporalidade*”. O caráter correspondendo ao “conjunto de traços ‘psicológicos’ que o leitor ouvinte atribui espontaneamente à figura do enunciador, em função do seu modo de dizer”, em função de “estereótipos que circulam em uma cultura determinada”.

E a corporalidade é tomada como “uma representação do corpo do enunciador da formação discursiva”, atribuída de forma análoga à construção do caráter.

Em outros termos, no processo de enunciação, na articulação entre uma corporeidade e discurso, “algo da ordem do sensível se opera no processo de comunicação verbal”, na emergência de uma instância subjetiva que se apresenta como “uma ‘voz’ associada a um ‘corpo enunciante’ especificado sócio-historicamente: uma maneira de circular, uma disciplina tácita do corpo que o destinatário constrói apoiando-se num

conjunto difuso de estereótipos, avaliados positiva ou negativamente” (MAINGUENEAU, 2010, p. 80).

Tal voz, que precede de um enunciador ‘encarnado’, habita a enunciação como uma das dimensões da formação discursiva em que se insere.

Dessa maneira, os efeitos sobre um auditório não são impostos pelo sujeito fiador do discurso, mas pela formação discursiva, isto é, “eles se impõem àquele que, no seu interior, ocupa um lugar de enunciação, fazendo parte integrante da formação discursiva, ao mesmo título que às outras dimensões da discursividade” (MAINGUENEAU, 1989, p. 45).

Sendo assim, o *ethos* torna-se importante aspecto para legitimação do discurso na relação entre palavra enunciada e corporeidade. Divergências entre essas instâncias comprometem também os gêneros e posicionamentos concorrentes em um mesmo campo discursivo em que estejam vinculadas. (MAINGUENEAU, 1989. p. 45).

Ou seja, a coerência do discurso passa a ser colocada em cheque quando se “ativa um *ethos* ‘dito’ que não tem relação ou contradiz um *ethos* discursivo ‘mostrado’ (MAINGUENEAU, 2010, p.85) e, inversamente, esses atuam corroborando um ao outro, quando se observa um mesmo sentido em seu dizer.

Por outro lado,

O discurso, através da leitura ou da audição, faz com que o destinatário partilhe de certo movimento do corpo em um processo de “incorporação” que partilhe de certo “mundo ético”, associado a comportamentos estereotípicos. Assim, o “conteúdo” do enunciado suscita adesão por meio de uma maneira de dizer que é também uma maneira de ser (MAINGUENEAU, 2010, p 80).

Aos serem integrados à discursividade, os elementos do *ethos* implicam que o discurso se torne indissociável da forma pela qual toma corpo. Nesses termos, atribui-se novamente papel relevante à formação discursiva, uma vez que essa confere “corporalidade” à figura do enunciador, como também, àquela do destinatário (MAINGUENEAU, 1989, p. 48).

O co-enunciador interpelado, não é apenas um indivíduo para quem se propõem ‘ideias’ que corresponderiam aproximadamente a seus interesses; é também alguém que tem aceso ao ‘dito’ através de uma ‘maneira de dizer’ que está enraizada em uma ‘maneira de ser’, o imaginário de um vivido (MAINGUENEAU, 1989, p.49).

Tal efeito possibilita aos sujeitos se reconhecerem em “esquemas que definem uma maneira específica de habitar o mundo, a sociedade”, o que se torna assim “uma condição da ‘incorporação’ imaginária para aqueles que se colocam como adeptos do discurso. (MAINGUENEAU, 1989, p. 48).

Pelo exposto, pode-se entender, a exemplo do que se afirmou sobre a enunciação, que a configuração do *ethos* também é constitutiva dos sentidos mobilizados pelo discurso e das representações dos sujeitos que aí venham a se inscrever (MAINGUENEAU, 1989, p. 50). Dessa forma, a identificação e a caracterização do *ethos* construído nos discursos em análise, tornam-se elementos importantes a se considerar na metodologia em desenvolvimento.

2.2.4.3 Gêneros e tipologias, campo discursivo e hipergênero

Considerar a atribuição de um *ethos* aos discursos proferidos e seu papel na legitimação de uma cena enunciativa pede que este seja pensado em relação aos conjuntos de regras e restrições instituídas no momento da enunciação.

Esses conjuntos de coerções discursivas relacionam-se à formação discursiva, como se destacou, mas também, podem ser apreendidos sob o conceito de “gênero do discurso”.

Para Tzvetan Todorov, à primeira vista, os gêneros se apresentam como classes de textos, no entanto, “toda classe de objetos pode ser convertida numa série de propriedades, graças à passagem da extensão à compreensão” (TODOROV, 1980, p.47; 48).

Como complementa,

Numa sociedade, institucionaliza-se a recorrência de certas propriedades discursivas, e os textos individuais são produzidos e percebidos em relação à norma que esta codificação constitui. Um gênero, literário ou não, nada mais é do que essa codificação de propriedades discursivas (TODOROV, 1980, p.48).

Tal institucionalização de propriedades discursivas implica uma modalização que se impõe a leitores e autores: como horizonte de expectativas para os primeiros, da mesma forma que se apresentam como modelos de escritura para os segundos (TODOROV, 1980, p.49).

“Por um lado, os autores escrevem em função do [...] sistema genérico existente [...] Por outro lado, os leitores leem em função do sistema genérico que conhecem pela crítica, pela escola, pelo sistema de difusão do livro ou simplesmente por ouvir dizer; no entanto, não é necessário que sejam conscientes desse sistema” (TODOROV, 1980, p.49).

Dessa forma, os gêneros discursivos devem ser apreendidos em termos das características estruturais que apresentam (DUCROT; TODOROV, 2001, p. 148), como também, “se comunicam com a sociedade em que ocorrem”, uma vez que, ao se tornarem institucionalizados “evidenciam os aspectos constitutivos da sociedade a que pertencem” (TODOROV, 1980, p.49-50).

É o que vemos, por exemplo, já na sociedade antiga, quando Aristóteles (2015, p. 68) nos fala de três espécies de retórica ou de gêneros discursivos. Para o filósofo os gêneros seriam apreendidos em três espécies de discursos: a retórica deliberativa, a retórica epidíctica - relativa aos discursos demonstrativos e a retórica judicial, ou forense.

Na análise do discurso, por sua vez, os gêneros passam a designar, “os dispositivos de comunicação sócio historicamente definidos”, como o editorial, a consulta médica, um anúncio ou um relatório de estágio, por exemplo (MAINGUENEAU, 2000, p.73).

No entanto, contrariamente a uma ideia de unidade, a instituição de um gênero para essa linha de análise mobiliza o interesse mais voltado para a compreensão das coerções que esses impõem ao cenário discursivo e para a apreensão dos sentidos que se estes colocam em circulação quando um discurso é proferido.

Ou seja, quando pensamos em uma metodologia de análise que relaciona falas e lugares discursivos, os gêneros do discurso adquirem papel relevante na interpretação dos enunciados, em função das coerções genéricas que aí se apresentam. (MAINGUENEAU, 1989, p.35).

Na observação de como tais coerções operam em um discurso, deve-se considerar como essas se colocam no enunciado, diante das condições de enunciação que as possibilitam.

Essas condições estão implicadas por um gênero de discurso em diferentes ordens, apreendidas por Maingueneau, (1989, p. 35) em dois níveis, um comunicacional e outro estatutário.

O comunicacional refere-se ao tipo, meio e forma de comunicação: se estamos diante de uma transmissão oral ou escrita, que circula em qual meio (jornal cotidiano, livro, folheto...) e através de quais circuitos de difusão.

Nesse nível, ele salienta ainda que o fato de que um texto seja designado a ser veiculado por determinado meio e forma, que circule de determinada maneira e em certos espaços, tudo isso determina sua existência e sentidos a ele atrelados.

A cada gênero associam-se momentos e lugares de enunciação específicos e um ritual apropriado. O gênero, como toda instituição, constrói o tempo-espaço de sua legitimação. Estas não são ‘circunstâncias’ exteriores, mas os pressupostos que o tornam possível” (MAINGUENEAU, 1989, p. 36).

Em um outro nível, o autor refere-se ao estatuto que o enunciador deve assumir e ao estatuto que deve conferir a seu co-enunciador “para tornar-se sujeito de seu discurso”, ao que podemos também associar àquilo que trouxemos sobre a constituição de um *ethos* a todo dizer.

Pelo que se apresenta, a interpretação dos enunciados condiciona-se a atividades mais ou menos ritualizadas, que estabelecem limitações em termos do status dos enunciadores e co-enunciadores; às circunstâncias temporais e locais da enunciação, como também ao suporte e modos de difusão, temas que podem ser introduzidos e ainda à extensão e modo de organização dos discursos, entre outros possíveis elementos (MAINGUENEAU, 2000, p. 74-75).

Ao tratar do contexto da obra literária como objeto, Maingueneau (2001) tece comentários sobre o gênero que podem ser transportados para outros cenários mais amplos. Ele afirma que os gêneros devem ser considerados “como dispositivos de comunicação em que o enunciado e as circunstâncias de sua enunciação estão implicados para realizar um macroato de linguagem específico” (MAINGUENEAU, 2001, p.66).

Dessa forma, um gênero de discurso só aparece “como uma atividade social de um tipo particular que se exerce em circunstâncias adaptadas, com protagonistas qualificados e de maneira apropriada”, uma vez que sua especificidade depende de um grupo diversificado de fatores, apresentado como conjunto, como componentes de um ritual (MAINGUENEAU, 2001, p.66).

Daí que podemos pensar nos gêneros de discurso operando sob um mecanismo como aquele que nos apresenta Foucault ao falar de uma ordem relativa aos discursos e do ritual da palavra que aí se inscreve. Nas palavras desse autor

o ritual define a qualificação que devem possuir os indivíduos que falam (e que, no jogo de um diálogo, da interrogação, da recitação, devem ocupar determinada posição e formular determinado tipo de enunciados); define os gestos, os comportamentos, as circunstâncias, e todo o conjunto de signos que devem acompanhar o discurso; fixa, enfim, a eficácia suposta ou imposta das palavras, seu efeito sobre aqueles aos quais se dirigem, os limites de seu valor de coerção (FOUCAULT, 2000, p. 38).

É assim que os discursos “não podem ser dissociados dessa prática de um ritual que determina para os sujeitos que falam, ao mesmo tempo, propriedades singulares e papéis pré-estabelecidos” (FOUCAULT, 2000, p.38).

No entanto, não é por apresentarem efetivamente as competências necessárias para o desempenho de um lugar determinado nesse ritual que os sujeitos passam a assumi-lo. Ao contrário, pode-se dizer que se o exercício de um determinado discurso pressupõe um lugar de enunciação afetado por determinadas capacidades, “qualquer indivíduo, a partir do momento que o ocupa, supostamente as detém” (MAINGUENEAU, 1989, p.37), independentemente de as possuírem ou não.

Dessa forma é o processo mesmo de enunciação e as condições do gênero que conferem a legitimidade do lugar ocupado pelos indivíduos, como também, o reconhecimento de que as condições de seu exercício estejam já ali implicitamente reunidas. (MAINGUENEAU, 1989, p. 35-36).

Pelo exposto, na Análise de discurso, os enunciados devem então ser considerados em relação ao gênero de discurso a que estejam vinculados, como espaço de reconhecimento entre enunciadore e co-enunciadore, do qual dependem para que a enunciação obtenha êxito, em sua ação sobre o mundo (MAINGUENEAU, 2001, p.65).

Deve-se considerar, no entanto, que a “lista dos gêneros” é, por definição ilimitada. Esses encaixam-se uns nos outros, como também se verificam textos que, como parte do seu processo enunciativo se postam na intersecção de múltiplos gêneros.

Dessa forma, cabe ao pesquisador “definir, em função de seus objetivos, os recortes genéricos que lhe parecem pertinentes” (MAINGUENEAU, 1989, p.35).

Assim, “se há gênero a partir do momento que vários textos se submetem a um conjunto de coerções comuns e que os gêneros variam segundo os lugares e as épocas”, importa na análise problematizar tais coerções (MAINGUENEAU, 1989, p.35), na busca por compreender aquilo que esses gêneros implicam na constituição de um discurso e dos sujeitos que aí venham a se inscrever.

Pelo exposto ao tratar dos gêneros do discurso, ratifica-se, mais uma vez, uma visão que entende a construção de sentido de um enunciado somente à medida que este está entrelaçado ao contexto que permite sua insurgência e na prática de sua realização.

Por outro lado, Maingueneau defende ainda que os gêneros “só adquirem sentido quando integrados a unidades de classe superior, os *tipos de discurso*”. (MAINGUENEAU, 2015, p.66, grifo do autor).

A expressão, é utilizada

para designar práticas discursivas ligadas a um mesmo setor de atividade, agrupamentos de gêneros estabilizados por uma mesma finalidade social: tipos de discurso administrativo, publicitário, religioso... Um panfleto político, por exemplo, é um gênero de discurso a ser integrado em uma unidade mais complexa, constituída pela rede dos gêneros decorrentes do mesmo tipo de discurso, no caso, o político[...] Tipos e gêneros de discurso estão, assim, tomados por uma relação de reciprocidade: todo tipo é uma rede de gêneros; todo gênero se reporta a um tipo (MAINGUENEAU, 2015, p.66).

Destaca-se ainda que, a respeito dos tipos de discurso, deve-se atentar para “o *posicionamento* do grupo que assume a responsabilidade” por um discurso, como também para o fato desse posicionamento confrontar-se com outros posicionamentos, na constituição de um espaço como um campo discursivo (MAINGUENEAU, 2015, p. 67).

Esse conforma-se a partir de um universo discursivo que delimita um horizonte em uma conjuntura dada, de onde se extraem domínios menores “compreendidos como o conjunto de formações discursivas que se encontram em concorrência, delimitando-se reciprocamente – seja em confronto, aliança ou neutralidade aparente” (SOUZA-E-SILVA, 2013, p. 100).

Tal campo discursivo é entendido então como uma arena conformada pela tensão de forças ali presentes, num desdobramento do conceito de campo, tomado por Bourdieu (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2008, p.91).

Desses campos, deriva-se a noção de espaço discursivo, com um isolamento ou recorte neles implicados, como *locus* de análise a ser trabalhado (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2008, p.92; SOUZA-E-SILVA, 2013, p.100).

Ou seja, o espaço discursivo é entendido e apreendido como um terreno “de trocas constituído por subconjuntos de formações discursivas, cuja relação o analista, a partir de hipóteses fundadas sobre um conhecimento dos textos e um saber histórico, julga pertinente considerar” (SOUZA-E-SILVA, 2013, p.100).

Dessa lógica, Souza-e-Silva afirma ainda que “trabalhar com o princípio do primado do interdiscurso, isto é, com a precedência do interdiscurso sobre o discurso, significa que a unidade de análise pertinente não é o discurso, mas esse espaço de trocas construído pelo analista” (SOUZA-E-SILVA, 2013, p.100).

Por outro lado, considerando o contexto altamente mediatizado em que nos inserimos na atualidade, torna-se importante ainda abordar outro aspecto do processo enunciativo que Maingueneau introduz em seus estudos, ao falar sobre a noção de hipergênero.

Tal termo é tomado em referência a gêneros mais amplos, ou melhor, “a uma formatação com restrições fracas que pode recobrir gêneros muito diferentes” (MAINGUENEAU, 2015, p. 130).

Como afirma o autor, falar de hipergênero é tratar de uma categoria que pode ser apreendida ou que recobre diversos níveis, como também, deve ser explorada levando-se em conta o setor de atividade social envolvido (MAINGUENEAU, 2015, p. 130).

O conceito nos interessa particularmente, diante de um cenário de nossos tempos, marcado pela convergência entre mídias e diversidade de formatos acoplados como parte de um mesmo momento enunciativo. No caso das práticas discursivas da *web*, em que nos vemos imersos, a noção se faz útil, em função da multimodalidade em que essas se inscrevem (MAINGUENEAU, 2015, p.161).

Como afirma o autor,

“Se existem, evidentemente, ‘gêneros’ na Web, grandes categorias de *sites* (*sites* comerciais, *blogs*, *sites* de informação, *sites* de compartilhamento de vídeos etc.) não se trata de gêneros clássicos. Temos de lidar mais com uma categorização que tem a ver com o que chamamos acima de hipergêneros” (MAINGUENEAU, 2015, p. 164).

O autor defende que os gêneros de sítios da internet configuram-se a partir de formatações pouco restritivas, de forma geral, possibilitando muitas cenografias⁶⁰, isto é, compondo variadas situações de enunciação que o discurso legitima e que, por sua vez, o

⁶⁰ O termo cenografia é adotado por Maingueneau (2015, 2001, 1989) como parte de um espaço maior relativo à enunciação. O autor faz uma alusão ao teatro para tratar do processo enunciativo de forma abrangente e em diversos níveis, abordando-o por meio do conceito de “cena de enunciação”, entendida como um quadro e um processo: “o discurso pressupõe certo quadro, definido pelas restrições do gênero, mas deve também gerir esse quadro pela encenação de sua enunciação” (MAINGUENEAU, 2015, p.117). Tal cena se constituiria assim, pela interação entre a cena englobante (relativa ao tipo de discursos), a cena genérica (relativa a rede de gêneros de discursos aí implicados) e a cenografia (como espaço de expressão singular de um texto ou discurso, como situação organizada pelo enunciador na legitimação dos enunciados que profere e que, por sua vez, a legitimam (MAINGUENEAU, 2015, p. 123).

legitimam (MAINGUENEAU, 2015; 2001). Estas, no entanto, não são diversificadas ao infinito, uma vez que: “algumas rotinas se instalam”.

Assim, o recurso ao um hipergênero ou a determinada cenografia “permite dar sentido à atividade de comunicação, instaurando uma relação entre os parceiros da comunicação, e tais escolhas são sintomáticas de determinada configuração social” (MAINGUENEAU, 2015, p. 164).

Considerando nosso interesse inicial pelos discursos que as mídias colocam em circulação e tomando a internet como um espaço privilegiado de visibilidade desses discursos, importa ater-nos um pouco mais sobre a análise desenvolvida nesse terreno, multimodal.

2.2.5 Apontamentos sobre a análise de discurso em um contexto de múltiplos formatos genéricos

Ao tratarmos da aplicação da análise do discurso atualmente, torna-se relevante lembrar que à época de sua insurgência, nos anos 1960, vivíamos “em um mundo ainda estruturado pela dualidade oral/escrito”, como nos coloca Maingueneau (2015, p.159).

No entanto,

[...] O desenvolvimento, no final do século XX, das novas tecnologias da comunicação fez aparecer novas práticas, específicas do universo digital, mas também modificou profundamente as modalidades tradicionais de exercício do discurso. Os analistas do discurso são agora levados a se interrogarem sobre a pertinência das categorias que utilizam, a se perguntarem se elas ainda estão à altura dessa nova distribuição das cartas em jogo” (MAINGUENEAU, 2015, p. 159).

Diante dessa nova realidade, “uma parte sempre crescente da comunicação é ‘multimodal’, isto é, mobiliza simultaneamente diferentes canais” (MAINGUENEAU, 2015, p. 159).

Para Maingueneau, “o que mais contribui para impor as problemáticas ligadas à multimodalidade é certamente o fato de que a porção dos enunciados ‘escritos’ que comportam elementos icônicos cresce sem cessar, o que afeta a própria noção de ‘texto’, tanto que se fala, às vezes, de ‘iconotexto’ para designar as produções semióticas em que imagem e fala são indissociáveis” (MAINGUENEAU, 2015, p. 160).

O autor atribui a importância da dimensão icônica nesse espaço em dois níveis: o primeiro em que “os enunciados verbais se incrustam nas imagens ou as imagens acompanham o texto” e o segundo, quando, como conjunto, imagens e enunciados verbais constituem “uma forma trabalhada em si mesma” (MAINGUENEAU, 2015, p. 160).

Na imposição de um *script* pela multimodalidade, constituem-se etapa em que se pode inserir também a música. “A encenação da fala é, assim, suplantada por outra, visual e sonora, com a qual ela interage” (MAINGUENEAU, 2015, p. 160).

As transformações que se colocam com um espaço multimodal,

“têm o efeito de multiplicar o olhar que o pesquisador projeta sobre os *corpora*, que são cada vez menos integralmente verbais. Dado que um número crescente de produções discursivas é multimodal, restringir os estudos apenas aos materiais verbais (orais ou escritos) não é mais algo evidente: é uma escolha que precisa ser justificada pelos objetivos de pesquisa” (MAINGUENEAU, 2015, p. 161).

No entanto, ao se considerar que os discursos estão na base de produção de existência humana, como a linha teórica em que nos assentamos defende, isso nos permite ler discursivamente esses elementos que se apresentam no momento de análise de um *corpus* que os inclui, quando necessário ou oportuno.

Isto é, permite-se transcrevê-los à linguagem verbal/escrita, como aspectos atribuidores de sentido à enunciação. O que faremos a título de complemento dos textos escritos, nas situações em que as imagens se destacarem na construção de sentidos do texto apresentado, mas em tomá-las como elemento prioritário.

Após esse caminho por princípios e conceitos centrais para a análise de discurso que se pretende desenvolver, destaca-se mais uma vez a noção de lugar discursivo como *locus* de identificação de representações sociais e discursos erigidos em torno do tema da velhice e do envelhecimento. Busca-se pela expressão de subjetividades dos idosos de nossos tempos, seja na ratificação de posições dominantes ou como manifestação de posições em deslocamento, transformação.

Compreende-se que possamos depreender daí palavras de ordem, que moldam nossas condutas e nossas formas de apreensão do mundo, implicando, de forma ampla, a todos nós. Palavras de ordem que contribuam para reforço de construções redutoras ou, ao contrário, promotoras da multiplicidade das experiências e modos de vivenciar a velhice em nossos dias.

Para tanto, passamos à abordagem mais específica da estruturação e aplicação da metodologia que nos permitiu maior contato com o objeto, como também contribuiu para recorte e definição de variáveis para análise do *corpus*.

Parte B

A abordagem do objeto empírico

3

A estruturação da metodologia, um mapeamento de ocorrências e a seleção do *corpus* e das variáveis para análise

Neste capítulo articulam-se considerações apontadas nos capítulos anteriores para a estruturação da metodologia específica do que resulta um processo de pesquisa segmentado em dois momentos principais: um, voltado para obtenção de uma visão geral do objeto e de indicativos para apreensão do *corpus*; e o outro, mais especificamente voltado para o detalhamento dos procedimentos para a aplicação da metodologia de análise.

3.1. Procedimentos para o encontro com a velhice nas mídias

3.1.1 *O processo de pesquisa e o cenário de convergência midiática*

A partir do que foi apontado até aqui, nosso olhar para a apreensão do *corpus* de pesquisa coloca-se frente ao desafio de abordagem de um tema marcado pela complexidade e por múltiplas visadas que o atravessam.

Tal amplitude nos obriga a efetuar recortes em que se localizem algum de seus pontos, apresentando tomadas passíveis de análise a partir de onde pensar a temática em face à sua multiplicidade.

Nesse percurso, torna-se relevante o estabelecimento de uma etapa preliminar de contato com o material discursivo, antes mesmo da constituição do *corpus*. Tal contato contribui para a identificação de elementos internos ao funcionamento do próprio discurso, tais como “a relação entre os sujeitos, a relação com os sentidos, a relação com o referente discursivo” (ORLANDI, 2015, p. 86-87).

É assim que o processo de pesquisa foi segmentado em dois momentos e fins principais: um, constituído por procedimentos voltados para obtenção de uma visão geral do objeto e obtenção de indicativos para apreensão do *corpus*; e o outro, mais especificamente voltado para a estruturação e aplicação da metodologia de análise.

No primeiro, o trabalho voltou-se para a pesquisa do tema de maneira geral e exploratória, com observação daquilo que se coloca em circulação em nome da velhice nas mídias, visando maior conhecimento dos materiais discursivos a serem trabalhados.

Tal etapa visou também o levantamento de formatos genéricos de expressão da temática nas mídias. Outro ponto observado foi aquele dos lugares discursivos de assunção dos sujeitos que se apresentam de forma recorrente nos textos. Com isso,

buscamos obter elementos para melhor subsidiar os mecanismos de escolha e recorte do *corpus*.

Considerando o cenário de profusão midiática em que nos inserimos contemporaneamente, optou-se pela realização dessa pesquisa a partir de um espaço que permitisse reunir publicações variadas em circulação nas mídias, pelo compartilhamento de conteúdos de diversas fontes, daí a escolha do ambiente digital da *world wide web*.

Tal opção é justificada em função de nos situarmos em uma época marcada por uma cultura em que os sujeitos são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos de mídia dispersos (JENKINS, 2009, p. 29), sendo o espaço da *web* um *locus* privilegiado para tal, por permitir acesso a tais conteúdos, a partir de pontos localizados, que remetem a outros, em uma organização hipertextual⁶¹.

Sendo assim, serve-nos o conceito de convergência midiática em sua forma ampliada, como “um processo contínuo e uma série contínua de interstícios entre diferentes sistemas de mídia”, que configura “uma situação em que múltiplos sistemas de mídia coexistem e em que o conteúdo passa por eles fluidamente (JENKINS, 2009, p. 377).

Processo instituído, que transformou e transforma continuamente o modo como as mídias se postam e são apropriadas por diversos agentes, desde indivíduos, numa esfera privada, particular, até grandes grupos e organizações, isto é, um processo de “mudanças tecnológicas, industriais, culturais e sociais no modo como as mídias circulam em nossa cultura” (JENKINS, 2009, p. 377).

Diante da vastidão da *web* e em um mundo marcado pelo movimento de mudança constante, em que parece não haver “um ponto privilegiado acima da confusão, de onde eu possa enxergar as coisas” (JENKINS, 2009, p. 39), destacam-se para nós as comunidades do Facebook, como espaço potencial de convergência, cujas páginas são criadas a partir de interesses comuns de seus produtores e integrantes.

Esse é o caso das *fan pages* ou comunidades de fãs que se apresentam em torno do tema da velhice e do envelhecimento. Nessas, são compartilhados materiais sobre o assunto, a partir das fontes mais variadas, de diferentes suportes e formatos genéricos.

⁶¹ Pierre Lévy define hipertexto como “uma forma não-linear de apresentar e consultar informações. Um hipertexto vincula as informações contidas em seus documentos [...] criando uma rede de associações complexas através de hyperlinks ou, mais simplesmente links” (LÉVY, 1999, p. 254).

Dai a escolha dessa plataforma, como espaço convergente que permite a remetência a outros *locus*, como porta para um universo mais amplo de outros sítios ou publicações midiáticas que veiculam e compartilham informações sobre a temática, considerando ainda seu lugar de destaque entre as redes em âmbito mundial, como também no Brasil.⁶²

Assim, para endosso de nossa escolha, vale abordar elementos da história e do processo de funcionamento do Facebook.

3.1.2 Facebook histórico e funcionamento

Fundado em 2004 por estudantes da Universidade de Harvard, o Thefacebook, como inicialmente nomeado, foi criado como um espaço de compartilhamento de fotos, informações e interação entre universitários⁶³. Uma nova ferramenta *online* baseada na ideia de carregamento de informações como expressão da identidade *off-line* de seus integrantes. (KIRKPATRICK, 2011, p. 14).

Como nos lembra o Grupo de Pesquisa em Telenovela da Universidade de São Paulo, sua diferença para as demais redes sociais que emergiram nos Estados Unidos no período de 2004 a 2005 consistia justamente nesse aspecto “capaz de gerar valor tanto para o usuário quanto para a rede social” (LOPES & MUNGIOLI et. al., 2013, p. 145).

Quando um usuário cria uma conta de perfil, ele “é identificado por meio de um e-mail acadêmico ou número de telefone pessoal. Disso resultou que a maioria dos perfis cadastrados correspondia, com certa regularidade, ao perfil *off-line*” (LOPES & MUNGIOLI et. al., 2013, p. 145).

⁶² Levou-se em conta o fato de o Facebook ser a rede mais acessada na internet no Brasil, inicialmente de acordo com pesquisa da ComScore (2014) - empresa de atuação global de medição de audiência digital, como também, a ratificação de tal posicionamento pelo relatório divulgado pelo Facebook, em abril de 2018, segundo Agência Brasil. Disponível em <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2018-07/facebook-chega-127-milhoes-de-usuarios-no-brasil>>, último acesso em 17/10/2018.

⁶³ Na época de seu lançamento, intitulava-se como Thefacebook, e sua tela inicial apresentava o novo serviço como: “um diretório on-line que conecta pessoas por meio de redes sociais nas faculdades. Abrimos o Thefacebook para uso popular na Universidade de Harvard. Você pode usar o Thefacebook para: procurar pessoas na sua faculdade; descobrir quem está nos mesmos cursos que você; procurar amigos dos seus amigos; ver uma representação visual da sua rede social” (KIRKPATRICK, 2011).

Em 2005, a empresa torna-se oficialmente Facebook e amplia sua participação para alunos do ensino médio. Em 2006, abre a ferramenta de forma indistinta, a partir de quando se desenvolve em âmbito mundial (KIRKPATRICK, 2011).

Como mencionado, a rede permite colocar pessoas em contato, a partir de um interesse em comum, sustentada, entre outros pontos, por uma lógica de compartilhamento dos materiais postados:

O software do Facebook imprime uma característica viral à informação. As ideias no Facebook têm a capacidade de se espalhar pelos grupos e fazer com que um grande número de pessoas tome conhecimento de algo quase simultaneamente, propagando-se de uma pessoa para outra e para muitas com uma facilidade rara (KIRKPATRICK, 2011, p. 15).

Em 2010, o Facebook já era uma corporação de dois mil funcionários, com uma receita que ultrapassava 1 bilhão de dólares. Era também o segundo site mais visitado, depois do Google: contabilizava na época, mais de 600 milhões de usuários ativos, operando em 75 idiomas e em diversos países além dos Estados Unidos, incluindo o Brasil⁶⁴ (KIRKPATRICK, 2011, p. 24).

Seu ponto de virada, depois da extensão do serviço para além das faculdades, ocorreu com sua transposição de rede para uma plataforma, movimento iniciado em 2006. “A criação de uma plataforma permite que uma empresa de *software* se torne o ponto central de conexão de um ecossistema de parceiros que dependem de seu produto” (KIRKPATRICK, 2011, p. 217), isso quer dizer que, atrelada à empresa torna-se passível o desenvolvimento e disponibilização de aplicativos para os seus usuários (LOPES & MUNGIOLI et. al., 2013, p. 146).

Por outro lado, salienta-se a descoberta da ferramenta não apenas por sujeitos individualizados, mas também por empresas e outras organizações, como usuárias do serviço.

O início das páginas de marcas ou *fan pages* no Facebook ocorreu em 2006, quando, ao entenderem a lógica do compartilhamento, várias empresas passam a criar páginas institucionais, com desenvolvimento de “conteúdos com promoções para fãs,

⁶⁴ Entre os países mencionados por Kirkpatrick encontram-se Canadá, Indonésia, Reino Unido, Turquia, França, Filipinas, Itália, México, Índia e Alemanha, além, de Romênia, Coreia do Sul, Hungria, Tailândia, Ucrânia, República Dominicana, Letônia, Iraque, Equador e Brasil (KIRKPATRICK, 2011, p. 24).

quizzes, fotos, mensagens e troca de moedas de valor simbólico por descontos reais em seus produtos” (LOPES & MUNGIOLI et. al., 2013, p. 145).

O sistema entende, de maneira pressuposta, que a partir do momento em que um usuário clica em “curtir” em uma dessas páginas ele se posta como fã e, assim, “irá apreciar receber informações atualizadas sobre esses itens em sua página inicial do Facebook” (LOPES & MUNGIOLI et al., 2013, p. 145).

Além disso, todas as atividades realizadas pelo fã nessas páginas também são transmitidas aos integrantes de sua rede por meio do algoritmo que gerencia as informações recebidas pelos usuários da plataforma (LOPES & MUNGIOLI et. al., 2013, p. 145).

As autoras nos lembram que, dessa maneira, o serviço torna-se fonte de informação e conhecimento, pelas atualizações e compartilhamentos de informação efetuados pelos usuários.

O sistema também pode colaborar com a formação de novas relações e novas comunidades de interesse mútuo, pela visibilidade que confere às pessoas que se conectam por serem conhecidas, como também, de outras que não se conhecem, mas que participam de *fan pages* em comum (LOPES & MUNGIOLI et. al., 2013, p. 147)⁶⁵.

Por esse mecanismo de conexão e desenvolvimento de estratégias de adesão, o Facebook garantiu seu crescimento. Segundo dados disponibilizados pelo próprio Facebook⁶⁶, a plataforma atingiu a marca de 127 milhões de usuários no Brasil e 2, 2 bilhões, no mundo. Destes, 120 milhões acessam tal rede por meio de dispositivos móveis, como smartphones.

O número suplanta os dados da última estatística de usuários de internet no Brasil, divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Pela Pesquisa

⁶⁵ Aqui as autoras trazem outros trabalhos para fundamentar sua argumentação: HAMPTON, Keith et. al. (How new media afford network diversity: direct and mediated access to social capital through participation in local settings. *New media & society*, v. 13, n. 7, 2011) e BOURDIEU, Pierre. O capital social – notas provisórias. In: CATANI, Afranio & NOGUEIRA, Maria Alice (orgs.) *Escritos de Educação*. Petrópolis: Vozes, 1998. Este último mais especificamente para falar do capital social, que indica a conexão dos indivíduos em uma rede social de onde o seu valor pelas interações que aí se estabelecem.

⁶⁶ Dados divulgados pela Agência Brasil em julho de 2018, a partir de relatório de desempenho, apresentado pelo Facebook, em abril do mesmo ano. Fonte: Agência Brasil, disponível em <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2018-07/facebook-chega-127-milhoes-de-usuarios-no-brasil>>, último acesso em 17/10/2018.

Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD), eram 116 milhões de pessoas utilizando a rede em 2016.

Em comparação a outras redes sociais, segundo recente pesquisa de tendências de mídia social no mercado brasileiro⁶⁷, o Facebook é ainda a principal rede social utilizada no país. Entre as organizações pesquisadas 98,8% delas a utilizam. O Instagram é a segunda colocada, mas, da edição anterior (divulgada em 2017) para a pesquisa desse ano, apresentou um aumento de 26,9 pontos percentuais, passando de 63,3 para 80,2%.

Entre os usuários participantes da pesquisa (como pessoas físicas), as duas redes sociais mais utilizadas por eles também são, em primeiro lugar o Facebook (95%), seguido pelo o Instagram (89,1%). Ressalta-se que, nesse estudo, o perfil dos respondentes é de um público de alta escolaridade e não representa a distribuição socioeconômica da população em geral⁶⁸, assim, tais dados podem também não ser representativos de um universo maior de usuários do país.

Por outro lado, em termos de preferência desses usuários, o Instagram sobe de posição: foi citado como rede preferida por 47,1% dos respondentes. Já o Facebook ficou em segundo lugar, com 29,6% de preferência.

Quanto aos índices de engajamento e de alcance orgânico, (aquele das publicações não pagas) observa-se que esses têm diminuído no Facebook (ROCKCONTENT, 2018b).

Ao considerarmos o uso social da internet, outra questão que se coloca é que, ao mesmo tempo em que esse universo de tecnologias midiáticas tem permitido a possibilidade de maior acesso a informações pelos usuários, paradoxalmente, pode restringir o alcance de informações recolhidas ou aceitas pelos membros do círculo social de um indivíduo, “em um mundo onde a informação flui e é filtrada pelas pessoas” (LOPES & MUNGIOLI et. al., 2013, p. 147).

É assim que, em um campo aberto à multiplicidade, pode prevalecer “a permanência de um pensamento dominante, omitindo pontos de vista divergentes”, bem

⁶⁷ Social Media Trends 2018, pesquisa realizada pela Rockcontent, empresa que atua na geração de marketing de conteúdo. Com aplicação online, entre os dias 24 de outubro e 13 de novembro de 2017, segundo dados do relatório, a pesquisa colheu dados de 1730 participantes, sendo 1278 representantes de empresas e 452 usuários de redes sociais. Disponível em < <http://materiais.rockcontent.com/social-media-trends>>. Último acesso em 18/10/2018.

⁶⁸ Segundo o relatório, mais de 90% dos respondentes declararam ter ensino superior incompleto, completo ou pós-graduação.

como, pode-se “limitar a utilização de outros recursos existentes nas plataformas” (LOPES & MUNGIOLI et. al., 2013, p. 147).

Vale também destacar que os algoritmos utilizados direcionam publicações de acordo com aquilo que a plataforma ou seus gestores entendem como de interesse ou não para os usuários, daí que nem tudo que é publicado chega para todos da mesma maneira. Como nos lembra Kirckpatrick (2011, p.314), “o Facebook nunca explica como os algoritmos do seu Feed de notícias determinam quem vê o quê”.

No entanto, mesmo considerando tais movimentos, constatações e alertas, os dados apresentados e o contato com a plataforma nos permitem dizer que hoje o Facebook ainda é um espaço amplamente utilizado e que, como ferramenta de pesquisa e *locus* de convergência, possibilita a ampliação de nosso olhar para o fazer midiático e discursos em circulação nas mídias de nosso tempo.

Para isso, a ferramenta é entendida aqui como um ponto nodal de uma rede mais ampla, a partir da qual buscamos, em pesquisa exploratória⁶⁹, a elaboração de um mapeamento de ocorrências que visa maior compreensão de como a temática do envelhecimento se expressa nas mídias e na busca de elementos que contribuam para recorte do *corpus* final de pesquisa e para sua análise.

3.1.3 Procedimentos metodológicos para apreensão do corpus e definição das variáveis e seguimento das análises

Na continuidade do trabalho, os procedimentos preliminares de contato com o material discursivo de estudo implicaram:

- a) Escolhas iniciais: definição das páginas a serem analisadas, acompanhamento de publicações e levantamento de materiais como primeiro contato com o objeto;
- b) Clippagem: reunião, leitura dos materiais e apontamento de recorrências para sua classificação;

⁶⁹Segundo Antonio Carlos Gil (2008, p.27), “Pesquisas exploratórias são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato” e por isso, entre os tipos de pesquisa, são as que apresentam menor rigor de planejamento. Segundo o autor, são desenvolvidas, muitas vezes, como a primeira etapa de uma pesquisa mais ampla, quando o tema em estudo é bastante genérico, exemplo de nosso caso.

c) Elaboração de um mapeamento de ocorrências: apresentação de formatos genéricos de expressão da temática;

d) Breves considerações sobre os achados: comentários sucintos sobre os materiais encontrados;

e) Definição dos critérios para recorte final do corpus e das variáveis para análise: escolha dos gêneros de postagens, do *locus* inicial de captação dos materiais e apresentação das variáveis que sustentam a análise em torno das representações sociais dos sujeitos e discursos implicados nesse cenário.

Em um segundo momento, agora relacionado às matérias que compõem o *corpus* final da pesquisa, efetuou-se a elaboração e aplicação da metodologia de análise que contempla as seguintes etapas:

a) Apresentação dos materiais componentes do corpus;

b) Levantamento de dados: identificação dos elementos associados a cada um dos aspectos de análise, junto ao material constitutivo do *corpus*, analisados em duas etapas subsequentes: uma descritiva e outra interpretativa;

c) Análise descritiva: compilação e análise descritiva dos achados, a partir de redundâncias e elementos de destaque encontrados;

d) Análise interpretativa: aprofundamento da análise com apoio em autores que contribuem para reflexão e problematização em torno de aspectos específicos evidenciados como recorrências, pela análise descritiva.

3.2 Detalhamento dos procedimentos realizados

3.2.1 Escolhas iniciais

Para escolha das páginas do Facebook utilizadas nessa fase de levantamento exploratório, inserimos no campo de busca da plataforma as palavras-chave deste trabalho: *velhice* e *envelhecimento*.

Daí selecionamos, as páginas *Velhices* e *Portal do Envelhecimento* pelo destaque entre os resultados apresentados, considerando:

- o número de curtidas na época do levantamento⁷⁰
- o conteúdo das postagens ser, em maior parte, explicitamente relacionado à velhice ou envelhecimento, ao que se somou ao caráter exploratório, um viés intencional.

Como outro termo de busca, incluímos a palavra gerontologia, como campo de saber que se funda sobre a temática, de onde destacou-se a página *Geriatría e Gerontologia*, a exemplo do que ocorreu com as páginas anteriormente selecionadas, pela diversidade de material apresentado e quantidade de curtidas⁷¹.

Além dessas postagens, após nossa participação no III Fórum da Longevidade – promovido pelo *ILC-Brasil* em outubro de 2015, julgou-se também relevante a inclusão da página da organização pelo pertencimento a uma rede de organizações congêneres de atuação intensa, em nível mundial e regional, além do lugar de referência ocupado pelo seu presidente na promoção do tema em mesmo âmbito.⁷²

Tal composição nos permitiu o encontro com páginas que se postam sobre diferentes lugares de fala na abordagem do objeto:

- uma, sem referência direta a uma organização de base e que trata do envelhecimento de maneira genérica, mencionando trecho do estatuto do idoso em sua apresentação;
- outra, que se posta a partir do lugar de pesquisadores sobre a temática e do compartilhamento do saber produzido;
- mais uma, em nome da discussão e informação relativas ao saber técnico, especializado, mas sem apoio visível de uma organização específica que a promovesse;
- a última, que se afirma no lugar de uma organização não-governamental de atuação internacional.

⁷⁰ Em relação à página Velhices, em março de 2015 essa contabilizava 3.022 “curtidas”. Em dezembro de 2016, o número havia aumentado para 5.523, com 5.469 pessoas seguindo a página. E em outubro de 2018 contabilizava 6.252 curtidas e 6.217 seguidores. Já a página do Portal do Envelhecimento contabilizava, em dezembro de 2016, 23.987 curtidas e 23.657 seguidores. E em outubro de 2018, 44.460 curtidas e 44.576 seguidores.

⁷¹ No início de nossas consultas, em março de 2015, a página Geriatría e Gerontologia contabilizava 5.853 “curtidas”. Em dezembro de 2016, o número aumentou para 22.374, com 22.099 seguidores.

⁷² Em dezembro de 2016, a página do Facebook do ILC-Brasil contabiliza 2.549 curtidas e 2.509 seguidores. Em outubro de 2018: 4.438 curtidas e 4.475 compartilhamentos.

A princípio, tal conjunto nos pareceu ser adequado para os objetivos que nos nortearam naquele momento, ou seja, aquele de uma pesquisa exploratória, visando buscar elementos que nos permitisse acesso a produções midiáticas diversas e maior conhecimento do objeto para recorte de um *corpus* que possibilitasse acesso a discursos e representações sociais da velhice e do envelhecimento nas mídias⁷³.

E, naquele momento, a apreensão das páginas, como conjunto, foi importante por trazer elementos diversos para pensar o tema em sua expressão nas mídias e em formatos que se apresentam.

No entanto, no decorrer da pesquisa, observaram-se coincidências de postagens entre algumas das páginas, como outros aspectos que nos levaram à escolha, na continuidade do trabalho, do Portal do Envelhecimento como página central na seleção de materiais para composição do *corpus*, pelo local de destaque que ocupa, na abordagem do tema, como se apresenta melhor nos comentários sobre os achados, no final do mapeamento de ocorrências.

3.1.2 Clippagem e elaboração de um mapeamento de ocorrências

A etapa teve como primeiro objetivo o levantamento de postagens como fonte de subsídios para maior entendimento da exposição do tema e do objeto de pesquisa em sua inscrição nas fontes selecionadas e para recorte do *corpus*.

O levantamento permitiu o encontro de quantidade e variedade de material vasto para os objetivos apresentados. Em termos quantitativos, foram levantadas, ao todo, 634 publicações, num período de busca entre novembro de 2016 e janeiro de 2017, com variação entre as fontes. Das páginas Portal do Envelhecimento, Velhices e ILC-Brasil - o levantamento cobriu as postagens do período entre 05 de novembro de 2016 a 04 de janeiro de 2017.

A página do Portal do Envelhecimento apresentou 236 publicações, Velhices, 87, e a página do ILC-Brasil, 137. Desse universo, foi possível elencar grande variedade de

⁷³ Vale comentar que buscamos também páginas que se postavam em nome da “terceira idade”, por sua utilização corrente em substituição ao termo velhice. A procura, no entanto, trouxe páginas pouco significativas (como grupos fechados, ou número ínfimo de seguidores ou curtidas). Entre essas, a que mais se destacou foi a página “Terceira Idade Conectada” que, no entanto, na época (outubro de 2016) trazia em maior parte postagens genéricas de comportamento ou “frases de positividade”, sem relação *efetiva com o tema do envelhecimento ou velhice*.

tipos de materiais veiculados, principalmente pelo volume, qualidade e diversidade daquilo que foi publicado pelo Portal do Envelhecimento, ao que algumas postagens do ILC fazem complemento.

Na página Geriatria e Gerontologia – foi realizada cobertura por período inferior - de 16 de novembro de 2016 a 04 de janeiro de 2017. Essa diferença se deu em função da ocorrência do elevado volume e variedade de materiais anteriormente já encontrados nas outras páginas, principalmente no Portal do Envelhecimento e ILC, bem como, pela observação de que, em relação aos materiais já levantados, os tipos de publicações relativas ao formato genérico e fontes apresentavam, em geral, pouca variação.

Além disso, observa-se que a página Geriatria e Gerontologia, traz grande parte de material compartilhado das páginas do Portal do Envelhecimento e ILC-Brasil, como também, de fontes que essas compartilham. Apesar da grande variedade de postagens, a ampliação do levantamento já não apresentava diferenciações significativas em termos de lugares discursivos ou formatos genéricos em relação ao que já tinha sido coletado, que justificasse a extensão do período de coleta de dados.

Assim, do período acima mencionado, foram capturadas da página Geriatria e Gerontologia, 174 postagens.

Observa-se que os dados colhidos, pela quantidade e diversidade de material que nos oferecem, nos dão um panorama amplo de publicações sobre o tema. Em seu acompanhamento, por outro lado, percebe-se que passam a apresentar tipologias recorrentes. Tais achados demonstram que os dados que nos ofertam possibilitam tecer comentários gerais sobre o tema e permitem um mapeamento amplo das postagens realizadas.

As páginas, como se julgou inicialmente, nos levam a variada gama de materiais discursivos evidenciados pelas discussões em torno do envelhecimento e outros assuntos a ele relacionados e contribuem para direcionamento de um olhar mais específico e aprofundado, na sequência do trabalho.

Para categorização e classificação dos materiais divulgados, nos guiamos por roteiro estruturado, a partir das formas de inserção das postagens por página. Visamos aí a identificação de aspectos para os quais a fundamentação teórica nos chamou atenção, como o são os temas transversais que se somam à temática do envelhecimento, lugares

discursivos e lugares de fala que as postagens colocam em evidência. O roteiro contemplou os seguintes itens:

- Data da postagem
- Título da postagem (quando houver)
- Material próprio ou compartilhado de outro local
- Conteúdo expressivo – em que aporte: texto, imagem, vídeo, áudio
- Fonte da postagem, quando material compartilhado
- Tema ou assunto
- Lugares de fala visíveis
- Lugares discursivos implicados
- Curtidas, compartilhamentos e comentários das postagens

Tais elementos foram inseridos com o objetivo de identificar formatos de mídia e gêneros discursivos, como também, fontes de informação utilizados nas postagens, considerando as características do espaço pesquisado quanto às possibilidades de conexão, variação e fluxo entre outras páginas ou sítios da *web* de conteúdo informativo.

A identificação de lugares discursivos e lugares de fala foram fonte de subsídios para pensar os possíveis recortes do trabalho ou para o desenvolvimento da análise, com vistas ao entendimento maior dos discursos e das representações sociais em circulação em torno da velhice e do envelhecimento, bem como, por vezes, das relações que essas estabelecem com outros lugares discursivos ocupados pelos sujeitos.

Sua abordagem de forma mais ampla, permite pensar nas palavras de ordem em que nos engatamos na apreensão do mundo que nos rodeia, estabelecendo relações de poder e hierarquizações que reforçam visadas e coordenadas de ação para os sujeitos e condicionam as formas de enxergarmos (ou não) aos outros, como também a nós mesmos.

3.2.3 Mapeamento de Ocorrências

A partir dos materiais levantados, observam-se variados gêneros de postagens, que permitem a elaboração de um mapeamento.

Em relação à produção dos conteúdos, encontramos duas formas de sua apresentação: postagens de conteúdo de produção própria - seja da equipe da página do Facebook ou da organização que lhe dá origem, no caso do Portal do Envelhecimento e ILC-Brasil - e de conteúdo compartilhado de outras fontes, sendo esse último tipo aquele que predomina em todas as páginas pesquisadas.

Como se observa, são feitas postagens oriundas dos mais variados suportes midiáticos, desde textos escritos, fotos com legendas, reprodução de cartazes, textos e imagens que os ilustram ou os acompanham, vídeos, links para programas de tv ou rádio, ou matérias de veículos jornalísticos - desde aqueles de circulação nacional até pequenos veículos regionais ou de determinada localidade, a partir de impressos com versão online ou apenas em versão online, anúncios publicitários, conteúdos de blogs e outras páginas de redes sociais como o próprio Facebook ou Twitter, além de materiais produzidos por outras organizações diversas como governo, universidades, órgãos de pesquisa e organizações de apoio mútuo ou temáticas, entre outras.

A classificação foi feita pensando nos grupos de postagens reunidos sob características comuns ou de destaque específico quanto ao tipo de conteúdo ou formato, como se apresenta a seguir:

1. Séries sobre o tema e programas periódico

1.1. Série de matérias especiais não-periódicas

Postagens de matérias ou links para matérias que tratam de “assuntos atualizados e de maneira aprofundada, que foge ao normal” (ERBOLATO, 1985, p. 136). Aqui são consideradas série de matérias, não-periódicas ou únicas, sobre o tema da velhice ou envelhecimento de forma geral, ou sob ângulos específicos que o envolvem. Ex. Série de matérias *sobre envelhecimento* publicada pelo Jornal Nacional na primeira semana de janeiro

1.2. Retrospectiva anual

Postagem das melhores matérias publicadas durante o ano. Caso da Retrospectiva 2016 do Portal do Envelhecimento que republicou aquelas que a página considerou como sendo suas melhores postagens de 2016.

1.3. Links para programas de palestras modulares

Postagem de programas de palestras, com módulos específicos sobre temas relativos ao tema do envelhecimento. Caso do programa Café Filosófico – que vai ao ar pela Rede Cultura de Televisão;

1.4. Programas semanais periódicos sobre o tema

Seção semanal sobre o tema, em algum veículo específico. Exs. Programa de rádio “CBN 50+”. Apresentado por Alexandre Kalache – presidente do ILC-Brasil - e pelas jornalistas Mara Luquet e Debora Freitas; Blog “Longevidade: modo de usar”, do portal G1 de notícias, escrito pela jornalista Mariza Tavares);

2. Matérias sobre o tema, não seriadas, veiculadas pela grande imprensa

2.1 Links para matérias de jornais tradicionais

Além daquelas produções, de material seriado, mencionadas no item 1.1, divulgação de matérias produzidas por veículos da grande imprensa, sejam vídeos ou materiais escritos, seja tomando idosos como personagens ou tratando de tema relacionado à velhice e envelhecimento populacional, sem periodicidade;

3. Posts com cartazes de divulgação ou informativos

3.1 Cartazes de divulgação de eventos

Postagens de cartazes com informações sobre eventos relacionados à temática do envelhecimento, como congressos, seminários ou palestras por exemplo, promovidos por universidades ou grupos de estudo sobre o tema;

Postagens com informações sobre eventos promovidos por grupos de auxílio mútuo, organização não governamental ou grupos de interesse em temática específica. Ex. Cartaz com convite à participação no Death Café, iniciativa comunitária voltada para a discussão do tema da finitude;

3.2 Cartazes informativos sobre cursos de capacitação de profissional

Postagens de cartazes com divulgação de informações sobre programa de cursos de capacitação ou aperfeiçoamento profissional para profissionais da saúde e cuidadores de idosos, como abertura de inscrições e programa;

3.3 Cartazes informativos sobre temas de saúde

Postagens de cartazes com dicas de saúde ou informações sobre/ alguma patologia, sintomatologia ou tratamento, guias de identificação de doenças ou manuais de conduta, geralmente produzidos por algum órgão governamental de saúde ou atendimento ao idoso, Ex. Cartazes com informações sobre sintomas do Alzheimer;

3.4 Programações culturais para idosos

Postagens de cartazes com informações sobre algum tipo de programação voltada para o público idoso.

4. Dicas de cultura e conhecimento

4.1 Dicas de filmes relacionados à velhice ou não

Postagens com dicas de filmes diversos.

4.2 Mostras de Cinemas e Debates

Postagens de sessões de cinema voltadas para público idoso, por vezes seguida de discussões ou debates

Lançamento de livros sobre a área

Postagens com imagens de capas de livros relacionados à *gerontologia e temáticas sobre envelhecimento e/ ou informações acerca das obras.*

5. Perfil de idosos ou idosos como personagens principais das postagens

5.1. Velhos extraordinários

Apresentação de perfil de idosos, em geral, centenários que apresentam realizações fantásticas, como pular de paraquedas, participar de competições esportivas, etc;

5.2. Receitas dos idosos para o longeviver

Idosos, em geral centenários, dão dicas de como chegar bem a idades avançadas, tomando sua experiência como exemplo. Ex. Postagem de como é a dieta e Emma Murano, considerada a mulher mais velha do mundo (Portal do Envelhecimento 04/12/2016);

5.3 Ações solidárias protagonizadas por idosos

Ex. Postagens de notícias sobre senhor hospitalizado que tricota gorros para pessoas que vivem nas ruas e crianças com câncer;

5.4. Entrevistas e depoimentos de idosos “anônimos” ou “não-célebres”, sobre tema específico

Ex. Entrevista com Anyky Lima, apresentada como “militante travesti” que fala sobre “ditadura, transfobia e terceira idade” (Geriatrics e Gerontology, 21/12/2016);

5.5. Perfil de personalidades idosas

Entrevistas ou matérias sobre a vida de personalidade idosa. Ex. Entrevista com Natália Timberg (Geriatrics e Gerontology, 07/12/2016);

5.6 Perfil pós morte, obituário, notas de falecimento ou aniversários

Apresentação de perfil de personalidade, em função de sua morte ou aniversário. Ex. Postagens diversas sobre morte de Ferreira Gullar, que faleceu em 04/12/2016.

6. Campanhas beneficentes voltadas para idosos

6.1 Campanhas de auxílio a idosos promovidas pela comunidade

Postagens de campanhas diversas com mobilização de pessoa ou grupo de pessoas realizadas em nome de auxílio a algum idoso da comunidade;

6.2 Campanhas de auxílio a idosos promovidas por abrigos e lares

Postagens de campanhas diversas com mobilização promovida por instituições de amparo ou pela comunidade, voltadas para seus beneficiários. Ex. Campanha de arrecadação e doação de presentes de Natal.

7. Postagens Temáticas em destaque: Matérias específicas sobre temas recorrentes relacionados ao universo dos idosos e comportamento: (Saúde; habitação e cuidados; finitude; mercado de trabalho)

7.1. Saúde

Postagens de matérias ou textos com informações gerais e para prevenção ou cuidado a respeito de doenças diversas associadas à velhice ou não;

Dicas de hábitos saudáveis;

Dicas de saúde por profissionais da área médica;

Cartilhas do governo.

7.2. Habitação e cuidado

Formatos e soluções de moradias para idosos;

Matérias sobre cuidados diversos e inovações em cuidado com idosos;

Postagens voltadas para cuidadores, como identificação de estresse; mensagens de otimismo ou dever, e formas de cuidado de si;

7.3. Finitude

Postagens sobre finitude, morte e luto de forma geral ou ligadas à velhice.

7.4. Mercado de trabalho para idosos

Postagens sobre mercado de trabalho, desde novas formas de trabalho na velhice, dicas de se manter no mercado, além de matérias sobre preconceito e restrição a vagas para idosos.

7.5. Legislação

Matérias que citam ou abordem leis ou normativas relacionadas ao setor, como o Estatuto do Idoso ou leis que beneficiem essa população, como meia-entrada ou passagem gratuita de ônibus;

Leis que beneficiam pessoas portadoras ou acometidas por algumas doenças. Ex. Isenção de imposto de renda por pessoas que tiveram câncer;

Notícias sobre projetos de lei ou leis e temas em fase de revisão, discussão ou aprovação que podem afetar a vida do idoso. Ex.: postagens de matérias diversas sobre reforma previdenciária e PEC 241 – de redução de gastos públicos, que se destacam nesse momento.

8. *Think Tanks*: Conhecimentos difundidos por organizações de pesquisa ou que atuam na área

8.1. Divulgação de matérias elaboradas a partir de resultados de pesquisas

Postagens de matérias pautadas na divulgação de pesquisas, relatórios, dados conjunturais ou contextuais desenvolvidos ou estudados por instituições em torno de aspectos relativos ao envelhecimento e questões que o afetam;

8.2. Disponibilização de relatórios de pesquisas ou documentos gerados por organismos referência na área

Postagens com links para relatórios de pesquisa ou estudos em torno de aspectos relativos ao envelhecimento ou questões que o afetam, desenvolvidos por organismos cuja atuação é referência na pesquisa ou trabalho com população idosa;

8.3. Postagens de artigos científicos ou textos analíticos sobre temas relacionados ao envelhecimento

Postagens de textos compartilhados ou produzidos pelas organizações de base das páginas, no caso do Portal do Envelhecimento e ILC, ou parceiros, com análise de tema relacionado ao envelhecimento.

9. Velhice como mercado de consumo e serviços especializados

9.1. Links para propagandas

Postagens de links para comerciais ou materiais publicitários;

9.2. Matérias sobre mercados em expansão

Postagens de matérias sobre nichos de mercado crescentes com o envelhecimento populacional;

9.3. Prestação de serviços voltados a pessoas idosas

Postagens de matérias e informações sobre serviços voltados para o atendimento específico à população idosa, bem como links para páginas de seus prestadores;

9.4. Demandas específicas

Postagens de matérias sobre novas demandas reivindicadas para melhor atendimento à população idosa, como consumidora.

10. Postagens de materiais relacionados à convivência ou promoção de relações intergeracionais

10.1. Valorização das relações intergeracionais

Postagem de promoção da importância de relações intergeracionais, seja entre crianças e jovens da comunidade ou entre filhos e pais idosos, ou netos e avós, e promoção de benefícios que tais relações permitem;

10.2. Relação por obrigação: Imputação ou Atenuação de culpa, retribuição aos cuidados na infância ou retorno futuro

Postagens de conteúdos que utilizam como mote para a promoção da relação entre gerações para redução de culpa diante da finitude humana, como obrigação, retribuição a cuidados ou projeção de situação futura.

11 . Autorreferencialidade

11.1. Postagem de ação promovida pela organização ou equipe responsável pela produção da página

A exemplo de Fóruns, palestras ou outras iniciativas.

11.2. Entrevistas ou participação em outros veículos

Postagem sobre entrevistas concedidas ou participação de integrante da organização responsável pela página ou equipe que a produz em matérias de outros veículos ou páginas;

11.3. Registro de participação em eventos

Postagem de fotos ou relatos de participação em eventos de participantes das organizações ou equipes que promovem as páginas;

11.4. Produção de eventos

Postagem de informações e imagens sobre eventos produzidos pelas organizações responsáveis pela publicação de alguma das páginas em estudo;

12. Fotolegenda / Imagem-texto

12.1. Frases sobre velhice

Imagens acompanhadas ou inscritas com mensagens sobre envelhecimento/velhice;

12.2. Condutas para a positividade ou frases motivacionais, não relacionadas explicitamente à velhice

Imagens acompanhadas ou com mensagens sobrescritas com coordenadas em nome da positividade ou frases motivacionais, com apresentação de condutas para uma vida feliz ou para o bem viver, sem relação específica com a velhice.

12.3. Celebridade

Imagens de idosos famosos, acompanhados de legenda ou frases que a qualificam.

13. Links para vídeos sobre temas relacionados ao envelhecimento

13.1 Links de vídeos com materiais produzidos para TV

Links para vídeos e reportagens veiculadas em TV, não seriados, além das séries e módulos, mencionados no item “1”;

13.2 Vídeos de curta duração sobre a temática ou temas correlatos

Postagem de vídeos de curta duração ou compartilhamento de links de vídeos do Youtube, outras páginas do Facebook ou outros espaços, produzidos por fontes diversas.

13.3 Compartilhamento de vídeos publicitários

Compartilhamento de vídeos publicitários e propagandas para TV ou web, como já indicado na parte sobre mercado de consumo.

14. Links para outras páginas

Divulgação de outros sítios e locais na web de produção de conteúdo sobre o tema do envelhecimento, temas correlatos ou de possível interesse.

15. Postagens de assuntos diversos sem relação direta com velhice e envelhecimento

Ex. Postagem sobre homenagem de cidadãos colombianos, quando do acidente com a equipe do time de futebol do Chapecoense. (Portal do envelhecimento 30/11/2016).

3.2.4 Breves considerações sobre os achados

Sobre o mapeamento apresentado, podem-se destacar aspectos que se evidenciaram no contato com o material encontrado. Entre eles:

A existência de diversidade de temas apresentados a partir do tema maior da velhice, nas mais diversas áreas: de mercado de trabalho, consumo e economia, a temas sobre saúde, cuidado, habitação, previdência, sexualidade, qualidade de vida, divulgação de eventos, além de questões de comportamento e palavras de ordem para o bem viver, entre outros;

Dessa diversidade de temas, também se observa uma variedade de abordagens, desde aquelas que questionam estereótipos da velhice ou discursos dominantes em geral, a outras que os reforçam.

Nesse universo, muitos dos textos apontam para a diversidade do campo e para a necessidade de revisão sistêmica para atendimento adequado às demandas relativas ao processo de envelhecimento da população. Defendem-se muitas vezes a expressão das singularidades e, assim, da multiplicidade que o campo abarca.

Dessa forma, apresentam material mais rico do que textos focados em visadas individualizadas ou restritivas, ainda que seja grande o volume de postagens sobre saúde, que assentam o tema sob um estrato orgânico.

Observam-se também variados lugares discursivos recorrentes: além dos idosos, cuidadores, profissionais da área médica, familiares, acadêmicos, prestadores de serviços e população em geral, como também, menção e apresentação de diversos tipos de organizações, como universidades, Ongs, centros dia e casas de apoio, residenciais ou instituições de longa permanência, hospitais, associações de classe, governo e imprensa, por exemplo.

Apesar de tal variedade, em termos quantitativos e, de forma geral, diante do volume de postagens das páginas, pouco se observam idosos ocupando efetivamente um lugar de fala próprio. No entanto, sua voz, quando apresentada, traz conteúdo rico para análise.

Chamam a atenção publicações em torno de artistas e celebridades ou personalidades que se destacam em sua área de atuação. As abordagens giram em torno da longevidade e percurso de vida de determinado sujeito, notas de falecimento ou matérias daí decorrentes, aniversários ou mesmo em afirmação à beleza e estética na velhice.

Os temas apresentam visadas específicas a partir daquele maior da velhice, mas também se apresentam de forma genérica, sem alusão à idade, de onde se destacam postagens sobre “bem viver”.

Essas, quando relacionadas ao tema aqui objeto, por vezes, paradoxalmente, apresentam falas assentadas em lugares estereotipados sobre a velhice; como o exemplo de postagens que promovem a ideia de que se deve priorizar a “essência” em lugar da

beleza física, que se perderia com o tempo, reforçando um padrão estético dominante de valorização da juventude.

Destaca-se a atualidade em que se inscrevem muitas das postagens. Elas permitem acompanhar os principais debates que afetam o campo do envelhecimento, como o são a reforma previdenciária, a ocorrência de eventos da área, como também, outros temas de interesse geral, por vezes explorados de forma abrangente, como a postagem do ILC sobre a morte de Ferreira Gullar, que enfocou o direito à escolha de submissão ou não a tratamentos invasivos.

Como mencionamos, quanto à produção das mensagens, a maioria delas se faz por compartilhamento de textos de outras fontes, ainda que haja postagens próprias. Fato relevante é o compartilhamento de mensagens entre as próprias páginas pesquisadas, com postagens de umas sendo encontradas também em outras, o que dificulta a abordagem quantitativa do material.

Chama também a atenção o volume de publicações de origem estrangeira. Muitas publicações portuguesas, além de outras de outros países, em língua também estrangeira, como inglês e também espanhol. Fato comum nas postagens do ILC-Brasil e encontrado também, em postagens da página Geriatria e Gerontologia e Portal do Envelhecimento. Se, por um lado, essas indicam agilidade e conexão com informações que estão circulando em outros países, com resultados de pesquisas recentes e disponibilização de documentos relevantes para a área, por outro, as tornam páginas mais elitizadas e de acesso mais restrito em função da língua utilizada, na pressuposição e implicação de um coenunciador mais culto.

Quanto ao desenvolvimento de estratégias de comunicação e relacionamento propiciadas pelas novas mídias e pela plataforma, vale observar que, ainda que as páginas estejam situadas em espaços de mídia que permitem interação, essas, até o período de fechamento do mapeamento, foram pouquíssimo utilizadas para tal.

Focam-se na divulgação e circulação de conteúdo informativo, sendo que a participação dos usuários das páginas se dá por meio de comentários espontâneos, como reação ou resposta às postagens. No entanto, esses, em sua maior parte, ou referem-se à marcação de um conhecido (isto é, indicação da matéria para outro usuário, por meio de inclusão de seu nome como comentário na postagem), ou atuam como reforço em relação

ao material publicado, mas sem exploração maior do conteúdo ou complementação efetiva e diálogo com as páginas.

São raros os comentários que apresentam algo de novo à cena e discursos em que se inserem, daí que, para o estudo que se desenvolverá a seguir, privilegiou-se o material compartilhado pelas páginas, sem mapeamento desses comentários, em função da participação, em geral, pouco significativa que sua presença nessas páginas apresenta.

Quanto a aspectos específicos das páginas, ainda que não seja nosso intento falar sobre elas de maneira mais própria, uma vez que nos importa uma visão mais abrangente das publicações a que remetem, destacam-se alguns pontos:

- O posicionamento do Portal do Envelhecimento, é um deles. Suas postagens geralmente são acompanhadas de algum comentário ou expressão que situa o lugar de fala da página como um espaço em nome da diversidade e crítica em torno do tema. Evidenciam falas que restritivas ou destitutivas da velhice, o que nem sempre acontece com outras páginas, que por vezes compartilham conteúdo sem posicionamento.

O Portal do Envelhecimento é também a página que se destaca no sentido de produção de material próprio da organização de origem. Tais produções, além de ser publicadas na página, são bastante compartilhadas por outras páginas que tratam do tema, o que o situa em um lugar de referência. Além disso, a página tem destaque expressivo em número de seguidores. Em outubro de 2018 superava a marca de 40 mil pessoas;

- Da página do ILC, por sua vez, podemos notar grande quantidade de conteúdo autorreferente, com postagens sobre eventos promovidos pelo Centro ou participação em atividades diversas, inclusive em outros veículos midiáticos. Além das parcerias e pesquisas de organismos nacionais e internacionais que divulga. Funciona assim, além de fonte de material informativo sobre o tema, como um lugar de promoção da organização de base a qual se vincula;

- Geriatria e Gerontologia, assemelha-se ao Portal do Envelhecimento em tipologias e volume de postagens. As fontes são ainda mais variadas, mas, das postagens recolhidas não houve produção de material próprio, apenas compartilhamentos e por vezes inclui postagem sem comentário ou expressão que permita identificação de posicionamento claramente definido da página em relação à postagem, ainda

que, por outras vezes, o faça. É uma página da qual, até o momento de finalização desse mapeamento, não se conseguiu identificar a organização ou sujeito que se responsabiliza pela enunciação, mesmo após contato privado (*in box*), para o qual não houver retorno;

- Velhices, entre as quatro, é aquela que inclui mais postagens do tipo foto/imagem e frases de positividade ou motivacionais, com menor rigor no teor daquilo que divulga, apesar de permitir exposição da diversidade e complexidade que o tema contempla.

Pelo exposto, ao olharmos para o material levantado, mesmo que em uma tomada pouco aprofundada, pode-se fechar afirmando que, ainda que territorializações tradicionais sobre o tema sejam observadas, discursos que nos apresentam pontos de fuga e locais para novas ancoragens são também visíveis.

No entanto, quando situamos esses discursos em relação a outros do contexto atual e à realidade que nos cerca, pensamos na falta de visadas mais amplas e sistêmicas que tornem possível a experiência de uma velhice mais plena, extensiva à parcela ampla da população. Daí a importância da problematização dos discursos que circulam nas mídias sobre a temática, diante daquilo que nos apresentam e das visadas que reforçam.

Por outro lado, como finalidade última do mapeamento, podemos dizer que os achados, ainda que tratados de forma exploratória, nos permitem maior segurança para um recorte final do *corpus*. Além disso, tal mapeamento se faz relevante quando consideramos também que o processo de análise se inicia já a partir do momento de sua configuração, “delineando-se seus limites, fazendo recortes [...] retomando-se conceitos e noções” (ORLANDI, 2015, 86-87).

Assim, continuamos o trabalho em um caminho apoiado não apenas em uma base teórica, mas também naquilo que já nos oferece o próprio objeto, o que possibilita descartes e maior validação das opções realizadas como elementos para a continuidade da pesquisa.

De forma geral, desse contato preliminar com os materiais levantados, verificamos então que o mapeamento de ocorrências apresentado aponta para diversos direcionamentos possíveis de análise e ratifica a relevância social da temática da velhice e do envelhecimento como questão pública fundamental de nossos tempos.

3.2.5 *Recorte e apreensão do corpus de pesquisa*

3.2.5.1 *A escolha pelas matérias do gênero perfil*

Do encontro com a riqueza do material disponibilizado nas redes como fonte de pesquisa e expressão dos discursos que a temática da velhice nos dá a ver, partimos para o fechamento do *corpus*, seguido da definição de variáveis de estudo e desenvolvimento do trabalho.

Dessa forma, visando a identificação e análise dos discursos e representações sociais em circulação nas mídias em torno do tema da velhice, optou-se, entre os achados, pela abordagem de materiais de cunho informativo, mais especificamente matérias jornalísticas do gênero perfil.

Do ponto de vista da convenção ou jargão jornalístico e de maneira ampla, Maria Helena Ferrari e Muniz Sodré (1986, p. 125) entendem por perfil a “descrição (interior ou exterior) de um personagem”.

De maneira mais específica, como afirmam, no campo do jornalismo “o perfil significa enfoque na pessoa – seja uma celebridade ou um tipo popular, mas sempre o focalizado é protagonista de uma história: sua própria vida” (FERRARI; SODRÉ, 1986, p.126).

Ou, como trata grupo de pesquisadores da Universidade Metodista de São Paulo,

Perfil compreende a apresentação descritiva do personagem enfocado, possibilitando a interpretação de seu comportamento diante da sociedade. Para os autores Rabaça e Barbosa, é a descrição das características próprias do entrevistado, representado através da narração da história da pessoa, com a descrição física do personagem e seus aspectos exteriores, traços morais, psicológicos ou físicos. Esclarecem ainda que Perfil pode ser uma entrevista com uma personalidade, com informações biográficas, com as idéias, opiniões do entrevistado, descrevendo seu modo de falar, suas roupas e gestos. Tem relação direta com o fato de atualidade que motiva a sua inclusão (MARQUES DE MELO, et. al., 1998).

Tal escolha se dá considerando o espaço do jornalismo e as características específicas do gênero perfil.

A escolha pelo discurso jornalístico se dá em função de seu posicionamento como fato de língua, organizador do espaço social e que se posta em nome do interesse público (GOMES, 2000).

Ocupa assim o lugar do mediador autorizado a narrar e informar os acontecimentos do mundo e a apresentar uma realidade à comunidade de co-enunciadores aos quais se direcionam os seus discursos.

Do ponto de vista do discurso informativo, inerente ao jornalismo, Patrick Charaudeau afirma que se deposita uma posição forte de autoridade no sujeito que ocupa o papel de locutor desse discurso, por ser “detentor de um saber que o outro não possui” (CHARAUDEAU, 2012, p. 63), o que lhe insere também em um lugar de poder.

O discurso informativo não tem uma relação estreita somente com o imaginário do saber, mas igualmente com o imaginário do poder, quanto mais não seja, pela autoridade que o saber lhe confere. Informar é possuir um saber o que o outro ignora (“saber”), ter a aptidão que permite transmiti-lo a esse outro (“poder dizer”), ser legitimado nessa atividade de transmissão (“poder de dizer”). Além disso, basta que se saiba que alguém ou uma instância qualquer tenha a posse de um saber para que se crie um dever de saber que nos torna dependentes dessa fonte de informação. Toda instância de informação, quer queira, quer não, exerce um poder de fato sobre o outro. Considerando a escala coletiva das mídias, isso nos leva a dizer que as mídias constituem uma instância que detém uma parte do poder social (CHARAUDEAU, 2012, p. 63).

Esse poder, no entanto, assenta-se nos elementos referenciais colocados em evidência pelo discurso. O efeito de referencialidade aí erigido valida a cena enunciativa construída em torno do discurso informativo que circula nas mídias e no qual se ancora o discurso jornalístico.

Daí a escolha das matérias do gênero perfil para composição de nosso *corpus*. Essas, além de permitirem pensar as representações sociais dos idosos a partir de uma posição que os situam como elemento central da enunciação, nos colocam diante de sujeitos concretos, elementos privilegiados de remetência ao real.

Exemplos de vida referenciais que contribuem para o efeito de apagamento da mediação humana na apreensão da realidade que em que nos inserimos e, assim, contribuem também para reforço da eficácia simbólica dos discursos proferidos (GOMES, 2000).

Quanto à seleção das matérias específicas para sua composição, O recorte focou-se, prioritariamente, em materiais levantados a partir da página do Portal do Envelhecimento, como mencionamos anteriormente.

A escolha ocorreu em função da variedade de suas publicações, de fontes também diferenciadas e pelo lugar de referência que conquistou no cenário das discussões em

torno da velhice e do envelhecimento, tanto em termos de ações presenciais, como em ambiente virtual no qual se destaca, como o mapeamento de ocorrências permite validar.

Vale observar que a página do Portal do Envelhecimento é extremamente ativa e tem ampliado o número de seus seguidores. Para além das fronteiras da internet, o Portal do Envelhecimento, por meio de integrantes de sua equipe, vem ainda promovendo ou participando de eventos periódicos que têm mobilizado diversos setores e agentes sociais e se utilizado de formas diversas de divulgação de suas ações, de onde sua relevância crescente, pelo amplo trabalho desenvolvido.

Assim, para composição do *corpus* foram consideradas matérias abarcadas pelo conceito do gênero perfil acima apresentado, levantadas a partir de postagens da página do Portal do Envelhecimento, mas publicadas anteriormente por diferentes veículos de mídia⁷⁴.

Compõem o *corpus* as matérias encontradas já durante a pesquisa exploratória (de 05 de novembro de 2016 e 04 de janeiro de 2017). Para seu enriquecimento e ampliação, também foram incluídas matérias levantadas a partir de postagens na página, no período de 02 de fevereiro a 03 de outubro de 2018.

Isso, após fase de aprofundamento do estudo da temática e reformulação de conteúdos da tese, considerando os apontamentos da banca de qualificação.

3.2.5.2 Definição das variáveis para a análise

As variáveis em estudo foram selecionadas, com base no que se apresentou nos capítulos anteriores em relação às imagens e modos de apreensão da velhice, configurando-lhe determinada forma e impondo comportamentos aos sujeitos.

Buscamos por palavras de ordem e estratificações em que os discursos proferidos nas matérias se assentam, bem como, por elementos indicativos das relações construídas no discurso e posições conferidas aos idosos, em representações sociais dos sujeitos inscritos nesse cenário.

⁷⁴ Incluem-se aí, veículos dos mais diversos, desde grandes grupos midiáticos, como G1, da Globo e matérias do grupo Folha, por exemplo, como outros menores, de abrangência local e outros de fontes internacionais.

Para tanto, vêm em nosso auxílio Moscovici (2011) e Lévi-Strauss (1989). O primeiro quando, ao abordar a noção de *themata*, nos lembra das ideias fonte, que conformam o imaginário sobre um tema ou sobre algo, conferindo atributos e sentidos a uma representação, ou seja, contribuindo com uma construção imaginária que caracteriza e dá corpo e encarnação às representações as quais recobrem (MOSCOVICI, 2011, p. 242).

O segundo quando, ao tratar do mito, nos lembra do caráter relacional e da identificação de estruturas que permitem traçar correlações entre diferentes personagens, a partir de variantes comuns entre as narrativas que nos apresentam.

Para Lévi-Strauss (1989, p. 237-265) o mito é formado por unidades que “somente adquirem função significativa sob a forma de [...] combinações de um traço comum que se trata de evidenciar”. Um processo de mediação que se faz pela oposição e relação de seus termos.

O quadro elaborado pelo autor sobre o mito Cinderela/Ash-boy (LÉVY-STRAUSS, 1989, p. 260) nos inspirou no mestrado e é apoio novamente para a esquematização que se segue, como recurso no levantamento de elementos indicativos dos lugares discursivos e representações construídas em torno dos idosos nas cenas destacadas. Contribui também para pensar outros lugares com os quais se articulam quando na enunciação de um discurso.

Os “traços comuns”, ou variáveis a se evidenciar, como aspectos recobertos pelas ideias-fonte, estão selecionados e agrupados nos tópicos a seguir. Esses orientarão a análise em torno das representações sociais e discursos em torno da velhice e do envelhecimento.

Dessa forma a análise inicialmente percorrerá, de forma descritiva, os seguintes aspectos:

- a. Caracterizações individuais do sujeito que ocupa o *topos*:** traços psicológicos, aparência, lugares de fala, formas de identificação do sujeito, atributos conferidos, projetos de vida, idiossincrasias e posicionamentos;
- b. Representação das relações sociais e caracterização do cenário/ambiente ao qual se relaciona:** histórico/cronologia, relações com familiares, amigos, ambiente e instituições com os quais se relaciona, atividades em que se insere,

como trabalho profissional, atividades voluntárias ou outras, situação econômica e material em seu se encontram;

- c. **Relação com a velhice:** ideias e representações da velhice e do processo de envelhecimento evocados, relação com outros idosos e com outros grupos etários;
- d. **Caracterização e relação entre lugares discursivos visibilizados nas matérias:** de onde destacam-se o lugar a outros idosos, a família, a rede de contatos comunitários – como amigos/ vizinhança; profissionais da saúde, a própria mídia, instituições sociais e outros possíveis lugares que se destaquem.

3.2.5.3 Seleção das matérias e composição final

Para a análise que se segue o recorte do *corpus* final abordou, como mencionado, matérias do gênero perfil, extraídas conforme tratamos no início do capítulo.

Essas se apresentam com características diversas. Chamaram atenção para nós, a recorrência de quatro aspectos bastante marcados entre os perfis. Esses levaram à segmentação do *corpus* em torno dos eixos que os sustentam, a saber: perfis de idosos não célebres ou anônimos, perfis de idosos, que ocupam o lugar de celebridade ou “pessoas públicas”, os perfis de sujeitos do universo LGBTI e os perfis de pessoas centenárias, que definimos da seguinte forma:

- **Perfis de idosos anônimos** - Matérias do gênero “perfil” cujo cerne da narrativa se dá a partir de histórias de vida de sujeitos anônimos.
- **Perfis de idosos “pessoas públicas” ou celebridades** - Matérias do gênero “perfil” pautadas pelo caráter público ou de celebridade adquirido pelo sujeito central da narrativa.
- **Perfis LGBTIs (Lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e intersex)** - Matérias do gênero perfil, em torno de sujeitos que assumem seu lugar de fala ou são falados a partir de sua identificação como integrante de parcela do universo LGBTI.
- **Perfis de centenários** - Matérias do gênero perfil, em torno do de determinado aspecto do percurso de vida de pessoa centenária.

Destaca-se que, considerando o recorte anterior entre idosos anónimos e figuras públicas, os perfis de idosos dos grupos LGBTI e velhices centenárias foram reunidos em um capítulo específico na análise descritiva que denominamos “Outras velhices”.

Em todos os recortes formaram-se ainda subsegmentos, a partir de recorrências e aspectos específicos observadas durante o contato mais próximo com o material.

Sendo assim, seguimos com a apresentação das matérias selecionadas, de acordo com cada cena destacada, para posterior análise, desenvolvida no próximo capítulo, considerando, inicialmente tal segmentação.⁷⁵

⁷⁵ Salienta-se que embora a norma solicite a referência por nome do autor, quando a matéria é assinada, em função da diversidade de veículos de nosso *corpus*, optamos pela entrada pelo nome da instituição que produziu o trabalho, quando da necessidade de sua citação.

Figura 2: Seleção dos perfis analisados- Recorte anônimos

Anônimos			
Série de Perfis: Ações cotidianas como prática para uma vida ativa			
Data Publicação no Portal	Reprodução Publicação no Portal	Fonte de origem/ data e título da matéria	
21/05/18		REVISTA SÃO PAULO – SÃO PAULO. 20/05/18 Cinco nonagenários paulistanos contam sobre os prazeres que os mantém na ativa.
	'Sou uma nova mulher', diz nonagenária que ainda estuda e planeja uma exposição de arte
	Aos 90, paulistano que nunca se sentiu brasileiro vive entre boleros e seu inseparável passarinho
	'Se você é triste ninguém vai te querer por perto', diz idosa que passa os domingos dançando
	Aos 91, funcionário mais antigo do grupo Fasano diz que não consegue ficar parado em casa
	De família italiana, idosa aprendeu a mexer no computador para se reconectar com parentes	
Eixo principal – Atividade profissional continuada			
02/12/16		Notícias Magazine (Portugal) 17/11/2016 O cirurgião que opera com a mulher	
15/02/18		Revista Pazes 20/11/2017 Ela tem 90 anos e faz 4 cirurgias por dia: conheça Alla Levushkina a cirurgiã mais velha do mundo	
Eixo principal – Participação em projetos de atuação solidária, comunitária ou humanitária ligada à ocupação profissional			
17/12/16		Razões para acreditar s/d Médico brasileiro viaja pelo mundo operando mãos de crianças vítimas de guerras e conflitos Com informações do JC online de 28/08/16 e inclusão de vídeo reportagem produzida pela TV/JC	
25/07/18		Como será? G1-Vídeo-reportagem 21/07/18 Professora de 95 anos dá lição de amor e respeito em sala de aula	

25/09/18		TV Folha 24/09/2018 Aposentada que ensina português a imigrantes vira mãe de africanos em sp (texto e vídeo)
Eixo principal – Atividade solidária ou comunitária não ligada à atividade profissional		
24/07/18		Contiouta.com (s/d) (Fonte de origem - ABC News) Aos 86 anos senhor usa tempo livre tricotando gorrinhos para bebês prematuros
04/08/18		São Paulo São 31/07/18 Sozinho, aposentado Hélio da Silva plantou 25 mil árvores e recuperou área degradada de São Paulo
Novos aprendizados		
Utilização e Apropriação do universo das tecnologias		
28/03/18		Estadão 23/03/18 Senhora de 87 anos faz verdadeiras obras de arte no Paint
Desenvolvimento ao longo da vida		
Eixo principal: retorno aos estudos/ educação continuada		
10/03/18		Estadão 09/03/18 Aos 90, aposentado realiza sonho de fazer faculdade de Arquitetura
16/05/18		O Dia - 13/05/18 Analfabeto até os 65 anos se forma em História aos 79
Velhices viajantes		
11/12/16		G1 02/12/201 Idosa escreve livros sobre viagens de 500 dias por países de 4 continentes
30/08/18		Sapo Viagens 23/08/18 Tem 91 anos, viaja sozinha pelo mundo e partilha tudo no instagram
Finitude – decisões em torno da vida e da morte		
Eixo principal – Eutanásia – como escolha		
05/05/18		Hypescience 05/04/18 Casal de 95 e 94 anos optou por morte assistida e partiu de mãos dadas
Eixo principal: Tema – Finitude Cuidados paliativos/ aceitação da finitude		

Data Publicação Portal	Publicação no Portal	Fonte de origem/ data e título da matéria
30/03/18		Veja – da página do veículo no Facebook 29/03/18 A mulher que teve uma boa morte: O fim corajoso da Ana Beatriz Cerisara, a professora que decidiu não fazer tratamentos contra um câncer terminal (vídeo)
Trajetórias de Vida e envelhecimento		
23/09/18		Público 16/09/2108 Miquelina ajudou a nascer meia cidade

Fonte: Liesenberg, C.

Figura 3: Seleção dos perfis analisados- Recorte figuras públicas

Figuras Públicas		
Obituários		
Eixo principal: celebridades - trajetória de vida e carreira profissional		
Data Publicação Portal	Publicação no Portal	Fonte de origem/ data e título da matéria
29/12/16		G1 28/12/16 Debbie Reynolds, mãe de Carrie Fisher, morre um dia depois da filha
19/03/18		Jornal da USP – 07/03/2018 Tônia Carrero soube renovar e arriscar, comenta professora da USP
21/04/18		Extra 21/04/18 Morre aos 89 anos o cineasta Nelson Pereira dos Santos
28/04/18		G1 28/04/18 Agildo Ribeiro morre aos 86 anos no Rio de Janeiro
Eixo principal: sujeitos políticos - trajetória de vida e posicionamento social		
14/12/16		El Pais Brasil 14/12/16 Morre Dom Paulo Evaristo Arns, o “Cardeal da Esperança”
02/04/18		Delas 02/04/18 No adeus a Winnie Mandela, recorde as causas e as polêmicas

18/08/18		Notícias.UOL 18/08/18 Kofi Annan, ex-secretário geral da ONU, morre aos 80 anos
Aniversários		
11/12/16		Adoro cinema.com 09/12/2016 Kirk Douglas 100 anos: A vida e a carreira de um artista centenário – jogar para centenários
18/12/16		G1 17/12/18 Papa Francisco festeja aniversário de 80 anos com grupo de sem-teto no Vaticano
19/12/16		Revista IHU - . Unisinos 19/12/2016 Aos 80 anos, papa Francisco é um líder redimido
16/08/18		Blogosfera.uol (jornalista) Nina Lemos Madonna faz 60 prestando um serviço a todas nós: envelhecer em público
Envelhecimento, novos projetos e posicionamentos		
20/11/16		Revista Quem 13/11/2016 Envelhecer é uma loucura, não é para “maricas”
13/05/18		Folha de S.Paulo 12/05/18 Comer pouco e fortalecer pernas é essencial para envelhecer bem, diz Abílio Diniz
18/09/18		Jornal da USP -12/09/18 Jean Claude Bernardet se desconstrói diante das câmeras
05/12/16		Elle 02/12/2016 (fechada em agosto de 2018) Se vestir ‘de acordo com a sua idade’ é estúpido”, diz Iris Apfel
18/08/18		El País 13/08/18 “Temos uma nação onde cada setor, à espera de dias melhores, acorda e canta. O Brasil não vai se entregar”
Eixo principal: Comunicado de Afastamento de atividade profissional		
19/08/18		Play Ground 16/08/2018 Pepe Mujica Renuncia ao seu cargo de Senador
19/09/18		METROPOLES.COM Velhice tira Bibi Ferreira dos palcos. Ela torcia para morrem em cena.

Fonte: Liesenberg, C.

Figura 4: Seleção dos perfis analisados- Recorte outras velhices - LGBTI

Outras velhices – Velhices LGBTI		
Eixo principal – Questões de gênero – afirmação		
Data Publicação Portal	Publicação no Portal	Fonte de origem/ data e título da matéria
19/05/18		El País 23/06/2017 “Na terceira idade, o gay volta para o armário para sobreviver” Ativista transexual Samantha Flores
14/09/18		Gaúchazh.clicrbs.com.br 07/09/2018 A velhice entre iguais: como é a vida de gays e lésbicas depois dos 60 anos.
		A velhice entre iguais: diferentes, João e Kalu se admiram e se completam
		A velhice entre iguais: depois de três casamentos, Carlinhos tem hoje apenas breves romances
18/09/18		Agência Brasil EBC 15/09/18 Primeiro transhomem a ser operado no Brasil, João Nery prepara livro

Fonte: Liesenberg, C.

Figura 5: Seleção dos perfis analisados- Recorte outras velhices: centenárias

Outras velhices: Centenárias		
O segredo da longevidade por uma voz terceirizada		
Data Publicação Portal	Publicação no Portal	Fonte de origem/ data e título da matéria
08/11/16		Yahoo! Vida e Estilo - 04/11/2016 Mulher mais velha do mundo afirma que segredo da longevidade é ser solteira e comer ovos.
04/12/16		BBC- News Brasil – 30/11/2016 Como é a dieta da mulher mais velha do mundo, que acaba de completar 117 anos.

10/05/18		Diário de Canoas 09/05/18 A dona Ângela chegou aos 101 anos
09/07/18		Viver bem. uol.com.br Ter amigos e não guardar rancor: os segredos de Leah para viver 106 anos
18/08/18		G1 17/08/18 Mineira chega aos 107 anos misturando manga com leite e tomando um vinhozinho de vez em quando
20/09/18		Delas (s/d) A mulher que chegou aos 112 anos a tomar um copo de whisky por dia
20/09/18		CM Jornal.pt Mulher completa 105 anos e revela o segredo para a longevidade
Para além do segredo da longevidade		
Eixo principal: Aniversário e Trajetória de vida		
11/12/16		Adoro cinema 09/12/2016 Kirk Douglas 100 anos: A vida e a carreira de um artista centenário
Finitude – decisões em torno da vida e da morte (eutanásia)		
09/05/18		Notícias.uol 07/05/18 Cientista de 104 anos que pediu morte assistida vai tomar sedativo, cair no sono e morrer em 1 minuto
Utilização e Apropriação das tecnologias de comunicação		
Eixo principal - Produção de conteúdo e sociabilidade (ou Redes Digitais e Sociabilidade)		
12/05/18		Deutsche Welle (DW) 11/05/18 - Vídeo Blogueira de 105 anos tem fãs de todas as idades

Fonte: Liesenberg, C.

4

**A velhice em matérias de perfil -
análises descritivas e interpretativa**

Este capítulo dedica-se à aplicação da metodologia. Essa foi dividida em duas fases: uma trata das análises descritivas e a outra traz análise interpretativa que compila recorrências e elementos encontrados.

Para sua aplicação, na primeira etapa, as matérias de perfil foram agrupadas em torno de quatro recortes principais: velhices anônimas, velhices públicas e outras velhices: LGBTI e centenárias. Na segunda, recorreremos a autores que contribuem para reflexão e problematização em torno de aspectos evidenciados pelas análises anteriores.

4.1 Idosos Anônimos

Iniciamos a abordagem de nosso corpus pelas matérias sobre idosos não célebres. Perfis que tratam da vida de pessoas com 60 anos ou mais em torno de determinados aspectos de seu cotidiano.

Ao todo, nesse eixo, encontramos 21 matérias, 6 delas reunidas em uma série, publicada pela REVISTA SÃO PAULO, em 20/05/18, e as demais, matérias isoladas, originárias de veículos diversos⁷⁶.

Da segmentação inicial do *corpus* em quatro categorias distintas: sujeitos anônimos, figuras públicas, velhices lgbti e velhices centenárias, identificam-se ainda cenas genéricas e/ ou temáticas transversais que permitiram novas segmentações.

Assim, as matérias em torno de idosos não célebres foram divididas em seis categorias, de acordo com formato e temática principal afirmada na enunciação.

São elas:

1. Perfis em série: Ações cotidianas como práticas para uma vida ativa;
2. Prestação de serviços ao longo da vida, segmentada em atividade profissional continuada e atividades solidárias ou comunitárias,
3. Novos aprendizados e desenvolvimento ao longo da vida, segmentada em educação continuada e aprendizagens cotidianas ou não formais;
4. Velhices viajantes;

⁷⁶ Entre esses, além da Folha, em sua versão online, temos, entre os veículos nacionais de grandes grupos: Portal G1; Estadão; O Dia (BH), além das versões online dos jornais Notícias Magazine e Público, de Portugal, e incluindo também outros veículos menores, como revistas e jornais em versão online, portais e blog: Revista Pazes, São Paulo São, Hypescience; e Conti.outra.

5. Finitude – decisões em torno da vida e da morte
6. Trajetória de vida.

4.1.1 Perfis em série: Ações cotidianas como práticas para uma vida ativa

Abordamos inicialmente a série de 05 perfis, considerada como categoria à parte por sua reunião como síntese de uma dada interpretação do envelhecimento ativo.

A série tem matéria introdutória, que busca trazer um panorama sobre o envelhecimento no país, como também apresentar o conceito sobre o qual se apoia.

Para isso inclui entrevista com o médico Alexandre Kalache (72). Sua abordagem, com fala técnica e informações pessoais, permite a apreensão do perfil do especialista, que é assim também incluído entre os demais.

Como abertura, traz ensaio fotográfico intitulado “Idade sem tabu”, composto por imagens das personagens principais. As matérias específicas são apresentadas no final da matéria introdutória, em hiperlink próprio para cada uma delas.

Nesse conjunto, observam-se dois polos bastante marcados em termos dos discursos que recobrem a velhice. Inicialmente acentua-se aquele pelo viés do declínio orgânico, físico e cognitivo como aspecto inerente a essa representação. Ratifica-se a ideia de um período de dificuldades que se sobressaem em lugar de outros possíveis aspectos da experiência dessa fase de vida.

Isso, no que tange à abordagem individual, particular, que vê a velhice como um fardo pessoal, mas também, na denúncia à falta de acolhimento da velhice na esfera pública, do ponto de vista social e governamental, o que reforça um cenário bastante negativado da velhice.

Ninguém vai dizer que é fácil. Dói aqui, falta energia ali, cai a viscosidade da pele. Enfim, cai tanta coisa. A cabeça já não age mais como antigamente.

É árdua a tarefa de envelhecer. Para além das dores, dos esquecimentos e do excesso de remédios, faltam o respeito da sociedade e políticas públicas para lidar com os desafios relacionados ao avanço da idade (REVISTA SÃO PAULO, 20/05/2018)⁷⁷.

As mazelas de um panorama inicial de perdas físicas e falta de tratamento social adequado atreladas à velhice são ainda associadas a uma batalha, cuja força para seu

⁷⁷ O sublinhado marca *hiperlinks* presentes na apresentação. Esses remetem a outras matérias diversas relativas ao envelhecimento. Essas por sua vez, levam a outras, de variados formatos, num mosaico em torno da temática.

enfrentamento é encontrada, na enunciação, pela forma como os idosos, de maneira geral, se aplicam em suas atividades cotidianas.

Segundo o jornal, isso se efetua por um grande contingente de pessoas que intensifica sua presença em vários ambientes de circulação pública ou de atividades coletivas, mas em posição politicamente passiva e cordial: velhos situados à espera da atuação de outros agentes que lhes concedam os espaços que lhes cabem por direito e flanando pela vida.

Basta dar uma espiada nas ruas de São Paulo para perceber que os idosos estão por todos os lados – e em número cada vez mais crescente. À espera de alguém que, com polidez, lhes ofereça o assento no metrô; arrasando nas aulas de pilates da academia; nas tardes de domingo, perfumando a sala de cinema ou, nos musicais de teatro, cantando em coro, lá estão eles. É uma turma animada (REVISTA SÃO PAULO 20/05/2018a).

As personagens que são retratadas em perfil são apresentadas como “uma síntese” de uma noção de envelhecimento ativo, associada à ideia de realização de atividades diversas, com variados interesses, participação em círculos sociais e manutenção de bom humor.

Dançam, dirigem, fazem o jardim, cozinham, cuidam de casa, dos netos, estudam, aprendem um novo idioma, colocam a cabeça – e o corpo – para funcionar. E assim seguem tocando a vida. De preferência, cercados de gente e sempre dispostos a uma boa gargalhada.

Aqui, eles não pretendem carregar a pecha de “velho ranzinza”. “Senso de humor facilita manter relações (REVISTA SÃO PAULO, 20/05/2018a).

A palavra do especialista, ratifica a cena, em linha com o lugar de fala que ocupa, como médico, acentuando um discurso organicista:

estar em contato com outras pessoas é um dos influenciadores fundamentais para a gente ter resiliência, [...]. Libera serotonina, melhora a autoestima e lubrifica o sistema (KALACHE, in: REVISTA SÃO PAULO, 20/05/2018a).

Por outro lado, o médico é personalidade de destaque internacional na área. A forma como sua presença é introduzida demonstra a marcação do lugar de autoridade que lhe é atribuído, seja pelo vasto currículo mencionado⁷⁸, seja pelos verbos que acompanham seu dizer - Kalache ensina, explica, analisa.

⁷⁸ Doutor em saúde pública pela universidade de Oxford (Inglaterra), Kalache é fundador do departamento de epidemiologia do envelhecimento da London School of Hygiene and Tropical Medicine. Dirigiu o programa de envelhecimento e saúde da OMS (Organização Mundial de Saúde). Hoje é presidente do Centro Internacional de Longevidade Brasil (REVISTA SÃO PAULO, 20/05/18a).

Sua dedicação à área de envelhecimento é reforçada também pelo histórico que demonstra proximidade e empatia junto aos mais velhos, desde a infância, como os trechos apontam:

Aos 72 anos, 43 deles dedicados a estudos do envelhecimento, é uma das maiores autoridades mundiais no assunto, [...] Desde menininho, Kalache tem simpatia pelo universo dos mais vividos. Na infância, deixava os primos batendo bola no quintal para se juntar aos mais velhos da família, num casarão no Brás, na zona leste de São Paulo (REVISTA SÃO PAULO, 20/05/18a).

No âmbito pessoal, a fala do especialista se soma a do filho, já idoso e também cuidador de uma mãe centenária, em uma narrativa que intercala esses papéis.

Quando está no Brasil, visita diariamente a mãe, Lourdes, que completa cem anos no dia 27 de julho[...]

Lourdes, por toda a vida, foi uma mulher ativa. Tocava piano, falava outros idiomas. E, vale lembrar, continua esbanjando vaidade.

Quatro anos atrás, entrou num processo demencial. Kalache explica que, a partir dos 85 anos, 40% dos idosos correm o risco de serem acometidos por doenças como Alzheimer e demência vascular, tipo de perda de memória associada a problemas da circulação do sangue para o cérebro. Quase sempre, diz o médico, é impossível distinguir um do outro (REVISTA SÃO PAULO, 20/05/18a).

Ao considerarmos o perfil do entrevistado vemos a constituição de um *ethos* que a cena narrativa visa valorizar. Nesses termos, ele próprio é exemplo do ideário que defende e promove em torno dos pilares do envelhecimento ativo.

Na esteira de um discurso sustentado sobre tais princípios⁷⁹, a introdução faz o abre para tratar atitudes que contribuiriam para uma velhice mais saudável em contraponto ao quadro negativo apresentado na cena enunciativa que se constrói em torno do tema.

Já se sabe, porém, que existem maneiras de envelhecer melhor. Otimizar as oportunidades de saúde é uma delas, assim como ampliar o conhecimento, participar ativamente do convívio social e não abrir mão de questões relacionadas à segurança e à proteção (REVISTA SÃO PAULO, 20/05/18a).

Assim, entram na cena enunciativa os nonagenários da série, como sujeitos que materializam essa “maneira de envelhecer melhor”, por meio das atividades que inserem em seu cotidiano, traduzidas na enunciação pela ideia de prazeres de vida:

⁷⁹ Como mencionamos no primeiro capítulo, o envelhecimento ativo é definido pela Organização Mundial da Saúde, como “o processo de otimização de oportunidades para a saúde, a aprendizagem ao longo da vida, a participação e a segurança para melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas envelhecem” (ILC, 2015, p. 42).

Fany Corrêa Cavalcanti (93), que afirma sentir-se “uma nova mulher”, ainda estuda e planeja uma exposição de arte (REVISTA SÃO PAULO, 20/05/18b);

Maximiano Lopez Rodriguez (90), paulista que nunca se sentiu brasileiro vive entre boleros e seu inseparável passarinho (REVISTA SÃO PAULO, 20/05/18c);

Julietta Strefezza Ribeiro (96), idosa que passa os domingos dançando e que afirma que se você é triste ninguém vai te querer por perto, (REVISTA SÃO PAULO, 20/05/18d):

Ático Alves de Souza (91) funcionário mais antigo do grupo Fasano, que não tem planos para a aposentadoria (REVISTA SÃO PAULO, 20/05/18e); e

Antonieta Biondi Assumpção” (91), idosa de origem italiana que utiliza o computador para se reconectar com parentes (REVISTA SÃO PAULO, 20/05/18f).

De forma geral, os títulos resumem as matérias e os perfis, que são tratadas de forma bastante superficial e, em geral, exploram pouco aquilo que anunciam

Ainda assim, outros aspectos podem ser pensados, tanto em torno dos discursos que se inserem nesses contextos, quanto a outras questões que nos chamam atenção no trato com esses idosos.

É o que vemos, por exemplo, no caso de Fany Cavalcanti, quando seus posicionamentos são recobertos pela ideia de excentricidade. Lê-se na matéria a descrição de uma idosa que defende seus interesses desde jovem. Mas esses são tidos, muitas vezes, como extravagâncias, o que destitui o poder ou o valor político de suas atitudes, quando assim se colocam.

No reforço a essa ideia, chama a atenção para nós o fato de a entrevistada ser fotografada de maiô, na beira de uma piscina. Aspecto inusitado uma vez que o traje nada tem a ver diretamente com o texto, a não ser pelo reforço a um *ethos* irreverente a ela atrelado.

É o que se lê nos atributos com o qual é nomeada: “terrível”; “serelepe”; que ‘tem coragem de mamar em onça pintada parida’ e cujas atitudes são capazes de transformar o animal selvagem em “um gatinho”.

Os três filhos costumam brincar e dizer que ela “é terrível”. O adjetivo foi a tradução que eles fizeram das palavras do pai deles, morto há 18 anos, que costumava disparar: “Fany, você tem coragem de mamar em onça parida”.

Para uma mulher que nos anos 1940 peitou o marido e abriu sua própria loja e, depois de ver a cria formada, pediu licença e foi estudar, formou-se em educação artística e virou professora, a onça não passava de um gatinho. Serelepe, Fany não para. Dias desses, voltou às aulas de inglês. "Do you like coffee?", pergunta.

O mote que dá título à matéria é abordado em pouco mais de uma linha, isto é, sem maior detalhamento, o que demonstra a superficialidade que mencionamos, como ocorre também em outros perfis da série

“Anda bolando sua própria exposição de aquarelas. "Quero fazer algo que expresse o meu interior." A prioridade é aprender” (REVISTA SÃO PAULO, 20/05/18b).

Diante da mulher extravagante e decidida, viúva há 18 anos, surge a pergunta sobre relações amorosas. De onde se lê, na fala da entrevistada, uma velhice em que tal questão não se coloca de maneira distante (teve um namorado há três anos), mas sem desejo expresso de um novo romance atualmente.

O olhar para o outro, para o parceiro anterior, é um olhar destitutivo e vigilante, como que repondo preconceitos e recaindo em aspectos orgânicos, de status social e também apontando para um relacionamento opressivo: Como aborda a matéria, Fanny

“fez questão de certificar-se de que o candidato, de dentes impecáveis, não tinha mau hálito. Mas a relação não foi adiante. "Me sufocava." Mais: "Ele ganhava menos que eu". "Será que posso falar isso?" (REVISTA SÃO PAULO, 20/05/18b).

Associada à ideia de formação de um par romântico na velhice, e para além dela, soma-se a questão da solidão. Ela se apresenta como tema em outros perfis de viúvos da série, de forma sutil ou marcada, como se vê nos casos de Maximiano Lopez Rodriguez e também de Julieta Strefezza.

O remédio vem, no primeiro caso, em forma de contato com a música, animais e plantas, e, no segundo, da possibilidade de desenvolvimento de uma atividade que permite convívio com outros e que pede contato humano: a dança. Mas também, na necessidade de manutenção de controle do humor.

Por onde anda no sobrado em que vive "solo", a música o acompanha. Em volume civilizado, o iPad está sempre ligado num bolero do trio mexicano Los Panchos. Quando não, a cantoria fica sob a responsabilidade de Paquito, o inseparável canário [...].

Gosta de conversar com Paquito 2º e ainda reserva um dedinho de prosa para as plantas do jardim, hábito que herdou da mulher. (REVISTA SÃO PAULO, 20/05/18c).

"Sabe o que atrai as pessoas?", pergunta, com ar professoral, para, em seguida, ela mesma responder: "A alegria. Se você é triste e chato, ninguém vai te querer por perto" Se tem uma coisa que Julieta não suporta é passar por chata e, aí, ser ignorada. "Detesto solidão", diz, fechando a cara (REVISTA SÃO PAULO, 20/05/18d).

Outro ponto diz respeito à relação dos idosos com as tecnologias da comunicação, desde a forma de ouvir música, “em seu iPad”, no caso de Maximiano Rodriguez, mas com maior ênfase e ponto elemento da narrativa, no caso de Antonieta Biondi Assumpção.

Para ela utiliza o computador é ferramenta para se reconectar com parentes, por meio de redes sociais, manter-se atualizada sobre assuntos de seu interesse, e mais uma maneira de afastar a solidão ou ao estereótipo de uma velhice associada à inação.

Mãe de dois filhos e avó de quatro netos, resolveu não apelar para as crianças, "que não têm paciência de explicar", e contratou um professor para ensiná-la a mexer no computador.

Conectou-se com familiares, velhos e novos amigos, inclusive de Salerno. "Quero me manter ocupada", diz. "Não sou do tipo que fica encucada, pensando na idade" (REVISTA SÃO PAULO, 20/05/18f).

O tema desliza para a velhice como um tempo também de novos aprendizados, nos exemplos: Antonieta que aprendeu a utilizar o computador tendo aulas com um professor contratado e Fany que retornou às aulas de inglês.

Tais temas estão presentes também em outros perfis de idosos anônimos e em outras matérias que compõem nosso *corpus*, o que permite sua retomada adiante em outros eixos, como recorrências e discursos transversais à temática do envelhecimento.

Como outro assunto que também é recorrente em outros recortes e categorias, temos a ideia do trabalho continuado, como atividade a ser desempenhada por toda a vida. Essa se mostra aqui no exemplo e voz de Ático Alves de Souza.

Com 91 anos, a cenografia construída é a de um sujeito que não pensa em parar. Na narrativa, a ideia de trabalho se apresenta como aspecto identitário, que contribui para sua organização e localização de mundo e é a própria razão de ser do sujeito, mesmo que os laços com a esposa sejam apresentados como interesse para além e razão para sua longevidade.

"Aqui é o lugar onde gosto de estar, ouvir e contar histórias, que me ajudam a entender um pouquinho dessa cidade tão grande. Acho que daqui eu tento compreender o mundo. É a minha vida", explica seu Ático,

funcionário mais antigo do Grupo Fasano, no qual ele trabalha há 27 anos [...].

Minha paixão é trabalhar. Às vezes, penso: será que não chegou a hora de parar? Chegou não (REVISTA SÃO PAULO, 20/05/18e).

Para além da série, as demais matérias de perfil de idosos não célebres complementam e enriquecem o exposto a partir do aprofundamento de aspectos já mencionados ou na apresentação de novos elementos ainda não abordados.

Por outro lado vale destacar que, ainda que tenhamos um olhar crítico para discursos em torno do envelhecimento ativo, quando se agrega a ele a ideia que o envelhecimento pode ser combatido, como uma ameaça e que, para isso, as atitudes dos sujeitos são a solução, num discurso que confere a ideia de que o envelhecimento é algo controlável, como se não fosse inerente à natureza dos seres vivos e que as condições em que vamos vivenciá-los dependem prioritariamente das condutas individuais, quando diversos outros fatores estão aí inseridos.

Ainda, assim, essas matérias nos mostram efetivamente a representação de outros idosos, representações que até a pouco tempo não se viam em circulação, bem como, apresentam elementos que tornam visíveis territorializações enriquecedoras dessa fase de vida. Apontando para a complexidade do objeto e temática com a qual trabalhamos.

4.1.2 Prestação de serviços ao longo da vida

Nessa categoria incluímos sujeitos cuja enunciação em torno de seu perfil se justifica pelo seu envolvimento em determinada atividade de prestação de serviço a sociedade, sejam aquelas atividades profissionais continuadas, quando os sujeitos seguem ao longo da vida desempenhando o mesmo tipo de atividade profissional, ao longo dos anos, a exemplo do que vimos no perfil de Ático Alves de Souza, como também, matérias de sujeitos que prestam serviços de natureza solidária ou humanitária, que podem ser associados a alguma atividade profissional anterior ou não.

4.1.2.1. Atividade profissional continuada

O trabalho profissional continuado é tema principal de mais cinco matérias que compõem nosso *corpus* e complementam a visão de sentidos acoplados à atividade laboral na velhice, apresentada na série anterior, com o perfil de Ático Alves de Souza (91).

As duas primeiras relacionam-se ao universo médico e se agregam em torno de uma cena enunciativa em que o trabalho continuado e uma carreira de sucesso desenvolvida ao longo dos anos são destaque: uma sobre Alla Ilyinichna Levushkina (90), considerada a cirurgiã mais velha do mundo, veiculada pela Revista Pazes, em 25/11/17 e a outra traz perfil do casal formado pelo cirurgião José Fragata e a anestesista Isabel Fragata, publicada pelo jornal Notícias Magazine, de Portugal, em 17/11/16.

No primeiro caso, a personagem é apresentada como alguém apaixonada pela profissão, que desempenha desde a juventude, aos 24 anos de idade. Da mesma forma como ele, Alla tem na atividade profissional um modo de existência e, mesmo aposentada⁸⁰, continua a trabalhar como antes:

Para ela, ser médica não é uma profissão, “é um estilo de vida”, diz a cirurgiã que já completou mais de 10 mil cirurgias ao longo da vida [...]

Neste ano, ela foi reconhecida como a médica mais velha do mundo e não tem a menor vontade de deixar de trabalhar (REVISTA PAZES, 25/11/18)⁸¹.

Como na matéria da série anterior o trabalho é associado ao segredo de sua longevidade. No conjunto do que trazem com o tema, fazem pensar no acento ao valor identitário do trabalho nesse tipo de narrativa e na dificuldade de afastamento do trabalho por alguns idosos quando diante da necessidade de parada, com dificuldades de ressignificação de sua vida por outros eixos.

Ou seja, se a enunciação destaca uma possibilidade de vida longa satisfatória e ativa, faz pensar, além do valor identitário, no discurso que supervaloriza o aspecto laboral em detrimento de outros eixos de existência, reforçando a ideia de uma vida sem limites e preenchida pela mesma forma de dedicação extrema ao trabalho ao longo do tempo.

Nesse eixo em que vemos de sujeitos que continuam a trabalhar no período da velhice, despontando como profissionais de sucesso, encontramos também o caso da anestesista Isabel Fragata e de seu marido, o cirurgião José Fragata, ambos com 63 anos de idade e que atuam em conjunto há mais de 40.

⁸⁰ Mesmo aposentada, a enunciação apresenta um trabalho de natureza contínua, desde a juventude, o que justifica sua inserção neste conjunto.

⁸¹ A matéria sobre Alla Levushkina, tem informações da agência russa de notícias TASS. Acompanha vídeo, em inglês, compartilhado de canal do youtube Patryn World Latest New – que se apresenta sob a rubrica “Eventos interessantes, pessoas estranhas, animais, notícias estranhas de todo o mundo”, indicando o caráter de exotismo que é atribuído à cena enunciativa, quando abarcada por esse veículo.

A matéria veiculada pela Notícias Magazine⁸², de Portugal, também apresenta um percurso de vida fortemente marcado pela atividade profissional, que transborda ainda para a esfera doméstica, uma vez que trata de casal em que os cônjuges são parceiros de trabalho.

Mas, diferentemente das anteriores, o planejamento de um momento de parada aparece na enunciação como fase prevista de vida para o casal, em uma narrativa que ainda que pautada no trabalho que executam, mais do que isso, tem como eixo o companheirismo, a trajetória de vida e sintonia entre ambos.

Como mencionado:

Conheceram-se na fila de inscrições para o curso na Faculdade de Medicina de Lisboa e decidiram logo inscrever-se na mesma turma. «Ela estava atrás de mim e, já não sei bem como, combinámos ficar juntos», recorda José Fragata. Desde esse dia em 1970 nunca mais se separaram [...]

A cumplicidade é tanta que pouco precisam de falar para comunicar.

[...] até já combinaram que vão retirar-se no mesmo dia. «Vamos reformar-nos ao mesmo tempo». Até lá, garante a anestesista, vão continuar a ser o que não têm dúvidas de que são: «Uma dupla imbatível» (NOTÍCIAS MAGAZINE, 17/11/16).

Dessa forma, temos o perfil de um casal cuja trajetória de vida se entrelaça na juventude, com a entrada da faculdade, e caminha junto até a velhice. A cenografia reforça a parceria em âmbito pessoal e profissional, entendimento mútuo, companheirismo e projetos comuns, na construção de uma cena de um casal idealizado, que estrutura sua vida com, respeito e harmonia e cuja relação com o trabalho, ainda que intrinsecamente relacionado à vida de ambos, é passível também de aposentadoria (NOTÍCIAS MAGAZINE, 17/01/16).

Ponto importante de ser destacado, quando pensamos na apropriação desse tipo de narrativa que reforça as representações em torno do trabalho por paixão e seu exercício por toda a vida.

De onde a nota no final do perfil de Alla Levushkina aponta para a seriedade da recorrência desse tipo de narrativa, em sua possível utilização como elemento legitimador de determinados fins e interesses na gestão de políticas de Estado envolvendo os idosos, que pedem estudo e informação qualificada para análise e revisão mais condizentes à realidade do país.

⁸² Notícias Magazine, é uma revista semanal portuguesa. Matéria disponível em <<https://www.noticiasmagazine.pt/2016/o-3-cirurgiao-que-opera-com-a-mulher-2/>>. Último acesso em 25/11/2018.

Nota: Não se surpreenda se ela virar garota propaganda da Reforma Previdenciária brasileira, mas já adianto: ela é aposentada!!! (REVISTA PAZES, 20/11/2017).

A observação permite pensar como o tratamento de casos excepcionais, como exemplares, podem ratificar políticas de âmbito geral, cuja realidade não se aplica à parcela maior da população a ser atendida.

4.1.2.2 Projetos de ação solidária ligada à ocupação profissional⁸³

Do ponto de vista das atividades profissionais, destaca-se nova cena, aquela em que os sujeitos continuam a atuar em sua área de atuação, mas em projetos de ação solidária de diferentes matizes. É o caso de três perfis encontrados:

Aquele sobre o médico Rui Ferreira (70), especialista em cirurgia de mãos que atua em missões humanitárias pelo Brasil e pelo mundo. Foi publicado no site de notícias Razões para Acreditar (s/d) e acompanha vídeo reportagem da TV/JC, de Recife, veiculado no canal da empresa jornalística no Youtube, em 26/08/16.

No mesmo formato de texto complementado por vídeo, temos o perfil de de Sônia Altomar (72), publicado pela TV Folha em 24/09/2018, e relata o trabalho voluntário como professora de imigrantes na instituição Arsenal da Esperança, de São Paulo.

O terceiro, é uma vídeo- reportagem, sobre a atuação de Zuleide Gonçalves (95), fundadora e professora da Patrulha Mirim, de Itápolis/ SP⁸⁴. O vídeo integra quadro do programa Como Será?, da Rede Globo, e foi publicado pelo portal G1 em 21/07/18.

No caso das matérias com Rui Ferreira e Sônia Altomar, observa-se uma narrativa em que a questão sobre a condição de velhice dos sujeitos não é elemento referencial. O trabalho desenvolvido por eles é o eixo central da cena enunciativa. Os títulos são indicativos dessa abordagem, quando destacam apenas a ocupação e atividade realizadas.

Médico brasileiro viaja pelo mundo operando mãos de crianças vítimas de guerras e conflitos (RAZÕES PARA ACREDITAR, s/d)

*

Aposentada que ensina português a imigrantes vira mãe de africanos em SP (TV FOLHA, 24/09/18)

*

⁸³ Aqui, em alguns dos projetos não fica explícito se a atividade é de natureza puramente voluntária ou não.

⁸⁴ Organização que desenvolve projeto de formação complementar ao ensino formal, voltado para a inserção de jovens aprendizes no mercado de trabalho.

Nas matérias, mesmo quando a idade é mencionada, essa não é a tônica da enunciação, que se desenvolve a partir das contribuições das ações realizadas e da relação entre os personagens principais e os destinatários de suas ações, num enredo de valorização do trabalho realizado.

Em parceria com a ONG francesa La Chaine de L’Espoir (“A Corrente da Esperança”, em tradução livre), o médico pernambucano Rui Ferreira, de 70 anos, já realizou 74 missões ao redor do mundo.

[...]. Nos mutirões, ele faz cirurgias reparadoras em crianças e adolescentes com deformidades nas mãos e em outros membros (RAZÕES PARA ACREDITAR, s/d).

*

Há seis anos, Sonia dá aulas de português voluntariamente para imigrantes que vivem na casa de acolhida Arsenal da Esperança, na Mooca, Zona Leste de São Paulo. A aposentada liderava um projeto de alfabetização para brasileiros em situação de rua quando começaram a chegar haitianos em grande número ao local. Formada em português e francês, era chamada pelas assistentes sociais para ajudar a traduzir as entrevistas com os recém-chegados.

“Fiquei extremamente comovida com a situação deles. Era urgente que aprendessem português, porque só assim conseguiriam se inserir na sociedade, trabalhar, entender a nossa cultura”, diz ela. “Arrumamos uma sala e aí não parei mais” (TV FOLHA, 24/09/18).

Seja no texto ou no vídeo que acompanha as matérias vemos presente, falas do personagem central, como também a presença de beneficiários da ação. No caso do médico, são muitas imagens de pessoas por ele atendidas e o depoimento de uma mãe, ansiosa para acabar com o sofrimento da filha.

No caso da professora, também é ouvido missionário Simone Bernardi, missionário que atua na Instituição e ratifica a dedicação da professora ao trabalho, mas são os depoimentos dos alunos e a própria fala de Sônia que demonstram o valor do trabalho desenvolvido e o lugar de escuta interessada e acolhimento que a personagem ocupa.

Ela sempre vai às nossas festas, nos visita em casa”, diz Adama Konate, 36, do Mali.

No Brasil desde 2012, Adama tornou-se líder de associações de imigrantes em São Paulo e desenvolve trabalhos com a prefeitura. Ele diz que se inspirou na atuação da professora. “Apreendi muitas coisas com o trabalho dela ajudando os outros. Qualquer montanha que eu subir, o início foi na mão da Sonia. Minha mãe está na África, mas ela é a minha mãe aqui no Brasil”, afirma (TV FOLHA, 24/09/18).

A proximidade entre ela e seus alunos se estabelece de maneira bastante intensa, no sentido de uma convivência que passa a fazer parte de vida cotidiana para além da esfera do projeto realizado, passando para o âmbito doméstico e sua intimidade.

Observamos então, novos lugares discursivos que se postam em relação ao sujeito principal, ou seja, aquele dos beneficiários de ações por eles realizadas, além do lugar de instituições sociais aos quais se atrelam os projetos e que permitem a sua realização. Tal presença marca uma nova representação social também para a velhice inserida nesse contexto.

Observa-se aí um novo lugar ocupado pelos sujeitos de mais idade, um lugar positivado da velhice e do envelhecimento, na medida em que se naturaliza um posicionamento de contribuição social efetiva de um sujeito idoso.

Dessa forma, pode-se dizer que a enunciação encarrega-se da apresentação de um *ethos* ou de uma representação social em torno da velhice que se constrói de forma fluida na enunciação à medida que a narrativa vem sendo desenhada, sem a necessidade de utilização de estratégias discursivas que visem atribuir um lugar social ao idoso em contraposição a um declínio orgânico decorrente da idade, que precisa ser combatido ou freado.

Em ambos os casos, observam-se representações de idosos que se situam em um outro vértice: aquele dos sujeitos que cuidam de outros, *locus* de onde parte a doação e a contribuição social, em lugar daquele gerador de demanda de cuidados alheios. Um sujeito que age e que tem voz em relação a seu meio.

A terceira matéria do tópico, por sua vez, sobre a atuação de Zuleide Gonçalves (95), apesar de trazer a ideia de trabalho continuado, de caráter social, apresenta uma cenografia bastante diferente das anteriores no que tange a um outro tipo de posicionamento, ainda que em um projeto que se afirma em nome do auxílio a outros sujeitos.

O *ethos* construído em torno da professora a apresenta como uma figura extremamente rígida, que desenvolve um trabalho em que a atividade educacional é vista como uma ação de cunho correcional, disciplinar e moralizante, voltada “para a preparação de adolescentes para o mercado de trabalho”, como afirma a reportagem.

Mesmo em momentos que a enunciação busca conferir proximidade entre a professora e seus alunos, o tom da rigidez e disciplinarização é o que impera, o que se vê

em vários momentos, desde o início com a introdução da apresentadora. A questão da rigidez é o núcleo duro, que perpassa toda a enunciação, como os trechos demonstram, já no início da reportagem (COMO SERÁ?, 21/07/18):

Locutora:

[...] Vou contar a história da dona Zuleide, ela tem 95 anos e dá aula, além das matérias ela ensina os alunos a serem educados e a respeitarem uns aos outros.[...]

Entra a vídeo-reportagem, com imagens da sala de aula:

Zuleide: Para usar o que não lhe pertence

Alunos: Peça licença,

Zuleide: Pediu emprestado,

Alunos: Devolva

Zuleide: Não sabe como funciona

Alunos: Não mexa [...]

Depoimento de Zuleide:

A intenção sempre foi em primeiro lugar, a formação das crianças, e depois o mercado de trabalho, encaminhados para o mercado de trabalho, para dar uma pessoa honesta, uma pessoa que vença a vida na parte da honestidade, dentro da honestidade, da justiça, do amor, da justiça.

Locutora: Além de ensinar português, o mais importante que dona Zuleide tenta passar para os alunos são boas maneiras. Professora: Geralmente eles vêm de famílias que não dão importância para isso. Então você tem que ensinar falar boa tarde, bom dia, cumprimentar as pessoas enfim.

Além das menções destitutivas do ambiente dos destinatários das ações, as falas de alunos também ratificam a importância do projeto em termos de contribuição ao aprendizado e formação, o que é enaltecido pelo fato de terem alcançado o objetivo de terem sido contratados como aprendizes.

A narrativa, no entanto, continua a circular em torno da rigidez da professora,

Cristiane Paula Sica (menor aprendiz): Tem gente que fala que ela é muito rigorosa, mas eu acho que tem que ser mesmo, você reconhece no final do curso que se ela não fosse rigorosa, a gente não aprenderia o que a gente aprendeu hoje.

Locutora – Só diz que dona Zuleide é brava, quem não reconhece o papel desse verdadeiro Anjo na vida dos alunos.

Pelo que se vê, a representação social em torno da figura central reforça a ideia de uma velhice marcada pela rigidez e conservadorismo, em detrimento da aproximação efetiva entre gerações, ainda que ressaltando aspectos que buscam valorizar o lugar de ação social de uma pessoa de 95 anos.

Uma ideia de autoritarismo como lugar de fala de pessoas mais velhas, cujos valores são impostos e devem ser aceitos pelos mais jovens, como forma de inserção no mercado de trabalho e sucesso na vida. Essa é a representação que impera.

Como lugares de fala, observamos aqueles da mídia, na voz da apresentadora, locutora da enunciação, da idosa, personagem principal da cena enunciativa, do diretor do projeto e de alunos, destinatários das ações, sempre em torno do eixo que atrela à figura da idosa em perfil um discurso disciplinar, como contribuição aos destinatários do projeto.

A matéria reforça ainda a relevância simbólica do trabalho para a professora, ou seja, o sentido que adquire para a vida do sujeito. Leva a pensar novamente no papel do trabalho como eixo identitário tão relevante, a ponto de ser percebido como razão de vida, apontando para a possibilidade de vazio em outras esferas.

Há 40 anos a professora vive pelo projeto social que ajudou a criar:

*

Segundo o presidente da Patrulha Mirim, a professora é a alma do projeto – Ela até tentou se aposentar – mas não conseguiu ficar longe da sala de aula.

*

Zuleide – [...] quanta coisa boa tem que fazer, então vocês têm que trabalhar, aprender a trabalhar o cérebro. E assim vocês vão vencer na vida. A minha vida gira em torno deles (COMO SERÁ?, 21/07/18).

Ao se considerar tal aspecto, podemos afirmar, como nos apresenta a enunciação, que os destinatários dos projetos funcionam aí como sujeitos que, para além de uma formação complementar, participam do projeto como *locus* necessário para que a professora mantenha a sua razão de existência viva, mas desde que se enquadrem aos padrões que impõem ao redor, numa caracterização de uma velhice que assujeita os outros aos valores que considera os corretos, de forma autoritária, sem possibilidade de reflexão e diálogo quanto àquilo que pratica na condução da vida alheia.

Uma velhice que se impõe por meio de relações de mando e obediência, o que se acentua na voz dos agentes que se inserem nos demais lugares discursivos com os quais interage e cujas imagens no vídeo também reforçam.

4.1.2.3 Atividade voluntária não ligada à ocupação profissional

Do ponto de vista de idosos que se engajam em ações diversas, que agregam sentido à vida e ao cotidiano, encontramos ainda um outro eixo, aquele de sujeitos que realizam atividades que são exercidas como hobby ou forma de entretenimento, com finalidade solidária ou comunitária e que acabam por se tornar elementos idiossincráticos propulsores de novas formas de participação social e presença na vida.

Esses são os casos que se apresentam nos perfis de Hélió da Silva (67), que contribuiu para a recuperação de área degradada de São Paulo, publicado pela plataforma São Paulo São⁸⁵ (31/07/18) e no de Ed Moseley (86), que tricota gorrinhos para bebês prematuros, nos Estados Unidos, publicado pelo Contiouta (s/d)⁸⁶.

No primeiro caso, o sujeito do enunciado é aquele que atua em seu meio, visando a melhoria do espaço coletivo. É responsável pelo plantio de mais de 25 mil mudas de árvores, atividade que desenvolve há mais de uma década⁸⁷, iniciada em período anterior à aposentadoria.

Do sucesso dos anos iniciais dessa atividade, segundo a matéria, resulta a criação, pela Prefeitura Municipal, do parque linear Tiquatira – Engenheiro Werner Eugênio Zulauf, na zona leste de São Paulo.

Na matéria, temos como lugar de fala, além daquele ocupado por Hélió, outro em que se houve sujeitos da comunidade, que desfrutam do parque.

⁸⁵ São Paulo São, se apresenta como “uma ‘Plataforma’ multimedia dedicada a promover a conexão dos moradores de São Paulo com a sua cidade, a estimular o envolvimento e a ação dos cidadãos com as questões urbanas que impactam o dia a dia de todos”. Esse, por sua vez, compartilha em 31/07/2018, matéria publicada na mesma data e assinada por Luiz Fernando Cardoso, do jornal Gazeta do Povo, de Curitiba-PR.

⁸⁶ Site criado e administrado pela psicóloga Josie Conti, como página de compartilhamento de conteúdos diversos que façam a diferença na vida”, que podem ser aprofundados nas páginas de origem, como afirma em sua autoapresentação: “um artigo com a marca CONTI outra chega ao leitor final e ele sabe que pode clicar para saber mais”. A matéria de perfil analisada foi publicada na fonte de origem em 18/novembro de 2016, pela ABC News.com – Website da ABC News, da Disney Interactive Media Group, subsidiária da Walt Disney Company.

⁸⁷ É importante destacar, que a matéria menciona que o projeto foi iniciado em 2013, mas na realidade ele o foi em 2003, ou seja, com dez anos de diferença do que é afirmado. Esse equívoco, no entanto, nos parece um erro de digitação e revisão.

“No feriado, estava mostrando para minha mãe o quanto o Tiquatira melhorou com as árvores”, comentou Robson Xavier de Carvalho, vizinho do bosque, em postagem na página “Plantador de Árvores” numa rede social. “O senhor é gente que faz a diferença. Somos gratos ao senhor por ter deixado nossa região tão arborizada assim”, escreveu Laelson Sousa na mesma página, utilizada por Silva para divulgar o “balancete” das árvores plantadas no Tiquatira e em outros cantos da capital (CONTIOUTRA, s/d).

Vale ressaltar, como se pode observar da afirmação acima, a utilização pelo personagem principal das mídias digitais, para divulgação, de onde o veículo extrai as falas mencionadas.

A prefeitura também tem lugar de fala como fonte para a imprensa e ratifica, na enunciação, a voz de Silva.

Quem aproveita a pista de caminhada para se exercitar não tarda a ouvir o cantar dos pássaros, que só deram as caras após o surgimento dos primeiros frutos. De acordo com Silva, a cada 12 árvores plantadas por ele, uma é frutífera. Araçás, amoras, frutas do conde, pêssegos do mato, jabuticabas, figueiras oferecem um verdadeiro banquete para sabiás, sanhaços, periquitos, maracanãs, maritacas, tico-ticos, saíras, entre outras 20 espécies de pássaros avistados, segundo a Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente (CONTIOUTRA, s/d).

Por outro lado, destaca-se no texto, o fato de que, ainda que sua ação se efetive em prol da comunidade, do coletivo, essa parte do sonho, propósito ou motivação individual do sujeito.

Outros sujeitos são vistos como adjuvantes, auxiliares de sua ação, que a valorizam, o que faz de seu trabalho um trabalho solitário, do ponto de vista como é apresentado na enunciação.

Assim, ainda que o projeto tenha reconhecimento pela comunidade, isso não garante uma ampliação significativa da rede de relações daquele que o promove. Constatação que se acentua numa enunciação que faz acento à menção da solidão na cidade grande.

São incontáveis as mensagens de parabéns pela boa ação, porém, são poucas as pessoas que se dispõem a ir além, pondo a mão na massa. Mensagens como “se precisar de ajuda, me avise”, Silva sabe bem, não ajudam a transformar o cinza em verde. “Atualmente, conto com duas pessoas, o Carlos e o Waldemar, que me ajudam há dois anos. Nesses quase 15 anos, algumas pessoas me apoiaram, mas foram ficando pelo caminho. Em São Paulo, o vizinho é um anônimo, e a maioria das pessoas quer saber apenas de seus problemas particulares”, lamenta Silva (SÃO PAULO SÃO, 31/07/18).

A ideia de propósito de vida, ou da ação como aquilo que confere sentido à vida do sujeito também está presente e é a tal ponto elemento que se agrega à composição de um *ethos* para o sujeito, de forma que esse passa a se apresentar em referência à ação que desenvolve, o que indica o forte papel identitário da atividade:

Um dia me perguntaram: Quem é o senhor? Respondi que era um plantador de árvores, e isso pegou. Planto árvores onde eu estiver, no Parque Tiquatira [capital paulista], no Sul de Minas Gerais, em espaços que necessitem de áreas verdes (SÃO PAULO SÃO, 31/07/18).

Por outro lado, à família cabe o papel de continuidade do trabalho, ainda que, na enunciação não fique demonstrado interesse ou contribuição nos tempos atuais:

Várias pessoas têm essa iniciativa [de plantar árvores em áreas públicas], e talvez tenham se inspirado na minha história; mas isso é presunção, deixa pra lá. Farei a minha parte muito bem feita. Gosto de dividir “minhas” árvores com todos. Tenho mais de 25 mil filhos ecológicos e três biológicos e mais três netos, que lá na frente vão cuidar disso (SÃO PAULO SÃO, 31/07/18).

Na segunda matéria do bloco, em torno de Ed Moseley, diferentemente do anterior, o idoso participa de um trabalho já existente em que se engaja e acaba por se envolver de maneira mais ampla, no sentido das relações que implica.

De uma ação aparentemente pontual, como tricotar gorros para recém-nascidos, vemos implicadas uma série de questões: o aprendizado de uma nova habilidade na velhice, a mobilização de redes de amigos e familiares em torno do trabalho e a construção de ações coletivas.

Vivendo em um lar de idosos, na Georgia, Ed decidiu participar de um programa de extensão para tricotar gorrinhos para os recém-nascidos. Mesmo não sabendo tricotar, topou o desafio. Pediu à filha um kit com lãs e agulhas e, superadas as dificuldades iniciais, deu conta do recado (CONTIOUTRA, s/d).

Nesses termos, vemos uma diferença importante no que tange às relações próximas do sujeito em torno do qual se desenrola a narrativa.

No projeto anterior observa-se uma benfeitoria ampla relacionada ao meio ambiente e à qualidade de vida de toda uma comunidade, implicando, inclusive, a ação do poder público na melhoria do espaço público, mas vemos uma enunciação que reforça a ação individualizada do sujeito, ou seja, que não demonstra implicações na qualidade de suas relações sociais primárias em termos de laços em sua vida diária.

Na matéria veiculada pelo Contioura, ao contrário, a narrativa aponta para toda uma rede de relações que o sujeito envolve em torno da nova ação em que se engaja, contribuindo para fortalecimento de vínculos e ações coletivas.

O altruísmo de Moseley inspirou outros colegas residentes e a equipe do asilo, que o ajudam a tricotar para o projeto. Além disso, as crianças da escola onde sua neta é professora se interessaram em aprender a tricotar.

Segundo o ACJ⁸⁸, Ed também ajudou a montar kits de higiene pessoal para mulheres e crianças carentes e continua fazendo os gorrinhos para atender pedidos da família e de amigos, sem cobrar nada.

Ressalta-se nessa matéria a referência à moradia em um lar para idosos. A representação em torno desse tipo de forma de habitar nos traz na enunciação a ideia de um espaço de convivência, que promove a relação dos residentes com o meio em que se inserem, ou seja, que promove a participação social para além de seu ambiente interno (CONTIOUTRA, s/d).

As relações familiares são tratadas de forma naturalizada na narrativa, como elementos de presença cotidiana, seja no atendimento à solicitação do idoso pela filha, seja na menção à neta (que é professora) e no interesse despertado em seus alunos pela atividade de tricotar. Da mesma forma, as relações de amizade se apresentam como elemento constitutivo da vida cotidiana desse idoso.

Independentemente de suas diferenças, pelo que vimos, podemos dizer que esses exemplos agregam à velhice a expressão da face criativa do humano quando, diante do seu meio e de novas realidades e condições de vida, se permitem novos fazeres e experiências que passam a agregar sentido para si e também para outros.

Mais do que isso, são também expressões de uma velhice de sujeitos que ocupam o lugar da doação: doam de si, de seu tempo e por isso e pelo resultado de suas ações são valorizados por outros.

4.1.3 Novos aprendizados e desenvolvimento ao longo da vida

Na matéria anteriormente abordada, vemos um exemplo explícito de um novo aprendizado que influencia outras dinâmicas da vida do sujeito, quando Ed Moseley se dispõe a tricotar.

⁸⁸ Referência ao AJC – The Atlanta Journal Constitution, jornal diário situado na cidade de Atlanta, Estados Unidos, e pertencente ao Cox Media Group. Links de acesso: <<https://www.ajc.com/>> e <<https://www.coxmediagroup.com>>.

Esse também é o caso de outras matérias em que a cena da enunciação gira em torno de tal eixo, seja como na situação anterior, em um aprendizado informal, seja por meio da educação continuada formal.

No primeiro eixo, soma-se a matéria do Estadão (23/03/18)⁸⁹ sobre Concha García Zaera (87), senhora espanhola que, segundo o texto, aprendeu a utilizar o Paint como alternativa à pintura à óleo.

Como lugar discursivo central, aparece a figura de uma senhora idosa que reinventa a forma de manter um *hobby* pela necessidade de cuidar do marido. Tal reinvenção passa pelo aprendizado de novas tecnologias, a partir de presente de filhos, como o trecho menciona:

A história de Concha com as artes vem antes do Paint, com o qual ela começou a trabalhar há 12 anos. "Meu marido ficou doente e eu que cuidava dele, então não podia sair muito", conta.

Ela teve de deixar as aulas de pintura em um centro para a terceira idade, e a tinta a óleo, especialidade dela, tinha um cheiro muito forte para usar em casa. Assim, os filhos a presentearam com um computador (ESTADÃO, 23/03/2018).

Cerca de uma década após o início da atividade, a tecnologia se torna ferramenta não apenas para a manutenção do *hobby*, como também para apresentar suas produções, por meio da criação de uma página no Instagram. Pela rápida visibilidade alcançada na *web*, ela se torna objeto de matérias jornalísticas.

Vemos então uma representação social da velhice aberta a novas experiências, diante de novas tecnologias as quais encampa e com as quais se surpreende.

Apesar de lidar bem com todas as redes sociais, Concha ficou surpresa com a repercussão. "De repente, começaram a chegar mensagens, mais notificações, e eu não sabia o que estava acontecendo. Chamei meu neto e disse: 'Daniel, o que está acontecendo aqui? Ficou louco [o celular], juro que não toquei em nada!'", contou entre risos (ESTADÃO, 23/03/2018).

Nesse espaço a velhice tem lugar de fala, como também se apresenta na convivência com familiares e, embora não se aprofunde na matéria, a representação da velhice passa também pelo lugar de uma idosa que cuida de outro idoso.

Vemos então um lugar discursivo recoberto por relações familiares que se apresentam como aspecto naturalizado da vida cotidiana: os filhos lhe são presentes, sana dúvidas com netos que também dão palpites sobre o que fazer com o seu trabalho. Nas

⁸⁹ O Estadão utiliza como base material do Instragram de Concha García Zaera e matéria publicada em 11/03/18, pelo jornal El Mundo, da Espanha.

entrelinhas vemos ainda o lugar institucional de centro de atividades voltada para idosos e, no âmbito das relações primárias, à menção às amizades.

Uma velhice que corresponde ao lugar da velhice ativa e aberta a alternativas para enfrentamento das novas faces que a vida apresenta, em sintonia com o meio e seu tempo, do qual participa de maneira própria, como a auto apresentação no perfil do Instagram e fechamento com dados levantados pelo jornal demonstram:

"Sou uma senhora de 87 anos. Gosto de pintar com o programa Paint. E, principalmente, estar com minha família e com minhas amigas", descreve-se em seu perfil no Instagram, que tem mais de 140 mil seguidores (ESTADÃO, 23/03/2018).

Quanto à motivação para as ações, a apresentação de um interesse específico como hobby e entretenimento para si.

A neta de Concha sugeriu que ela fizesse uma exposição com as pinturas, mas a senhora não quer. "Não dou valor [às obras]", diz. E assim, ela continua desenhando e colorindo, pixel a pixel, cada uma de suas paisagens (ESTADÃO, 23/03/2018).

Se falamos até agora do âmbito da aprendizagem informal, no âmbito da educação formal também encontramos matérias de perfil na integralização de nosso *corpus*. Matérias cuja narrativa se desenrola em torno da apresentação da história de vida de sujeitos que encontram na velhice a oportunidade de realização de um sonho, que em fases anteriores não puderam concluir.

Uma das matérias, também veiculada pelo Estadão (09/03/18), traça o perfil de Carlos Augusto Manço, aposentado que ingressa no curso de arquitetura e urbanismo aos 90 anos. A outra é veiculada pelo jornal O Dia, do Rio de Janeiro (13/05/18). Desenrola-se em torno da trajetória de Valdir de Lima, que até os 65 anos era analfabeto. Com o auxílio de familiares começa a ler e escrever. Acompanhou aulas de Telecurso, concluiu o ensino médio e ingressou no curso de História, no qual graduou-se em março de 2018, com 79 anos.

Em ambos os casos, as histórias traçam a ideia de ingresso e realização do curso como efetivação do sonho de aprimoramento em torno de um grande interesse desperto ou no ambiente de trabalho, caso de Carlos Manço, ou, no caso de Valdir de Lima, pelas histórias de pessoas e lugares que acompanhava por meio de jornais revistas e livros.

O ingresso na faculdade e a imersão nos estudos são aspectos motivados pelo alcance de determinado patamar de vida ou mudança de situação, de onde o apoio da

família também se torna aspecto importante na enunciação para o seguimento no novo caminho, como os trechos ilustram:

A ideia de fazer a graduação era antiga, mas questões financeiras o levaram apenas a um curso técnico na área de Desenho Industrial, sem afastar o gosto pela arquitetura. "Sempre gostei da profissão, até pelo contato que tinha com engenheiros e arquitetos no tempo que estive na USP", falou.

Incentivo

Agora, com casa própria e a família formada, o desejo se tornou realidade e teve o incentivo dos dois filhos, oito netos e quatro bisnetos.

Para eles, as aulas são também uma forma do patriarca não sentir a perda da mulher, que morreu no ano passado após mais de 60 anos de casamento (ESTADÃO, 09/03/2018).

*

Foram minha mulher e meus filhos que me ajudaram a ler. Comprava jornais, revistas e livros e ficava encantado com a história das pessoas, dos lugares", conta ele. Aos poucos, foi aprendendo mais com as aulas do Telecurso 2000. "Sou autodidata", orgulha-se.

- Resolveu ir mais longe. Fez o Ensino Médio e depois matriculou-se no curso de História da Universidade Estácio de Sá. Por 8 anos, dividiu o tempo entre a sala de aula da universidade e o quarto de hospital onde sua mulher estava internada. Ela teve que tirar um rim e acabou falecendo, depois de uma convivência de 56 anos. Mesmo sem sua maior incentivadora ao seu lado, Seu Valdir continuou os estudos.

Como resultado, Seu Valdir se formou historiador no fim de março, aos 79 anos, sob aplausos dos colegas mais jovens. "Levantar aquele canudo foi libertador", desabafou Valdir (O DIA, 13/05/2018).

Em ambas as matérias, os pequenos trechos permitem novas leituras para além do que foi mencionado. Se nos dois casos a viuvez se apresenta como aspecto da trajetória de ambos, no primeiro caso, destaca-se na enunciação a ideia de uma dor como algo que não se deva sentir, em detrimento de uma dor a ser enfrentada, trabalhada.

Assim, em termos simbólicos e enunciativos, o novo caminho de estudos passa a ser apresentado como subterfúgio, estratégia para que o sujeito “não sinta a dor de uma forte perda”, num discurso que, situando-se no lugar da proteção, reforça o imaginário de uma vida em que a dor é aspecto a ser tamponado.

Diante de uma realidade em que questões ligadas à finitude têm sido tratadas muitas vezes como tabu, achamos importante ressaltar tal aspecto que, na enunciação, desconhece a importância

do luto. Por outro lado, não se pode desmerecer o gesto como forma de sublimação e ressignificação de aspectos de vida do sujeito.

No pequeno fragmento de texto, temos presente também a menção ao lugar do idoso cuidador: um período de 8 anos, como relata a matéria, ao lado da esposa no hospital. Tal aspecto, no entanto, não é explorado, ainda que outros sentidos atrelados à representação da velhice e do perfil do sujeito possam ser extraídos daí.

O idoso estudante, por sua vez, é apresentado como aluno exemplar, modelo de dedicação e interesse. Tal juízo, no entanto, é proferido a partir de pouco tempo de aula e da posição do sujeito em seu novo papel. A enunciação ratifica um discurso disciplinar em torno da representação social dos idosos nesse contexto, como aspecto valorado positivamente e ratificado, na matéria, pelo lugar de fala da coordenadora do curso da instituição e do próprio sujeito em perfil.

O novo estudante acaba de ingressar no Centro Universitário Barão de Mauá, em Ribeirão Preto, onde vem se destacando pelo esforço e interesse nas aulas. "É um aluno muito dedicado", diz a coordenadora do curso, Flavia Olaia. [...]

Já Manço ou Carlão, como está sendo chamado por colegas, senta na primeira fileira da sala todos os dias e acha isso uma forma de ficar mais engajado nas aulas.

"Estou realizando um sonho e quero aproveitar", justifica (ESTADÃO, 09/03/2018).

Por outro lado, pode-se dizer que um lugar de atenção especial e de cuidado para uma recepção e acolhimento também se mostra nas marcas enunciativas, indicando um olhar para o envelhecimento que, na medida que o insere em um ambiente universitário, atualmente direcionado para jovens, o faz de maneira atenta a possíveis especificidades. Ou seja, realmente interessada no sujeito que ingressa em seu espaço.

"Fizemos o possível para criar uma grade semestral um pouco menor e preparamos nossos docentes para recebê-lo", explica a coordenadora (ESTADÃO, 09/03/2018).

No caso da segunda matéria, da mesma forma que em situação anteriormente descrita, quando o plantio de árvores por um sujeito leva a prefeitura à criação de um parque, a posição do personagem central da narrativa induz a outras ações no âmbito de organizacional. A trajetória de vida e motivação para novos aprendizados na velhice inspira a instituição educacional, como lugar discursivo adjuvante, à criação de um novo projeto, de âmbito maior.

O caso de Seu Valdir inspirou à diretoria da Estácio a criação de alfabetização e letramento de jovens, adultos e idosos de áreas carentes do Rio de Janeiro. O projeto piloto está sendo posto em prática em três unidades: São Gonçalo, em Irajá, e Queimados. As aulas terão duração de 4 meses, com três aulas semanais, cada uma

com duração de duas horas. O planejamento feito pela Estácio prevê que os alunos discutam sobre temas do dia a dia deles. Além de ler e escrever, os alunos do projeto vão aprender matemática com os problemas que enfrentam diariamente (O DIA, 13/05/2018).

4.1.4 Velhices viajantes

Outra categoria de narrativa aparece em matérias que traçam relatos de idosos que, em determinado momento de vida passam a viajar pelo mundo. Em nosso material de pesquisa encontramos, no formato de perfil, duas matérias nesse gênero: a primeira vem do portal G1 de 02/12/2016. Aborda uma série de viagens ao redor feitas e registradas em livro por Arcelina Helena Públio Dias, de 73 anos. Arcelina Dias é apresentada como uma jornalista e professora que, após a aposentadoria,

“teve a ideia de viajar para escrever sobre o sofrimento e a resistência do ser humano nos diferentes cantos do mundo” (G1, 02/12/2016).

Entre os locais conhecidos, viajou por diversos países das Américas Latina, Central e do Norte, além de passar pela África, Europa, China e também pelo Brasil. O roteiro fez parte de um projeto segmentado em 05 etapas, e cujos relatos compartilha em livros e espaços na *web*.

Entre as relações sociais que contribuem para suas viagens, a matéria ressalta o papel da participação na comunidade católica, o que lhe permitiu contar com o auxílio de “alguns religiosos”. A comunidade religiosa, vista em sua forma ampliada, é assim ponto de apoio e elemento motivador do projeto que executa.

Durante a viagem à China, Arcelina buscou fazer uma imersão na cultura e buscar como era a prática do catolicismo no país. [...] Acho que pelo fato de hoje a China ter gente de todo o canto, tem missas católicas apostólicas romanas com padres chineses e rezadas de tudo quanto é língua. Uma realidade muito diferente do que a gente escuta os religiosos pregarem aqui no Brasil”, revelou (G1, 02/12/2016).

O interesse pelo outro, pelo relatar o universo de um outro, perpassa toda a narrativa. Vemos assim a representação de um sujeito que se empenha em um projeto vultoso, interessado em seu meio e em compartilhar as experiências que adquiriu, num caminho repleto de descobertas.

A primeira parte das viagens foi feita para Colômbia, Cuba, Bolívia, México e Estados Unidos e deu origem ao livro “Sinais de Esperança”. A peregrinação feita nas “Américas” começou com um estudo feito por ela sobre os trabalhos de um grupo religioso com moradores de rua da Colômbia [...]

A última, e segundo ela a mais difícil, das viagens terminou no dia 18 de novembro, quando chegou de 100 dias de viagem na China. Arcelina conta que estudou mandarim e a cultura chinesa antes de embarcar. Apesar de ter mergulhado no idioma, a jornalista disse que não conseguiu se comunicar muito bem (G1, 02/12/2016).

Em relação à velhice, chamam atenção os deslocamentos de sua nomeação na cena narrada. No título⁹⁰, Arceli Dias é apresentada como uma idosa que viaja por países de 4 continentes. Quando a fala é associada à ideia de ação, ao longo do texto torna-se a jornalista: a peregrina, que conta, diz, participa - é idosa quando é passível de “passar mal” e quando lhe falta memória. Esquecimentos sujeitos a qualquer pessoa, nas sutilezas da enunciação, são associados à idade avançada, de onde a construção de um efeito de sentido que agrega ao termo idoso, ou aspectos de um feito espetacular, digno de nota, ou de acento a perdas:

Memória

A idosa contou que andava o dia inteiro durante as viagens, não passou mal por causa do novo tipo de alimentação, mas que enfrentou problemas por conta da “memória fraca”. Ela disse que preparou um celular moderno para registrar a viagem, mas esqueceu o aparelho quando passou por São Paulo antes de embarcar para Pequim.

“Saúde eu tenho. Consegui andar, comer as comidas, mas a minha memória é fraquinha. Sou antiga, levei a caderneta. Pretendia ir de gravador e tudo mais. Super preparei o telefone e esqueci em São Paulo. Mas a minha grande descoberta é que Deus realmente está do meu lado, porque foi cada situação”, contou. [...] A minha memória é desse jeito, impecável”, brincou (G1, 02/12/2018).

Quando à relação com a tecnologia, vemos aí um elemento para ampliação da visibilidade de seu projeto, como acontece em outros casos aqui apresentados. Além do registro de suas viagens em livros impressos, Arceli Dias também as apresenta em um blog. Novas mídias são assim, mais uma vez, elemento presente na narrativa, a serviço de uma presença no mundo.

⁹⁰Idosa escreve livros sobre viagens de 500 dias por países de 4 continentes.

É o que vemos também na matéria publicada pelo Sapo Viagens⁹¹, de 23/08/2018, e compartilhada pelo Portal do Envelhecimento em 30/08/18. Nela, traça-se o perfil de Elena Erkova (91), senhora russa, que partilha imagens de suas viagens no Instagram.

Nos dois casos, a relação com tecnologia se põe a serviço da visibilidade de realizações de pessoas idosas em sua maneira particular de vivenciar a fase de vida e velhice em que se encontram.

Neste último, o aspecto se intensifica como elemento da cenografia: ela é “descoberta” por meio de uma postagem no Facebook, fica conhecida na internet, possuindo milhares de seguidores no Instagram, além de ter um canal do Youtube.

O financiamento das viagens também é aspecto que se explicita, com a apresentação de iniciativas que complementam o valor da aposentadoria:

Ela começou a viajar quando tinha **83 anos**, com o dinheiro de sua **aposentadoria**. Para incrementar a renda, ela faz **bordados** e vende **flores**, mas consegue financiar as viagens com tranquilidade (SAPO VIAGENS, 23/08/18, grifos do enunciador).

Se na matéria anterior, a personagem encontra apoio para efetuação de seu projeto pelo pertencimento a uma comunidade religiosa, nesse caso, os apoios vêm de relações eventuais que Elena Erkova encontra em seu percurso:

peessoas de boa vontade para ajudá-la em pequenos detalhes como ler avisos e comprar coisas (SAPO VIAGENS, 23/08/18).

Assim, embora viaje sozinha, a enunciação apresenta uma cenografia de alguém que se situa em convívio constante com outros e com seu meio.

Aliada à ideia de uma velhice de realização pessoal e busca de alternativas viabilizadoras desse intento, agrega-se o sentido de realização de feitos extraordinários, de uma senhora de 91 anos.

Essa representação, pouco combina com a intimidade do termo Vovó, com que é também nomeada no texto, numa enunciação que agrega o valor de uma velhice sem limites, a exemplo de algumas matérias em que se aborda a questão do trabalho continuado.

⁹¹ Sapo é um portal português que reúne e compartilha notícias de outros veículos. Tem uma seção específica para a temática de viagens.

E não pense que ela pega leve: a vovó já deu alguns passeios de **moto** pelas ruas de **Bangkok**, na **Tailândia**, e andou de **camelo** em **Israel**, entre outras aventuras.

Sua lista de países conhecidos até agora inclui **Turquia**, **Alemanha**, **Tailândia**, **Vietnã**, **Israel**, **República Dominicana** e **República Tcheca**, o lugar que mais gostou até agora, por causa das pessoas e da comida, além de mais alguns outros. Os planos dela incluem continuar viajando por toda a vida e conhecer o mundo todo (SAPO VIAGENS, 23/08/18, grifos do enunciador).

O texto afirma ainda que

Todo mundo gostaria de ter a **disposição** e o **gosto** por **aventura** dessa senhora! (SAPO VIAGENS, 23/08/18).

Se isso é verdade, não sabemos, mas a palavra de ordem que se lê, é sair por aí a viajar, “livres, leves e soltos”. Quaisquer outras motivações ou aspectos passam a ser vistos como isubordinação a tal ditame, numa cenografia que opera na validação da pergunta com a qual é aberta a matéria, afinal: “Qual é a sua **desculpa** para não **viajar**”?

4.1.5 Finitude – decisões em torno da vida e da morte

Questões em torno da gestão da vida e da morte também apareceram como tema de nosso *corpus*.

Esse é o caso contundente do perfil de um casal George e Shirley Bricken, publicado no Hypescience em 05/04/2018, que opta pela eutanásia conjunta.

A cenografia se desdobra na validação de uma cena em torno dos cônjuges que, em velhice avançada, aos 95 e 94, depois de 73 anos de casamento, se deparam com doenças que reduzem a qualidade de vida de ambos e decidem morrer juntos, de forma assistida, no Canadá, onde a lei assim o permite.

Nesse eixo, em torno da gestão de processos de finitude humana, encontramos ainda matéria da Revista Veja (29/03/2018), compartilhada em sua página do Facebook, sob Ana Beatriz Cerisara, que decide não se submeter ao tratamento de um câncer recorrente, como alternativa para uma sobrevida de maior qualidade, ainda que, possivelmente por menor tempo.

Nos dois casos, o lugar conferido aos sujeitos é aquele de pessoas cientes de suas decisões, que apresentam relações sólidas com amigos e parentes, que se mantém no lugar de apoio diante do caminho escolhido pelos sujeitos.

A gratidão pelo percurso de vida é enaltecida e a morte se apresenta como alívio e libertação de um futuro de penares previstos ou como questão natural da vida, que não

deve ser prolongada por meio de tratamentos invasivos, que implicam acentuação de condições de sofrimento e dor para o sujeito, sem possibilidades factíveis de reversibilidade do quadro da doença.

De qualquer forma, seja romanceada, como no primeiro caso, como se concretizando o poema de Vinícius de Moraes⁹², que idealiza para “o grande amor” – “viver sempre junto e até ser, se possível, um só defunto – para não morrer de dor”.

Seja no segundo, em que o sujeito moribundo se coloca em presença e vive conscientemente um processo de finitude, o que vemos são narrativas que, validando um ponto de vista em defesa das decisões do sujeito em torno da gestão de si, colocam em questão os tabus da morte e da vida a ser mantida a qualquer preço.

A temática é extremamente complexa, pede mais visibilidade e discussões e passa ao largo do sublime e das racionalizações, ainda que, em termos de políticas públicas essas últimas tenham que ser mais contempladas.

4.1.6 Trajetórias de vida

Chegamos ao final do percurso de nossa primeira categoria de perfis com a abordagem de elemento que perpassa de maneira mais ou menos superficial outros perfis aqui abordados. Falamos das trajetórias de vida. Como cena enunciativa, essa é ilustrada mais especificamente, como ponto central da narrativa, de uma de nossas matérias nesse recorte.

Falamos do perfil de Miquelina, senhora de 96 anos, habitante de pequena vila do distrito de Braga, em Portugal, que nos é apresentada pelo jornal Público, daquele país (16/09/18).

A narrativa aborda sua vida da infância à formação como enfermeira e atuação como parteira, com destaque para a afirmação de que “fez nascer meia cidade”, por isso, apresenta uma velhice em que é conhecida no município, ainda que não se lembre de todos. Isso a faz anônima para nós, mas não para a localidade.

Como representação social, não reforça nem o lugar de uma velhice ativa com a ideia de um sujeito inserido em diversos afazeres ou atividades, como também não

⁹² Para viver um grande amor, em livro homônimo do poeta.

acentua os aspectos orgânicos, a velhice não é a tônica, mas se apresenta na menção à idade, aos cabelos brancos “por baixo da tinta”.

Os traços de personalidade, que completam o perfil, como uma pessoa “nervosa” desde a juventude, aparecem na voz da própria entrevistada, como também aquele lugar de uma pessoa que se tornou emotiva, mas se envergonha disso.

Temos indícios de uma representação social de uma velhice rígida. A ideia é reforçada pela expressão na foto. Ainda que o repórter mencione seu “sorriso acolhedor”, expressa-se, ao longo da narrativa, um *ethos* de uma senhora séria, mais sisuda.

Uma velhice que carrega a ausência do marido, com tendência à reclusão após seu falecimento, em uma enunciação que menciona outros a existência das irmãs, mas cujo convívio não se explora. Conta com o apoio do filho, mencionado como “sua grade companhia”. Sua vida é marcada pelo trabalho como enfermeira obstetra, atributo pelo qual é identificada e reconhecida na localidade.

Uma velhice cuja trajetória lhe rende honrarias até os dias atuais, como o trecho com o qual se conclui a matéria demonstra.

Agora, para celebrar os 86 anos que cumpre no dia 28 de Setembro, haverá uma missa e um jantar e terá uma oliveira plantada em sua honra no Parque de Sinções, um dos espaços verdes da cidade. Miquelina diz que não gosta nada destas coisas, que tem medo de se emocionar. “Ninguém sonha a vida que eu tive”, diz abanando e baixando a cabeça. Quando a levanta, esboça um sorriso envergonhado: “Mas ao mesmo tempo tenho saudades. São todos meus filhos por aqui fora”. (PÚBLICO, 16/09/18).

É uma enunciação que reforça o eixo profissional como elemento identitário e valorização da vida pelo viés do trabalho, mas também que, enfocando uma trajetória longa de vida, nos lembra da velhice como um lugar que abarca um manancial de histórias e vivências, contadas ou não, ou seja, um lugar habitado por um sujeito constituído por inúmeras experiências.

A velhice figura aí como expressão, marca da presença humana no mundo, na valorização dos modos de existência que cada sujeito apresenta para si, de onde partimos para o universo dos idosos que se situam num contexto ampliado, como figuras públicas.

4.2 Figuras públicas

As matérias de perfil sobre as quais passamos a nos deter agora desenvolvem-se em torno de idosos que se apresentam como figuras públicas, ou seja, celebridades ou pessoas que conquistaram determinado tipo de visibilidade social por sua trajetória de vida.

Dessa cena principal, extraem-se também algumas recorrências que permitem segmentação: perfis compostos em obituários, em razão de datas comemorativas como aniversários, além daqueles decorrentes de algum acontecimento específico que envolve o sujeito, como o lançamento de um novo trabalho ou anúncio de afastamento da vida pública.

4.2.1 Obituários: trajetórias de vida e posicionamentos no mundo

Entre os perfis motivados por ocasião do falecimento de determinada personalidade, encontramos 7 matérias, conforme os critérios do recorte⁹³.

Esses se estruturam em torno de personalidades que se notabilizaram por sua posição de destaque no cenário artístico e/ou no âmbito político-social.

Dessa forma, em nosso *corpus*, a categoria é composta pelos perfis das atrizes Debbie Reynolds (G1, 28/12/2016) e Tônia Carrero (JORNAL DA USP, 07/03/2018), do cineasta Nelson Pereira dos Santos (EXTRA, 21/04/2018); do humorista Agildo Ribeiro (G1, 28/04/2018); do cardeal Dom Paulo Evaristo Arns (EL PAÍS, 14/12/2016); da ativista Winnie Mandela (DELAS, 02/04/18) e do ex-secretário geral da ONU Kofi Annan (NOTÍCIAS.UOL, 10/08/2018).

Tais perfis, de forma geral, apresentam uma estrutura similar: tratam da causa *mortis*, perpassam a trajetória de vida, com enfoque para a carreira, tratando, por vezes, de questões da vida privada.

Em alguns casos, determinada situação particular desponta como elemento adicional na estrutura narrativa, como nos casos de Agildo Ribeiro, que, em torno dos 80 anos, toma conhecimento da existência de um filho.

⁹³ Três delas são do grupo Globo, uma do diário Extra e outras duas do portal G1. As demais dividem-se entre Jornal da USP, Notícias.uol, El País Brasil e a revista eletrônica Delas, de Portugal.

Também passa a saber da existência de uma neta, quando participa de um programa de TV de abrangência nacional, configurando uma cena em que a exposição da vida privada do artista torna-se também objeto de espetáculo:

Em 2012, Agildo Ribeiro descobriu que tinha um filho, na época, com 47 anos. Marcelo Galvão é de uma relação de Agildo em 1965. Em um encontro com o rapaz durante **o programa "Fantástico", em 2013, o ator descobriu também que era avô de uma menina.**⁹⁴

O humorista foi casado cinco vezes. Entre as esposas, estão as atrizes Marília Pera e Consuelo Leandro. Seu último casamento foi com a atriz e bailarina Didi Barata Ribeiro. Os dois ficaram juntos por 35 anos. Didi morreu em 2009 (G1, 28/04/2018).

Outro caso é o de Debbie Reynolds, que falece um dia após a morte da filha, com quem tinha uma relação conflituosa, como destaca a enunciação.

A atriz Debbie Reynolds, mãe da atriz e escritora Carrie Fisher, morreu na noite desta quarta (28), **um dia depois de sua filha**, aos 84 anos [...].

Sua filha Carrie Fisher [...] sofreu parada cardíaca no dia 23, dentro de um avião, pouco antes de a aeronave pousar em Los Angeles, vinda de Londres [...].

Após a morte da filha, Debbie havia divulgado um comunicado agradecendo aos fãs pelas homenagens: "Obrigado a todos que abraçaram os dons e talentos da minha amada e incrível filha. Estou grata por seus pensamentos e orações, que agora estão a guiando para sua próxima parada. Com amor, a mãe de Carrie".

Carrie escreveu sobre sua relação complicada com a mãe no livro "*Postcards from the edge*". A obra foi adaptada para o cinema em 1990, com o título "Lembranças de Hollywood", estrelado por Meryl Streep.

Por outro lado, em tais perfis, de forma geral, não vemos na narrativa enfoque a elementos físicos marcadores do envelhecimento, ou acento a aspectos de declínio orgânico, ao contrário do que observamos nas matérias com idosos anônimos, ainda que se mencione a causa *mortis*.

O foco então concentra-se na trajetória do sujeito atrelada a sua carreira, apresentada como vocação e resultado de esforço, que levam às conquistas dela derivadas.

Importam aí suas experiências e aspectos que contribuíram para sua visibilidade pública, ou que os complementam em termos de curiosidades e feitos.

⁹⁴ Marcação de hiperlink.

Por vezes, os perfis abordam as atividades anteriores, situadas em outras áreas, e traçam os principais momentos da carreira dos personagens apresentados, principais participações, obras, homenagens, parceiros de trabalho.

No reforço ao lugar célebre e de destaque, operam como marcadores as falas de outras figuras públicas e celebridades sobre a vida do personagem, como também, de especialistas técnicos da área ou pesquisadores que têm seus trabalhos como objeto de estudo, como se vê no trecho da matéria sobre Tônia Carrero

Tônia Carrero (1922-2018) fez parte de uma geração de estrelas que brilharam em todos os céus das artes cênicas brasileiras. Foi do cinema ao teatro e daí para a televisão, viajando com desenvoltura entre eles e se destacando graças ao talento que vinha acompanhado da beleza [...].

“Uma vida pessoal que vivia o teatro de maneira integral”, comenta a professora da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP Elizabeth Ribeiro Azevedo. “Uma vida toda consagrada e dedicada ao teatro e que conseguiu ter o reconhecimento do público e da crítica como uma figura importante do teatro brasileiro a partir dos anos 50” (JORNAL DA USP, 07/03/2018).

*

— O Nelson era tudo. Inventou um cinema que só poderia ser feito no Brasil — definiu Cacá Diegues. — É uma perda irreparável. Ele morreu, mas a obra está aí, e deve ser vista (EXTRA, 21/04/2018).

*

Por vezes, esses comentários são base para outras matérias, inseridas em hiperlink:

Chamado de "capitão do riso", Agildo começou como ator no rádio, mas seu reconhecimento veio com os trabalhos cômicos na televisão. "Virou hábito: eu abro a boca e todo mundo ri. Eu nasci para ser artista", declarou o ator em uma entrevista.

- **GALERIA: imagens da carreira de Agildo Ribeiro**
- **Veja repercussão da morte do humorista⁹⁵ (G1, 28/04/2018)**
- *
- Debbie Reynolds: artistas lamentam morte da atriz de 'Cantando na Chuva' (G!, 28/12/16).

Na validação do destaque para o sujeito, no caso de Dom Paulo Evaristo Arns, são ouvidas diferentes autoridades, além de escritor e cineasta. Essas falas reforçam a

⁹⁵ Disponível em <<https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/agildo-ribeiro-veja-repercussao-da-morte-do-ator.ghtml>> (G1, 28/04/2018).

representação de um sujeito que aliava ao papel do teólogo também uma importante ação política.

A morte de Dom Paulo Evaristo Arns despertou nesta quarta-feira reações de diferentes personalidades.

O teólogo e acadêmico Leonardo Boff, com quem ele conviveu, afirmou que Arns foi seu "mestre inesquecível". E acrescentou: "Disse um poeta latino-americano 'morrer é fechar os olhos para ver melhor'. É o que ocorreu com o cardeal Arns. Agora vê Deus face a face".

Em nota oficial, o presidente Michel Temer afirmou que "o Brasil perde um defensor da democracia e ganha para sempre mais um personagem que deixa lições para serem lembradas eternamente".

João Doria, prefeito eleito de São Paulo, também falou sobre a perda: "São Paulo e o Brasil perdem um grande ser humano. Dom Paulo nos deu exemplos de tolerância, defesa dos mais humildes, justiça social e amor pelo próximo".

Já o ex-presidente Lula ressaltou a luta do cardeal contra a violência das várias ditaduras militares na América Latina: "Nossa América perdeu a voz destemida que enfrentou ditaduras truculentas e o braço amigo que abrigou centenas de refugiados que eram perseguidos nos países vizinhos".

A senadora Marta Suplicy (PMDB-SP) o definiu como "forte, doce e aguerrido". "Nós, brasileiros, devemos muito à sua coragem, à sua capacidade de enfrentar injustiças e o desrespeito aos direitos humanos". (EL PAÍS, 14/12/16).

*

Ex-repórter da *Folha de S.Paulo*, Carvalho conheceu dom Paulo em 1976 por conta de sua intensa relação com a imprensa. Relata o diretor: "Ele foi, sem dúvida, a mais importante fonte de informações contra o regime militar. Como jornalista que é, dom Paulo não errava uma e tudo que dizia ou denunciava, vinha com provas, relatos... Foi assim quando o pastor Jaime Wright, ligadíssimo a dom Paulo, me passou, em 1978, a conta-gotas, a primeira lista de desaparecidos políticos checadas em diferentes fontes" (EL PAÍS, 14/12/16).

Nesse sentido, entre os sujeitos, destaca-se recorrentemente a menção a posicionamentos políticos, seja entre aqueles cuja carreira se faz nesse âmbito, seja como marca de um posicionamento pessoal ou como categoria no caso dos artistas.

As trajetórias de vida mesclam-se à situação histórica do país em que se situam e permitem a brecha para um olhar contextual, relativo ao momento histórico em que habitavam.

Particularmente nos casos daqueles que atuam no campo das artes ou no religioso, observa-se um posicionamento que enfrenta e visibiliza políticas autoritárias de Estado.

Seja pelas obras censuradas, seja saindo às ruas em protesto, seja em outras formas de atuação, vemos o papel ativo de um grupo alvo de ações ditatoriais e que se posta contra elas por meio de sua arte ou outras formas de expressão pública, como os trechos retirados dos perfis de Tônia Carrero e Nelson Pereira dos Santos ilustram:

Em 1967, surpreendeu público, crítica e a ditadura civil-militar ao aparecer em *Navalha na Carne*, de Plínio Marcos. Tônia trocava os tipos aristocráticos que sua aparência e postura sempre favoreceram pela prostituta Neusa Suely, contracenando com Nelson Xavier e Emiliano Queiroz.

A atriz desafiaria a ditadura também em 1968, participando da famosa Passeata dos Cem Mil. O espírito combativo, aliás, sempre acompanhou a atriz, que teve de enfrentar a resistência do pai para perseguir a carreira artística (JORNAL DA USP, 07/03/2018).

*

'COMO ERA GOSTOSO O MEU FRANCÊS' (1971) [...] Nelson mergulha na antropofagia. Concluída no auge da ditadura, a produção acabou proibida (oficialmente, devido ao “excesso de nus masculinos”) e só foi liberada em 1972 — ainda assim, com muitos cortes. Ao contar a história de um almirante capturado por índios, o longa faz uma analogia mordaz com os prisioneiros políticos do governo militar (EXTRA, 21/04/2018).

Entre aqueles cuja trajetória se constitui no interior do universo político, de forma mais específica temos: Kofi Annan e Winnie Mandela.

O ex-secretário-geral da ONU (Organização das Nações Unidas) e prêmio Nobel da Paz Kofi Annan morreu aos 80 anos na manhã deste sábado (18). [...]. Diplomata nascido em Gana, Annan foi o primeiro negro a comandar a ONU. Ele morreu na cidade suíça de Genebra, onde viveu por vários anos (NOTÍCIAS.UOL, 18/08/2018).

*

Nomzamo Winifred Zanyiwe Madizikela, conhecida como Winnie, foi uma das figuras **destacadas do ativismo anti-‘apartheid’** [...](DELAS, 02/04/2018) (destaque pelo jornal).

No caso de Winnie Mandela, a enunciação marca um percurso contraditório, apresentando o perfil de uma figura singular que, de um lado luta contra o Apartheid e,

por outro, é associada a atos de violação de direitos humanos, em diversos momentos do texto.

Nascida a 26 de setembro de 1936 na província do Cabo Oriental (sul), obteve aos **19 anos um diploma como assistente social, uma exceção para uma mulher negra na altura**. Casou-se com Nelson Mandela em **junho de 1958, ela com 21 anos, ele um divorciado e pai de família com quase 40**.

Com a prisão do marido, **assume a liderança da luta ao ‘apartheid’ e do Congresso Nacional Africano (ANC), mas divide pelo estilo autoritário, com membros do partido a acusarem-na de tortura e incitamento ao ódio [...]**.

Em 1998, a Comissão de Verdade e Reconciliação, encarregada de julgar os crimes políticos no ‘apartheid’, **considerou Winnie “politicamente e moralmente culpada de enormes violações dos direitos humanos” (DELAS, 02/04/2018) (destaque pelo jornal)**.

Há momentos em que as questões de gênero, na voz de pessoas próximas a ela funcionam no texto como aspectos de possível redenção.

Pascale Lamche, realizadora francesa que rodou o documentário em trono da vida de Winnie, que apresentou em 2017, no Doc Lisboa, **revelou que a ex-mulher de Mandela não era bem-vista como líder militar por ser mulher**. “O que quis fazer com este documentário foi dar espaço para discutir Winnie como líder militar. O **que era aceitável para um homem líder militar não era no caso de uma mulher. Isso tem que ver com o facto de ela ser vista como a mãe da Nação** e, por isso, não ser bem-vista como líder militar”, afirmou Pascale em entrevista ao DN.pt [...].

“Muitos podem **considerá-lo uma reabilitação de Winnie. Acho que não. É o trazer novas perguntas**. Só percebi que era uma desforra também para Winnie até ela ter visto o filme pela primeira vez”, analisa Lamche (DELAS, 02/04/2018).

O cardeal Dom Paulo Evaristo Arns tem posicionamento bastante singular, uma vez que, a partir de um *locus* eclesial, engaja-se fortemente em prol de segmentos marginalizados ou sujeitos alvo de repressão e tortura, pelo qual se destaca, também no âmbito político.

Dom Paulo, com 71 anos de sacerdócio, é uma figura que congrega pessoas muito além de crenças religiosas. Foi um dos principais nomes na luta contra a ditadura (1964-1985) e a favor do voto nas Diretas Já. Por conta disso – e por sua atuação incansável na defesa dos pobres – ficou conhecido como o “cardeal da esperança” (EL PAÍS, 14/12/2016).

De forma geral, pelo que nos trazem, podemos dizer que os perfis constitutivos de obituários de pessoas célebres valorizam a história dos indivíduos, situando o sujeito envelhecido como detentor de vasta experiência de vida por sua trajetória e legado, são

tratados, assim de maneira similar àquele de Miquelina, mencionado no eixo anônimos, por sua trajetória.

Como pessoas de vida pública, no entanto, não são poupados de questões polêmicas e exposições de aspectos da vida pessoal.

Destacam-se ainda, como pessoas de seu tempo, no sentido de que suas histórias marcam tanto a história de sua área de atuação específica, como também de aspectos concernentes à vida política de uma nação, mesmo quando atuantes em outras áreas.

Também se torna visível uma vasta rede de relações pessoais e profissionais, em uma área em que esses âmbitos da vida postam-se, em geral, fortemente imbricados e expostos, como se vê também em outras categorias do recorte.

4.2.2 Aniversários – comemorações e imaginários

Entre os perfis de aniversariantes temos aquele sobre Kirk Douglas, publicado pelo Adoro Cinema em 09/12/2018⁹⁶; o do Papa Francisco publicado pelo G1 em 17/12/2016 e outro da Revista IHU online, do Instituto Humanitas Unisinos, de 19/12/2016. E ainda o perfil de Madonna, traçado pela jornalista Nina Lemos do Blogosfera.uol, veiculado em 16/08/2018. Cada um a seu modo é apresentado na enunciação como figura exemplar em seus atos.

O perfil de Kirk Douglas é construído em formato de foto legenda, como uma homenagem do site que o produz (Adorocinema.com), onde se pode conhecer em extensão sua trajetória, desde a infância até os dias atuais. Inserem-se muitos dos principais momentos de sua vida particular e de sua carreira, com a construção de um *ethos* de um sujeito atuante e solidário a outros de seu meio e sociedade, compondo uma rede de relações pessoais e comunitárias bastante vasta e ativa.

Já no primeiro perfil de Papa Francisco, como naquele sobre Madonna, mais do que a trajetória, o enfoque é conferido ao momento atual, motivado pelas formas de comemoração do aniversário do Papa Francisco e pelo posicionamento de Madonna frente à velhice.

⁹⁶ O perfil de Kirk Douglas, apresentado em forma de fotos legenda, é incluído também no recorte centenários, uma vez que comemora a passagem para essa faixa etária.

Em ambos, uma leitura sobre o próprio envelhecimento se apresenta, num universo de representações em disputa.

Papa Francisco, octagenário, traça expectativas e palavras de ordem para uma velhice feliz, tida também como assustadora.

No caso de Madonna, sexagenária, temos um posicionamento contra a apreensão da velhice rotulada por um discurso disciplinar em que se repõem questões de gênero: a velhice masculina é denunciada pelo tom mais compassivo com que é abarcada quanto à normalização de comportamentos diante ao que seria esperado para tal época de vida.

A enunciação defende assim a subversão de lugares preestabelecidos, associados a determinados estereótipos da velhice como lugar alvo de preconceitos, contenção de impulsos, desejos e modos de se portar.

Um outro olhar sobre a velhice feminina é solicitado, por um discurso em nome da liberdade de se envelhecer de modo próprio, “como se quer”, namorando quem quiser. No entanto, lê-se também aí o valor social da juventude como determinante.

Uma velhice em disputa entre a reivindicação de uma vida mais autêntica, mas também que, ancorada no direito de envelhecer publicamente “sem mudar”, acaba apreendida por um ideário de manutenção de um estilo de vida juvenil perene. Modelo contra a decisão de outras celebridades que preferiram a reclusão ao envelhecimento público.

Madonna faz 60 anos. Isso não é qualquer data. Isso porque Madonna faz 60 anos lutando pelo direito de envelhecer e não mudar. Envelhecer e não se esconder. Envelhecer e ser sexy. Envelhecer e ser o que quiser.

[...] Vítimas de uma cultura que, simbolicamente, quer matar as mulheres que ousam envelhecer, muitas estrelas decidem se trancar, [...] sumir do mapa! Ninguém deve ver você perecer, ninguém merece assistir a esse "terrível espetáculo!"

*

Pois Madonna faz 60 anos gritando para o mundo que: ela não vai se esconder, ela vai aparecer bastante [...]

Sim, porque desde que começou a ser alvo de preconceito pelo simples fato de envelhecer (o etarismo ou ageismo), ela virou militante dessa causa [...] ela disse: "O que estou enfrentando agora é o ageismo.

Com as pessoas tentando me colocar para baixo porque eu namoro homens mais jovens ou continuo fazendo coisas que são consideradas permitidas só para mulheres jovens. Mas quem fez essas regras? [...]

*

Ela tem feito a sua parte para que as coisas mudem.[...]

Em 2016, a cantora foi ao baile do MET com a bunda de fora para chocar [...] como um manifesto pelo direito de se vestir como quisesse apesar da idade. "Eu nunca me comportei, nunca fiz o que queriam, por que iriam esperar que eu fizesse isso agora?", perguntou a atriz. Que também já disse: "O Mick Jagger pode sair com mulheres 40 anos mais nova que todo mundo acha ok. Agora, eu, não, quando faço isso sou chamada de puta" [...]

"Se você é uma mulher, não ouse envelhecer, envelhecer é um pecado" (BLOGOSFERA.UOL, 15/08/2018).

Nas matérias que tratam do aniversário de Papa Francisco, por sua vez, há o enaltecimento de um discurso que atrela ao *ethos* do religioso o ideário da simplicidade, caridade e amparo à população pauperizada, na busca pela demonstração de sua prática.

Entre as ações divulgadas, toma café da manhã com moradores de rua, recebe membros da Igreja e celebra missa, sem grande pompa. No entanto, os feitos são narrados e registrados com fornecimento de conteúdo noticioso textual e imagético, divulgados pela mídia, na apresentação de uma cena englobante em que os fatos não estão livres das condições de produção discursiva com esse fim.

Ou seja, em justaposição ao texto religioso, observam-se também as marcas de um tempo em que a visibilidade midiática impõe-se, diante de uma figura ímpar no cenário mundial.

Essas são percebidas pelos internautas, que se apresentam por vezes de forma favorável ao posicionamento do pontífice, mas também, de forma oposta, entendendo a ação como demagógica.

Nesse sentido, observa-se que os comentários que pouco traziam de novo, quando apresentados em referência às postagens do Portal, quando nas mídias de origem, por vezes, trazem outros elementos para pensar a cena maior envolvendo as publicações midiáticas do ponto de vista de seus receptores, o que se nota também em outras matérias.

Os comentários observados, no entanto, acabam em geral em uma disputa entre internautas, em discursos polarizados, de troca de insultos e, assim, pouco enriquecedores⁹⁷.

Voltando as cenas construídas, em torno do aniversário do Papa Francisco, pode-se dizer que uma das matérias é mais factual e também superficial, baseada em uma

⁹⁷ Sobre esse aspecto somente uma pesquisa mais ampla poderia fornecer uma análise mais aprofundada, o que achamos não ser pertinente nesse momento, em função dos achados a serem analisados nas matérias.

narrativa que se pauta pela apresentação da agenda do pontífice. A outra é mais extensa e traz um perfil mais amplo, reforçando um posicionamento de liderança religiosa, mas também política.

Toca em temas do universo religioso com maior profundidade, como a ideia de missão de vida e outros aspectos que reforçam a noção de uma personalidade que ocupa, como resultado de uma trajetória, um papel de liderança mediadora, de validação das diferenças e exposição e enfrentamento de conflitos sob um viés conciliador.

Hoje, se o **Papa Francisco** se permitir, ele poderá dedicar o marco dos **80 anos** para refletir sobre sua missão de vida e ser grato por seus notáveis frutos.

A missão de vida é a fonte do nosso pecado e da nossa redenção. É nossa inspiração e nossa tentação. É o uso incansável das mãos que nos foram dadas no nascimento, desenvolvidas na infância, e que na idade adulta devem ser utilizadas para servir, para que não nos levem a um beco sem saída.

Para **Jorge Mario Bergoglio**, essa missão de vida foi definida precocemente. E ela pode ser chamada de 'grande política': é o trabalho de construir entendimento e união a partir da diversidade. É a arte de construir instituições e nações.

É uma paixão que ele carrega desde a infância, que também é fruto de sua personalidade[...].

Agora, como papa, ele está colocando essa visão em prática mais do que nunca [...] (REVISTA IHU, 19/12/2016).

Ao perfil mencionado associam-se também as figuras de Davi, Martin Luther King, Inácio de Loyola e Fidel Castro. O reforço ao seu papel político se desenvolve por todo o texto, intercalado ao discurso religioso.

Fascinado por política, enquanto adolescente costumava participar de debates em associações de partidos políticos. Se não tivesse se lançado em sua vocação através de uma profunda experiência da misericórdia de Deus quando tinha quase 17 anos, ele provavelmente teria se tornado político (REVISTA IHU, 19/12/2016).

O perfil é extenso e marca momentos diversos da vida de Papa Francisco, na valorização de um trajeto, que enfatiza sua história, em diversos momentos. Tudo se apresenta como componente que contribui para a formação do líder que se tornou.

Quanto à representação social da velhice que se mostram nessas matérias com os aniversariantes, em torno do *ethos* que nos apresentam, a enunciação, de forma geral, reforça o perfil de uma velhice extremamente ativa, posicionada e ciente de si, de seus

atos e inserida de forma explícita no mundo. Desempenham na velhice o espaço conquistado ou que lhes é imputado como figura pública.

Por outro lado, outras questões se colocam, mencionadas de forma explícita ou em brechas da enunciação.

No caso de Papa Francisco, temos na voz do próprio Pontífice um olhar sobre o envelhecimento e sobre o que espera para a sua velhice. Para além da construção de um *ethos* narrativo que nos traz uma velhice ocupada por um sujeito extremamente atuante e que se posiciona diante de questões relevantes, em tom conciliador, observa-se outra representação.

Essa aparece construída de forma contraditória, de um lado é mencionada como algo ruim, como um mal que assusta e, por outro lado, como um período de plenitude, criação e de tranquilidade.

"A velhice é uma palavra que parece ruim, que dá medo. Mas a velhice tem sede de sabedoria", disse o papa ao final da missa diante de dezenas de prelados em uma capela dos palácios pontificais.

"A velhice é tranquila e religiosa, mas também fecunda. Rezem para que a minha seja assim, tranquila e religiosa, fecunda e também feliz", pediu aos cardeais⁹⁸ (G1, 17/12/2016).

Quanto ao que se observa no perfil de Kirk Douglas, outro ponto se destaca. Na menção à sua face como filantropo, as brechas de velhices dependentes, pouco visíveis de forma explícita ou trabalhada em nossas matérias. Faces de figuras públicas que são obscurecidas, quando deixam de figurar no estrelato:

Uma vida em prol do outro

Em seu aniversário de 99 anos, por exemplo, o grande presente foi ele mesmo quem deu: US\$15 milhões ao Fundo Cinematográfico e Televisivo. Em reconhecimento, a instituição anunciou que a instalação de US\$35 milhões para tratamento de 80 artistas que sofrem de Alzheimer seria batizada como Kirk Douglas Care Pavilion (ADOROCINEMA, 09/12/2016).

⁹⁸ Vale mencionar que na matéria sobre a mesma data festiva, o jornal El País traz a mesma fala, mas com outros elementos. Durante uma missa na Capela Paulina do Palácio Apostólico, o **papa Francisco** admitiu: "Há alguns dias tem vindo à minha mente uma palavra que parece ruim e que assusta: a velhice. Ocorre-me aquele verso [de Ovídio]: 'a passos silenciosos, a velhice avança na sua direção'. É um golpe! Mas é preciso vê-la como mais uma etapa da vida, com alegria, esperança. A velhice é sede de sabedoria. Esperemos que para mim também seja assim" [...] pois "um pouco de senso de humor ajuda a seguir em frente", acrescentou. A reportagem é de **Pablo Ordaz**, publicada por **El País**, 17/12/2016.

4.1.3 Envelhecimento, novos projetos e posicionamentos

Entre as celebridades e figuras públicas encontramos também um eixo de matérias em que o perfil é tem forte acento sobre seu cotidiano e posicionamentos em torno do envelhecimento, a partir do desenvolvimento de algum projeto em que esteja envolvido ou área de atuação.

São essas as entrevistas com a cantora Rita Lee, publicada pela revista Quem (13/12/2016) e outra com o empresário Abílio Diniz (FOLHA DE S.PAULO, 12/05/2018). A primeira em função do lançamento de livro autobiográfico da cantora e a segunda por ocasião do lançamento de uma plataforma online voltada para a longevidade.

Temos ainda matéria sobre Jean-Claude Bernardet, motivada pelo lançamento de filme de cunho autobiográfico em que atua. Complementando o conjunto, encontramos os perfis de Iris Apfel (97)⁹⁹, publicado pela revista ELLE¹⁰⁰ da editora Abril, em 02/12/2016, e aquele de Fernanda Montenegro (89), em entrevista da atriz, para o jornal El País, de 13/08/2018.

Posicionamentos de mundo e crítica social também são visíveis, formando um conjunto de perfis de sujeitos que se colocam em relação à sua vida, mas também ao mundo em que habitam. De onde diferencia-se nessa cena, aquele de Abílio Diniz, como abordaremos adiante.

Os títulos e linhas finas demonstram a tônica enunciativa de narrativas que mesclam os pontos principais de abordagem dos textos:

⁹⁹ No caso de Iris, a questão factual que motiva seu perfil não aparece explicitada no texto, mas hiperlink no corpo da matéria permita entrever a inserção da personagem em novo projeto junto a uma grande loja de departamentos norte-americana: “Leia mais: Desejo instantâneo: Iris Apfel faz coleção em parceria com a Macy’s” (ELLE, 02/12/2016).

¹⁰⁰ A revista foi fechada, no Brasil, em agosto de 2018. A editora Abril, que a publicava foi vendida em dezembro de 2018 para empresário que atua no ramo de aquisições de empresas com problemas financeiros. Fontes Estadão online, de 06/08/2018 e Isto é Dinheiro, no. 1101 de 20.12.2018. Disponíveis em: <<https://emails.estadao.com.br/noticias/moda-e-beleza,revista-elle-encerra-atividades-no-brasil,70002434042>> e <<https://www.istoedinheiro.com.br/edicao/1101/>>. Último acesso em 29/12/2018.

Rita Lee: “Envelhecer É Uma Loucura, Não É Para Maricas”

Lançando sua aguardada autobiografia, Rita Lee, nossa roqueira maior, posa com exclusividade para QUEM, afirma que o essencial da vida é amar os bichinhos e colher a própria comida (QUEM, 13/11/2016)

*

Comer pouco e fortalecer pernas é essencial para envelhecer bem, diz Abilio Diniz

Aos 81, empresário lança site de longevidade para unir experiências pessoais e ciência sobre o tema (FOLHA DE S.PAULO, 12/05/18).

*

Jean Claude Bernardet se desconstrói diante das câmeras

No filme “A Destruição de Bernardet”, o crítico e professor da USP reflete sobre suas perspectivas de vida (JORNAL DA USP, 12/09/2018)

*

Atriz brasileira, que está prestes a completar 89 anos, lança livro fotobiográfico sobre seus mais de 70 anos de carreira. Ao EL PAÍS, diz que o Brasil está "nas catacumbas", mas "não vai se entregar" (EL PAÍS, 13/08/2018).

*

“Se vestir ‘de acordo com a sua idade’ é estúpido”, diz Iris Apfel

Ícone da moda, a empresária falou sobre a mania do ‘se vestir de acordo com a idade’ e o ‘senso comum’ no guarda-roupa de mulheres mais velhas (ELLE, 02/12/2016).

Na maior parte dos casos os projetos relacionam-se à temática do envelhecimento, seja diretamente tocando no assunto, seja em termos de apresentação de uma trajetória de vida até a fase da velhice:

Rita compõe, grava quando quer no estúdio que tem em casa, e, nos últimos tempos, dedicou-se a escrever sua autobiografia, [...] Sabe quando dizem que antes da morte passa aquele filminho da nossa vida toda? Foi assim que aconteceu, vi o filminho. Mas com a diferença de que estou viva”, descreve, nessa raríssima entrevista cara a cara (QUEM, 13/11/2016).

*

É nesse jogo entre ficção e realidade que Bernardet fala sobre suas perspectivas de vida [...] Fala ainda sobre a questão do envelhecimento e da longevidade (JORNAL DA USP, 07/03/2018).

*

O empresário Abilio Diniz lança na terça-feira (15) uma plataforma digital gratuita voltada à longevidade com bem-estar. [...] A ideia é agrupar no espaço pesquisas e projetos amparados em evidência científica, além das experiências pessoais de indivíduos e de organizações que estão fazendo a diferença nas questões do envelhecimento (FOLHA DE S.PAULO, 12/05/18).

Por outro lado, ainda que situadas sobre eixos similares, vemos nessas matérias três posicionamentos bastante distintos em relação à velhice e ao envelhecimento.

No caso de Rita Lee, observa-se o acento a alguém que vive muito bem o momento em que se encontra. Mesmo mencionando dificuldades que a velhice nos coloca, se apresenta como uma pessoa de bem consigo, com o seu tempo, com sua imagem atual e com o universo que construiu para si e do qual disfruta.

[...] “Estou gostando muito desta Rita de hoje. Ela é a mais familiar para mim. Sinto que sempre fui essa daqui e representei as outras. Gostei de várias delas, não gostei de outras. E, se eu quiser, às vezes puxo arquivos das outras: posso voltar à criança, à grávida... Mas sinto que essa sou eu, com meu cabelo branco, minhas rugas, de bem com tudo o que vivi e continuo vivendo”

[...]Dizer que a idade está na cabeça é debochar da minha coluna vertebral. Nada contra quem apela a botoxes e plásticas, mas eu “garrei” carinho nas minhas rugas, pelancas e cabelos brancos, essa é a minha old new face (QUEM, 13/11/2016).

No caso de Jean Claude Bernardet, a visão da velhice é mais ácida. Tal fase é associada à indústria farmacêutica e da gestão dos corpos pela medicina inserida nesse contexto. Como saída, defende a ideia do suicídio assistido, entendido como resistência a esse cenário e como ato espetacular.

Mas, por outro lado, apresenta a fase da velhice como uma fase de reinvenção, em que o contato entre gerações, com novos profissionais se faz diferencial.

(Bernardet) critica duramente a indústria farmacêutica e os grandes laboratórios, afirmando que a forma mais radical de resistência a essa “máquina da medicina”, como ele chama, seria o suicídio assistido – na opinião de Kiko Goifman, um suicídio performático. É quase uma despedida.

Porém, ao mesmo tempo em que parece se despedir, Bernardet sente a vontade de recomeçar, [...] trata da vida, de se reinventar como ator. Trabalhar com os novos diretores, para ele, significa uma longevidade criativa e renova a sua vida (JORNAL DA USP, 12/09/2018).

Na entrevista com Abílio Diniz, por sua vez, o foco recai na tomada da velhice como condição resultante de atitudes particulares, no cuidado de si, o que justifica o lançamento de uma plataforma como auxílio na gestão da vida de acordo com os princípios que promove.

Um discurso em tom disciplinar, em que boas condições de vida na velhice são apresentadas como escolha dos sujeitos e onde as condições sociais e políticas são

subestimadas em prol da validação rasteira do foco enunciativo individualizante, validado pelo discurso autorizado do saber científico e visão elitista.

"Envelhecer é uma certeza, envelhecer com qualidade é uma escolha. E, para isso, você tem que começar a se preparar antes", diz Diniz, 81

*

O empresário Abilio Diniz lança na terça-feira (15) uma plataforma digital gratuita voltada à longevidade com bem-estar. [...] A ideia é agrupar no espaço pesquisas e projetos amparados em evidência científica, além das experiências pessoais de indivíduos e de organizações que estão fazendo a diferença nas questões do envelhecimento.

*

É verdade que, com as pessoas mais humildes, é mais complicado. Elas não têm condições de ficar comendo cinco vezes por dia. Quando vão comer, estão morrendo de fome e comem o que tem. E comem muito porque acham que têm que estocar. Precisamos falar: comam alguma coisa nos intervalos, uma banana, por exemplo, que é fácil e barata.

*

A questão, no fundo, é você se gostar. É olhar no espelho e dizer: eu gosto desse cara, vou fazer o melhor por ele.

No caso dos perfis de Íris Apfel e Fernanda Montenegro, embora sejam bastante distintos, tanto em abordagem, quanto em profundidade e figuração relativa à aparência e ao comportamento, ambas se posicionam de forma crítica em relação ao mercado ou indústria que envolve seu meio de atuação.

No caso de Íris Apfel a crítica passa pela falta de atuação dos estilistas voltada para um público de mais idade. Ressalta o apelo paradoxal assentado no valor estético da juventude ao mesmo tempo em que no ditame de um enquadramento a se vestir conforme uma determinada visão de padrão etário.

Ela comentou em entrevista ao *Fashionista* que não é nem um pouco a favor da ideia de cada mulher se vestir 'de acordo com a idade'. "Isso é algo que a moda tem o costume de defender, ao mesmo tempo que diz toda mulher deve parecer para sempre ter 20 anos", critica.

Eu acho isso estúpido. Eu acho que os estilistas são muito focados na juventude"

Iris, pessoalmente, gostaria de ver os designers fazerem suas criações com essas mulheres [de 60, 70 anos] em mente, que ela acredita que são negligenciadas pela moda. Mas, ainda assim, defende que cada pessoa deve usar aquilo que gosta, independentemente da idade. (ELLE, 02/12/2016).

Os comentários tratam de tema recorrente em outros textos, extra *corpus*, que reclamam a ausência de um olhar de mercado mais focado para públicos de idade avançada. Um direcionamento efetivamente interessado em suas demandas.

No caso de Fernanda Montenegro, a crítica é mais ampla, toca o segmento de atuação – a área das produções artísticas - mas também traz um olhar abrangente da cultura como aspecto inerente à dinâmica social e política de nossa sociedade.

A matéria em formato de entrevista reforça aspecto já apresentado em outros perfis de pessoas públicas, que permite a visualização de uma longa trajetória de vida, de intensa dedicação para conquista de um espaço profissional entendido também como exercício de uma vocação que se conheceu desde cedo.

Num percurso individual entrecruzado com acontecimentos políticos de seu tempo, a posição da personagem se destaca como lugar de fala criticamente consistente, ao mesmo tempo que sóbrio.

No momento atual, em que entre outros aspectos soma-se ao discurso político forte apelo às crenças de um discurso religioso específico e questões dogmáticas e de ideologia mascaradas como a verdade, sua fala remete à maestria de uma velhice situada muito além do espetáculo, mas ciente do lugar de exposição social que ocupa.

Uma entrevista que soa para nós emblemática de uma representação da velhice marcada pela sabedoria conquistada pelas experiências de vida, gratidão, aceitação e firmeza, onde as finitudes também têm lugar no debate das coisas importantes a se dizer e sobre as quais pensar.

Dela extraímos um pequeno trecho final, em que fala sobre o trabalho de artistas de sua geração, e sobre o envelhecimento

R. Eu não sei como ainda trabalho. A minha geração que ainda está viva trabalha muito. Laura Cardoso, Eva Vilma, Lima Duarte, Francisco Cuoco... Nathalia Timberg trabalha sem parar em teatro. Estão todos de 81 para 93 anos. Porque o teatro te dá vida. O corpo pode estar ruim, mas na hora que você entra em cena... Saiu de cena, vem todas as dores das juntas. Mas em cena, não tem nada.

P. No seu caso, o que veio com a idade? Em que momento percebeu que estava envelhecendo?

R. As minhas juntas já foram melhores. Os olhos também já enxergaram melhor. Os sapatos já puderam ter salto oito ou nove, mas já não me arrisco mais. A coluna ainda está no lugar, só Deus sabe porquê. Eu fui

sem perceber até a morte do Fernando, que faz 10 anos agora em setembro. A partir daí vi que a finitude estava chegando, entendeu? O humor mudou. A paciência aumentou. A resignação também aumentou, mas não muita. Principalmente em relação a existência mesma, mas não tanta em relação ao mundo principalmente da política. Infelizmente não existe a imortalidade. Quando eu vejo Bibi Ferreira parando, com 97 anos, é a minha era que está indo embora [...] Aos poucos, meus amigos inseparáveis foram embora. Foi o início do fim. Mas isso não tem morbidez, não tem angústias... Bate uma certa tristeza às vezes, mas a atividade te leva a ter uma terapia ocupacional boa. É vida pura, porque você está sempre lidando com seres humanos.

O fechamento de sua fala nos remete a outro tópico em torno dos perfis encontrados, aqueles motivados pelo o comunicado de afastamento da cena pública ou de determinado posto de trabalho de duas grandes personalidades de nossa época: Pepe Mujica e Bibi Ferreira, mencionada acima, como referência para Fernanda Montenegro.

4.1.4 O momento de retirada como uma das faces da vida

Assim, finalizando o recorte dos perfis em torno de figuras públicas, temos ainda aqueles que tratam de afastamento do mundo do trabalho. São esses: Pepe Mujica, que renuncia ao cargo de senador do Uruguai e Bibi Ferreira, que divulga nota de afastamento dos palcos e da vida pública. Um em vídeo, publicada pelo site de notícias, Playground, de origem espanhola, em 16/08/2018 e o outro do portal de notícias Metrópoles.com¹⁰¹, do Distrito Federal, publicado em 14/09/2018.

Nos dois casos temos um discurso de afastamento motivado pela idade avançada e cansaço pelos anos acumulados que acomete as duas figuras ícones em sua área de atuação.

Ele como político que se destaca por ideias de vanguarda, com atuação militante desde a juventude e conhecido pela defesa de temas polêmicos como a liberação do uso da maconha, do aborto e do casamento entre pessoal do mesmo sexo, quando presidente daquele país. Ela como artista que, seguindo a trajetória familiar, se coloca diante de um momento crucial de vida que pede seu afastamento, ainda que houvesse afirmado, em tempo recente a vontade de continuar atuando até o fim da vida.

¹⁰¹ O portal de notícias faz parte do Grupo Metrôpoles, composto ainda pela Editora e pela Rádio Metrôpoles. É de propriedade do empresário e ex-senador Luiz Estevão, cassado e preso por fraudes e desvios nas obras do Fórum Trabalhista de São Paulo (ESTADÃO, 17/04/2018).

Em ambos os casos, o afastamento não aparece como aspecto negativado, mas sustenta-se em uma ideia de autocuidado, na aceitação de nova condição que pede outro olhar para si, onde se explicita ainda um discurso de gratidão pelo percurso vivido.

No caso de Mujica, a matéria em formato de vídeo-legenda se posta como uma homenagem ao político, reunindo imagens de outras organizações de produção de conteúdo noticiosos ou de mídia¹⁰².

Naquela motivada pelo anúncio de afastamento de Bibi Ferreira, embora a velhice apareça no título como uma vilã que rouba da atriz seu desejo de morrer nos palcos, em seu conjunto a matéria evoca a importância do momento e a grandeza da artista¹⁰³.

Temos aí a apresentação de um discurso de aceitação e resiliência diante das faces que o viver nos apresenta, evocando ainda a gratidão, situando-se assim entre as coisas da ordem do belo e do profundo que habita em nós.

Momento de encontro com o real da velhice, mas sem o terror do abismo tamponado pela fuga.

4.3 Para além do anonimato e da visibilidade pública: velhices LGBTI e centenárias

Considerando os recortes anteriormente abordados, dois outros se fazem evidenciar, como detedores de cenas próprias, transversais àquelas das velhices anônimas ou célebres. São esses os do universo LGBTI (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e pessoas intersex) e o de pessoas centenárias. Ambos permitem uma abordagem específica, como se verá a seguir.

¹⁰² As imagens são da agência de notícias Reuters, da Alemanha; da produtora de vídeo sob demanda, Ruptly, do mesmo país, do Wikimedia Commons, comunidade que recebe e distribui imagens livres, integrante do Movimento Wikimedia, de compartilhamento de conteúdos online e contribuição coletiva. Marca da Wikimedia Foundation, organização sem fins lucrativos, registrada nos EUA.

¹⁰³ Vale destacar aqui, a diferença no título utilizado pelo veículo de imprensa e aquele da nota emitida pela

4.3.1 Velhices LGBTI

Abordamos inicialmente as matérias vinculadas à temática LGBTI, que engloba questões tabus, cujos preconceitos e reforço de estereótipos negativados se intensificam com a velhice.

Temos aí reunidos perfis cuja cena enunciativa se caracteriza pelo acento à questão de gênero na narrativa e, por isso, levam a uma leitura específica de seu conjunto.

Embora em pequena quantidade de matérias (duas isoladas e uma séria com outras três), formam conjunto próprio significativo, pela cena genérica que desenham, como também, pelo fato de que alguns dos sujeitos em perfil, se são desconhecidos por um universo mais amplo, aparecem como figuras de destaque e referência para o grupo de pertencimento ou representantes da categoria social e defensores da causa LGBTI.

Do material pesquisado, observam-se duas cenas que, inicialmente, aparentam diferenciação entre si: uma em torno de uma velhice ativista e promotora de ações e projetos em torno da causa e outra mais voltada para um olhar sobre o universo LGBTI e sua expressão na vida cotidiana de sujeitos na faixa etária dos idosos.

4.3.1.1 Velhices ativistas

Num primeiro momento reunimos duas matérias: uma delas sobre a figura de Samantha Flores, ativista transexual da Cidade do México, de 84 anos, publicada em 24 de junho de 2017 pelo El País, mas compartilhada pelo Portal do Envelhecimento em 19 de maio de 2018.

O título chama a atenção para a necessidade de ocultação da identidade de gênero na velhice, quando essa não se encaixa no padrão heterossexual dominante. No entanto, a cenografia em torno do perfil de Samantha Flores é motivada por sua iniciativa de criação de um centro dia de convivência para idosos gays.

“Na terceira idade, o gay volta para o armário para sobreviver”

A ativista transexual Samantha Flores abrirá na Cidade do México um centro de convivência para idosos gays com o objetivo de combater a solidão que os atinge (EL PAÍS, 24/06/2017).

A segunda matéria traz o perfil de João Nery, apresentado como primeiro transhomem operado no país. Foi publicada pela Agência Brasil, em 15 de setembro de 2018 e compartilhada pelo Portal no dia 18 do mesmo mês e ano.

Nesse caso, se o título enfoca o lançamento de livro com acento à posição ocupada como transgênero, é na linha fina que encontramos a tônica principal da matéria em torno do anúncio de doença em fase terminal de sujeito que se destaca na mobilização por uma causa.

Primeiro transhomem a ser operado no Brasil, João Nery prepara livro

Pelo Facebook, ativista anunciou câncer no cérebro na última semana (AGÊNCIA BRASIL, 15/09/2018).

Em ambas as narrativas, as personagens principais apresentam uma difícil trajetória diante da aceitação familiar e social quanto à identidade de gênero que assumem. Na enunciação, o percurso de afirmação dessa identidade faz com que se tornem sujeitos que se destacam em torno de ações de exposição, visibilidade pela causa e acolhimento de outros sujeitos que passam por questões semelhantes.

No caso de João Nery, a posição assumida por ele é apresentada na enunciação como aspecto que o coloca na condição de se sentir responsável por aqueles que o tomam como referência, a ponto de ir às redes sociais para anunciar publicamente sua situação de saúde crítica.

A preocupação com a saúde aumentou na semana passada. Aos 68 anos, o primeiro homem transexual a passar por cirurgia de redesignação no Brasil, João W. Nery¹⁰⁴, recebeu o diagnóstico de que o câncer no pulmão, em tratamento há um ano, chegou ao cérebro. O ativista e escritor foi às redes sociais e dividiu a notícia com seus seguidores, provocando uma onda de solidariedade. Na próxima segunda-feira (17), ele fará a primeira sessão de radioterapia no cérebro, complementando as que já faz nas glândulas suprarrenais, onde também tem nódulos.

*

[...] A mensagem publicada no Facebook, segundo ele, foi "para deixar os meninos de sobreaviso" e para que vençam a timidez e não parem de lutar por seus direitos.

Nery organizou grupos de apoio para homens trans em todos os estados brasileiros, disponibilizou sua página no Facebook para que candidatos transexuais de todo o país divulgassem suas plataformas e participou de iniciativas para aumentar a empregabilidade da população trans, como o site Transempregos (AGÊNCIA BRASIL, 15/09/2018).

Ambos são homenageados e laureados pelo seu trabalho, apresentando-se, cada um a seu modo, como pessoas de destaque em seu meio. Carregam um trajeto em que viver se torna uma batalha constante na afirmação de uma condição de existência e busca de um tratamento mais digno para si e para pessoas que passam por situação semelhante, com engajamento de outros em torno da causa pela qual advogam, como outros trechos selecionados complementam:

Samantha Flores tem 84 anos, é transexual e quando olha para uma câmara se transforma em uma diva. Comporta-se com desenvoltura, consciente de ter muitos admiradores do outro lado das lentes. Ela conquistou esse estatuto à base de muita luta, mantendo uma queda de braço com uma realidade cruel. Uma combatente pelos direitos dos pacientes com HIV, que volta a ter reconhecimento [...] (EL PAÍS, 24/06/2017). (VER OUTRA?)

*

80 anos de força –esse é o título dado pela revista Out ao perfil que publicou sobre Samantha, que aproveitou para angariar 400.000 pesos (cerca de 76 mil reais) por meio de um *crowdfunding*. Com esse dinheiro, ela abrirá um centro de convivência LGBT, que, com o tempo, pretende transformar em albergue. (EL PAÍS, 24/06/2017).

*

Queremos satisfazer a mais básica das necessidades: acabar com a solidão e podermos nos reunir como uma grande família”, diz Samantha, que foi homenageada em Madri durante os eventos do Orgulho Gay. (EL PAÍS, 24/06/2017).

*

João Nery é autor de *Erro de Pessoa, Viagem Solitária* e participa da coletânea *Vidas Trans*. Nos últimos seis meses, ele trabalhou em seu próximo livro, *Velhice Transviada*. Segundo ele, a obra está praticamente concluída e já tem editora para publicação. O livro traz uma biografia atualizada do ativista, suas reflexões sobre a transexualidade na velhice e colaborações de outros LGBTs idosos. (AGÊNCIA BRASIL, 15/09/2018).

Impossibilitado de viajar, Nery gravou um vídeo para participar do I Congresso Internacional Multidisciplinar em Sexualidades, que acontece nesta semana na Universidade de Campinas.

Sempre presente em eventos acadêmicos e do movimento LGBT, ele será homenageado com a concessão do título de *doutor honoris causa* pela Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT), que aprovou a honraria por unanimidade em 22 de agosto (AGÊNCIA BRASIL, 15/09/2018).

*

O ativista defende que os homens trans precisam ocupar espaços políticos e conquistar protagonismo de suas lutas. Na mensagem publicada na semana passada no Facebook, ele pede coragem. "Não se acovardem. Ser o que somos não tem preço. Viver uma mentira nos enlouquece"(AGÊNCIA BRASIL, 15/09/2018).

Vemos também que as redes digitais aparecem assim como espaço para fortalecimento da causa, seja conferindo visibilidade, seja engajando pessoas em prol da mesma, ou de um posicionamento pessoal como meio de expressão e auxílio mútuo.

Para outro lado, para além das especificidades em torno do lugar ativista das personagens apresentadas, encontramos ainda outros aspectos que se observam de forma recorrente também nas outras matérias que tratam de universo LGBTI e da velhice aí manifesta.

Assim, passamos a tratar também de outra cena encontrada, aquela dos sujeitos tomados como personagens exemplo do cotidiano de uma velhice circunscrita e marcada pelas identidades de gênero que carregam, diferenciadas de um modelo heterossexual dominante.

Antes disso, porém gostaríamos de observar que o perfil de ativistas que abarcam a causa LGBTI e a expõe de maneiras diversas na arena midiática, mas também fora dela, nos remete à importância da visibilidade que a causa conquista para si - e que, emergindo nessas matérias de perfil em sua especificidade de gênero - chama a atenção também para a existência de velhices outras de forma mais ampla.

Velhices pouco mencionadas e colocadas em questão, de forma geral: o cotidiano das velhices nas periferias, a velhice nos sertões, a velhice entre pessoas com deficiência física, a velhice e a questão das etnias, a velhice entre imigrantes e refugiados, e outros grupos marginalizados ou minorados em termos de suas singularidades e necessidades no panorama maior de sua presença em sociedade.

Exemplos de velhices que pouco são dadas a ver, mas que tocam no cerne de questões amplas relacionadas às condições de existência da pessoa humana no mundo e aos discursos dominantes que estruturam as sociedades contemporâneas de nossos dias e se materializam em suas desigualdades.

A observação é ponto levantado também em uma das matérias analisadas a seguir, quando traz a fala de pesquisador que comenta uma delas:

Carlos Eduardo Henning, antropólogo, professor da Universidade Federal de Goiás (UFG) e pesquisador na área da gerontologia LGBT, cita, além da homossexualidade e da velhice como geradores de preconceito, a raça e a classe social. A experiência varia em graus de dificuldade para gays e lésbicas idosos de classes altas ou baixas e para os negros, por exemplo (GAÚCHAZH, 07/09/2018).

4.3.1.2 A velhice LGBTI em momentos cotidianos

Incluem-se ao nosso estudo, então, matérias reunidas em uma série veiculada em 07/09/2018 pelo site Gaúchazh, da RBS do Rio Grande do Sul¹⁰⁵ e compartilhada pelo Portal do Envelhecimento na semana seguinte.

Essas traçam o perfil de dois casais homoafetivos, um masculino e outro feminino, além de matéria sobre Carlos Alberto Porciúncula, solteiro, de 72 anos que, segundo o texto, não se vê enquadrado em classificações de gênero.

De maneira geral, mais do que a abordagem da temática do envelhecimento em si, as matérias giram em torno da questão de gênero, o encontro entre os casais, trajetórias de vida, questões de preconceito vividas na infância ou adolescência e idade madura, aceitação ou não por familiares da realidade particular de cada um.

Destaca-se assim a apresentação de uma cena em que a exploração das questões de gênero se mostra como tônica, em uma sociedade pouco inclusiva ou que pouco se detém para elas de forma igualitária, situação que se agrava na velhice.

Por outro lado, paradoxalmente, de maneira transversal, a enunciação, ao tratar de aspectos cotidianos das relações humanas, trata de assuntos que extrapolam o enfoque específico da temática LGBT, ou seja, colocam-se em cena temas como o companheirismo e o cuidado entre casais, o enfrentamento da menopausa, a solidão entre idosos, as relações entre filhos idosos e seus pais, entre outros aspectos que fazem laço com outros grupos, de forma geral.

De qualquer forma, destaca-se a relevância das questões sociais que estão em jogo diante das temáticas que se colocam.

¹⁰⁵ O site Gaúchazh, é uma marca do grupo RBS do Rio Grande do Sul, afiliado da Rede Globo. Reúne em sua produção a equipe do Jornal Zero Hora e Rádio Gaúcha, do mesmo grupo. Este se apresenta como “um dos maiores grupos empresariais multimídia do país” cujas mídias tradicionais (emissoras de televisão, de rádio e jornais) estão presentes em todas as plataformas e são líderes de mercado no Rio Grande do Sul.

Do site do grupo. Disponível em <<http://www.gruporbs.com.br/areas-de-atuacao/>>. Último acesso em 15/12/2018.

Como aspecto recorrente, em diversas matérias e falas, vemos ressaltada a questão de um grupo apresentado como aquele formado por pessoas que, na juventude, quebram com padrões para se afirmarem como sujeitos cuja identidade de gênero difere de um padrão dominante, socialmente aceito.

Como consequência de seu posicionamento, sofrem a falta de aceitação no âmbito das relações de grupos primários, como em termos de outras relações para fora desse círculo. A enunciação traça assim uma trajetória de vida de rupturas e reconstrução, na busca de uma existência mais plena.

No entanto, diante de uma velhice por vezes precocemente percebida, os textos reforçam o retrocesso das conquistas de vida em torno desse aspecto identitário para os sujeitos, como observamos a seguir:

Nery conta que recebe relatos de idosos trans que tentam reverter a transição e fingir ser do sexo oposto para serem aceitos nos asilos. "É uma morte social" (AGÊNCIA BRASIL, 15/09/2018).

*

É a sua luta pelos direitos de uma comunidade que o imaginário coletivo associa à juventude e festas, mas que, quando chega a terceira idade, "volta para o armário para poder continuar vivendo em sociedade". "Não somos casados nem temos filhos ou família". Estamos sozinhos. Precisamos formar um grupo de pessoas da terceira idade para dar conta das nossas necessidades de afeto", explica Samantha. EL PAÍS, 24/06/2017).

A questão é afirmada também na fala de especialista que confere autoridade à matéria:

O sociólogo **Murilo Peixoto da Mota**, do Núcleo de Estudos em Políticas Públicas de Direitos Humanos na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), descreve um movimento comum de recuo, protetivo, na idade avançada.

— O homem que, ao longo da vida, lutou para se autoafirmar como homossexual, quando consegue tornar isso público, depara com o seu envelhecimento. Então, muitos voltam para o armário depois de terem lutado para sair do armário — explica o autor de *Ao Sair do Armário, Entrei na Velhice...* (GAÚCHAZH, 07/09/2018, a).

A velhice de forma geral, segue apresentada por um padrão negativado, como momento de dificuldades marcado pela invisibilidade e preconceito, aspectos que se acentuam para sujeitos que se afirmam como LGBTIs.

"Os heterossexuais da terceira idade estão esquecidos, abandonados, postos de lado, segregados. Mas os idosos LGBT são simplesmente invisíveis. Ninguém sabe que nós existimos. (EL PAÍS, 24/06/2017)

Por outro lado, algumas matérias acentuam a reprodução do preconceito e estigma em relação à velhice no interior do próprio grupo LGBTI, como se houve genericamente na voz do veículo que apresenta o perfil do casal Mary Saupe Malavolta e Ana Naiara Malavolta Saupe e se demonstra em outros momentos da série.

Duplo estigma

Envelhecer, para a população homossexual, pode ser mais pesado devido a um duplo estigma: além dos muitos enfrentamentos que homens e mulheres têm no espaço social, eles ainda sofrem com a rejeição dentro do grupo. Ou seja, gays e lésbicas idosos, frequentemente, são desprezados ou ignorados por seus pares mais jovens (GAÚCHAZH, 07/09/2018, a).

*

Quanto a sua própria velhice, pretende ainda viver muito, até os cem, sempre aprendendo. Não lastima o declínio físico, que tirou o viço das pernas tão elogiadas quando era moço, porque acredita que ainda tem atrativos. Há dias em que se acha melhor, noutros, pior, a depender do que veste. Recentemente, submeteu-se a uma bateria de 24 exames que comprovaram sua boa saúde.

— Que eu fique como estou, legal de cabeça, que tenha uma mente tranquila. Essa história de velhice é bobagem. Por dentro, me sinto com 20, 30 anos. Estou mais experiente, só isso. Certas coisas que eu fazia não quero fazer mais porque acho que não é bom para mim. Mas dizer que estou um trapo e atirado... Você acha que estou? (GAÚCHAZH, 07/09/2018, c)

*

Carlinhos aprecia morenos com traços marcadamente másculos. Sempre preferiu parceiros mais novos, gosto que mantém até hoje. Anda com rapazes na faixa dos 20 e 30 anos que, muitas vezes, são casados com mulheres e têm filhos.

— Velho não quero. De velho basta eu! É difícil um de 60 me agradar — detalha, logo fazendo uma concessão: — Depende se o homem está inteiro, bem conservado, malhado... Se está um trapo, quem vai querer (*risos*)?

Ele confessa que gostaria de um amor mais duradouro, uma companhia que o levasse para passear. Paixão de dar frio na barriga, não quer mais, pois acredita que velho apaixonado é "fumeta", "fogo", "desespero", "perder a cabeça". Mas não se queixa de solidão. Sente-se bem, cercado de amigos e familiares e dos cachorros que fazem folia no pátio. Lamenta apenas a agenda vazia, gostaria de ser mais solicitado para shows (GAÚCHAZH, 07/09/2018, c).

Se tal fala reproduz o preconceito em relação à velhice, por outro lado nos aponta para a importância da manutenção e cultivo das relações sociais primárias, com familiares e amigos.

Assim, temos matérias que apontam para a falta de vínculos sociais e solidão na velhice de maneira geral e de forma acentuada entre LGBTIs, como se apresenta no caso da matéria com Samantha Flores. Questão que é o fator propulsor de seu trabalho atual, na busca por alternativa promova novas relações no local em que atua. Mas, por outro lado,

as matérias apresentam também outras realidades enunciadas, de velhices LGBTIs mais acolhedoras e acolhidas, diferentemente do que se apresenta na enunciação para fases mais novas dos personagens narrados.

As trajetórias dos sujeitos em narrativa, apresentam-se inicialmente de forma geral, no registro anterior: marcadas por conflitos, preconceito e pela não aceitação, a começar do círculo familiar mais próximo, além de outros espaços sociais que frequentam. Mesmo nas relações mais afetuosas entre os personagens e seus pais, observam-se marcas de preconceito e estigma negativo, como se exemplifica na fala de João Jerônimo de Melo Sodré (GAÚCHAZH, 07/09/2018, b).

— Com meus pais, nunca tive problemas. Isso (*homossexualidade*) não era falado, não conversávamos, mas eles entendiam, viam, recebiam meus amigos homossexuais. Eu nunca disse "sou gay". Nunca conversamos sobre isso, nem mais tarde — lembra o artesão. — Minha mãe, uma vez, disse para uma tia religiosa: "O Kalu mora com o João. Eles resolveram cuidar um do outro, não quiseram casar, nenhum quis ter mulher". Ela apresentava o João para as pessoas da igreja como meu "amigo íntimo". E eu deixava, respeitava. *Acho louco você viver ao lado dos seus pais e não compartilhar com eles coisas gostosíssimas, como você se apaixonar por uma pessoa. Minha mãe era bipolar, extremamente amável como mãe, fantástica. Muitas vezes tive vontade de falar. Ela percebia. Quando ela conheceu o Kalu, teve vontade de dizer: "Eu vou viver minha vida inteira com ele". Pensei: "Vou dizer isso e ela pode ter um chique". Mas, por amá-la, não quis dar esse desgosto, e, para meu pai, muito menos.*

Na fase adulta, no entanto, apresenta-se em algumas das matérias um deslocamento, com o desenho de uma cena que narra a construção de relações harmoniosas e em que as relações de gênero são tratadas com maior naturalidade.

As relações familiares apresentam traços de estabilidade e maturidade, tanto no companheirismo entre casais, como em outras relações familiares que se apresentam:

O doceiro João, 67 anos, e o artesão Kalu, 66, são companheiros há 40 anos [...]

Vovô Kalu já começou a transmitir a técnica dos origamis para a neta, Maria Eduarda, oito anos, que a cada visita espalha bilhetinhos de agradecimento. A menina tenta entender a configuração familiar diferente. Contou para a professora, certa vez, que tinha quatro avôs – a educadora ficou confusa e pediu esclarecimentos. Em outro dia, a pequena questionou o casal diretamente:

— Vocês são o quê?

João e Kalu têm dois filhos adotivos e já são avôs de uma menina de oito anos. A menina é filha de Alexandre, 33 anos. O casal também é pai de Rafael, 31. Ambos foram adotados no Rio de Janeiro, terra natal de João. Para Kalu, a consciência da homossexualidade se deu cedo, e a vontade de se casar

e se tornar pai também ficou clara logo, causando sofrimento – ele pensava que não poderia formar uma família como aquela em que havia nascido (GAÚCHAZH, 07/09/2018, b).

*

Pai de um homem de 29 anos que é casado e heterossexual, João W. Nery acredita que é preciso criar homens sem medo do feminino. "Meu filho é tudo para mim. Ele é um homem bonito por dentro e por fora. É muito inteligente e carinhoso", disse, lembrando que comemorou recentemente a entrada do filho no mestrado (AGÊNCIA BRASIL, 15/09/2018).

*

[...] A mãe, nonagenária, ainda lúcida apesar das complicações decorrentes de um acidente vascular cerebral, segue tratando-o como uma criança. Recomenda que tome cuidado com os carros ao atravessar a rua e, toda noite, não dorme sem antes telefonar:

– Meu filho querido, a mãe te ama. Você é a minha vida.

Mesmo se tem algum problema, Carlinhos não conta, evitando transferir preocupações para a idosa (GAÚCHAZH, 07/09/2018, c).

*

A residência do bairro São Lucas está à venda. O plano, antigo, é uma mudança para a Bahia – o pai de Mary, de 87 anos, vai junto. É hora de aproveitar a vida, justificam elas. Pretendem também organizar uma espécie de comunidade, cercando-se de pessoas que possam cuidar umas das outras conforme a idade aumenta.

— Morrer é da vida, né? A probabilidade é de que eu vá antes — comenta Mary, explicando que esse tema não é proibido nas conversas.

— Quero mais 33 anos do ladinho dela — deseja Naiara (GAÚCHAZH, 07/09/2018, a).

Nessas últimas falas, vemos ainda o traço de outras relações no universo da velhice, se falamos do universo da velhice LGBTI, aparece o lugar de idosos cuidadores de outros idosos, questão que se apresenta, de forma secundária ou nas brechas de outras matérias que compõem o *corpus*.

Por fim, vale salientar que, se as matérias apresentadas, por um lado, chamam a atenção para aspecto negativado em torno do envelhecimento, com acento ao preconceito e à invisibilidade, que se acentuam quando se consideram as questões de gênero, no caso, ilustradas por sujeitos não enquadrados no padrão heterossexual dominante, por outro, a enunciação demonstra avanços nessas questões nevrálgicas. É o que podemos ver pelo *ethos* conferido à maior parte das personagens em perfil.

Pessoas que, em geral, à custa muita luta interna e com seu entorno conseguem se assumir e existir de forma mais plena. Aí, a fala, extraída de uma das matérias da série, (GAÚZAZH, 07/09/2018) contribui para pensar na relevância do estudo das

representações sociais que circulam nas mídias de nossos tempos, como expressão de diferentes realidades que se configuram em nossos dias.

Henning encontrou as primeiras publicações sobre o envelhecimento LGBT datadas da década de 1960, apresentando um cenário sombrio, sobretudo para os homens, solitários e excluídos dos espaços de socialização, tomados pela mocidade. Era como se os gays idosos não existissem. Decorrido mais de meio século, houve avanços. Hoje, relata o pesquisador, a representatividade é um pouco mais ampla, graças à atuação de militantes e à inserção do tema no enredo de filmes, séries e novelas.

Com isso, passamos ao último recorte de nosso corpus, aquele que trata das velhices centenárias.

4.3.2 Velhices centenárias

As velhices centenárias também se destacam para nós como uma categoria à parte. São divididas em dois grupos distintos em função de um eixo narrativo que as apresenta como o caminho para a vida longa. No primeiro tópico apresentamos aquelas que obedecem a tal percurso e no segundo aquelas que se colocam em outros termos a partir de um tema específico.

4.3.2.1 O segredo para a longevidade

Um dos pontos de destaque nessa cenografia situa-se na recorrência à menção à revelação do segredo da longevidade pelos idosos que compõem o perfil.

Na maioria das vezes, tal argumento como chamado para o coenunciador é bastante explícito. De 07 matérias encontradas cuja cenografia estrutura-se sobre tal eixo da revelação do caminho para uma vida longa, 03 delas utilizam o verbete segredo já no título. As demais, ou fazem menção ao termo no corpo da matéria, ou utilizam outros termos que remetem à mesma ideia, como a utilização de vocábulos como ingredientes ou receita, ou ainda, afirmando que a longevidade se deve a determinado hábito alimentar ou tipo de comportamento.

De qualquer forma, em todas vemos o sentido de algo a ser revelado pelas anciãs¹⁰⁶, que lhes garante a vida tão longa.

¹⁰⁶ Nessa cena, todos os perfis são de mulheres.

As duas primeiras giram em torno de Ema Morano, considerada na época a mulher mais velha do mundo, falecida em abril de 2017. Na primeira delas temos um breve perfil publicado pelo Yahoo!¹⁰⁷, em 04/11/2016. Seu segredo é apresentado logo no título: “ser solteira e comer ovos”. A segunda matéria é um pouco mais aprofundada, ainda que se observem informações recorrentes em relação à primeira, mesmo tratando-se de veículos e datas diferentes. É motivada pelo aniversário de 117 anos de Emma, ocorrido um dia antes da publicação da matéria, pela BBC News Brasil, em 30/11/2016.

A terceira, sobre Ângela Bortolini (101), do Diário de Canoas/ RS, publicada em 09/05/18, é exceção, por não conter no título a menção a algo do teor da revelação, mas cuja cenografia também envolve a questão.

Somam-se a elas as matérias sobre Leah Bandeira Sacchi (106), publicada pelo blog “Viverbem.uol.com.br”, em 08/07/2018, e aquela sobre Maria Marques de Figueiredo, a Dona Lica, publicada pelo G1, em 17/08/2018. Essas, também no título, afirmam que “ter amigos e não guardar rancor” são os segredos para viver por tantos anos, no caso de Leah Sacchi e, no caso de Dona Lica, misturar manga com leite e tomar um “vinhozinho” de vez em quando.

Além dessas, temos ainda duas outras matérias de veículos portugueses: uma publicada pela revista online Delas (s/d), sobre Grace Jones, que anuncia que a senhora chegou à idade de 112 anos tomando um copo de whisky por dia e outra, do Correio da Manhã, de Lisboa, veiculada em 14/09/2018, sobre Brenda Osborne (105), cujo segredo, mencionado no título, revela-se durante a matéria: “Colocar a saúde em primeiro lugar, trabalhar muito e evitar os homens”.

A ressonância quanto à existência de um segredo a ser revelado evidenciada já no título de várias delas¹⁰⁸, como dissemos, se acentua no corpo das matérias, com novas informações que compõem a revelação.

¹⁰⁷ Emma Morano faleceu em 15 de abril de 2017, em Verbania, na Itália. Mais informações em: <<https://www.terra.com.br/noticias/mundo/europa/pessoa-mais-velha-do-mundo-italiana-emma-morano-morre-aos-117-anos,4bc529440ae25b920add77bea83238e3sbt61bp3.html>>. Último acesso em 03/01/2019.

¹⁰⁸ Mulher mais velha do mundo afirma que segredo da longevidade é ser solteira e comer ovos (YAHOO!, 04/11/2016); Como é a dieta da mulher mais velha do mundo, que acaba de completar 117 anos (BBC, 30/22/2016); A dona Ângela chegou aos 101 anos (DIÁRIO DE CANOAS, 09/05/18); Ter amigos e não guardar rancor: os segredos de Leah para viver 106 anos (VIVER BEM.UOL, 08/07/18); Mineira chega aos 107 anos misturando manga com leite e tomando um vinhozinho de vez em quando (G1, 17/08); A mulher que chegou aos 112 anos a tomar um copo de whisky por dia (DELAS, s/d); Mulher completa 105 anos e revela o segredo para a longevidade (CORREIO DA MANHÃ, 14/09/18).

Essas giram todas em torno de hábitos alimentares ou de algum comportamento dos sujeitos centenários, como: tomar “uma pinguinha para limpar a garganta” e uma cerveja antes do almoço e leite com conhaque antes de dormir (Leah) ou; manter a tranquilidade e não ter medo de nada (Lica).

Relações sociais, e atividades de rotina, são por vezes também mencionadas

Caminha diariamente, tem um diário onde registra suas atividades, sempre toma uma cervejinha antes do almoço, é cheia de amigos. Será essa a fórmula da longevidade? A animada senhora dá sua receita para se tornar uma centenária (VIVER BEM, 08/07/18).

As campeãs nas recomendações, juntamente com a alimentação, são as bebidas alcoólicas, na afirmação que são consumidas moderadamente, mas como hábito diário e, por vezes, validadas na enunciação pela apresentação da fala de autoridade do saber médico:

“Comecei a tomar um copo à noite quando fiz 50 anos, por isso tenho-o tomado todas as noites, nos últimos 60 anos, e certamente não faço tentações de parar agora. O meu médico disse ‘continue com o whisky Grace, faz-lhe bem ao coração’, disse, citada pelo jornal *Daily Mail* (DELAS, s/d).

*

Todos os dias antes do almoço, eu tomo uma pinguinha para limpar a garganta e uma cerveja. Quando não tem, bebo vinho. Meu cardiologista diz que uma taça de vinho por dia fortalece o meu coração (VIVER BEM, 08/07/2018).

*

A centenária cultivava até hoje alguns hábitos tradicionais da cultura italiana, como beber vinho [...] o costume já foi diário. “Até os 98 anos ela comia polenta todos os dias e tomava uma tacinha de vinho. Ela também acordava bem cedo e bebia uma xícara de café preto com uma gotinha de grapa”¹⁰⁹ (DIÁRIO DE CANOAS, 09/05/18).

Se, particularmente, tais “segredos” são tidos como idiossincrasias, signos que remetem a particularidades e lembrança do gosto específico e presença no mundo de determinado sujeito, nas recorrências das matérias que giram prioritariamente em torno desse eixo da enunciação, vemos um discurso em parte mudo, porque uma narrativa que, valorizando particularismos, toma a velhice centenária apenas como *locus* detentor de um segredo de vida extensivo à humanidade, tão mais valorado quanto mais exótico ou banal.

¹⁰⁹Palavras de seu filho Darcy Deliberalli (73).

Como se o resultado de um percurso de vida tão longo, que inclui as condições do meio, época, além de um posicionamento individual, fosse apenas consequência daquilo que se expressa naquelas poucas linhas, naqueles segredos. O interesse pelo sujeito ali presente, suas histórias, sua trajetória e sua presença de vida tornam-se menores diante da receita para uma vida longa, traduzida, em geral, por atos corriqueiros, simples, fáceis e ao mesmo tempo excêntricos, numa vida a ser levada com bom humor e de forma leve.

Os mesmos adjetivos agregam-se então à figura ou representação do sujeito centenário, apresentado mais por tais particularidades do que por outros aspectos que o caracterizam ou que poderiam ser abordados e melhor trabalhados em torno de seu perfil, como algumas brechas deixam entrever.

Nesse sentido a comparação entre as duas matérias com Ema Morano são interessantes, uma vez que uma delas vem com mais elementos que permitem a visualização de quão maior é a riqueza de sua vida, apesar do título que fala em nome da apresentação da dieta da personagem¹¹⁰.

Outro fator ao qual ela atribui sua longevidade: mandar seu marido embora em 1938, ano em que seu filho único morreu, aos apenas seis meses de idade.

O casamento nunca tinha sido saudável, diz Emma.

Ela tinha sido apaixonada por um rapaz morto durante a Primeira Guerra e não tinha interesse em se casar com mais ninguém.

Mas não teve muita escolha, conforme contou em entrevista ao jornal *La Stampa*, concedida quando tinha 112 anos.

"Ele me disse: 'Se tiver sorte, você se casa comigo, ou eu te mato'. Eu tinha 26 anos. E me casei."

Apesar de ela ter colocado o marido para fora de casa, eles continuaram casados até a morte dele, em 1978. Ema, que trabalhou até os 75 anos, não quis se casar novamente.

"Eu não queria ser dominada por ninguém", ela disse ao jornal americano *The New York Times*.

Sua determinação inspirou uma performance musical muito especial, que contou sua história em prosa e dança. O espetáculo foi encenado na cidade de Verbania, no norte da Itália, sua casa durante maior parte da vida.

A peça, dizem os escritores, "representa a coragem feminina, que se rebelou contra a violência doméstica" (BBC, 30/11/16).

¹¹⁰ Título da matéria "Como é a dieta da mulher mais velha do mundo, que acaba de completar 117 anos" (BBC, 30/11/16).

Por outro lado, quando considerados no posto de “pessoa mais velha” de determinada região, são tratadas ainda com status de celebridade:

Brenda Osborne completou 105 anos de vida, esta quinta-feira, em Nottingham, no Reino Unido. [...]

A centenária não passou despercebida e até foi presenteada com uma carta de felicitações da rainha Isabel II. Brenda não ficou satisfeita com o bilhete pois queria que Sua Majestade estivesse presente para festejar os 105 anos da idosa, no lar onde esta vive há apenas um ano.

"Adoro comemorar o meu aniversário, embora esteja desapontada com o facto de a rainha não ter vindo. Recebi a carta dela, mas achei que a presença era o mínimo que ela podia fazer", afirmou a centenária, citada pelo *Metro* (CORREIO DA MANHÃ, 14/09/18).

*

Emma recebeu os parabéns do presidente italiano, Sergio Mattarella, na manhã de terça-feira

Emma não deixa seu apartamento há 20 anos, mas foi cercada de pessoas que vieram lhe desejar parabéns no dia do seu aniversário.

Entre eles está seu médico, que começa a se sentir pressionado, algo como "o zelador da Torre de Pisa".

"No dia em que a torre tombar, alguém vai ser responsabilizado", disse ele à AFP. "Quando Emma morrer, as pessoas vão me responsabilizar" (BBC, 30/11/2016).

Quanto ao valor do seu lugar de fala, observa-se a necessidade de sua validação, o que se faz por meio dos filhos ou outros familiares que operam na enunciação como agentes legitimadores de suas idiossincrasias e posicionamentos, assumindo sua voz.

Dessa forma, na mesma medida que esses outros tomam na enunciação o lugar dos centenários, eles têm as próprias falas anuladas, uma vez que seu papel é apenas o de ratificação de uma cenografia em que operam como adjuvantes, de onde se destacam como exemplo, trechos de algumas das matérias:

Lúcida e com boa saúde, apenas com a audição prejudicada e caminhando com apoio de uma bengala, a sobrinha [Circe Daniel] acredita que o bom humor é o segredo da longevidade da tia. “Ela já passou por muita coisa, perdeu um filho e o marido. Mesmo assim não se deixou abater e sempre levou a vida com bom humor” (DIÁRIO DE CANOAS, 09/05/18).

*

De acordo com ela, [Valdênia Figueiredo] o segredo da longevidade da mãe é manter a tranquilidade e não ter medo de nada. “Com ela tudo pode. Até misturar manga com leite. Não tem problema nenhum”, contou Valdênia. [...]

“Ela conversa com todo mundo. Com os vizinhos, os turistas. Dá notícia de tudo”, disse a filha.

Lica também não dispensa uma taça de vinho de vez em quando. “Até uma cervejinha ela toma. Come de tudo. Sempre teve uma vida tranquila. Acho que o segredo é esse”, falou Valdênia (G1, 17/08/18)¹¹¹.

*

A filha Deirdre McCarthy, diz que a mãe mantém muitos dos hábitos que teve durante a maior parte da sua vida, mantém-se atenta à realidade – ainda lê um pouco e vê televisão – e é bastante ciosa da sua imagem. “A minha mãe é extraordinária. É muito cuidadosa com a sua aparência e insiste sempre em estar no seu melhor”.

Com mais de uma década vivida após completar o centenário, Grace Jones diz sentir-se “ótima” e “cheia de energia” (DELAS, 29/08/18).

*

"A minha tia não me surpreende, sempre foi muito independente. Ela acabou de se mudar para o lar no ano passado e faz muitas piadas a dizer que o segredo para uma vida longa é evitar homens, porque eles não valem a pena", confessa Marie Pollard, sobrinha-neta de Brenda (CORREIO DA MANHÃ, 14/09/18).

Por outro lado, em suas excentricidades, o discurso desses velhos tão longevos conflita, muitas vezes, com os discursos em nome da qualidade de vida na velhice, da boa alimentação e outras palavras de ordem que se professam aí.

Ou seja, suas respostas inusitadas e a tentativa por vezes de domesticá-las tornam-se relevantes, apontando para uma cena que se apoia na representação da velhice avançada como guardião dos segredos para uma vida longa, mas que não cumpre muito com protocolos regulamentares e palavras de ordem sedimentadas como corretas.

Os segredos desviantes são então resolvidos com a fala dos especialistas, seja na palavra de autoridade médica ou mesmo na voz do veículo de imprensa. Esses, em geral, as desautorizam, quando não apresentam o hábito como um mal (com exceção do álcool, concedido de forma moderada, como mencionado), como os trechos das matérias sobre Emma Morano ilustram.

A longevidade de Emma, segundo ela, se deve em parte à genética - sua mãe viveu até os 91 anos e várias de suas irmãs chegaram ao centenário - e, em outra, a uma dieta incomum que inclui ingerir três ovos (dois crus) todos os dias por mais de 90 anos. [...]

Nos dias atuais, ela diminuiu o hábito para apenas dois ovos por dia.

¹¹¹ Essa matéria utiliza o recurso ao extremo. Ao longo de toda narrativa temos a fala da filha de Maria Marques de Figueiredo (Lica), em substituição à fala da mãe. O único momento em que há expressão direta da personagem em perfil é em vídeo, inserido como link, em que declama uma oração, ou seja, ainda sem voz direta.

Isso vai contra todos os conselhos sobre vida saudável, afirma Carlo Bava, seu médico há 27 anos. À agência AFP, ele disse que Emma sempre comeu poucos vegetais, muito poucas frutas.

"Quando eu a conheci, ela comia três ovos por dia, dois crus pela manhã e uma omelete na hora do almoço, além de frango na hora do jantar." Apesar disso, ele conta, Emma parece ser "eterna" (BBC, 30/11/16)

*

Mas antes que você vá ao mercado comprar três dúzias de ovos, vale lembrar que Emma também revelou ao *The New York Times* em 2015 que ser independente contribuiu muito para a sua longevidade [...]

Então, para todas as mulheres que queiram colocar em prática os ensinamentos da mulher mais velha do mundo, é importante ressaltar que os ovos devem ser consumidos com moderação e/ou de acordo com as orientações do seu médico. Os homens, por outro lado, não sabemos ao certo... (YAHOO!, 04/11/16)

Temos então uma cenografia paradoxal: estrutura-se uma narrativa que interpela o coenunciador pelo recurso à revelação de um segredo que lhe pode ser útil, ao mesmo tempo em que, na sequência, refuta o valor daquilo que é revelado.

A palavra do centenário, ouvido como um oráculo sem enigmas, *locus* onisciente dos caminhos para a longevidade é, dessa forma, anulada em nome de um discurso científico ou de um suposto saber que a contesta e enquadra.

4.3.2.2 *A velhice centenária para além do segredo da longevidade*

Por outro lado, também, quando as matérias permitem maior aprofundamento, encontramos então, por vezes em brechas, novos elementos que contribuem para uma melhor composição das personagens e, assim, de representações de velhices centenárias ou supercentenárias¹¹².

Permite-se aí a visualização de outros discursos e elementos efetivamente relevantes quando se pensa na velhice e nos cuidados que ela encerra para uma vivência mais plena.

É o caso ilustrativo da matéria com Leah Bandeira Sacchi, que nos apresenta vários outros aspectos que envolvem a velhice, diante de um meio acolhedor e cuidados adequados. O que lemos por meio do que narra sobre sua rotina, que envolve vizinhança, apoio de cuidadoras e fazeres e gostos pessoais, em uma vida em que participa da

¹¹² Termo utilizado em referência a pessoas em idade igual ou superior a 110 anos.

comunidade, não apenas por que se dispõe a tal, mas também por que a rotina daquela localidade e das demais pessoas que ali habitam permitem que aconteça, na apresentação de um ambiente acolhedor.

[...] tomei a decisão de ir morar sozinha, aos 78 anos de idade. Meu filho José Márcio tinha uma pousada em São Francisco Xavier. Mudei para lá e criei um vínculo forte com os moradores da cidade. Quando eu completei 100 anos, recebi uma linda homenagem da comunidade. Foram escolhidas cem famílias, cada uma delas fez um bolo e distribuiu os pedaços para as pessoas na rua, depois da missa. Ao entregar o bolo, meus amigos falavam do meu aniversário. Eu me senti especial [...]

Minha rotina é bem tranquila. Tenho duas acompanhantes: a Vanda, que fica comigo durante o dia, e a Vilma, que passa a noite ao meu lado. Acordo bem cedo, às 5h, tomo café da manhã, vejo TV, tomo banho e quando o sol começa a aparecer faço a minha caminhada diária pela rua. Vou de bengala e acompanhada da Vanda.

No caminho, paro em vários lugares: na padaria, na farmácia, nas lojas e na casa de alguns vizinhos. Eu entro, me sento, tomo um café e bato um papo. Minha última parada é na igreja, onde faço minha oração. Ando sem pressa para não me cansar.

Volto para casa perto do meio-dia. Minhas acompanhantes cozinham, mas eu prefiro preparar meu arroz e feijão. Gosto de comida bem temperada. [...]

Todos os dias antes do almoço, eu tomo uma pinguinha para limpar a garganta e uma cerveja. Quando não tem, bebo vinho. Meu cardiologista diz que uma taça de vinho por dia fortalece o meu coração.

Em seguida, tiro uma soneca. Acordo e ligo TV. Gosto de assistir à programação católica e rezar o terço. Passo a tarde com a Nara, minha gatinha companheira. Quando estou disposta, cuido do jardim que tenho no meu quintal, e converso com as plantas.

Sinto muita dor nos ossos e, uma vez por semana, faço exercícios na fisioterapia para não atrofiar os músculos. [...]. Faço tudo com disciplina, porque sei que vai ser bom para a minha saúde.

Tive catarata e enxergo só de um olho, mesmo assim, leio revistas e a bíblia. Adoro escrever. Tenho um diário onde registro tudo o que acho interessante. Coloco a data, mês e ano. Se eu ouço alguma notícia na TV que me chama atenção, eu anoto e escrevo uma reflexão sobre o assunto. Também registro meus passeios em família e quando recebo a ligação de alguém importante. Guardo todos os meus diários e, às vezes, os releio para lembrar o que vivi.

Costumo ir para a cama umas 8h da noite. Antes, ferver leite, adoçar, misturo com uma colherzinha de conhaque, tomo, deito e durmo a noite inteira. [...]

Nunca imaginei que chegaria aos 106 anos. Vou continuar nesse mundo até cumprir a minha missão e quando for da vontade de Deus me levar. Já tive mais do que eu mereci nessa vida. Não tenho medo de morrer, só não quero sofrer. Desejo ser apagada como uma vela. (VIVER BEM, 09/07/18)

Observa-se então uma narrativa mais ampla, em que a velhice em seu cotidiano se apresenta de uma maneira mais cuidada, com outros discursos para além da ideia de segredo ou receita para a longevidade, ainda que essa também esteja presente como gancho e apelo.

Uma velhice que habita efetivamente o mundo em que se situa, de forma amparada, presente e visível no espaço público, com voz no espaço privado, onde as cuidadoras tem papel de apoio, mas não de contenção. O tom na primeira pessoa, na voz da centenária, marca a narrativa, diferentemente de outros textos em que a voz dos sujeitos é terceirizada.

Uma velhice cujas marcas no corpo são lembradas e cuja finitude é mencionada entre uma série de outros aspectos e não como tônica de vida ou mal a ser expurgado ou tema interdito. Por isso uma matéria que nos permite visualizar, nos hábitos cotidianos, expressões de uma velhice sadia e do sujeito em presença para si e no mundo.

De outro modo, mas em linha com a ideia de outras visadas na abordagem da velhice centenária, vale ainda mencionar outras matérias sobre centenários que fogem ao esquema enunciativo até aqui tratado, ou seja, aquele do segredo/revelação/validação X contenção.

Mesmo que em número reduzido - 03 ao todo e, cada uma delas apresentando-se em torno de determinada temática específica, essas matérias trazem elementos relevantes de se destacar, uma vez que reforçam discursos e lógicas ressonantes, presentes em outras cenas enunciativas ou aspectos importantes não mencionados.

Os perfis giram em torno de três personagens, Dagny Carlsson (105), que se populariza na web pela criação de um blog pessoal, Kirk Douglas, em decorrência do centenário do ator e, o último, David Goodall (104), cientista que reivindica morte assistida¹¹³.

Os formatos são diferenciados: no primeiro caso temos um perfil apresentado em formato de vídeo, com legendas em português. No segundo, uma série de fotolegendas que compõem a trajetória do ator e, no último, a forma de texto escrito, com apenas uma foto do personagem.

¹¹³ Esses foram publicados, respectivamente, pela Deutsche Welle (DW), em 11/05/18; pelo site Adoro cinema e Notícias.uol, em 09/12/16.

Extrapolando o universo centenário como fonte da longevidade, como a maioria das matérias anteriores nos apresenta, podemos ler aí um conjunto heterogêneo, mas que nos remete a discursos e lugares que por se posicionarem com destaque em nossos tempos, parecem permitir à enunciação uma abordagem que também se diferencia.

No caso de Dagny Carlsson, a apropriação da tecnologia pela centenária e prêmio que recebe pela elaboração de um blog é o tema que desponta, sob o olhar da ressignificação da vida na relação com a máquina, que lhe permite outras formas de se colocar na vida e em relação com outros e com o mundo, para além das relações familiares próximas e na realização de desejo de vida não realizado.

Eu me acostumei a estar em contato com minhas amigas, e nem é preciso gastar com selos. Posso ler notícias, é ótimo.

Um dia ela se cansou de apenas ler, e resolveu criar um blog: Blogga med me. “Bloga comigo”.

Sempre quis ser escritora quando era jovem, mas existiam tantos livros bons, que eu achava sem sentido publicar um texto ruim feito por mim. Quando escrevo no blog, não preciso ter um tema, posso fazer o que quero.

Dagny tem fãs de todas as idades. Crianças de 9 anos escrevem comentários como: “Achamos você muito ‘cool’”. Isso me deixa orgulhosa. (DEUTSCHE WELLE, 11/05/18).

É também exemplo de novos aprendizados na velhice, valorando um discurso de desenvolvimento contínuo, em detrimento de um senso comum evocado na matéria que desmerece investimentos nessa linha quando se trata de pessoas mais velhas.

Tenho um computador desde que eu tinha uns 99, 100 anos. Quando se passa dos 90, parece que não faz sentido comprar um computador

O primeiro PC foi um presente da família que queria mantê-la em contato com o mundo (DEUTSCHE WELLE, 11/05/18).

O formato de vídeo-legenda reforça o apelo da enunciação em torno da conformação de um *ethos* ativo, altivo e bem-humorado, de uma centenária que preza pela manutenção de relações sociais de forma ampla, de onde, a solução para investimento do valor do prêmio é ilustrativa.

Dagny ganhou um prêmio da sociedade de Gerontologia, que considerou o blog um modelo para os idosos do país.

Se paro de escrever no meu blog um dia, todos já pensam que morri.

A blogueira vai investir o prêmio de 2000 euros, em sua festa da aniversário (DEUTSCHE WELLE, 11/05/18).

Quanto ao perfil de Kirk Douglas, esse poderia ser abordado no recorte das figuras públicas. No entanto, ali, a matéria se dissolve na narrativa de seus pares, com

ênfase a uma trajetória de vida em um cotidiano entrelaçado com o trabalho e a arte e determinado posicionamento nesse campo e na vida social.

No contexto dos centenários ela se destaca justamente por tal abordagem, ou seja, pelo valor do universo midiático espetacular que se sobrepõe e apresenta uma história mais ampla e rica do que aquelas que, de forma geral, se colocam aquele sobre o eixo que toma os centenários como o *locus* do segredo da vida longa.

A enunciação afirma-se como homenagem, com a valorização das histórias erigidas ao longo de uma vida do sujeito e sua trajetória profissional e pessoal, onde o formato de foto legenda permite enriquecer com imagens o texto escrito, de forma a ilustrá-lo e legitimá-lo em sua posição de figura de destaque social.

Não é todo dia que alguém comemora o próprio centenário, não é mesmo?! Muito menos um homem da importância para o cinema como Kirk Douglas. Assim, relembramos (brevemente, claro) a carreira e a vida desse grande ator e tão bom ser humano (ADOROCINEMA, 09/12/16).

Entre as diversas facetas do ator, além de pai, marido, escritor e também blogueiro, a do filantropo se destaca para nós, no sentido que deixa entrever outra visada sobre a velhice não explorada nos perfis de nosso *corpus*. Além da afirmação de uma velhice doadora, preocupada com seu meio, nas brechas da enunciação do papel do filantropo, vemos também a face não espetacular de uma velhice de figuras públicas (ou não) que as matérias não trataram, aquela das velhices dependentes, que carecem de cuidados para a realização das atividades diárias, despossuídas do glamour dos holofotes, mas existentes, reais e que também pedem visibilidade para serem mais conhecidas, representadas, socialmente pensadas.

Filantropia

Ao longo da vida, e sempre ao lado de sua amada esposa Anne, Kirk Douglas realizou diversos trabalhos filantrópicos [...]

Em seu aniversário de 99 anos, por exemplo, o grande presente foi ele mesmo quem deu: US\$15 milhões ao Fundo Cinematográfico e Televisivo. Em reconhecimento, a instituição anunciou que a instalação de US\$35 milhões para tratamento de 80 artistas que sofrem de Alzheimer seria batizada como Kirk Douglas Care Pavilion (ADOROCINEMA, 09/12/16).

*

No último perfil que tratamos em nosso *corpus*, encontramos ainda o papel transgressor do cientista que, aos 105 anos, se decide pela eutanásia e briga por autorização para morte assistida no país onde mora (Austrália), sem sucesso, o que o leva a buscar outra solução para seu intento, na Suíça.

David Goodall, que deu o que falar aos 102 anos quando uma universidade tentou demiti-lo, não sofre de nenhuma doença em fase terminal, mas sua qualidade de vida piorou e deseja morrer.

O cofundador da clínica suíça que vai ajudar um cientista australiano de 104 anos a realizar uma eutanásia chamou de "atrocidade" o fato da Austrália não autorizá-lo a encerrar sua vida em seu próprio país.

"É uma atrocidade. Este idoso [...] deveria poder morrer em sua casa, em sua cama, como é possível aqui na Suíça", declarou em uma entrevista à AFP.

[...]

Goodall deve realizar a eutanásia na clínica Eternal Spirit, perto de Basileia, em 10 de maio.

*

O tema tabu se sobrepõe e causa estarecimento no espectro mais amplo da cena englobante em que se situa. No entanto, coloca em pauta discussão relevante ligada à finitude e que já encontramos apresentada também em outras cenas relacionadas a figuras anônimas, que se colocam na cena midiática em torno da mesma reivindicação do direito à morte não natural ou em nome do direito de escolha de como lidar com doença terminal.

No caso de David Godal, além da fala de representante da organização em que será realizado o suicídio assistido, temos a manifestação do sujeito, numa enunciação que, também volta-se para explicações sobre aspectos legais e pragmáticos da situação, na apresentação de um tema ainda pouco tratado.

O suicídio assistido, ou eutanásia, é ilegal na maioria dos países do mundo. [...]

De acordo com a lei suíça, qualquer pessoa lúcida e que expressou o desejo de pôr fim à sua vida há algum tempo pode pedir o que é chamado de morte voluntária assistida (MVA)

*

"Não quero viajar para a Suíça, embora seja um país lindo", declarou o cientista ao canal ABC antes da viagem na quarta-feira passada.

"Mas tenho que fazer isso para ter a oportunidade de suicídio, o que o sistema australiano não permite. Lamento muito. Estou muito desgostoso", completou.

Antes de ir para a clínica esta semana, ele visitará seus filhos na França

*

Em uma morte assistida, a pessoa deve estar fisicamente capaz de se encarregar do último ato.

A maioria das fundações suíças pede ao paciente que tome pentobarbital sódico, um poderoso sedativo que em altas doses interrompe o batimento cardíaco.

Para uma câmera, o paciente diz seu nome, sua data de nascimento e confirma que sabe o que está prestes a fazer. O paciente então abre a válvula que libera o produto. A câmera continua gravando como prova de que é um ato voluntário

"Então desligamos a câmera, porque o momento seguinte é íntimo, privado", explica Habegger.

A pessoa adormece em cerca de 20 segundos. "Ele dorme mais e mais profundamente até que o músculo cardíaco para".

A duração total do procedimento geralmente dura um minuto e meio. "Não é doloroso, é curto e tranquilo", acrescenta.

A gestão da vida e as situações da morte, grande tabu da humanidade, vão despontando assim como aspecto para além da esfera privada, solicitando maiores debates, discussões e também políticas.

Esfera complexa e árdua, pois toca em princípios estabelecidas ao longo dos séculos em torno dos agentes autorizados ou não para o tratamento dos corpos e da vida. Questões cada vez mais necessárias de serem discutidas de forma ampla, uma vez que temos nos deparando com sujeitos que vivem por mais tempo, mas nem sempre em condições de vida digna e sujeitos às mais diversas intervenções em seus corpos, quando, por vezes, não mais podem decidir pelo aceite ou recusa a elas.

Sujeitos pouco visíveis nas matérias desse *corpus*, mas cujos rastros acabam lembrando sua existência, pedindo por visibilidade e tratamento adequado nos diversos planos da vida, incluindo aí o terreno das mídias.

4.4

Velhice como *topos* genérico:
recorrências e interpretações

4.4.1 O envelhecimento ativo como dever-ser de uma nova velhice

Quando observamos os perfis analisados nos deparamos inicialmente com a velhice caracterizada como um *topos* composto de maneira heterogênea pelos indivíduos em termos de suas singularidades.

Isso ratifica, pelo olhar midiático, aquilo que defendemos no início da tese, com vários autores¹¹⁴, sobre a necessidade de tratamento da velhice como um lugar multifacetado e plural. Daí a importância de se pensar nas representações sociais que a abarcam, como elementos de expressão ou contenção dessa diversidade.

Falar da velhice e do envelhecimento é lembrar de questões importantes para os sujeitos. No movimento da vida, o envelhecimento é uma constante e a velhice se apresenta como período socialmente construído, com aspectos e características que a distinguiriam de outros:

- A questão cronológica, com o acúmulo dos anos vividos e aspectos de ordem orgânica e física, que interferem na vida dos indivíduos e deixam materializadas suas marcas no corpo;

- Questões de ordem interna, pessoal, relacionadas a uma trajetória e a forma como os sujeitos lidam com ela e se situam diante de um passado, do tempo atual e sua visão de futuro, fazendo-os se deparar com suas conquistas, perdas, projetos realizados ou não, apresentando-se diante de possibilidades e limites de uma dimensão marcada pelo tempo cronológico e pela intensidade e apreensão de como esse é vivido.

Podemos então falar da velhice como período que congrega determinadas características comuns, que vão se colocar de diferentes formas para cada sujeito, em sua apreensão como unidade. Mas, justamente por isso, pelos aspectos que a configuram, permite ser tão diversa como é a capacidade simbólica humana no fazer de seus dias.

Dessa forma, ainda que as matérias, como conjunto, permitam a apreensão de singularidades e pontos de particularização dos sujeitos de maneira recorrente, importa para nós pensar em termos das representações sociais que colocam em circulação.

¹¹⁴ Debert, 2012; Lopes, 2006; Camarano e Pasinato, 2004; Neri, 2012, entre outros.

Como lembramos com Moscovici (2011, p.79), a teoria das representações sociais visa “descobrir como os indivíduos e grupos podem construir um mundo estável, previsível” a partir dessa diversidade “dos indivíduos, atitude e fenômenos, em toda sua estranheza e imprevisibilidade”.

Ou seja, trata das formas como nos territorializamos e construímos as bases para ancoragem na vida.

Nesse sentido, quando pensamos nas representações sociais que as matérias de nosso *corpus* nos dão a ver, grosso modo, o que observamos, de maneira geral, é um acento generalizado a duas tomadas principais em disputa.

Aquela que vê prioritariamente no envelhecimento humano um processo de degenerescência perdas e declínio, principalmente no que tange aos aspectos orgânicos, físicos e mentais.

Forma-se um conjunto que atrela à velhice a noção de um mal a ser combatido, como em uma guerra. Metáfora utilizada de forma explícita em uma das matérias (REVISTA SÃO PAULO, 20/05/18), na ênfase ao corpo que vai se tornando menos funcional, que dói e na memória que falha e assim, que vai se transformando em empecilho potencial para as coisas da vida.

Dessa maneira, atrela-se à velhice um conjunto de situações que exigem ação efetiva, como questões problema a ser solucionadas de pronto (BORRERO, 2010, p. 154).

A essa velhice negativada, no lugar de vilã e ainda tomada como referência, contrapõe-se outra, aquela da velhice ativa, em ascensão e disponível de ser desfrutada por todos aqueles que estiverem dispostos a lutar por ela.

Erige-se aí uma outra representação da velhice, aquela dos novos idosos contemporâneos que se engajam em atividades diversas para uma vida feliz e plena, repleta de positivities a serem desfrutadas, e que se encontra em oposição e combate em relação à velhice decadente padrão.

Dificuldades e marcas são dribladas então pelas atividades nas quais os sujeitos se engajam, nos projetos que retomam, na noção de uma trajetória sem limites, como se pudessem frear o percurso inevitável do tempo, o caminho da vida.

Mais do que isso, observa-se o enaltecimento de um modelo sob um padrão biomédico de envelhecimento bem-sucedido, tomado como palavra de ordem e que

“privilegia a boa saúde, a longevidade, a alta expectativa de vida, a independência, a atividade e a participação social e, de certa forma, estigmatiza as pessoas que não apresentam esse padrão” (NERI, 2014, p. 138).

Isso, entre outros aspectos, porque agrega aos discursos em torno do envelhecimento aquele de responsabilização dos sujeitos por seu modo de envelhecer, como se o seu comportamento fosse a única variável aí implicada.

Atrai-se aí também a ideia de que é possível frear um processo natural da vida pela sua conduta, conferindo uma ideia de lassidão moral àqueles que não se encaixam nos padrões estéticos e comportamentais de tal visada (CASTRO, 2017, p. 46).

Tais representações da velhice, quando reforçadas, contribuem para a ratificação de dois estereótipos antagônicos, um cristalizado e outro em processo de afirmação. Esses postam-se em uma relação de conflito na qual a velhice ativa, como modelo em ascensão, coloca-se contra o primeiro, situado no polo da velhice da qual se deve afastar para uma vida feliz.

Esse é um dos cenários que podemos ler em nossas matérias, de maneira bastante enfática.

A velhice assim, para além de uma fase, passa a ser atrelada ao modo de se portar dos sujeitos e pode ser comparada ao desempenho de um papel social, entendido como processo de reprodução de comportamentos e atitudes, de acordo com o que se espera de quem ocupe o lugar desse papel (HELLER, 2016).

Como afirma Agnes Heller, a generalização de comportamentos atrelados a determinado papel social implica uma função de dever-ser para o sujeito na vida cotidiana (HELLER, 2016, p. 135).

O dever-ser está entrelaçado com a representação do comportamento a ele vinculado, ou seja, devo representar determinado papel, comportando-se de acordo com o dever-ser atribuído a esse papel, de forma integral.

Tenho que comportar-me, por exemplo como um cavalheiro [...] Nesses casos de dever-ser, eles podem se referir a um fato singular, a um só assunto, bem como a inteiros complexos de comportamento. Assim, por exemplo, a exortação ‘tenho que me comportar como um cavalheiro, ou como um marinheiro’ não se refere apenas a um aspecto do comportamento, mas à sua totalidade (HELLER, 2016, p. 135).

Tal reprodução, pode implicar um posicionamento moral do sujeito, em termos da autonomia, liberdade e responsabilidade por assumi-lo efetivamente ou, por outro lado, implicar apenas a representação desse papel, na demonstração vazia de atendimento aos ditames prescritos para sua ocupação.

Situação que se torna mais delicada quando entendemos que a cristalização desses comportamentos em torno dos papéis faz com que deixem de ser vistos como questionáveis. Sou camareiro, portanto comporto-me como camareiro, como deve comportar-se um camareiro” (HELLER, 2016, p. 136).

Ou seja, transpondo o raciocínio da autora para nosso objeto, diante da expressão de ordem – envelhecimento ativo, quando recoberto por uma representação social da velhice cunhada no imaginário de ação, movimento, vigor e desempenho de atividades diversas, poderíamos dizer que:

Se sou uma idosa ativa,¹¹⁵comporto-me como uma idosa ativa, como uma idosa ativa deve se comportar, o que, pelas matérias pressupõem-se que:

- envolvo-me em diversas atividades de cunho social;
- sou responsável por driblar a degenerescência causada pelo mal do envelhecimento, o que faço por meio das atividades em que me envolvo;
- mantenho boas relações sociais e não gosto de chatear os outros com meus problemas, por isso, sou cordial, animada e mantenho sempre o bom humor;
- além disso, quando apaixonada por uma atividade de trabalho, mantenho-me atuante profissionalmente até o fim dos meus dias;
- limite para mim é outro mal que não existe.

O que colocamos aqui, não é contra uma velhice que ganha novos contornos diante de outros posicionamentos dos sujeitos de mais idade na sociedade, pelo contrário, e isto já é outra questão.

Mas o que questionamos é o enaltecimento de uma visão da velhice que pede um comportamento estereotipado em torno de uma apreensão específica do envelhecimento ativo. Essa representação de um papel que adquire status de palavra de ordem de maneira

¹¹⁵ Idosa, pois aqui não cabe a velha. Em uma apropriação do discurso do envelhecimento ativo associado à ideia de prevenção de perdas, o sujeito é o idoso. O velho é o outro, que não se enquadra no modelo, pois foi abatido pelo mal da velhice que não conseguiu estancar.

generalizada, repondo-se em preconceitos, estigmas e visões distorcidas de uma realidade que precisa ser acolhida de maneira mais ampla.

Isso porque o desempenho desses papéis - como palavras de ordem – reproduzido como atitude por acomodação a um dever-ser que “converte-se numa exigência puramente externa” (HELLER, 2016, p. 136) pode não ser condizente com a realidade maior que envolve a vida do sujeito e geralmente não o é.

Nos discursos sobre o envelhecimento, acentua-se de um lado o dever-ser ativo e, de outro, o dever-não-ser tudo aquilo que se associa a uma velhice mais vulnerável e dependente, repondo estigmas e preconceitos, onde já o víamos.

Nesses termos, observa-se que a palavra de ordem implica também a apresentação de uma fachada¹¹⁶ condizente com tais discursos e formas de dever-ser que podem levar os sujeitos a extremos, na tentativa de contenção das marcas do envelhecimento.

Excessos que são associados à angústia dos sujeitos diante de rastros indicativos do envelhecimento que carregam em si e também demonstram o caráter depreciativo atribuído à velhice ainda em nossos dias, (GOFFMAN, 2017, p. 13; 19) daí seu tratamento como um estigma a ser extirpado¹¹⁷.

Ou seja, de forma geral, em nome do envelhecimento ativo, vemos matérias que reforçam a ideia de um papel e fachada centrados na positividade e na responsabilização

¹¹⁶Entendendo por fachada o equipamento expressivo empregado pelo indivíduo durante sua representação, de maneira intencional ou não (MOSCOVICI, 2014, p.34). A “parte do indivíduo que funciona regularmente de forma geral e fixa com o fim de definir a situação para os que observam a representação” (id.)

¹¹⁷ É o que vemos, por exemplo, na matéria com Abílio Diniz, cuja preocupação com o envelhecimento se torna eixo na condução de seu modo de vida cotidiano. Falando em nome do discurso científico, com o poder de verdade que esse traz, vemos um sujeito que vai ao extremo das ações, na efetuação de uma prática em obediência àquilo que promove. Trechos da matéria ilustram bem o que falamos: a) “Uma vez perguntei à Susan Andrews [antropóloga e psicóloga de 72 anos]: 'Como você se mantém bonita e sempre em forma?' Ela, com uma voz fininha e baixa, disse: 'Sabe, Abílio, eu como pouco'. Devemos comer, no máximo, aquilo que será consumido [queimado]. Depois de uma certa idade, o melhor é comer um pouquinho menos ainda”; b) **Qual a sua rotina de esportes?** Tenho um programa de cinco dias, de segunda a sexta. Cada dia tenho uma atividade. Jogo squash duas vezes por semana, luto boxe uma vez por semana. Não basta ter ossos e músculos fortes. É preciso ter um sistema neural capaz de acioná-lo com rapidez e agilidade. Corro na esteira para manter o sistema cardiovascular ativo, corro um pouco de costas também, faço bastante bicicleta e nado se estou um pouco machucado. E faço muito fortalecimento muscular, três dias de membros inferiores e dois dias, de membros superiores. Sábado e domingo eu faço um aeróbico qualquer, às vezes longas caminhadas.

individual dos sujeitos, em detrimento de uma visão mais sistêmica e de uma abordagem mais ampla da questão.¹¹⁸

Dessa forma, ainda que trazendo ganhos para os sujeitos, a tomada da velhice por essa ótica é também restritiva. Como trouxemos com Tótora, no primeiro capítulo,

Querer uma vida sem doença, dor e morte é o mesmo que dizer não à própria vida. Duas consequências advém dessa postura: um profundo ressentimento em relação à vida; e a condenação dos viventes a carregarem uma culpa pelos malefícios vividos (TÓTORA, 2015, p. 24).

E quando lembramos dos estudos de Maio (2016) que demonstram como determinadas representações sociais da velhice e da família interferem na elaboração e viabilização de políticas públicas, temos mais um indicador da seriedade do assunto sobre o qual estamos tratando.

4.4.2 Novas velhices em seu fazer cotidiano e presença na história

Se adotamos uma postura crítica em relação aos discursos e palavras de ordem em relação a um posicionamento individualizante e disciplinar em torno do envelhecimento, como também de uma visão que o toma apenas por aspectos ligados à degenerescência orgânica, não podemos, no entanto, destituir o que significa para os sujeitos alcançar um patamar de envelhecimento em que conquistas, participação social e engajamento em atividades que lhes façam sentido tornam-se realidade e objeto de divulgação pela mídia, na construção de uma representação social da velhice que lhe permita maior expressão e visibilidade na sociedade.

Assim, para além do que tratamos até aqui, nosso *corpus* nos diz mais e permite outras interpretações e abordagens. Com a identificação de cenas enunciativas e

¹¹⁸ Outras falas do empresário ilustram tanto o ponto de vista da responsabilização dos indivíduos, como da superficialização de aspectos sistêmicos que envolvem uma vida com qualidade no envelhecimento, e visão estereotipada de populações pauperizadas: “Comecei a me preparar para os 80 anos aos 29 [...] Comecei a cuidar do corpo, da alimentação, do sono, da espiritualidade. Envelhecer é uma certeza, envelhecer com qualidade é uma escolha [...] É verdade que, com as pessoas mais humildes, é mais complicado. Elas não têm condições de ficar comendo cinco vezes por dia. Quando vão comer, estão morrendo de fome e comem o que tem. E comem muito porque acham que têm que estocar. Precisamos falar: comam alguma coisa nos intervalos, uma banana, por exemplo, que é fácil e barata. (FOLHA DE S.PAULO, 12/05/18).

cenografias diferenciais, aprofunda-se a ideia de um cenário de multiplicidade de experiências e posicionamentos envolvendo as velhices de nossos dias.

Observamos na análise descritiva que velhices anônimas e aquelas de vida pública operam como faces complementares para a compreensão do fenômeno do envelhecimento na contemporaneidade.

No caso das primeiras, não apenas como ditames, vemos que também expressam um modo cotidiano, particular dos sujeitos. Suas rotinas implicam principalmente questões do período de vida presente, afirmando um espaço de novos fazeres e representações da velhice em nossos dias que se consolidam como traços de uma velhice que até então não conhecíamos, o que se vê mesmo em matérias abordadas de maneira superficial.

No caso das segundas, a face pública também mescla-se com a vida privada e com o modo de ser dos sujeitos. Vemos aí, de forma geral, matérias mais aprofundadas, algumas em formato de entrevistas e posicionamentos mais amplos, relativos não apenas ao cotidiano atual, mas ligados também mais detalhadamente a sua trajetória e sua inscrição como agentes no mundo, ou seja, marcadores de um período maior da história social de seu tempo, ainda que as matérias muitas vezes sejam motivadas por projetos recentemente lançados.

Observa-se assim uma cena em que, para além da temática comum da velhice ou diante de uma abordagem focadamente ocupacional, ligada à atividade de sua face pública, muitas vezes, o sujeito é interpelado frente a questões maiores de seu percurso de vida e época ou se coloca como se assim o fosse.

Em sua história pessoal imbricam-se, como parte de seu cotidiano passado e presente, fatos históricos maiores de uma época. Nesse caso, vemos a ilustração daquilo que Heller chama de uma “conexão da particularidade com a universalidade genericamente humana” dos sujeitos.

Isso ocorre quando tais sujeitos, ao mesmo tempo que expressam sua singularidade, o fazem em identificação “com as exigências, aspirações e ações sociais que existem para além das casualidades da própria pessoa, elevando-se realmente até essa altura” (HELLER, 2016, p. 19).

É o que vemos por exemplo, quando diversas das personagens mencionadas lembram em seu percurso de vida o posicionamento de resistência e ação frente às

opressões, censura e desmandos do Estado no período da ditadura militar no Brasil, pós 64, além de outras questões de outras partes do mundo, como o Apartheid e a luta pelos direitos humanos no mundo.

Nesse posicionamento, ocupam um lugar relevante em que a arte, ou outras formas de expressão permitem ‘elevantar’ a particularidade individual ao genericamente humano, “apresentando-se enquanto autoconsciência e memória que é da história humana” (HELLER, 2016, p.20).

Expressam-se assim como testemunhas de um período que, mesmo passado, encontra retorno ressignificado para os dias de hoje, em questões que a todos afetam.

Além disso, há aqueles que ocupam um lugar de fala, posicionando-se de forma crítica em relação ao contexto social e político atual, implicando aí também as lógicas de mercado e de acumulação que condicionam o universo de seu fazer profissional, como também o extrapolam.

Assim, podemos pensar naquilo que se expressa em termos de posição enunciativa dos sujeitos e seu papel em uma cena social maior, em que ocupam lugar de destaque.

Como afirma Heller, caberia aos artistas, aos cientistas e grandes estadistas o papel de permitirem a expressão de outras visadas para além da realidade imposta, de modo a abrir a visão para outros caminhos e possibilidades para nossas escolhas.

Isso como caso singular que se expressa “naqueles indivíduos *cujas paixão dominante se orienta para o humano-genérico e, ademais, quando tem a capacidade de realizar tal paixão*” (HELLER, 2016, p. 51) (grifo da autora).

É o que vemos em alguns dos perfis de nossos idosos célebres, seja nas trajetórias de vida ou nos posicionamentos do tempo presente, o que associa à representação da velhice um importante papel de geratividade. Essa é atrelada à sabedoria de quem soube fazer de suas experiências de vida um caminho de maior conhecimento sobre si, sobre outros e sobre o mundo.

Em nossas matérias, os perfis de Pepe Mujica e Fernanda Montenegro são casos exemplares que permitem agregar à representação de velhice um *ethos* com essas características, contribuindo para uma visão do idoso para além da dicotomia decadente *versus* ativo.

Como afirma Neri (2014, p. 313),

Os idosos podem apresentar padrões de comportamento que permitem que sejam apontados como sábios graças à sua capacidade de se lembrar de fatos e procedimentos, fazer novas associações, aventar hipóteses, fazer análises éticas e morais e oferecer alternativas de solução baseadas na experiência acumulada. Idosos sábios são culturalmente importantes porque são depositários da herança cultural do grupo e, dessa forma, atuam como fontes de conhecimento e como modelos.

Nesses termos, as matérias de nosso *corpus* quando tratam da vida de sujeitos que se postam dessa forma e são dotados de maior poder de fala e expressão, tornam-se extremamente ricas, no sentido de validação de visadas sobre o envelhecimento pouco exploradas, dando à vida e às relações humanas um sentido maior de dignidade que recobre todo o seu percurso.

Isso, ainda mais quando se apresentam em termos de um *ethos* do sujeito que se expressa. Ou seja, conferindo uma maneira de ser em sintonia com os discursos proferidos, o que ratifica a dissolução dos valores enunciados em discurso na ilustração de sua aplicação cotidiana, como modo de existência.

No entanto, não é apenas entre figuras públicas que vemos a expressão desse perfil, mas também entre outros tipos de perfis, como é o caso da matéria com Sonia Santomar em sua convivência com o grupo de imigrantes para o qual ministra aulas, entre outros.

Assim, se de um lado falamos de maneira crítica sobre um discurso em torno do envelhecimento ativo como palavra de ordem, por outro, não podemos deixar de ver de maneira diferenciada a realidade desses novos idosos e a diversidade de maneiras que encontram para vivenciar essa etapa de vida.

Uma face de maior participação efetiva dos sujeitos se apresenta a partir do engajamento em atividades prazerosas ou que colocam os idosos em um patamar de maior satisfação com a vida e também de auxílio a outros.

Vemos então, a reprodução e a consolidação de um movimento que ratifica a construção de uma dada realidade. Uma transformação social que implica tantos as pessoas de mais idade, como também a sociedade de maneira ampla. Uma tendência que vai se consolidando como expressão da vida cotidiana contemporânea.

Dessa forma, os idosos se postam como agentes de um tempo em que a velhice, em uma de suas faces, adquire efetivamente novos contornos e uma representação social

mais participativa, ocupando mais espaços comunitários e públicos, maior visibilidade, ampliando enfim o leque de experiências possíveis, como também, solicitando maior atenção para suas demandas por parte de outros grupos e organizações.

Isso, no entanto, sem a contraposição ou sem a necessidade de afirmação pela destituição de uma determinada face do envelhecimento, aquela das perdas, do enfrentamento dos limites e dos aspectos orgânicos que são faces do real da velhice e se apresentam também em seu cotidiano.

Pelo contrário, em muitas de nossas matérias essa face é incorporada, seja no “apego às rugas”, como afirma Rita Lee, seja na aceitação de um tempo de resguardo que a vida impõe, como no caso de Bibi, ou ainda em outras matérias em que os traços da velhice aparecem sem marcação destituída.

Tal cenário, além de ampliar a visibilidade de formas de viver a velhice, abre oportunidades para que mais sujeitos, não necessariamente idosos, passem a atuar nesse espaço de maneira mais plena, trabalhando a velhice em suas múltiplas faces, tanto em novas formas de se portar e encontrar na vida, no resgate de suas histórias ou na discussão e problematização das faces do real que ela nos apresenta, ou na construção de redes de auxílio mútuo e encontro para socialização de experiências, por exemplo.

É o que vemos, por exemplo, em matérias e artigos veiculados pelo Portal do Envelhecimento que trazem experiências diversificadas no trabalho junto aos idosos. Tal portal apresenta ainda depoimentos de pessoas que, motivadas por questões diversas, passam por processos de ressignificação de vida e encontram nessa área um novo caminho de atuação profissional¹¹⁹.

Pelo exposto, podemos dizer que na expressão de atividades cotidianas visíveis pelos perfis levantados em nosso *corpus*, vemos também uma nova configuração ou representação social da velhice que, como *locus* em interação, implica também outros sujeitos e lugares social e discursivamente inscritos.

Mais ainda, como senhores de um tempo, vemos sujeitos que se colocam de forma situada e analítica, no alto de uma autoridade que só a experiência da vida lhes permite e, a exemplo do que nos apresenta Giorgio Agamben, sobre o contemporâneo, são sujeitos

¹¹⁹Nos referimos aqui, mais explicitamente ao sítio do Portal na internet. A entrevista com Denise Mazzaferro, publicada em 23/06/2014, entre outras, ilustra o que falamos. Essa encontra-se disponível, até essa data, no seguinte endereço <<https://www.portaldoenvelhecimento.com.br/o-segundo-de-idosos-no-brasil-de-hoje-uma-grande-oportunidade-de-mercado/>>. Último acesso em 30/01/2019.

capazes de uma análise e um posicionamento sobre a nossa realidade únicos, corajosos, à frente de seu tempo, por isso, vozes tão importantes.

Como afirma o autor,

ser contemporâneo é, antes de tudo, uma questão de coragem: porque significa ser capaz não apenas de manter fixo o olhar no escuro da época, mas também de perceber nesse escuro uma luz que, dirigida para nós, distancia-se infinitamente de nós (AGAMBEN, 2009, p. 64).

Uma luz que, “sem nunca poder nos alcançar, está perenemente em viagem até nós” (AGAMBEN, 2009, p. 65)

Ainda mais

[...] o contemporâneo não é apenas aquele que, percebendo o escuro do presente, nele apreende a resoluta luz; é também aquele que, dividindo e interpolando o tempo, está à altura de transformá-lo e de colocá-lo em relação com os outros tempos, de nele ler de modo inédito a história, de ‘citá-la’ segundo uma necessidade que não provém de maneira nenhuma do ser arbítrio, mas de uma exigência à qual ele não pode responder. É como se aquela invisível luz, que é o escuro do presente, projetasse a sua sombra sobre o passado, e este, tocado por esse facho de sombra, adquirisse a capacidade de responder às trevas do agora (AGAMBEN, 2009, p. 72).

Nesse sentido, a entrevista com Fernanda Montenegro é exemplar, mas há outros que nos mostram fios de um olhar para além que nem todos podem suportar.

4.4.3 A temática LGBTI - reposição do estigma na velhice e visibilidade para as minorias

Quando tratamos dos perfis apresentados em um recorte inserido no universo LGBTI, pode-se dizer que, no jogo entre uma enunciação que trata do particular e outra que expõe a ação ou posicionamento em direção ao humano-genérico, por vezes, tornam-se fluidas as fronteiras entre as posições dos sujeitos que habitam esse cenário.

Inicialmente pensados como um eixo das velhices anônimas, observa-se que há matérias em que os sujeitos são situados para além da reprodução de vivências centradas apenas no âmbito de suas relações particulares ou que estabelecem em torno de si.

Caso da matéria com os transexuais João Nery e Samantha Flores, ele que foi o primeiro transhomem a se submeter à cirurgia para mudança de sexo no país e ela, ativista mexicana, cujo perfil é motivado por sua mobilização pela a construção de abrigo no México para idosos LGBTI.

Ambos ocupam papel de sujeitos que são referência na área e para outros inseridos no mesmo contexto, por seu posicionamento ativo na busca pela legitimação do direito de uma existência de acordo com aspectos identitários de sua personalidade e de serem reconhecidos socialmente dessa forma.

Posicionam-se também como ativistas pelos direitos à gestão de seus corpos contra a discriminação e ainda são exemplo para outros, com uma trajetória de luta por uma causa que é sua condição de existência.

Desempenham um papel de militância que acaba por se imbricar com sua história pessoal de maneira indiferenciada. Isso os faz ocupar lugar de destaque, mas centrado na diferença que os distingue dos demais.

Exemplo do que argumenta Goffman, sobre a condição de militância que assumem indivíduos estigmatizados:

os seus esforços podem politizar toda sua vida, tornando-a ainda mais diferente da vida normal que lhe foi inicialmente negada – mesmo que a próxima geração de companheiros tire um bom proveito desses esforços, obtendo maior aceitação. Mais do que isso, ao chamar a atenção para a situação de seus iguais, ele está, de uma certa forma, consolidando uma imagem pública de sua diferença como uma coisa real e de seus companheiros estigmatizados como constituindo um grupo real (GOFFMAN, 2017, p.125).

Nesses termos as demais matérias do segmento complementam a configuração de uma realidade em modificação que se solidifica, como realidade e tendência.

Os demais perfis do recorte tratam do cotidiano de dois casais homoafetivos, um masculino e outro feminino, além daquele sobre Carlos Alberto Porciúncula (72) solteiro que afirma não se ver classificado em nenhum rótulo de gênero, apresentado como gay na enunciação.

Nelas a temática da velhice e do universo LGBTI vai se mesclando a outros aspectos e facetas de sua vida, o que leva a enunciação para um outro patamar mais em torno da vida cotidiana dos sujeitos na atualidade do que centrado nos elementos indiciais do preconceito e estigmas que enfrentam, ainda que esses também estejam presentes.

As matérias em seu conjunto formam um panorama que aproxima seus leitores de algumas das importantes questões que tocam especificamente a esse universo. Permitem também visualizar ou ilustrar outras questões mais amplas, tanto no que tange à

discriminação e preconceito de grupos considerados minoritários, como também, tratam de forma mais abrangente sobre questões de relacionamento humano.

Alguns dos personagens se colocam em uma posição que permite entrever uma atuação em linha com aquela de sujeitos que vão além de seu tempo, e outros que passam a reproduzir as conquistas da causa de forma cotidiana, conferindo concretude a uma nova realidade almejada, que ajudam a construir.

É nesse momento - quando o discurso extrapola o lugar do estigma e quando as falas ganham espontaneidade e as vemos imersas num cotidiano que tange às formas de relacionamento familiar, os diálogos entre casais, as relações afetivas com os filhos e comunidade - que a enunciação fornece marcas de conquistas sociais em torno da causa, uma vez que ela deixa de ser o eixo referencial, dissolvendo-se como parte de um cotidiano maior¹²⁰.

Nesse jogo entre a exposição pública e o anonimato, entre o genérico e o particular, temos o caso de um grupo de perfis que, tratando de idosos de um determinado universo, historicamente estigmatizado, desponta também sob outros registros, indicando a ocorrência de transformações no seio da causa.

Nesse aspecto, podemos dizer que a temática da velhice e os discursos em torno dela são, como defendíamos no início, princípio orientador na identificação de outras temáticas e discursos que ganham projeção em nossos tempos.

Ainda que vejamos reacender no país e no mundo a chama de um discurso disciplinar, autoritarista e conservador em vários âmbitos, queremos acreditar, com Heller (2016, p. 25; 31), que a “invencibilidade da substância humana” responsável pela indignação contra opressões e pela preservação ou retorno de valores conquistados seja chama de resistência nesse momento.

De qualquer forma, o que essas matérias nos apresentam é uma face do envelhecimento específico, relacionado a questões minoritárias que, se por um lado se expressam nas matérias como conquistas, também trazem indicadores de retrocessos no

¹²⁰ Durante o período de produção desta tese, vemos um cenário social e político que se erige em nome de valores destitutivos de conquistas ligadas aos direitos humanos, incluindo as questões de gênero. No entanto, as matérias apontam para uma outra realidade de conquistas e ganhos efetivos, ainda que apontando o forte preconceito social sofrido por pessoas desse universo. Preconceito que se sobrepõe, quando tais sujeitos tornam-se mais velhos.

período da velhice, mencionando a necessidade de readequação e encobrimento de condições identitárias para aceitação desse grupo em outros círculos.

Ou seja, por mais que tenham ocorrido conquistas nessa área, o fato de haver recorrência na menção de que tais sujeitos necessitam esconder sua identidade de gênero na velhice indica que as conquistas em termos de quebra de tabus ou rótulos vão até certo ponto, ou seja, não se equacionaram efetivamente na trama da sociedade.

Mais, a situação aponta para uma perda de poder social nessa fase de vida, uma vez que é aí que precisam voltar a encobrir face tão relevante de sua personalidade.

Sobre os processos de revelação e encobrimento de estigmas Goffman sugere que, por um lado, a capacidade de encobrimento é uma fase de socialização da pessoa estigmatizada, mas por outro, que o sujeito estigmatizado “pode vir a sentir que deveria estar acima do encobrimento, que se aceita e se respeita não haverá a necessidade de esconder” aquilo que motiva sua estigmatização (GOFFMAN, 2017, p. 113).

Ele acrescenta que é aí que a revelação voluntária se insere “na carreira moral como uma de suas fases”, ou seja, é vista como “uma fase final, madura e bem ajustada – um estado de graça”, o que se lê por meio de autobiografias públicas de indivíduos estigmatizados (GOFFMAN, 2017, p. 113).

Ou seja, como algumas matérias reforçam, imaginamos aí o que significa para o sujeito que passa por todo um processo de auto-aceitação, afirmação pessoal e social daquilo que sabe ser na sociedade um estigma e, depois, vê-se obrigado a ter que retornar para um patamar de encobrimento daquilo que por tanto tempo lutou por afirmar, para que possa ser acolhido e cuidado na velhice.

E assim, nos perguntamos, que nível de acolhimento e cuidado recebe um idoso que precisa passar por tal agressão?

Como afirma Judith Butler

Existe uma idealidade, quando não uma dimensão fantasmática, para as normas culturais de gênero, e mesmo que humanos emergentes busquem reiterar e acomodar essas normas, eles também certamente tomam consciência de uma persistente lacuna entre esses ideais [...] e nossos vários esforços de corporificação vividos, nos quais o nosso próprio entendimento e o entendimento dos outros têm finalidades opostas (BUTLER, 2009, p. 37).

Quando algo mais que a norma irrompe, deveria haver meios que nos permitissem vivenciar nossas experiências sem que isso significasse opressão. Deve assim “haver algo

mais do que a norma que guarde em si a possibilidade de não conformidade” (BUTLER, 2009, p. 37), permitindo aos sujeitos a vivência de uma vida mais plena

As questões de gênero e velhice, vão muito além daquilo que trazemos nesse trabalho. Não é nosso objetivo nos aprofundarmos nelas, o que significaria uma outra pesquisa diferente daquela que nos propomos.

No entanto, como mencionamos, além de se postarem como indicativas da transversalidade dos discursos entrelaçados àqueles do envelhecimento, demonstrando o papel privilegiado da temática que escolhemos como chave de leitura e exposição de temas nevrálgicos de nosso tempo e lugar, tais questões tocam em outro ponto relevante em que se insere a condição e representação da velhice em nossos dias, aquele de seu lugar como minoria.

4.4.4 Velhices minoritárias e a potência do devir

As situações apresentadas nos levam a pensar na posição dos idosos também como um grupo minoritário, entendido como grupo diferenciado de um modelo padrão dominante¹²¹.

Para além de uma face material, reivindicatória em termos de militância na busca por visibilidade e reconhecimento comumente atrelada aos grupos minoritários, como vimos brevemente no primeiro capítulo, Deleuze e Guattari apresentam uma visão particular sobre o tema.

Eles conferem às minorias um importante papel transformador, mas em um sentido específico. Com eles entendemos a existência de grupos minoritários como elemento necessário ao devir e, assim, que possibilita a mudança e a amplitude das experiências humanas.

Em suas palavras, “só uma minoria pode servir de termo *medium* ativo ao devir, mas em condições tais que ela pare por sua vez de ser um conjunto definível em relação

¹²¹A esse padrão corresponde o conceito de maioria, entendida como “a determinação de um estado ou de um padrão em relação ao qual tanto as quantidades maiores quanto as menores serão ditas minoritárias: homem-branco, adulto-macho, etc. Maioria supõe um estado de dominação, não o inverso” (DELEUZE & GUATTARI, 2012b, p. 92).

à maioria” (DELEUZE & GUATTARI, 2012b, p. 93), de forma tal, que sua existência não seja a contínua reafirmação ou a ressonância do lugar de dominação nela erigido.

Para isso, é preciso diferenciar “ ‘minoritário’ enquanto devir ou processo, e ‘minoria’ como conjunto ou estado [...] Reterritorializamo-nos, ou nos deixamos reterritorializar numa minoria como estado; mas desterritorializamo-nos num devir”, ao entrarmos em um devir-minoritário, que nos arrancaria de nossa identidade maior, ou seja, de um lugar majoritário em que nos encontramos (DELEUZE & GUATTARI, 2012b, p. 92).

No caso dos idosos, dos velhos, então, não basta situar-se neste grupo, mas incorporá-lo como face inerente a si, na constituição de algo além. No nosso entender, trata-se então de um movimento empático, de uma possibilidade sempre aberta de deixar-se transformar pelo outro, pela velhice que nos habita.

Dessa forma, o “devir-minoritário é um caso político, e apela a todo um trabalho de potência, uma micropolítica ativa” (DELEUZE & GUATTARI, 2012b, p. 93), isso, uma vez que ele põe em cheque o lugar cristalizado da maioria, e assim, seu excedente pressuposto de direito e de poder.

Ele nos abre para a via das possibilidades para o além do instituído, na potência da face criadora do humano: “As criações são como linhas abstratas mutantes que se livram da incumbência de representar um mundo, precisamente porque elas agenciam um novo tipo de realidade” (DELEUZE & GUATTARI, 2012b, p.100).

Nesses termos, pensamos na relevância do universo LGBTI, como vimos em nossos perfis, pela visibilidade que a causa confere à questão dos grupos minoritários na exposição de tensões que se repõem em outros grupos de forma mais ampla, como também numa vivência harmônica com ela, com suas dificuldades, mas também prazeres, posicionamentos e delicadezas, como podemos entender também a velhice.

E se falamos de minorias e grupos minoritários e sua expressão nas mídias, falamos também da assunção a lugares de fala, ou da falta de acesso a eles

Sendo o lugar de fala um lugar de poder, sua ocupação ou não por determinada categoria de sujeitos é indicativa de seu status e relevância no meio em que se insere.

Nas matérias desse recorte (LGBTI) essas falas são apresentadas de maneira aprofundada e permitem acesso à voz e elementos aproximativos da vida desses sujeitos.

A ocupação desses espaços é assim entendida como face de um processo de legitimação e reconhecimento social (RIBEIRO, 2017, p. 76).

Daqui partimos para as velhices centenárias e supercentenárias, onde a questão da tomada de um lugar de voz também permite ser explorada de forma mais extensa.

4.4.5 Do segredo para uma vida longa à destituição do lugar de voz e outros posicionamentos das velhices centenárias

Pensamos nos discursos como espaços de poder dos quais os indivíduos querem se apoderar, uma vez que por eles se estabelece aquilo que é tomado como verdadeiro (FOUCAULT, 2000). Por eles se colocam as bases que nos territorializam no mundo, condicionando nossas ações.

Sendo assim, em uma cena enunciativa o direito de fala torna-se indiciário da hierarquia e das relações de poder entre os lugares discursivos que nela se constituem.

Em grande parte dos perfis com idosos centenários temos aí um ponto importante de abordagem sob tal ótica, quando apresentados como *locus* depositário do segredo para uma vida longa.

Apesar de elemento primeiro que justifica a cena enunciativa, paradoxalmente, a velhice centenária ocupa um lugar destituído diante de outras instâncias enunciativas.

Nessa cena, pautada pela revelação de um conhecimento detido apenas por sujeitos que alcançaram patamares elevados de longevidade, sua voz é restringida, ainda que se fale sobre eles, sobre alguns de seus hábitos cotidianos, gostos e idiossincrasias.

A palavra das velhices centenárias é terceirizada ou anulada na fala de outro alguém detentor de um suposto saber maior, seja de modo particular, a partir de uma relação de proximidade com o sujeito ou do ponto de vista de um conhecimento genérico, especializado. Dessa forma, pode-se dizer, é uma voz excluída.

Para Foucault, o mais evidente e familiar procedimento de exclusão é a interdição: não se tem o direito de dizer tudo, não se pode falar de tudo em qualquer circunstância e qualquer um não pode falar de qualquer coisa (FOUCAULT, 2000, p. 9).

Em nosso caso, vemos um mecanismo aparentemente mais sutil, uma vez que a enunciação gira em torno dos sujeitos centenários, apontando para elementos que os singularizam.

Podemos falar, então, de um processo que anula sua voz sob a máscara da inclusão. Isso porque, aparentemente ouvida, na maioria das vezes é uma palavra refutada por outras instâncias em termos daquilo que propõe.

Vemos aí a reposição de dois processos atuando de forma complementar: um processo de seleção e rejeição e, outro, pautado pelo princípio do comentário, que se posta em articulação ao anterior.

O primeiro é ilustrado por Foucault na oposição razão/loucura.

Como afirma:

Desde a Idade Média, o louco é aquele cujo discurso não pode circular como o dos outros: pode ocorrer que sua fala seja considerada nula e não seja acolhida, não tendo verdade nem importância [...] pode ocorrer também, em contrapartida, que se lhe atribua, por oposição a todas as outras, estranhos poderes o de dizer uma verdade escondida, o de pronunciar o futuro, o de enxergar com toda ingenuidade aquilo que a sabedoria dos outros não pode perceber [...]

De qualquer modo excluída ou secretamente investida pela razão, no sentido restrito, ela não existia (FOUCAULT, 2000, p. 11).

Assim, “o imenso discurso do louco retornava ao ruído; a palavra só lhe era dada simbolicamente, no teatro, onde ele se apresentava, desarmado e reconciliado, visto que representava aí o papel de verdade mascarada” (FOUCAULT, 2000, p. 12).

No entanto, mesmo quando passa a ser ouvida, a palavra do louco ainda continua a sofrer essa separação e rejeição. Tal processo passa a ser exercido de outro modo. De onde se conclui que a mera expressão de uma palavra não determina que esta não esteja segregada, como vemos em nosso caso.

Em relação aos centenários dos projetos narrados, verifica-se um processo de exclusão que anula sob a máscara da inclusão. Ela é separada como uma revelação sobre a longevidade que apenas pessoas tão idosas podem conhecer, no entanto, na maioria das vezes é uma palavra refutada. Seja pelo teor daquilo que revela, seja pela fala de outras instâncias, em termos daquilo que propõe é uma palavra que serve apenas como elemento de um ritual enunciativo.

Isso porque, explicitamente, a cenografia se posta em nome de sua palavra, ela é acolhida como uma fala de verdade para o humano genérico, o segredo da longevidade humana, mas muitas vezes, essa só é feita mediada pela voz de um terceiro, um familiar ou a própria imprensa e, depois disso então, validada ou destituída pela voz de um agente mais autorizado, em geral, um médico, ou, novamente a imprensa.

A validação se dá mais a título de autorização de um hábito pouco ortodoxo ou pouco adequado, como beber um copo de whisky por dia. Acontece também quando ratifica outros elementos associados a uma figuração da personagem, como a menção ao bom humor, por exemplo.

Vemos ainda sua fala refutada e, aí, explicitamente anulada, quando o comentário da instância mais autorizada na enunciação nos lembra que o ato considerado como segredo da longevidade humana não se enquadra nos padrões de um hábito saudável, o que geralmente se pauta pelo discurso médico.

É então que o princípio do comentário passa a atuar em nossa cena, como elemento de exclusão. Segundo a argumentação de Foucault, isso se dá uma vez que o discurso primeiro permite, indefinidamente, para além de sua formulação, outros discursos secundários que os refundam.

Porém, essas falas ou comentários implicam a anulação de um dos termos da relação:

no que se chama globalmente um comentário, o desnível entre texto primeiro e texto segundo desempenha dois papéis que são solidários. Por um lado, permite construir (e indefinidamente) novos discursos: [...]. Mas, por outro lado, o comentário não tem outro papel [...] senão o de dizer enfim o que estava articulado silenciosamente no texto primeiro (FOUCAULT, 2000, p. 24-25).

Desse modo, apesar de a palavra dos centenários ser aparentemente concedida e visível no enunciado por meio de citações diretas e menções indiretas, de forma geral, ela somente entra no discurso como artifício na revelação de um hábito qualquer, tomado como segredo da longevidade, mas, cuja veracidade dos fatos se desacredita em relação aos objetivos almejados.

Nesses casos, além de haver a destituição de fala da personagem central, deslegitima-se a própria cena enunciativa pela construção narrativa contraditória e paradoxal.

Os terceiros que falam em nome dos centenários também se constituem como sujeitos sem fala própria, uma vez que operam apenas como porta-vozes de uma outra instância e como elemento referencial, cujo testemunho legitima um determinado acento à enunciação. Repõe-se a exclusão, em mais um nível enunciativo.

Pode-se dizer, então, que encontramos aí matérias muito divertidas, mas cuja presença dos centenários é apresentada como aquela dotada de uma revelação que fere um discurso verdadeiro validado em nossa época e, que, por isso, precisa ser enquadrada e domesticada, o que se dá pelo julgamento expresso nos comentários de um lugar mais autorizado na enunciação.

Assim, as vozes visíveis nessa cena, de um lado operam mais como alegoria do que são portadoras de seu próprio significado (KOTE, 2000, p.67) e, de outro, atuam como agentes domesticadores, ratificadores de um discurso tanto normativo quanto disciplinar.

4.4.6 Para além de um lugar sem voz – presenças no mundo

Apesar do que se coloca até aqui, vemos também rastros de outras possíveis abordagens quando se inserem alguns poucos elementos relativos à trajetória desses centenários ou quando a cena enunciativa desloca seu eixo para além da revelação do segredo.

Nas poucas matérias em que os centenários têm palavra própria, um posicionamento de vida mais amplo é efetivamente expresso, permitindo outra representação em torno desses sujeitos.

Assim, para além do tom caricato de uma velhice de excentricidades, *locus* do segredo indolor para uma vida longa, constituem-se outras cenas que fazem furo nessa tomada.

Isso ocorre quando esses idosos se inserem em acontecimentos e discursos de destaque em nossa época, seja por serem mais valorados ou por um caráter polêmico.

É o que vemos, por exemplo, na presença de duas temáticas ressoantes em todos os segmentos de nosso *corpus*, e não apenas no recorte dos centenários.

São os casos dos perfis em que se lê o uso e apropriação das tecnologias pelos idosos e, também, aqueles que enfocam a temática da finitude na reivindicação ao direito

de dispor de si, do seu corpo e da gestão da própria vida, seja na abdicação à continuidade de tratamentos invasivos ou na luta pelo direito à morte assistida.

No caso das tecnologias, vemos exemplos bem diferentes daquilo que se coloca nas tomadas críticas sobre a interferência da alta midiaticização nas relações de nossos tempos.

Entre essas, aquelas que vêm aí um universo promotor de distanciamento ou esgarçamento de relações pessoais, de contatos diretos, e também, de um ‘encapsulamento’ sobre si (BOFF, 2014, p.11).

Ou ainda, tomadas que pensam a navegação virtual e o mundo hiperconectado como elementos constituintes de tempos em que impera a busca por uma leveza de vida constante, como palavra de ordem a ser mantida mesmo que de forma opressiva (LIPOVETSKY, 2016, p.126,).

Vemos um posicionamento que também difere da representação que toma os idosos como pessoas ultrapassadas, que pouco se adequam a um espaço de inovação constante, e que os faz perder prestígio e poder diante de gerações mais novas que, imersas em uma cultura de tecnologias híbridas em constante mutação, são apresentadas como mais hábeis e competentes nesse *locus*.¹²²

O que vemos, então, é efetivamente um processo de apropriação desse novo universo pelas pessoas de mais idade, o que se torna elemento visível, seja como rastro de uma realidade ou como elemento central da narrativa.

Apresentam-se aí sujeitos que utilizam as potencialidades que esse universo traz - seja de maneira mais utilitarista ou de forma lúdica.

Vemos iniciativas relacionadas a um interesse específico, à promoção de projetos em que se envolvem, como também se observa a utilização das redes e do ambiente da *web* como ferramenta para o reencontro com histórias de vida, amigos e familiares distantes. Entre os exemplos de sua utilização temos ainda aqueles que encontram

¹²²É o que ilustra matéria de Ana Estela de Souza Pinto, para a Folha de S.Paulo (26/11/2017), sobre preconceito em relação aos idosos. Nela, são incluídas entre as causas de preconceito e perda de *status*, o estereótipo de que falta às pessoas mais velhas a competência para lidar com inovações tecnológicas, bem como, a rapidez das mudanças, que destitui o valor da experiência acumulada ao longo dos anos. Disponível em <://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/11/1938235-para-mais-de-90-existe-preconceito-contra-os-idosos-no-brasil.shtml>. Último acesso em 20/01/2019.

soluções para sua adequação a novos momentos que a vida e a velhice lhes impõem ou se lançam em novos projetos possíveis apenas nesse universo.

A partir dessa apropriação ganham projeção nas malhas da *web*, mas também, em outros ambientes. Passam a manter novas relações de diferentes níveis. Utilizam assim o espaço das tecnologias e do ambiente virtual de forma criativa, com inegável enriquecimento para suas vidas e para a de outros.

Ainda que falemos da temática de forma muito sucinta, ela nos lembra de aspectos que nos são caros nesse trabalho.

O primeiro, relativo ao nosso posicionamento que pede que coloquemos em cheque ou em questão os estereótipos que temos construído sobre os idosos, no sentido de problematizá-los, lembrando seu lugar como construto.

O segundo, porque esse cenário nos remete à vastidão de possibilidades que nesse mundo repleto de inovações poderia ser aplicada em favor de nossos idosos e na melhoria de suas condições de vida.

No entanto, muitas vezes, esses são negligenciados por uma lógica de mercado que os vê apenas ou prioritariamente como sujeitos em busca de rejuvenescimento, ou, por outro lado, como indivíduos declinantes, destituídos de sua dimensão de desejos, predileções e estética, ou ainda, também, quando são destituídos de poder de compra.

Por fim, o que essas matérias ainda nos lembram, é que, não apenas uma dimensão utilitarista que visa facilitar questões do dia a dia se inserem entre essas possíveis demandas, mas, que há todo um universo lúdico, para uma vida mais prazerosa em que as tecnologias e meios de comunicação podem operar como instrumentos de conexão e novos fazeres, como promotores de novas experiências e significados de vida.

Tal pensamento pode ser ratificado pelo olhar de Edgar Morin (2007), quando defende que, como espécie, somos constituídos por dimensões que se interconectam. Essas abrangem a racionalidade, mas também a afetividade e a ludicidade, as quais conferem mais sentido e enriquecimento imaginário à humanidade.

Nas palavras do autor: “O tecido da vida é feito também de sonhos, como o dos sonhos é feito de vida. A composição e a dose variam. Da mesma forma que necessita de afetividade, a realidade precisa do imaginário para ganhar consistência” (MORIN, 2007, p. 132).

Pode-se dizer, assim, que, por vezes, a apropriação das tecnologias de comunicação digital ou na *web* por nossos sujeitos, a exemplo de um jogo, torna-se um complemento ao cotidiano, uma parte integrante da vida do sujeito de forma geral. “Ornamenta a vida, ampliando-a” (HUIZINGA, 2007, p. 12).

Nas palavras extremas de Dagny Carlsson, uma de nossas centenárias que, aos 105 anos mantém um blog com atualização constante: “é possível, mas sem sentido, viver sem o computador” (DEUTSCHE WELLE, 11/05/18).

4.4.7 Finitude, disposição sobre a própria vida e a lógica do cuidado

Sobre os discursos em torno da finitude, também rompe-se com um certo estereótipo da velhice. No lugar daquele que a toma por um viés disciplinado e cordial, vemos um outro lugar para esses sujeitos.

Um *topos* ocupado por pessoas que reivindicam o direito de decisão sobre a gestão de sua morte, ou seja, que não se sujeitam mais a tratamentos invasivos, ou que lutam pelo direito de morrer de forma não natural, destituindo-nos da visão de uma velhice que avança em um berço de pura positividade.

Seu posicionamento é indicial de fala recorrente em outros espaços para além de nosso *corpus*. Essa pede por maiores discussões sobre o tema da morte e sobre o destino humano em situações próximas a ela. Posicionamento que também participamos.

Norbert Elias (2001), por exemplo, defende que deveríamos falar mais clara e abertamente sobre o assunto. Em levantamento histórico, ele demonstra que a morte é um fenômeno cada vez mais isolado, higienista e biologizante. Cada vez mais solitário, destituído de humanidade, de relações afetivas e apoio de pessoas que poderiam confortar o moribundo nos seus últimos momentos ou tempo de vida.

Para Andréa Pachá, escritora e juíza que atua em vara responsável por julgamentos de inventários, testamentos e curatela, “velhice e morte não deveriam ser assuntos interditados nem silenciados nas conversas. Poucos eventos são tão libertadores quanto aqueles em que, dando nomes às coisas e aos sentimentos, materializamos os medos e sepultamos os fantasmas” (PACHÁ, 2018, p.199).

Nesses termos, posiciona-se ainda na defesa de um melhor acolhimento da velhice dependente, como também de um olhar mais corajoso para a morte, como forma de nos

defendermos de procedimentos invasivos ou de afirmarmos nossos desejos em momentos derradeiros,

Uma das experiências mais tristes, em processos de curatela, quando os velhos perdem a memória, é a constatação de que não se morre apenas quando o coração para de bater, mas quando se é apropriado, ainda respirando, por pessoas que desconsideram o passado e o respeito que uma vida merece [...] Compreender o envelhecimento como um processo natural pode nos auxiliar a preparar um testamento, uma diretiva antecipada de vontade, manifestando desejos que devem ser respeitados por aqueles que cuidam de nós, legando o patrimônio, afirmando a quais tratamentos interventivos queremos nos submeter, positivando o destino dos nossos órgãos ou a possibilidade de cremação do nosso corpo, para que nossa autonomia não acabe antes do fim (PACHÁ, 2018, p.203).

Essa fala torna-se ainda mais relevante quando consideramos as possibilidades de apropriação por nossos corpos, por outros, em um período histórico que a morte acontece de maneira cada vez mais privada e objetificada.

Em nossas matérias vemos então alguns casos que olham de frente para a morte, na busca pela imposição de sua vontade vital. Uma delas, desiste de um tratamento agressivo contra o câncer para viver seus dias aceitando o processo de finitude no qual ingressa, sem a imposição de uma batalha de submissão a procedimentos que, ainda que podendo ampliar o tempo de vida, são sinônimo de mais sofrimento e dor, com chances ínfimas de remissão da doença ou cura.

Ela filma seus últimos dias e nos deixa um depoimento emocionante de alguém que, demonstrando estar feliz por não sentir dor, encara de frente esse processo de vida com coragem e gratidão, junto aos seus, permitindo-se morrer naturalmente.

É a resposta para o que nos pergunta Elias (2001, p.103):

O que fazer se sabemos que uma pessoa preferiria morrer em casa a morrer no hospital, e se também sabemos que em casa ela morrerá mais rapidamente? Mas talvez seja exatamente isso o que ela quer. Talvez não seja supérfluo dizer que o cuidado com as pessoas às vezes fica muito defasado em relação ao cuidado com seus órgãos.

Por outro lado, falando ainda de finitude temos também os perfis de idosos que lutam pelo direito à morte assistida.

O tema é apresentado com leveza, como sendo a expressão da vontade dos sujeitos: um centenário de 105 anos e um casal, que decide morrer junto na casa dos 90 anos, depois de uma longa jornada de vida, realizados, mas diante da perda de qualidade de vida em função de problemas de saúde.

Os conflitos nas matérias se apresentam apenas em relação ao Estado, e à luta pelo direito da realização digna do suicídio assistido. Romanceia-se o ato. Mas será que tema tão contundente, será que diante da dificuldade humana de encarar a própria finitude o que se coloca não é muito pouco, também a serviço de uma leveza, passível de ser apropriada por outros discursos?

No caminho dos hiperlinks, encontramos uma matéria em que a esposa dá um depoimento após festa de despedida que fazem para familiares e amigos próximos¹²³:

“Nunca ouvi palavras tão gentis. Talvez, deveríamos ficar”, brincou Shirley. (NOTÍCIAS.UOL/ 03/04/2018).

A fala apresentada como brincadeira aponta para a seriedade com a qual a questão deve ser abordada, mais do que romanceada.

De qualquer forma, temos nesses casos, sujeitos que se colocam sobre questões contundentes e que, assim, jogam luz em uma temática que pede maior discussão.

As afirmações dos autores, bem como as cenas das matérias e seu traçar discursivo, remetem em grande parte à existência de uma bio-política ou, nos termos em que os cunhou Foucault (1988; 2005).

Para o autor estamos diante de um conjunto formado por dois grandes mecanismos: um disciplinar de controle dos corpos e, o outro, um mecanismo regulamentador da população. (FOUCAULT, 2005, p. 302).

Em sua articulação opera a norma. Tratar do poder em uma sociedade de normalização é, assim, dizer que o poder “incumbiu-se da vida, é dizer que ele conseguiu cobrir toda a superfície que se estende do orgânico ao biológico, do corpo à população, mediante o jogo duplo das tecnologias de disciplina de uma parte, e das tecnologias de regulamentação de outra” (FOUCAULT, 2005, p. 302).

Como significantes maiores, que fazem cadeia, temos aí a vida e a morte e tudo que diz respeito em termos de sua gestão, desde a macroesfera do Estado e grandes instituições, ao âmbito micro voltado para a disciplinarização dos sujeitos.

¹²³ “Shirley se dizia assustada quanto aos seus últimos cinco dias, mas o marido afirmou que estava bem. Eles estavam vibrantes e felizes na companhia da família. “Nunca ouvi palavras tão gentis. Talvez, deveríamos ficar”, brincou Shirley. (NOTÍCIAS.UOL/ 03/04/2018) Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2018/04/03/apos-72-anos-de-casamento-casal-canadense-decide-se-submeter-junto-a-morte-assistida.htm?cmpid=copiaecola>>. Último acesso em 25/01/2019.

Temos então, na argumentação do autor, dois polos de desenvolvimento. Esses são interligados por todo um feixe intermediário e complexo de relações (FOUCAULT, 1988, p. 131).

Um deles, situado no corpo-máquina:

no seu adestramento, na ampliação de suas aptidões, na extorsão de suas forças, no crescimento paralelo de sua utilidade e docilidade, na sua integração em sistemas de controle eficazes e econômicos – tudo isso assegurado por procedimentos de poder que caracterizam as *disciplinas*: anátomo-política do corpo humano (FOUCAULT, 1988, p.131) (grifos do autor).

O outro, centrado no corpo-espécie,

no corpo transpassado pela mecânica do ser vivo e como suporte dos processos biológicos: a proliferação, os nascimentos, e a mortalidade, o nível de saúde, a duração da vida, a longevidade, com todas as condições que podem fazê-los variar; tais processos são assumidos mediante toda uma série de *intervenções e contrôles: uma bio-política da população* (FOUCAULT, 1988, p.131) (grifos do autor)

Assim, estruturou-se a organização do poder sobre a vida, de cima para baixo, em torno dessas duas faces: “anatômica e biológica; individualizante e especificante, voltada para os desempenhos do corpo e encarando os processos da vida” (FOUCAULT, 1988, p. 131).

O fato de viver, “cai, em parte, no campo de controle do saber e de intervenção do poder [...]; é o fato do poder encarregar-se da vida [...] que lhe dá acesso ao corpo” [...], como agente de transformação da vida humana (FOUCAULT, 1988, p. 132).

Em todos esses aspectos apresentados pelo autor, vemos expressões e analogia com o que encontramos no conjunto de nossas matérias, de uma maneira geral e para além da temática específica da finitude.

A despeito de todas as singularidades encontradas, vemos atrelado a tal raciocínio aquilo também que se expressa em nome do envelhecimento ativo, como tônica que abarca suas diferenças, como uma palavra de ordem de nossos tempos em torno da temática.

Em sua argumentação, Foucault ilustra esses mecanismos de disciplinarização e regulamentação na distinção entre o sexo como ponto de fixação em que se apoia todo um dispositivo da sexualidade.

Esse mesmo raciocínio podemos aplicar então, no aperfeiçoamento e ampliação de nosso olhar para a distinção entre velhice e envelhecimento. Mais do que uma fase e um movimento, temos então um ponto de fixação em torno do qual se articula todo um mecanismo de sujeição e disciplinarização dos corpos, dos sujeitos e seu meio.

Naquilo que nos apresenta o autor e substituindo-se os termos empregados: sexo/sexualidade, por velhice ativa/ envelhecimento, poderíamos dizer que se ilustra, de maneira quase como um decalque, ainda que na medida das adequações necessárias, a aplicação da mesma linha de teorização sobre nosso objeto.

Dessa forma, podemos dizer que: uma determinada concepção de velhice/ a velhice ativa “nada mais é do que um ponto ideal tornado necessário pelo dispositivo de envelhecimento e por seu funcionamento” (FOUCAULT, 1988, p. 145).

Ou seja, a velhice ativa é o “elemento mais especulativo, mais ideal e igualmente mais interior, de um dispositivo de envelhecimento que o poder organiza em suas captações dos corpos, de sua materialidade, de suas forças, suas energias, suas sensações, seus prazeres [...] (FOUCAULT, 1988, p. 146).

“Com a criação deste elemento imaginário que é ‘a velhice ativa’, o dispositivo de envelhecimento suscitou um de seus princípios internos de funcionamento mais essenciais: o desejo da velhice ativa/ (que é quase o mesmo que o desejo da juventude eterna), desejo de tê-la, de aceder a ela, de descobri-la, liberá-la articulá-la em seu discurso, formulá-la em verdade. Ele constituiu a velhice ativa/juventude como desejável” (FOUCAULT, 1988, p. 146).

Por isso, não devemos acreditar que ao dizer sim à ideia de velhice ativa estamos dizendo não ao poder; ou a uma visão rotulada da velhice, ao contrário, se está seguindo a linha do dispositivo geral do envelhecimento (FOUCAULT, 1988, p. 147) em sua forma atualizada.

Aí, o perfil de Madonna é para nós exemplar, saindo com partes desnudas, para ousar e afirmar sua não cooptação por um discurso que a situa em um lugar específico estereotipada da velhice e lhe cobra determinados comportamentos; reivindicando o namoro com rapazes mais novos e utilizando Mick Jagger como referência, vemos um posicionamento completamente apanhado pelo dispositivo de poder do qual quer se diferenciar, ainda que sobre outros moldes.

Assim, partilhamos o pensamento de Tótora quando diz que, “situar o problema da velhice como a grande política do corpo [...]”¹²⁴ visa criar um campo de resistência política de normalização e gestão da vida de cada um e da população, particularmente da velhice, pelas instituições públicas e privadas” (TÓTORA, 2015, 102).

No entanto,

Envelhecer bem e com qualidade de vida tornou-se um lugar comum, um clichê repetido à exaustão. Tal enunciado, independentemente de seu grau de cientificidade, engendra inúmeros dispositivos de controle não somente dos velhos, mas do modo de vida de toda a população, com base na alegação de uma vida saudável para envelhecer bem (TÓTORA, 2015, 66).

Por outro lado, importa ainda dizer que “Não se trata de questionar a cientificidade desses saberes, ou mesmo sua importância para uma vida longa e ‘ativa’, o que está em questão é a tecnologia de poder que esses saberes instituem sobre o corpo” (TÓTORA, 2015, 105).

Isso porque essa se insere nos diversos momentos de nossas vidas e mobiliza uma série de sujeitos e organizações em seu entorno, na viabilização de um modelo erigido e que se efetua nas tramas do dia a dia.

Como nos lembra ainda a autora, desses saberes, “Desencadeia-se uma variada parafernália de receituários de como se deve viver, alimentando o mercado consumidor de saúde” como também outros da área estética (TÓTORA, 2015, p. 66).

E, quando lembramos que a lógica do contribuiu para o desenvolvimento do capitalismo e dessa sociedade de consumo, (FOUCAULT, 1988), pensamos nas saídas que teríamos para fugir desse emaranhado, como um sistema complexo que nos arrasta e nos assujeita.

Se não é pelo caminho do abismo, como propõe Bernardet, lembramos, também por meio de outras de nossas matérias, que somos filhos do cuidado, somos dependentes uns dos outros, como da natureza e meio que nos acolhe¹²⁵.

¹²⁴ A autora aqui, fala especificamente de Friedrich Nietzsche, mas o argumento relaciona-se diretamente também ao que tratamos com Foucault.

¹²⁵ Nesse sentido, a matéria com Leah Bandeira Sacchi (106) é exemplar (VIVER BEM, 08/07/2018), pois, apesar de se apresentar em nome do segredo da longevidade, fura com esse discurso e traz toda uma rede de apoio social sobre a qual organiza seu dia a dia. Rede cuja existência só é possível pela imersão de todo um universo em uma lógica de maior atenção à vida, à comunidade a aos sujeitos que nela habitam.

Acreditamos que somente com ações que contemplem efetivamente essa via poderemos traçar outros caminhos e bases para a realização de condições para um envelhecimento mais saudável.

Mais saudável, não no sentido de aquiescência a um discurso que joga conosco como dispositivo de poder, disciplinar, mas na promoção do acolhimento a outros, com quem possamos compartilhar mais, de quem possamos receber mais, a quem possamos doar mais, no respeito às diferenças e trajetórias que cada um traz em si.

Sustentados como seres dotados da capacidade de acolher a vida assim como ela é, em suas virtualidades e em seu entusiasmo intrínseco, em seus nós de relações para todos os lados, mas também em seus processos de finitude, transformações e em sua mortalidade (BOFF, 2014, p.170-171).

Dessa forma, chama a nossa atenção a ausência de perfis que exponham a face dependente dos sujeitos, as velhices que necessitam de auxílio para a realização das ações de vida diária, as velhices dementes, como também as velhices dos lares para idosos, as estratégias de enfrentamento utilizadas e as formas de presença no mundo efetuadas em diferentes bases.

Ratificação da ideia de que “raramente as pessoas podem ver a si mesmas em sua dependência dos outros – uma dependência que pode ser mútua” (ELIAS, 2001, p. 42).

Se a proporção de idosos tem aumentado consideravelmente a ponto de inverter posições na pirâmide etária e de ser considerada como uma revolução, se, ao mesmo tempo não aumentam os anos de vida saudável de nossos idosos, nas mesmas proporções (ILC, 2015), temos aí uma cobertura oca.

Oca, pois, como uma árvore doente cuja casca lhe confere aparência de sólida, deixa por dentro uma face frágil não apresentada, uma lacuna que, diferentemente de nossa metáfora, é preenchida por gente, por toda uma parcela de pessoas que precisam de visibilidade para que suas condições, necessidades e demandas sejam consideradas, problematizadas, atendidas.

Nessa obscuridade caem ainda toda uma série de outros sujeitos, outros lugares discursivos, outros discursos, outras vidas que pedem também exposição. Cuidadores formais, informais, serviços de apoio, maneiras de existência de vida. Desaparecem as problemáticas e alternativas de enfrentamento para questões que podem ser comuns.

Assim, em nome de uma velhice ativa, seja no distanciamento de uma ideia de velhice como declínio, que é ainda referencial ou na abertura para as experiências da velhice, na aceitação de suas marcas e sua carga, não apenas como espelho e máscara da positividade, o que se vê também, no conjunto de nossas matérias de perfil, é a reposição da exclusão de uma velhice que poderia ser vista por outros ângulos, encampada por outros discursos na atenção a uma população que carece de cuidados intensos e investimentos de diversas ordens, tanto por parte dos indivíduos, como dos agentes públicos e de outras organizações da sociedade.

Se “abrir-se à vida é dispor-se a enfrentar todas as adversidades” (TÓTORA, 2015, p. 24), precisamos conhecê-las e considerá-las melhor, para que encontremos meios que nos sirvam de resposta.

Considerações Finais

Quando chegamos ao final desse trajeto, cumpre retomar nosso percurso em vistas daquilo que nos propúnhamos e daquilo que encontramos. Há algum tempo que nosso interesse está voltado para as representações sociais e para os lugares discursivos que assumem os indivíduos para tornarem-se sujeitos de seu discurso.

Esses são entendidos como espaços configurados por um manto de sentidos que formam a base em que nos territorializamos, nos quais nos inserimos e que nos permitem agir como seres presentes no mundo.

Daí a importância de seu estudo, não porque representam uma realidade como um retrato dela, mas porque tais representações e construções simbólicas são elas mesmas faces da realidade.

Terreno que permite que nos situemos, a partir das verdades nas quais vamos nos apoiando, por meio dos discursos em que nos engatamos.

É assim que podemos dizer que o mundo em que vivemos é todo ele construído, é todo ele imaginário. Nosso acesso e entendimento daquilo que somos e daquilo que está ao nosso redor passa pela mediação da linguagem e pela ancoragem nas coisas construídas pelo discurso.

Somos seres discursivos, que vivem em relação, situados na vida por esse processo de elaboração contínua do universo ao nosso redor.

Mas os discursos e representações são elementos que nos precedem, o que significa sempre nossa presença por engate e articulação, entre imposição, adesão ou ruptura.

Daí a importância de estudarmos as representações sociais e discursos relativos a um tema, quando buscamos compreendê-lo melhor e identificar as coordenadas de vida que aí se colocam, no direcionamento de nossas condutas, no estabelecimento de valores, na construção de hierarquias e relações de poder que nos assujeitam ou nos fortalecem.

Com a velhice e o envelhecimento é também assim: para além do real do corpo que fenece, estamos diante de construtos humanos, apoiados em discursos que estabelecem as verdades sobre o que significam tais termos, como fase de vida e processo.

Velhice e envelhecimento, como já nos dizia Beauvoir (1976), são também construções sociais.

Apoiando-nos sobre essas bases desenvolvemos esse trabalho que visou, de forma prioritária, identificar representações sociais e discursos em torno da velhice e do envelhecimento que circulam nas mídias em nossos dias, entendendo que esses nos colocam palavras de ordem que estabelecem coordenadas para nossa presença no mundo.

Diante de uma configuração da velhice que se apresenta de novas maneiras na vida social e cena pública, de modo até então não visto, tomamos como hipóteses que sua abordagem pela mídia se colocava de forma redutora, mesmo diante de sua grande exposição.

Além disso, acreditávamos que as palavras de ordem e regimes disciplinares que se colocam nos discursos sobre a velhice e o envelhecimento, não se direcionam apenas a pessoas mais velhas, mas também implicam outras gerações.

E também víamos a temática como uma chave de leitura para a problematização de um apanhado maior de discursos em circulação na atualidade.

Assim, para melhor entendimento do cenário, visando a construção do objeto, na primeira parte do trabalho percorremos estudos de diversas áreas. Esses permitiram ratificar a relevância e abrangência do tema em nossos dias, como também reforçaram a ideia de sua multiplicidade, não apenas em sua expressão propriamente dita, mas também por propiciar sua tomada por diversos campos.

Em um breve percurso histórico, pudemos ver a prevalência que o discurso médico vai ocupando na abordagem da temática, reivindicando para si o lugar de poder de conhecimento sobre o envelhecimento humano. No entanto, ao longo do tempo esse discurso vai sendo atravessado por outras abordagens, configurando um espaço de diferentes saberes, por vezes em disputa, outras em cooperação.

Tratamos da velhice pelo viés demográfico, que permite demonstrar a abrangência do objeto e a relevância social do tema atualmente, ao que se complementa e associa sua tomada em termos de lei, o que implica critérios específicos para sua delimitação como categoria social, fazendo surgir um determinado conceito de velhice, bem como, sua abordagem como questão pública, sujeita às políticas e ações do Estado.

Vimos aí também, como as representações sociais dos mais velhos e da família afetam o direcionamento de verbas, como também o entendimento da própria ação do Estado diante da questão do envelhecimento populacional em nossos dias.

Nesse panorama, passamos ainda pelo olhar da velhice como minoria, pela instauração do sistema previdenciário e de seguridade social, como também por seu efeito na conformação de um agrupamento de indivíduos que passam a dispor de maior tempo livre, o que se associa ao surgimento da categoria da ‘terceira idade’.

Por outro lado, com a ampliação da expectativa de vida das pessoas, ao lado de uma velhice atuante e inovadora, característica dessa ‘terceira idade’, adiciona-se agora a noção de uma ‘quarta idade’, descrita por uma imagem e representação associada mais à visada tradicional da velhice, por um viés organicista.

Essa é definida como um momento de perdas, dependência e declínio progressivo e irrecuperável, assombrada pelo aumento das evidências científicas e discursos em torno de doenças de declínio cognitivo e mental (Baltes e Smith, 2002).

Dessa forma, em um cenário tão múltiplo apresentado em nosso contexto atual, em que novas imagens da velhice tornam-se ativas na revisão dos estereótipos pelos quais o envelhecimento é tratado, desestabilizando imagens culturais tradicionais” (DEBERT, 2012, p. 65), soma-se ainda esse patamar difuso da quarta-idade.

Encontramos ainda uma série de outras abordagens, como aquelas da psicanálise e do sujeito tomado como ser de desejos, do tratamento da velhice pelo olhar do mercado, como também algumas faces de sua expressão pelas mídias.

Nesse último enfoque, vemos a promoção de novas representações e imagens sobre a velhice e o envelhecimento, mas também a reposição na arena midiática de alguns discursos que se fizeram hegemônicos, sob um viés negativado.

Do que se levantou daí, ficaram evidentes diversas circunscrições que passam a operar quando nos aproximamos desse espaço o que nos permite afirmar que a velhice se constitui como um efeito de discursos e dos significantes que agem sobre ela, em uma determinada cultura (MUCIDA, 2012, p. 28).

No entanto, o que se observa é que, se a velhice é um efeito de discurso, esse efeito em nossos dias recai sobre a ideia imperativa de uma velhice jovial, que deve ser buscada como objetivo de vida.

Mais ainda se acentua uma visada que cobra dos indivíduos uma postura de cuidado de si e vida ativa, sendo a velhice dependente ou com doenças entendida como resultado do baixo engajamento do sujeito às práticas desse discurso.

Nesses termos, o que observamos é que as matérias de perfil que compuseram nosso *corpus* aparecem para nós como ilustrações dessa tomada, como apresentação de sujeitos padrão que exemplificam as benesses de uma velhice ativa.

Em termos da pesquisa, sobre isso podemos falar de um efeito legitimador, tanto do aparato teórico e dos estudos e autores que trouxemos no primeiro capítulo, como também da pertinência do recorte de nosso *corpus*, uma vez que os conceitos teóricos permitem compreender e problematizar determinadas práticas em torno do envelhecimento e da velhice que nos são trazidos pelas mídias, em nosso recorte.

Nesse registro, por outro lado, muitas experiências diferentes de vida na velhice são mostradas, apontando para um espaço de fazeres múltiplos e presenças diversas, e ainda que tais sujeitos possam ser apresentados como pessoas que vivenciam de maneira ativa sua velhice, nem todos se apresentam atendendo aos ditames desse discurso.

Nesse sentido, diante de tantas experiências e formas de se apresentar na vida dos sujeitos apresentados nos perfis, a princípio pode parecer que uma de nossas hipóteses seria refutada. Aquela em que afirma a apresentação de uma visada redutora da velhice.

No entanto, se vemos uma ampliação de expressões da velhice nesses discursos midiáticos, essas não ocorrem em vastidão. Exemplificam aquilo que Debert já apresentava, ou seja, que “a visibilidade alcançada pela velhice é, antes, um compromisso com um tipo determinado de envelhecimento positivo” (DEBERT, 2012, p.23).

Observamos aí uma faceta restritiva de nosso objeto quando outras velhices não nos são mostradas: as dependentes, aquelas da periferia, as velhices cuidadoras e outras minoritárias.

Essas são excluídas da enunciação ou aparecem em pequenas brechas, quase imperceptíveis. Esse talvez seja o ponto principal de nossos achados.

Uma abordagem mais ampla dessas velhices também se faz necessária, para que não seja apreendida como categoria que encarna o mal do qual temos que nos proteger.

Por outro lado, quando pensamos na amplitude de discursos que nos são trazidos pela temática, podemos dizer que a ideia de que a velhice pode ser compreendida como um princípio orientador na compreensão da contemporaneidade ratifica-se.

Pelos textos abordados vemos a emergência de temas que tocam tendências em termos de questões de gênero, discussões acerca do cenário político e social, como

também, o resgate de acontecimentos históricos que nos permitem ler melhor os dias atuais.

Vemos por exemplo a apropriação do universo das tecnologias pelos idosos, a colocação em pauta de questões tabu como finitude e morte, exposição da percepção de preconceitos, mas também a sua reprodução.

A própria abordagem do envelhecimento ativo, expressa-se como um discurso emergente na sociedade, aliado ao discurso de prevenção e de afastamento de uma velhice de perdas. Assim, outra hipótese é validada, quando vemos reproduzidos esses discursos em nossas matérias, a exemplo dos hábitos dos centenários que os levaram a tal patamar de longevidade, mas que devemos evitar.

Em termos do aparato teórico e metodológico utilizado para estudo e problematização dos discursos e representações em circulação nas mídias, acreditamos ter feito opções profícuas. Vemos abordagens muito próximas entre as linhas e autores escolhidos em termos da compreensão de um recobrimento imaginário do mundo e da inscrição do humano nessas bases, o que permite diversos desdobramentos no desenvolvimento de uma metodologia e fundamentos para análise. Entre outros diversos aspectos que poderíamos citar.

No entendimento de nossa posição como sujeitos de discursos que nos impõem visadas que moldam nossas formas de ser e estar na vida, permitem um olhar específico sobre as mídias de nossos tempos. Ou seja, sua apreensão em termos de redes simbólicas que contribuem como determinantes para a interpretação do mundo ao nosso redor.

No entanto, a escolha do trabalho com um *corpus* em ambiente virtual foi um grande desafio.

Aparentemente de fácil acesso, nos deparamos, no entanto, com a lógica dos algoritmos que desconhecemos e com dificuldades de retorno a conteúdos antigos, sem mecanismos de busca eficazes.

Além disso, as narrativas atravessadas constantemente por outros *links* são um convite a visitá-los, o que gera dispersões, mas também se apresenta como um caminho para outras pesquisas.

Em termos dos sentidos que agregam à narrativa, somam como elemento que pode contribuir para uma análise. No entanto, segui-las torna-se tarefa insana se o percurso não for algo previsto em método.

Em nossa primeira série de perfis (REVISTA SÃO PAULO, 20/05/18), por exemplo, ao seguirmos seus links, temos uma narrativa toda entrecortada. As matérias complementares são assinadas por diversos jornalistas e por vezes apresentam textos que se contradizem ou que não conversam entre si. Há casos em que uma matéria anula a enunciação da outra.

O desafio fica ampliado quando entram em cena matérias de diferentes tempos.

Daí que o apresentar fragmentado, embora vasto, que nos permite o universo digital, embora colocando a nossa disposição uma gama enorme de informações, pode dificultar sua leitura como conjunto, em termos dos sentidos que são reforçados.

Por outro lado, nos permite comparações que colocam em cheque determinadas visadas, quando as cenas enunciativas que se apresentam são contraditórias entre si.

Na série que tomamos como exemplo, valoriza-se na abordagem dos perfis a ideia de ações desenvolvidas por uma “legião de pessoas”¹²⁶, como instrumentos para se vencer a “batalha” da velhice com “garra”.

Lembremos tratar-se de pessoas na faixa dos 90 anos. No entanto, no segundo *hiperlink* inserido na apresentação da matéria introdutória, a cena englobante aponta para o seguinte cenário:

Somos um país caminhando rapidamente e miseravelmente¹²⁷ para a velhice. Os países desenvolvidos enriqueceram antes de envelhecer. Nós vamos chegar à "melhor idade" na pobreza. Ninguém está preparado para isso. Nem os governos, nem as famílias e nem as pessoas individualmente. Portanto, a imagem do idoso bem de vida, saudável, correndo no calçadão de Copacabana (Rio), representará bem poucos (COLUCCI, 20/05/2018).

Ou seja, contra a ideia de uma a legião de velhos que conseguem vencer os aspectos negativados da velhice com ações cotidianas, a afirmação de que na verdade, são bem poucos. A matéria de contexto, coloca em cheque a enunciação da série principal.

¹²⁶ Expressão utilizada na matéria de apresentação da série (REVISTA SÃO PAULO, 20/05/18a).

¹²⁷ Marcação de hiperlink.

De qualquer forma, ainda que não fosse nosso objetivo tratar dessas questões, elas acabam se apresentando como aspectos para serem pensados em futuros trabalhos apontando para outras formas de construção da pesquisa nas redes, seguindo o caminho dos *hiperlinks*.

Retornando aos pontos de nossos achados, levantamos a questão principal que se apresenta em nossas matérias, que é aquela da visada prioritária da noção de envelhecimento ativo. Sobre isso, gostaríamos de expor algo mais.

Criticamos ao longo do trabalho a recorrência nas matérias da apreensão desse conceito como ditame para os sujeitos, na tentativa de contenção da velhice significada por um viés fortemente organicista, como decadência, declínio físico e cognitivo, como um mal que nos espreita.

Por outro lado, nessas matérias de perfil, vemos também outros discursos em articulação à expressão de velhices que podem ser consideradas sob um outro olhar para o conceito do envelhecimento ativo. Vemos sujeitos, criando e fazendo da velhice um tempo significativo e importante de vida. Um tempo de experiências e posicionamentos.

Daí a relevância do olhar para o recobrimento imaginário de um conceito ou situação que permite diferentes vieses, com diferentes implicações para os indivíduos que nele se situam.

Se tomamos a noção de envelhecimento ativo, por seu conceito como estabelecido no Marco Legal que o institui (ILC, 2015), percebemos que essa abordagem tem uma conotação muito mais ampla do que vemos se apresentar em determinadas cenas que se postam como seu exemplo.

O Envelhecimento Ativo é definido aí como ‘o processo de otimização das oportunidades de saúde, participação e segurança, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas ficam mais velhas’ (ILC, 2015).

Esse, no entanto, pede muito mais do que a enunciação valoriza em grande parte de nossas matérias.

Se olharmos para o que se escreve aí. Temos uma abordagem integral no acolhimento da pessoa humana, o que nos lembra a necessidade de imersão em uma lógica do cuidado levantada na análise interpretativa.

Quando olhamos para as demais notícias que circulam pelas mídias em matérias de cotidiano, nos perguntamos se algum dia poderemos oferecer aos nossos velhos as condições efetivamente dignas de que necessitam.

As histórias que esse trabalho nos apresentam falam da exigência do oposto à realidade social que vemos se desenrolar em nosso dia a dia.

E isso, sem considerar que não nos deparamos em nosso *corpus* com as velhices mais cruas. Aquelas em que a dependência de outros para a realização das atividades da vida diária se instaura, aquelas das demências ou da pobreza.

Essas não aparecem nas matérias, ainda que estatisticamente saibamos que crescem em número e em proporção maior do que a velhice saudável apresentada em nossas páginas. Pois nos perfis que nos apresentaram, as velhices foram assim: aquelas de pessoas saudáveis, vivendo essa fase da vida, das formas mais diversas, isso, mesmo que por vezes reclamando de mudanças físicas, como as dores nas juntas ou a memória e visão que não são mais as mesmas de outrora.

Assim há outras velhices presentes no mundo que não passaram por nossas páginas, velhices reclusas em casas de repouso, os velhos pedintes nos semáforos, aqueles esperando nas filas de hospitais lotados e, em casos particulares, velhices no seio familiar que pedem tipos especiais de amparo.

A velhice em massa existe e pede maior atenção. Pede um cuidado humanizado para a população.

Mais atenção também para seu meio, para novas ofertas de mercado que tenha suas demandas em mente, para as diferenças que tornam tão particular e rica a presença humana no mundo, enfim, para tudo que se manifesta da ordem do humano e vivo nessa Terra. Entendendo por vivo também, tudo aquilo que é animado pelo seu valor simbólico e cultural.

Que tenhamos lucidez, coragem e sagacidade para saber como agir de forma a conquistar maior dignidade para nossos velhos, todos, nesse momento que a realidade nos parece tão difícil!

Terminamos esse trabalho com a ciência de que trouxemos aqui apenas um ponto, um pequeno nó de uma teia muito maior.

Como se, na beira da praia nos detivéssemos a apenas um grão de areia diante de uma vastidão de outros grãos com formatos, composição, cores e tipos diversos, que de longe formam um todo aparentemente homogêneo, mas muito distinto em suas singularidades.

Me detenho diante de livros e textos, entre aqueles que li, outros que ficaram de lado e penso quanto ainda mais poderia ser dito ou explorado.

Se somos tributários de uma linha que entende a possibilidade do surgimento de algo que se dá a ver apenas quando há recorte, sabemos que tal vastidão nunca será abarcada por completo ou na dimensão que se gostaria.

Daí o sentimento da falta, de algo mais por dizer, de algo mais a estudar, de algo mais sempre por fazer.

Quando terminamos o mestrado, pensar nos vestígios de outras possíveis escritas diante de visões hegemônicas ou dominantes em torno do tema trabalhado, foi o que ficou em nós, como ponto ressonante a ser pensado no estudo de um objeto, quando da análise dos discursos que sobre ele se erigem e na visibilidade que alcançam (ou não) nos discursos midiáticos.

Agora com o doutorado, o sentimento da falta é o que impera. Dois aspectos que se unem na potencialidade de um novo percurso: na falta, a motivação para ir além, na leitura dos vestígios de outras realidades passíveis de serem narradas, as pistas para o encontro de um novo caminho a ser trilhado.

É assim que o final se mostra como um possível recomeço. Desejo constante da vida, diante do momento inefável de um epílogo que sabemos irremediável, mas ao qual muitas vezes não cedemos.

Qual criança que não quer dormir quando a noite chega, é assim que colocamos um ponto final nesse trajeto.

Referências

Referências Bibliográficas e Webgráficas

- ACHENBAUM, W. Andrew. **Crossing frontiers – gerontology emerges of a Science**.
- AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo**. Chapecó: Argos, 2009.
- ALCÂNTARA, Alexandre de Oliveira; CAMARANO, Ana Amélia; GIACOMIN, Karla Cristina (orgs.). **Política nacional do idoso: velhas e novas questões**. Rio de Janeiro: Ipea, 2016.
- ARAÚJO, Eliana Novaes Procopio. **Aposentadoria: construção de projetos de vida**. Portal do Envelhecimento, 2018. Disponível em: <<https://www.portaldoenvelhecimento.com.br/aposentadoria-construcao-de-projetos-de-vida/>>. Acessado em maio de 2018.
- ARISTÓTELES. **Retórica**. São Paulo: Folha de S. Paulo, 2015.
- BACCEGA, Maria Aparecida. A construção do “real” e do “ficcional”. In: FÍGARO, Roseli (org.). **Comunicação e análise de discurso**. São Paulo: Contexto, 2013.
- BAETA, Maria de Lourdes Melo. A ciência da vida cotidiana. **Epistemo-somática**, Belo Horizonte, v. 4, n. 2, p. 119-126, dez. 2007. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1980-20052007000200012&lng=pt&nrm=iso>. Acessado em junho de 2018.
- BALTES, Paul B. On the incomplete architecture of human ontogeny - selection, optimization, and compensation as foundation of developmental theory. **American Psychologist** Vol. 52, No. 4, April 1997.
- BALTES, P.B.; SMITH, John. **Novas fronteiras no futuro do envelhecimento: da velhice bem-sucedida do idoso jovem aos dilemas da Quarta Idade**. Instituto Max Planck para o Estudo do Desenvolvimento. Berlim. Alemanha. – Estudo baseado na Conferência Plenária para o Fórum de Valência, Espanha, realizado em abril de 2002.
- BEAUVOIR, Simone. **A velhice**. I realidade incômoda. São Paulo, Rio de Janeiro: Difel – Difusão Editorial, 1976.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de lingüística geral I**. Campinas: Pontes/ Editora Universidade Estadual de Campinas, 1988.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- BONKANY, G; VENTURI, V. A velhice no Brasil: contrastes entre o vivido e o imaginado. In: NERY, A. L. (org.) **Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo/ SESC, 2007.
- BORRERO, Carmem Lucia Curcio. Investigación y envejecimiento: del dato a la teoría. **Hacia la Promoción de la Salud**, vol. 15, no. 1, enero-junio, 2010.
- BRANDÃO, Helena Nagamine. Enunciação e construção de sentido. In: FÍGARO, Roseli (org.). **Comunicação e análise de discurso**. São Paulo: Contexto, 2013.

BRAUER, Jussara Falek; BRUDER, Maria Cristina Ricotta. **A constituição do sujeito na psicanálise lacaniana**: impasses na separação: Psicologia em Estudo, Maringá, v. 12, n. 3, p. 513-521, set./dez. 2007. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v12n3/v12n3a08.pdf>>. Consultado em 19/06/2018.

BRUM, E. A velhice sofreu uma cirurgia plástica na linguagem. In: **Revista Época**. Edição de 20/02/2002.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas**: notas para uma teoria performativa de assembleia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CAMARANO, Ana Amélia (org.). **Os novos idosos brasileiros**: muito além dos 60?. Rio de Janeiro: IPEA, 2004.

CAMARANO, Ana Amélia; GIACOMIN, Karla Cristina (orgs.). **Política nacional do idoso**: velhas e novas questões. Rio de Janeiro: Ipea, 2016.

CAMARANO, Ana Amélia; PASINATO, Maria Tereza. Introdução ao estudo Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60?. In: CAMARANO, Ana Amélia (org.). **Os novos idosos brasileiros**: muito além dos 60?. Rio de Janeiro: IPEA, 2004.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede** (a era da informação: economia, sociedade e cultura. V1). São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2012.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2008.

COURTINE, Jean-Jaques. **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EdUFSCar, 2009.

CONSCORE. **Brasil Digital Future in Focus 2014**. Press release. 22/05/ 2014. Disponível em: <https://www.comscore.com/por/Insights/Press-Releases/2014/5/Estudo-da-comScore-Brazil-Digital-Future-in-Focus-2014-esta-disponivel>. Acessado em janeiro de 2016.

CÔRTE, Beltrina (et. all). Quais são as imagens dos idosos na mídia?. In. **Velhices**: reflexões contemporâneas. São Paulo: SESC:PUC, 2006.

CURCINO, Luzmara; PIOVEZANI, Carlos; SARGENTINI, Vanice (orgs.) **Presenças de Foucault na análise de discurso**. São Carlos: Edufscar, 2014.

DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice**. São Paulo: Edusp/ Fapesp, 2012.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

_____. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2013.

_____. **A ilha deserta**: e outros textos. São Paulo: Iluminuras, 2006.

DELEUZE, Gilles.; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 1. São Paulo: Editora 34, 2011a.

DELEUZE, Gilles.; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**, vol. 2. São Paulo: Editora 34, 2011b.

_____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**, vol. 3. São Paulo: Editora 34, 2012.

_____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**, vol. 4. São Paulo: Editora 34, 2012b.

DELEUZE, Gilles.; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**, vol. 5. São Paulo: Editora 34, 1997/ 2012c.

DOLL, Johannes et al. Atividade, desengajamento, modernização: teorias sociológicas clássicas sobre o envelhecimento. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, v. 12, 2007. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/RevEnvelhecer/article/view/4977>>. Acessado em maio de 2018.

DUCROT, Osvald; TODOROV, Tzevetan. **Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

ERBOLATO, Mario. **Dicionário de Propaganda e Jornalismo**. Campinas: Papirus, 1985

ESTATUTO DO IDOSO. Lei nº.10.741, de 1º. de outubro de 2003. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.741.htm>. Último acesso em 20 de maio de 2018.

FALEIROS, Vicente de Paula. A política nacional do idoso em questão: passos e impasses na efetivação da cidadania. In: ALCÂNTARA, Alexandre de Oliveira; CAMARANO, Ana Amélia; GIACOMIN, Karla Cristina (orgs.). **Política nacional do idoso: velhas e novas questões**. Rio de Janeiro: Ipea, 2016.

FEATHERSTONE, Mike; WERNICK, Andrew (Eds.). **Images of aging: cultural representations of later life**. London e N. York: Routledge, 1995.

FELICE, Massimo Di. “Ser redes: o formismo digital dos movimentos net-ativistas”. In: **MATRIZES: Revista do Programa de Pós-Graduação da Universidade de São Paulo**. V7. N2. (2013). Disponível em: <http://www.matrizes.usp.br/>

FERRARI, Maria Helena, SODRÉ, Muniz. **Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo: Summus, 1986.

FERRIGNO, José Carlos. A Psicologia das derradeiras fases da vida. **REVISTA PORTAL de Divulgação**, n.46, Ano VI. Set. Out. Nov.. 2015. Disponível em www.portaldoenvelhecimento.com/revista-nova. Acessado em 06/05/2018.

FÍGARO, Roseli (org.). **Comunicação e análise de discurso**. São Paulo: Contexto, 2013.

FOUCAULT, Michel. **A Hermenêutica do sujeito**. Curso dado no Collège de France (1981-1982). São Paulo: Martins Fontes, 2010.

- _____. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- _____. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- _____. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- _____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- GIACOMIN, Karla Cristina. Considerações finais. In: ALCÂNTARA, Alexandre de Oliveira; CAMARANO, Ana Amélia; GIACOMIN, Karla Cristina (orgs.). **Política nacional do idoso: velhas e novas questões**. Rio de Janeiro: Ipea, 2016.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.
- GIUSTI, Patricia Haertel. A normalização do idoso na mídia impressa: provocações foucaultianas. **Revista da FAEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 23, n. 42, p. 173-185, jul./dez. 2014.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: LTC, 2017.
- GOLDENBERG, Mirian. **A bela velhice**. Rio de Janeiro: Record, 2015.
- GOMES, Mayra Rodrigues. **Comunicação e Identificação: Ressonâncias no Jornalismo**. São Paulo: Ateliê Editorial. 2008.
- _____. Palavra de ordem/ dispositivo disciplinar. In. **Galáxia: revista transdisciplinar de comunicação, semiótica, cultura / Programa Pós-Graduado em Comunicação e Semiótica da PUCSP**. — n. 5 (abril 2003). — São Paulo: EDUC; Brasília: CNPq, 2003.
- _____. **Repetição e diferença nas reflexões sobre comunicação**. São Paulo: Annablume, 2001.
- _____. **Jornalismo e Ciências da Linguagem**. São Paulo: Hacker Editores/ Edusp. 2000.
- GONÇALVES, Lucia Hisako Takase. O campo da gerontologia e seus desafios. **Revista Saúde.Com: 3**(1), 2007.
- GROISMAN, Daniel. A velhice, entre o normal e o patológico. **História, ciência, saúde-Manguinhos**. Rio de Janeiro. Vol. 9, n.1 abr. 2002. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v9n1/a04v9n1.pdf>>. Acessado em março de 2018.
- GRUSCCO – Subjetividade, Comunicação e Consumo – página institucional do grupo de pesquisa. Disponível em <<http://memorialdoconsumo.espm.br/grupos-de-pesquisa/gruscco/>>. Acessado em março de 2018.
- HJARVARD, Stig. Midiatização: conceituando a mudança social e cultural In: **MATRIZES: Revista do Programa de Pós-Graduação da Universidade de São Paulo**. V8. N1. (2014). Disponível em: <http://www.matrizes.usp.br/>.

_____. *Midiatização: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural*. In: **MATRIZES: Revista do Programa de Pós-Graduação da Universidade de São Paulo**. V5. N2. (2012). Disponível em: <http://www.matrizes.usp.br/>.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Parte I. Petrópolis: Vozes, 1988.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. Rio de Janeiro/ São Paulo. Paz e Terra, 2016.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

IACUB, Ricardo. La postgerontología: hacia um renovado estudio de la gerontologia. **Revista Latinoamericana de Psicología**. v.34, n.1-2, 2002. Fundación Universitaria Konrad Lorenz, Bogotá.

IACUB, Ricardo. La postgerontología: la política de las edades y la vejez. **IV Congreso Chileno de Antropología**. Colegio de Antropólogos de Chile A. G, Santiago de Chile. Disponível em <
<https://www.aacademica.org/iv.congreso.chileno.de.antropologia/61.pdf>>. Acessado em dezembro de 2017.

ILC – CENTRO INTERNACIONAL DE LONGEVIDADE BRASIL. **Envelhecimento ativo: um marco político em resposta à revolução da longevidade**. Centro Internacional de Longevidade Brasil, Rio de Janeiro, 2015.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

KALACHE, Alexandre. et al. O envelhecimento da população mundial. Um desafio novo. **Rev. Saúde públ.**, S. Paulo, 1987.

KATZ, Steven. **Disciplining old age: the formation of gerontological knowledge**. Charlottesville: University Press of Virginia. 1996.

KIRKPATRICK, David. **O efeito Facebook**. Os bastidores da história da empresa que está conectando o mundo. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011. Versão online. Disponível em <
<http://lelivros.love/book/download-livro-o-efeito-facebook-david-kirkpatrick-em-epub-mobi-e-pdf/>>.

KRISTEVA, Julia. **História da linguagem**. Portugal: Edições 70, 1994.

LÉVI-STRAUSS. Claude. Introdução à obra de Marcel Mauss. Em: MAUSS, M. **Antropologia e Sociologia**. vol. I. São Paulo: Edusp, 1974.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIESENBERG, Cíntia. **A inserção da imprensa no discurso do terceiro setor – análise do Projeto Cidadão 2001 – Correio Popular e da Coluna Social – Folha de S.Paulo**. Dissertação de mestrado. ECA/USP, 2004.

LIPOVETSKY, Gilles. **Da leveza: rumo a uma civilização sem peso**. Barueri: Manole, 2017.

LISBOA, Vinícius. **IBGE: número de idosos com 80 anos ou mais deve crescer 27 vezes de 1980 a 2060**. Agência Brasil. Disponível em

<<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-10/brasil-tera-19-milhoes-de-idosos-com-mais-de-80-anos-em-2060-estima-ibge>>. Acessado em março de 2017.

LONGUINO, JR., Charles F.; POLIVKA, Larry. Future of Public Policy. TULLE, Emmanuelle (ed.). **Old age and agency**. New York: Nova Science Publishers, 2004.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de (org.). **Estratégias de transmediação na ficção televisiva brasileira**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de; MUNGIOLI, Maria Cristina Palma et. al. **Das ficções às conversações: a transmediação do conteúdo ficcional na fan page da globo**. In: LOPES, Maria Immacolata Vassallo de (org.). **Estratégias de transmediação na ficção televisiva brasileira**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

LOPES, R. G. D. Diversidade na velhice: reflexões. In. **Velhices: reflexões contemporâneas**. São Paulo: SESC/PUC, 2006.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e análise do discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

_____. **Doze conceitos em análise do discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

_____. **O contexto da obra literária: enunciação, escritor, sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **Termos-chave da análise do discurso**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

_____. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas : Pontes/Editora Universidade Estadual de Campinas, 1989.

MAIO, Iadya Gama. **Pessoa Idosa Dependente**. Curitiba: Juruá Editora, 2016

MACHADO, Roberto. **Deleuze, a arte e a filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

MARSHALL, Thomas Humprey. Cidadania e classe social. Em: MARSHALL, T. H. **Cidadania, classe social e status**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.

MAZZARA, Bruno M. **Estereótipos y prejuicios** Madrid: Acento Editorial, 1999.

MELO, José Marques de (et. al.). **Gêneros e formatos na comunicação massiva periodística: um estudo do jornal "Folha de S. Paulo" e da revista "Veja"**. XXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – INTERCOM, 1998. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/b43f21945b991b4e99923bee1b2e5d7c.PD>>.

MORIN, Edgar. **O método 5: a humanidade da humanidade**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

MOSCOVICI, Serge. **A representação do eu na vida cotidiana**.

_____. **Representações sociais – Investigações em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2011.

_____. **Psicologia das minorias ativas**. Petrópolis: Vozes, 2011b.

MUCIDA, Ângela. **O sujeito não envelhece**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

NERI, Anita Liberalesso. O legado de Paul Baltes à psicologia do envelhecimento e do desenvolvimento. **Temas em Psicologia**. Ribeirão Preto, Vol. 14, ano 1. jun. 2006. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2006000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 07 de maio 2018.

NERI, Anita Liberalesso. (org.). **Palavras-chave em gerontologia**. Campinas: Alínea, 2014.

_____. **Qualidade de vida na velhice**: enfoque multidisciplinar. Campinas: Alínea, 2007 (prelo)

_____. **Idosos no Brasil**: vivências, desafios e expectativas na terceira idade. São Paulo: Fundação Perseu Abramo/ SESC, 2007(b).

_____. “Atitudes de preconceitos em relação à velhice”. In: **Idosos no Brasil**: vivências, desafios e expectativas na terceira idade. São Paulo: Fundação Perseu Abramo/ SESC, 2007(b).

NERI, Anita (org.). **Desenvolvimento e envelhecimento** – perspectivas, biológicas, psicológicas e sociológicas. Campinas: Papirus, 2001.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.

_____. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes Editores, 2013.

PACHÁ, Andréa. **Velhos são os outros**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes, 1997.

PIOVEZANI, Carlos; SARGENTINI, Vanice (orgs.) **Legados de Michel Pêcheux** – inéditos em análise do discurso. São Paulo: Contexto, 2011.

POLÍTICA NACIONAL DO IDOSO. Lei nº. 8.842 de 4 de janeiro de 1994. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18842.htm>.

POSSENTI, Sírio. Apresentação. In: MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e análise do discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

RICOEUR, Paul. **Percursos do reconhecimento**. São Paulo: Edições Loyola, 2006

ROCKCONTENT. **Social media trends 2018**. Disponível em < <http://materiais.rockcontent.com/social-media-trends>>. Acessado em 18/10/2018.

_____. **O que é, como criar e administrar uma Fanpage**: o guia definitivo. Disponível em < <https://marketingdeconteudo.com/fanpage/>>. Acessado em 15/10/2018b.

SARGENTINI, Vanice Maria Oliveira. Ecos da arqueogenealogia de Michel Foucault na análise da imagem: retratos do homem político na mídia. In: CURCINO, Luzmara; PIOVEZANI, Carlos; SARGENTINI, Vanice (orgs.) **Presenças de Foucault na análise de discurso**. São Carlos: Edufscar, 2014.

SAUSSURE, F. de. **Curso de lingüística geral**. São Paulo: Cultrix, 1970.

SECRETARIA DOS DIREITOS HUMANOS (SDH). **Dados sobre o envelhecimento no Brasil**. Brasília, 2012.

SÊNECA, Lúcio Anneo. **Aprendendo a viver**. Porto Alegre: L&PM, 2008.

SEVNENKO, Nicolau. O envelhecimento e o mistério da passagem do tempo. **A terceira idade**. Ano 4. N.4. julho, 1991. São Paulo: SESC, 1991. Disponível em https://www.sescsp.org.br/online/artigo/8018_O+ENVELHECIMENTO+E+O+MISTE RIO+DA+PASSAGEM+DO+TEMPO.

SILVA, Luna Rodrigues Freitas. Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. **Hist. cienc. saude-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 155-168, Mar. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702008000100009&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 01 de junho de 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59702008000100009>.

SIMÕES, Celso Cardoso da Silva. Relações entre as alterações históricas na dinâmica demográfica brasileira e os impactos decorrentes do processo de envelhecimento da população. IBGE, Coordenação de Populações e Indicadores Sociais: Rio de Janeiro, 2016.

SOARES, R. **Margens da comunicação: discurso e mídias**. São Paulo: Annablume, 2009.

SILVA, A.C.A.P. **Vulnerabilidade humana e envelhecimento: o que temos a ver com isso**. São Paulo: Portal Edições: 2015.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política**. Petrópolis: Vozes, 2006.

TODOROV, Tzevetan. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

TÓTORA, S. **Velhice: uma estética da existência**. São Paulo: Educ/Fapesp, 2015.

VERÓN, E. “Teoria da Midiatização: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências”. In: **MATRIZES: Revista do Programa de Pós-Graduação da Universidade de São Paulo**. V8. N1. (2014). Disponível em: <http://www.matrizes.usp.br/>.

WATANABE, Helena Akemi Wada. Prefácio. In: MAIO, Iadya Gama. **Pessoa Idosa Dependente**. Curitiba: Juruá Editora, 2016

Matérias Utilizadas para a Análise e Complementos¹²⁸

AGÊNCIA BRASIL – EBC. **Primeiro transhomem a ser operado no Brasil, João Nery prepara livro.** 15/09/18. Disponível em <http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2018-09/primeiro-transexual-ser-operado-no-brasil-joao-nery-prepara-livro>.

ADORO CINEMA. **Kirk Douglas 100 anos: A vida e a carreira de um artista centenário.** Disponível em: <http://www.adorocinema.com/slideshows/filmes/slideshow-126211/>. Matéria assinada por: TORRES, Rogrigo.

BBC News. **Como é a dieta da mulher mais velha do mundo, que acaba de completar 117 anos.** 30/11/2016. Disponível em: < <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-38155429> > 30/11/2016.

BLOGOSFERA. **Madonna faz 60 prestando um serviço a todas nós: envelhecer em público.** 15/08/18. Disponível em: <https://ninalemos.blogosfera.uol.com.br/2018/08/15/madonna-faz-60-anos-prestando-um-servico-a-todas-nos-envelhecer-em-publico/> Blog de Nina Lemos.

COMO SERÁ?. **Professora de 95 anos dá lição de amor e respeito em sala de aula.** 21/07/2018. Disponível em <<http://g1.globo.com/como-sera/noticia/2018/07/professora-de-95-anos-da-licao-de-amor-e-respeito-em-sala-de-aula.html>>. (vídeo reportagem).

CONTIOUTRA. **Aos 86 anos senhor usa tempo livre tricotando gorrinhos para bebês.** (s/d). Disponível em: < <https://www.contioutra.com/aos-86-anos-senhor-usa-tempo-livre-tricotando-gorrinhos-para-bebes-prematurados-de-uti/> >.

DELAS. **No adeus a Winnie Mandela, recorde as causas e as polêmicas.** 02/04/18 Disponível em: < <https://www.delas.pt/no-adeus-a-winnie-mandela-recorde-as-causas-e-as-polemicas/> >. Matéria assinada por BERNARDINO, Carla.

DELAS. **A mulher que chegou aos 112 anos a tomar um copo de whisky por dia.** (s/d). Disponível em: < <https://www.delas.pt/a-mulher-que-chegou-aos-112-anos-a-tomar-um-copo-de-whisky-por-dia/> > .

DEUTSCHE WELLE. **Blogueira de 105 anos tem fãs de todas as idades.** Da página do Facebook (11/05/18). Disponível em <https://www.facebook.com/dw.brasil/videos/blogueira-aos-105-anos-de-idade/10155730290948520/>, (vídeo reportagem).

DIÁRIO DE CANOAS. **A dona Ângela chegou aos 101.** 09/05/18. Disponível em< https://www.diariodecanoas.com.br/_conteudo/2018/05/noticias/regiao/2265210-a-dona-ngela-chegou-aos-101-anos-e-conta-os-segredos-para-ter-vida-longa.html Matéria assinada por SOUZA Thamires.

¹²⁸ Embora a norma solicite a referência por nome do autor, quando a matéria é assinada, em função da diversidade de veículos de nosso *corpus*, optamos pela entrada pelo nome da instituição que produziu o trabalho.

EL PAÍS. **Morre Dom Paulo Evaristo Arns, o “Cardeal da Esperança”**. 14/12/16. Disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2016/12/13/politica/1481637238_864951.html.
Matéria assinada por MORAES, Camila.

EL PAÍS. **“Na terceira idade o gay volta para o armário para sobreviver”**. 24/06/17. Disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2017/06/23/internacional/1498191350_245967.html.
Matéria assinada por USÓN, Víctor.

EL PAÍS. **“Temos uma nação onde cada setor, à espera de dias melhores, acorda e canta. O Brasil não vai se entregar”**. 13/08/18. Disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/13/cultura/1534130710_624070.html
Matéria assinada por BETIM, Felipe.

ELLE (Abril). **“Se vestir ‘de acordo com sua idade’ é estúpido”**, diz Iris Apfel. 02/12/16. Matéria não está mais disponível pelo site.

ESTADÃO. **Senhora de 87 anos faz verdadeiras obras de arte no Paint**. 23/03/18. Disponível em < <https://emails.estadao.com.br/noticias/comportamento,senhora-de-87-anos-faz-verdadeiras-obras-de-arte-no-paint,70002239220>>.

ESTADÃO. **Aos 90, aposentado realiza sonho de fazer faculdade de arquitetura**. 09/03/18. Disponível em <<https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,aos-90-aposentado-realiza-sonho-de-fazer-faculdade-de-arquitetura,70002221043>>. Matéria assinada por MOREIRA, Rene.

EXTRA. **Morre aos 89 anos o cineasta Nelson Pereira dos Santos**. 21/04/18. Disponível em <<https://extra.globo.com/noticias/rio/morre-aos-89-anos-cineasta-nelson-pereira-dos-santos-diretor-de-vidas-secas-22617023.html>>.

FOLHA DE S.PAULO. **Comer pouco e fortalecer pernas é essencial para envelhecer bem, diz Abilio Diniz**. São Paulo, 12/05/18. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2018/05/comer-pouco-e-fortalecer-pernas-e-essencial-para-envelhecer-bem-diz-abilio-diniz.shtml>>. Matéria assinada por COLLUCCI, Cláudia.

G1. **Debbie Reynolds, mãe de Carrie Fisher, morre um dia depois da filha**. 28/12/16. Disponível em < <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/debbie-reynolds-mae-de-carrie-fisher-morre-um-dia-depois-da-filha.ghtml>>.

G1. **Agildo Ribeiro morre aos 86 anos no Rio de Janeiro**. 28/04/18. Disponível < <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/agildo-ribeiro-morre-aos-86-anos.ghtml>>.

G1. **Mineira chega aos 107 misturando manga com leite e tomando um vinhozinho de vez em quando**. 17/08/18. Disponível em: < <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2018/08/17/mineira-chega-aos-107-anos-misturando-manga-com-leite-e-tomando-um-vinhozinho-de-vez-em-quando.ghtml>> . Matéria assinada por .PIMENTEL, Thais.

G1. **Idosa escreve livros sobre viagens de 500 dias por países de 4 continentes.** 02/12/18. Disponível em < <http://g1.globo.com/goias/noticia/2016/12/idosa-escreve-livros-sobre-viagens-de-500-dias-por-paises-de-4-continentes.html>> Matéria assinada por VELASCO, Murillo.

G1. **Papa Francisco festeja aniversário de 80 anos com grupo de sem-teto no Vaticano.** 17/12/18. Disponível em <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/papa-francisco-festeja-aniversario-de-80-anos-com-grupo-de-sem-teto-no-vaticano.ghtml>>.

GAÚCHAZH. Série: **A velhice entre iguais:** como é a vida de gays e lésbicas depois dos 60 anos. 07/09/18. Disponível em <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/noticia/2018/09/a-velhice-entre-iguais-como-e-a-vida-de-gays-e-lesbicas-depois-dos-60-anos-cjlrjd73o01fg01mn13uu9ls9.html>>. Matéria assinada por ROSO, Larissa.

JORNAL DA USP. **Tônia Carrero soube renovar e arriscar, comenta professora da USP.** 07/03/18. Disponível em < <https://jornal.usp.br/cultura/tonia-carrero-soube-renovar-e-arriscar-comenta-professora-da-usp/>>.

JORNAL DA USP. **Jean Claude Bernardet se desconstrói diante das câmeras.** 12/09/18. Disponível em <<https://jornal.usp.br/cultura/jean-claude-bernardet-se-desconstrói-diante-das-cameras/>> . Matéria assinada por COSTA, Claudia.

HYPESCIENCE. **Casal de 95 e 94 anos optou por morte assistida e partiu de mãos dadas.** 05/04/18. Disponível em <<https://hypescience.com/depois-de-73-anos-de-casamento-este-casal-canadense-escolheu-morrer-de-maos-dadas/>>. Matéria assinada por BLUME, Juliana.

NOTÍCIAS MAGAZINE. **O cirurgião que opera com a mulher.** 17/05/2018. Disponível em: <<https://www.noticiasmagazine.pt/2016/o-3-cirurgiao-que-opera-com-a-mulher-2/>>.

O DIA. **Analfabeto até os 65 anos se forma em História aos 79.** 13/05/2018. Disponível em <<https://odia.ig.com.br/colunas/profissao-certa/2018/05/5538922-analfabeto-ate-65-anos-formado-aos-79.html>>. Matéria assinada por: ALVES FILHO, Francisco.

NOTÍCIAS.UOL. **Cientista de 104 anos que pediu morte assistida vai tomar sedativo, cair no sono e morrer em 1 minuto.** 07/05/18. Disponível em < <https://noticias.uol.com.br/ciencia/ultimas-noticias/afp/2018/05/07/cientista-de-104-anos-que-pediu-morte-assistida-vai-tomar-sedativo-cair-no-sono-e-morrer-em-1-minuto.htm>>. Matéria assinada por SAMORA, Guilherme.

PLAYGROUND. **Pepe Mujica renuncia ao seu cargo de senador.** 16/08/2018. Disponível em <<https://www.facebook.com/PlayGroundBR/videos/241078759877057/>>

PÚBLICO. **Miquelina ajudou a nascer meia cidade.** 16/09/18. Disponível em < <https://www.publico.pt/2018/09/16/local/noticia/enfermeira-1844074>>.

REVISTA IHU – INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS. 19/12/16. **Aos 80 anos, papa Francisco é um líder redimido.** Disponível em : <<http://www.ihu.unisinos.br/eventos/563502-aos-80-anos-papa-francisco-e-um-lider-redimido>> .

REVISTA QUEM. **Envelhecer é uma loucura, não é para ‘maricas’**. 13/11/16 Disponível em <<https://revistaquem.globo.com/Entrevista/noticia/2016/11/rita-lee-envelhecer-e-uma-loucura-nao-e-para-maricas.html>>.

REVISTA SÃOPAULO. **Cinco nonagenários paulistanos contam sobre os prazeres que os mantém na ativa**. São Paulo, 20/05/18a. Disponível em:< <https://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/2018/05/1969029-cinco-nonagenarios-paulistanos-contam-sobre-os-prazeres-que-os-mantem-na-ativa.shtml>>. Matéria assinada por OLIVEIRA, Roberto de.

REVISTA SÃOPAULO. **‘Sou uma nova mulher’, diz nonagenária que ainda estuda e planeja uma exposição de arte**. São Paulo, 20/05/18b. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/2018/05/1969035-sou-uma-nova-mulher-diz-nonagenaria-que-ainda-estuda-e-planeja-uma-exposicao-de-arte.shtml>>. Matéria assinada por OLIVEIRA, Roberto de.

REVISTA SÃOPAULO. **Aos 90, paulistano que nunca se sentiu brasileiro vive entre boleros e seu inseparável passarinho**. São Paulo, 20/05/18c. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/2018/05/1969036-aos-90-madrileno-que-nunca-se-sentiu-brasileiro-vive-entre-boleros-e-seu-inseparavel-passarinho.shtml>> Matéria assinada por OLIVEIRA, Roberto de.

REVISTA SÃOPAULO. **'Se você é triste ninguém vai te querer por perto', diz idosa que passa os domingos dançando**. São Paulo, 20/05/18d. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/2018/05/1969040-se-voce-e-triste-ninguem-vai-te-querer-por-perto-diz-idosa-que-passa-os-domingos-dancando.shtml>> Matéria assinada por OLIVEIRA, Roberto de.

REVISTA SÃOPAULO. **Aos 91, funcionário mais antigo do grupo Fasano diz que não consegue ficar parado em casa**. São Paulo, 20/05/18e. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/2018/05/1969044-aos-91-funcionario-mais-antigo-do-grupo-fasano-diz-que-nao-consegue-ficar-parado-em-casa.shtml>>. Matéria assinada por OLIVEIRA, Roberto de.

REVISTA SÃOPAULO. **De família italiana, idosa aprendeu a mexer no computador para se reconectar com parentes**. São Paulo, 20/05/18f. Disponível em: <De família italiana, idosa aprendeu a mexer no computador para se reconectar com parentes>. Matéria assinada por OLIVEIRA, Roberto de.

REVISTA SÃOPAULO. **Entenda os reflexos do envelhecimento nos corpos femininos e masculinos**. São Paulo, 20/05/2018g. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/2018/05/1969048-entenda-os-reflexos-do-envelhecimento-nos-corpos-femininos-e-masculinos.shtml>>. Matéria assinada por BIDERMAN, Iara.

REVISTA SÃOPAULO. **Estudos sobre a terceira-idade, apontam que Brasil chegará à velhice mais pobre e menos saudável**. São Paulo, 20/05/2018h. Matéria assinada por COLUCCI, Cláudia. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/2018/05/1969017-estudos-sobre-a-terceira-idade-apontam-que-brasil-chegara-a-velhice-mais-pobre-e-menos-saudavel.shtml>>

REVISTA SÃO PAULO. **Idosos sofrem em São Paulo com calçadas esburacadas e prédios sem acessibilidade.** São Paulo, 20/05/2018i. Matéria assinada por MATTOS, Laura.

REVISTA PAZES. **Ela tem 90 anos e faz 4 cirurgias por dia: conheça Alla Levushkina a cirurgiã mais velha do mundo.** Disponível em: <<https://www.revistapazes.com/ela-tem-90-anos-e-faz-4-cirurgias-por-dia-conheca-alla-levushkina-a-cirurgia-mais-velha-do-mundo/>>. Fotos da TASS - Agência de Informação e Telegrafia da Rússia. Último acesso em 25/11/2017.

SÃO PAULO SÃO. **Sozinho, aposentado Hélio da Silva plantou 25 mil árvores e recuperou área degradada de São Paulo.** 31/07/18. Disponível em <<https://saopaulosao.com.br/nossas-pessoas/4005-sozinho,-o-aposentado-h%C3%A9lio-da-silva-plantou-25-mil-%C3%A1rvores-e-recuperou-%C3%A1rea-degradada-em-s%C3%A3o-paulo.html>>.

SAPO VIAGENS. **Tem 91 anos, viaja sozinha pelo mundo e partilha tudo no instagram.** 23/08/18. Disponível em < <https://viagens.sapo.pt/viajar/viajar-mundo/artigos/tem-91-anos-viaja-sozinha-pelo-mundo-e-partilha-tudo-no-instagram>>.

TV FOLHA. **Aposentada que ensina português a imigrantes vira mãe de africanos em sp.** 24/09/2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/09/aposentada-que-ensina-portugues-a-imigrantes-vira-mae-de-africanos-em-sp.shtml>>.

NOTÍCIAS.UOL. **Kofi Annan, ex-secretário geral da ONU, morre aos 80.** 18/08/18 <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2018/08/18/morre-o-ex-secretario-da-onu-kofi-annan.htm>

VEJA. **A mulher que teve uma boa morte.** 29/03/18. Da página do Facebook. Disponível em <<https://www.facebook.com/Veja/videos/a-boa-morte/10155956043755617/>>.

VIVER BEM. **Ter amigos e não guardar rancor: os segredos de Leah para viver 106 anos** 08/07/18. Disponível em < <https://vivabem.uol.com.br/noticias/redacao/2018/07/08/ter-amigos-e-nao-guardar-rancor-os-segredos-de-leah-para-viver-106-anos.htm>>. Matéria assinada por TERRIE, Bárbara.

YAHOO! VIDA E ESTILO. **Mulher mais velha do mundo afirma que segredo da longevidade é ser solteira e comer ovos.** Disponível em <<https://br.vida-estilo.yahoo.com/mulher-mais-velha-do-mundo-afirma-que-segredo-da-092732217.html>> . 04/11/16. Matéria assinada por RYAN, Adelson.